

VENENO

Signos do Amor ♃

MIA SHERIDAN



VENENO



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

MIA SHERIDAN

VENENO



Título original: *Stinger*

Copyright © 2013 por Mia Sheridan
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Esta obra foi negociada pela Bookcase Literary Agency, representando a Rebecca Fiedman Literary Agency.

tradução: Ana Rodrigues

preparo de originais: Renata Dib

revisão: Flávia Midori e Juliana Souza

diagramação: Abreu's System

capa: Mia Sheridan

adaptação de capa: Miriam Lerner

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S554v

Sheridan, Mia

Veneno [recurso eletrônico]/ Mia Sheridan; tradução de Ana Rodrigues. São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital (Signos do amor; 4)

Tradução de: Stinger

Sequência de: O leão ferido

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-586-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana. II. Título. III. Série.

16-33323

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Este livro é dedicado à minha filha, Lila Anne.
Ouça sempre seu coração, quebre as regras de vez
em quando e saiba que você é amada. A vida é uma
loucura, garotinha, exatamente como deve ser.

Escorpião é o único signo que possui três animais diferentes como símbolo, cada um representando um estágio distinto de sua transformação. Primeiro, o próprio escorpião, representando a energia bruta do signo. A picada desse animal é uma defesa e uma reação e, com frequência, por causa de sua natureza egocêntrica, ele é completamente alheio aos efeitos de seus atos. Quando o escorpião aprende a controlar sua picada e a conter seus instintos, ele se torna a águia, que, embora insensível, tem mais perspectiva: ela voa, usando sua força de forma deliberada, com um propósito. Por fim, a águia se transforma na pomba, uma criatura serena, reconhecida por todos como um símbolo da paz e uma líder de valor. A pomba só se torna pomba após conseguir o que mais deseja no mundo. A pessoa de Escorpião, mais do que qualquer outra, tem a habilidade de transformar o veneno egocêntrico em amor universal.



O Escorpião

capítulo 1

LAS VEGAS, NEVADA

Grace

Quando entrei no luxuoso Bellagio Hotel & Casino, cansada e desarrumada após o voo, vi duas placas avisando aos hóspedes sobre os eventos que ocorreriam no fim de semana. Lá estava aquele do qual eu iria participar, a Conferência da Associação Internacional de Estudantes de Direito; o outro era a Expo Entretenimento Adulto. Olhei algumas vezes de uma placa para outra e franzi o cenho. Ora, aquilo era... interessante. *Acho que isso é Vegas*, pensei. Estudantes de direito, estrelas pornô, alienígenas de planetas distantes... Não demorei muito para perceber – bastou atravessar o aeroporto, na verdade – que, no que se referia à Cidade do Pecado, choque de valores era algo que praticamente não existia.

Se eu não tivesse concluído isso por causa do homem sem calça que os policiais perseguiram pelo aeroporto quando desembarquei, então com certeza teria entendido ao ver um sócia do Elvis de fio dental passar de patins voando por mim quando desci da van em frente ao hotel.

– Você não está mais no Kansas, querida – dissera o motorista, rindo, quando virei a cabeça para observar o Elvis seminu se afastar deslizando.

Aparentemente, não estava mesmo.

Caminhei pelo saguão boquiaberta e de olhos arregalados. O teto era repleto de fantásticas flores de vidro – centenas delas, em todas as cores possíveis. Joguei a cabeça para trás e andei em círculo, incapaz de desviar o olhar daquela obra de arte tão linda. Como diabos elas foram instaladas? Então, após passar um minuto maravilhada, voltei a olhar para a frente e segui para o balcão da recepção.

Fiquei tão abismada com as colunas de pedra, a exposição de flores frescas e os balões de ar flutuando atrás do balcão que quase não ouvi a recepcionista me chamar. Empurrei a minha mala de rodinhas até o balcão e sorri animada para a moça.

– Meu nome é Grace Hamilton. Fiz uma reserva.

– Certo, vou procurar seu nome – disse ela, devolvendo o sorriso. – Ah, aqui está. Veio para a conferência que começa amanhã?

– Sim.

– Qual é a sua faculdade? – perguntou a mulher, após pedir meu cartão de crédito e passá-lo rapidamente na máquina.

– Georgetown – respondi e peguei o cartão de volta.

– Ótima escolha! Bem, aproveite a estadia. Seu quarto é no 26º andar e sua reserva vai até segunda-feira. O check out é realizado até o meio-dia. Esta é a pasta para os hóspedes que vieram participar da conferência. Dentro dela você vai encontrar a programação, um crachá de identificação e outras informações de que vai precisar durante o fim de semana.

A recepcionista me entregou os documentos e sorriu outra vez, enquanto gesticulava para que a próxima pessoa na fila se adiantasse.

– Obrigada – respondi.

Peguei a mala e me dirigi aos elevadores. Quando virei em uma esquina, bati com força num peitoral masculino musculoso.

– Ai, meu Deus! Desculpe! – exclamei e ergui os olhos.

– Não, eu que peço desculpas... – começou a dizer o homem junto comigo.

Nossos olhares se encontraram e ficamos em silêncio, eu encarando-o, ainda confusa, e ele me amparando, as duas mãos em meus braços.

O homem devia ter a minha idade, com cabelo cor de areia um pouco longo demais, encaracolado nas pontas, e um rosto bonito que conseguia ser ao mesmo tempo másculo e travesso. Rude e belo. Os olhos castanho-claros eram emoldurados por cílios longos e escuros, o nariz era reto e os lábios carnudos se curvavam em um meio sorriso.

Olhei para baixo brevemente a fim de observar o resto do corpo do homem, esguio mas musculoso, usando uma camisa social branca com as mangas enroladas e um jeans escuro.

Ele me encarou por alguns segundos e sua expressão pareceu se suavizar quando meu olhar voltou a encontrar o dele. Seu sorriso ficou mais largo, revelando uma covinha no lado esquerdo. O homem olhou para mim e se abaixou para pegar a chave do meu quarto, um cartão magnético que eu deixara cair quando nos esbarramos.

Enquanto o observava, fui tomada por uma estranha sensação, quase um déjà-vu, como se já tivéssemos nos encontrado antes. Franzi o cenho, me perguntando se ele também seria um estudante de direito e se eu o vira de passagem na faculdade. Será que ele estava ali para a mesma conferência?

O homem endireitou o corpo, virando-se na minha direção, e ficamos frente a frente. Quando ele me entregou o cartão, consegui ver que usava um crachá.

– Ah, você veio para a conferência! – exclamei. – Achei que talvez...

Foi então que li: “Carson Stinger, ator heterossexual, Expo Entretenimento Adulto”. Encarei as palavras por alguns instantes, digerindo-as, e voltei a olhar para ele. O homem agora forçava um sorriso e sua expressão já não portava a mesma suavidade de antes.

Pigarreei e endireitei a postura antes de voltar a falar:

– Então, me desculpe mais uma vez pelo... ahn, por não ter olhado para onde... – Voltei a pigarrear e recomecei: – Bem, divirta-se... Aproveite o show – falei, gesticulando na direção do crachá. – Ou melhor, não o show, mas o... Bem, aproveite o fim de semana.

Que diabos havia de errado comigo? Nunca tinha ficado atrapalhada desse jeito! Tinha escolhido cursar direito porque sou boa em encontrar as palavras certas sob pressão. E aí um ator pornô bonitão me abalava tanto que eu mal conseguia articular uma frase coerente?

Nesse momento ele caiu na gargalhada, o que fez a covinha em sua bochecha ficar mais funda.

– Farei isso, flor. Aproveite o seu fim de semana também. Deixe eu adivinhar: está aqui para a Conferência de Direito?

Já me adiantava para passar por ele, mas parei ao notar a forma como ele falara e o óbvio divertimento em sua voz.

– Sim. Algum problema?

– Não, de forma nenhuma. Parece que nós dois estamos aqui para aprender a sermos os melhores no gozo do nosso trabalho.

Estreitei os olhos diante do comentário.

– Olha... esse é um modo bem desagradável de expor a situação.

Ele se aproximou de mim até eu me ver forçada a recuar.

– Por quê? Isso é tudo o que as pessoas querem, flor. Não se envergonhe de fazer bem-feito.

Tossi e estreitei os olhos. *Argh!* Esse homem não me transformaria em uma idiota atrapalhada por nem mais um segundo. Olhei outra vez para seu crachá e apontei meu indicador para ele.

– Há muitas coisas que faço bem, *Carson*, e não me envergonho de nenhuma delas – rebati, inclinando-me na direção dele para que ele soubesse que eu não me sentia intimidada por suas insinuações sexuais descaradas.

Carson me encarou em silêncio por um momento, o brilho travesso ainda no olhar, então lentamente abriu um sorriso sexy enquanto seus olhos mergulhavam no meu decote.

– Aposto que sim.

Carson mordeu o lábio inferior e voltou a me encarar. Por um segundo fiquei olhando para ele como uma boba, porque senti meus mamilos se enrijecerem sob a blusa branca e não gostei nada disso. Iria ter uma conversa séria com o meu corpo mais tarde e deixar as regras bem claras. Com certeza não me permitiria ficar excitada com atores pornô que tentavam chocar e intimidar intencionalmente. O fato de que uma pequena parte dele me excitava estava me deixando furiosa. Vi os olhos de Carson voltarem a percorrer meu corpo, dessa vez até meus mamilos rígidos, bastante visíveis através do tecido fino da blusa, e o sorriso forçado aumentou. Fiquei vermelha de humilhação.

Deixei escapar um grunhido ao mesmo tempo furioso e frustrado e, pisando duro, me afastei de Carson Stinger, ator heterossexual.



Fui para o quarto e tomei uma ducha rápida a fim de me acalmar após o encontro com Carson no saguão. Quando esfriei a cabeça, saí do banho, vesti o biquíni novo preto e branco de crochê e fui para a piscina. Minha conferência só começaria na manhã seguinte, por isso planejava passar várias horas deitada me bronzeando, lendo e relaxando. A vida de uma estudante de direito não tinha muito espaço para descanso e lazer, por isso eu estava disposta a aproveitar o máximo possível.

Levei uns vinte minutos apenas para atravessar a área da piscina e decidir onde queria me sentar. Havia cinco pátios com piscinas, tendas luxuosas, guarda-sóis sobre cadeiras forradas com toalhas e fileiras de espreguiçadeiras – todas com o mesmo padrão mediterrâneo. O local era de tirar o fôlego, e me esforcei para não ficar boquiaberta diante de tanta opulência. Nunca vira nada parecido.

Meu pai era policial e criara sozinho a mim e às minhas duas irmãs depois de se divorciar da minha

mãe. Nunca passamos necessidade, mas jamais sobrava dinheiro para viagens. Na verdade, eu nunca havia saído de Dayton, em Ohio, até ir para a faculdade.

Após tomar um drinque no bar, enfim me acomodei em uma espreguiçadeira com um pouco de sombra e comecei a passar protetor solar na minha pele pálida. Estávamos em junho, era verão no hemisfério norte, e o calor beirava os 30 graus. Como passara meses dentro de bibliotecas e salas de aula, com certeza me queimaria muito se não tivesse cuidado.

Recostei-me na espreguiçadeira, peguei meu livro e consegui ler apenas algumas páginas antes de meu celular tocar. O nome “Abby” apareceu na tela.

– Se você visse onde estou neste exato momento, ficaria com inveja – atendi, sorrindo.

Abby riu.

– Ora, oi. Se você visse onde *eu* estou, com certeza *não* ficaria com inveja nenhuma. Mas vou contar logo: sofá, coceira e uma visão adorável da minha pele toda besuntada de loção de calamina.

A pobre Abby fora queimada por urtigas ao fazer uma trilha com o namorado, Brian. *O negócio tinha sido feio*. Abby prosseguiu:

– Agora, quanto a você, deixe eu ver... Sinto cheiro de coco e ouço o bater suave de água com cloro... Está na beira da piscina com um drinque na mão?

– Bingo!

– Mas espere... O que é isso que estou vendo? Um livro de estudo nas mãos em vez de um romance ardente? Que horror! Por favor, me diga que estou enganada.

Olhei para o enorme livro em meu colo, *Série Conceitos e Insights: Direito administrativo*.

– Ah, pare com isso. Você sabe que preciso estudar nesse fim de semana se eu quiser ir muito bem no curso de verão. De qualquer forma, Abby, esse lugar é espetacular. De verdade. Tenho que trazer você aqui para ficarmos mais do que um fim de semana. E nos certificarmos de que seja um fim de semana *sem* trabalho, ok?

– Hummm. Conseguir passar um fim de semana com você sem trabalho? Não consigo acreditar. Mas sonhar não custa nada. O que acontece em Vegas fica em Vegas, certo? O céu é o limite para a devassidão... Estou dentro.

– Certo – respondi, dando uma risada. – Falando nisso, há outra conferência acontecendo aqui. Você nunca adivinharia sobre o que é.

– Sobre o quê? Me conte.

Dei uma rápida olhada ao redor para me certificar de que ninguém estava ouvindo, então balancei a cabeça em sinal de reprovação. Eu estava em Las Vegas, ninguém ali sequer piscaria se eu dissesse a palavra “pornô”. Ainda assim, sussurrei:

– Uma convenção pornô.

Abby deixou escapar uma gargalhada alta.

– Ai, meu Deus, Grace! Você precisa pegar alguns autógrafos para mim. Por favor!

– O quê?! Autógrafo de quem?

– De ninguém específico! Só quero poder dizer que tenho um autógrafo de um ator pornô!

– Na verdade, eu esbarrei com um deles no saguão do hotel. Era um imbecil – falei.

– Por quê? O que ele falou?

– Argh! Ele fez algumas insinuações sexuais lamentáveis, então me olhou de um jeito que me deu

vontade de correr para o chuveiro.

– Ele tinha o tipo de aparência sebosa como daquele ator pornô famoso, Ron Jeremy?

Fiquei em silêncio por um instante.

– Na verdade, não. O cara foi um babaca, com certeza, mas... – falei mais baixo até estar sussurrando: – Ele era sexy. Bem, eu não sabia que os atores pornôs eram assim. Acho que pensava que se a pessoa faz um trabalho desses... nem sei o que pensava. Mas ele com certeza não tinha a aparência que eu esperaria de um ator pornô.

– Ora, Grace, acho que você está ficando vermelha...

– Ah, pare com isso, você nem está me vendo.

– Ah, mas eu conheço você muito bem, garota, e tenho certeza absoluta de que está vermelha. Agora desligue esse celular e vá caçar um ator pornô gostoso. Aposto que ele ficaria muitíssimo feliz em lhe ensinar alguns truques novos no seu quarto hoje à noite.

– Ai, meu Deus, que horror, Abby! – gemi. – Não tocaria em um ator pornô de jeito nenhum na vida. Muito menos em um com tão poucos neurônios como ele.

– Você não sabe se divertir.

– No que se refere a atores pornôs, não sei mesmo – falei e dei uma risada. – Agora, falando sério, você está bem?

– Sim, estou ótima. Brian vai chegar daqui a pouco e veremos como conseguimos ser sexy usando apenas nossas partes íntimas e nossos pés, que são os únicos lugares que não estão cobertos de loção.

Foi a minha vez de deixar escapar uma gargalhada alta.

– Ai, meu Deus, precisava me dar tanta informação? Bem, divirta-se. Vejo você no domingo, ok?

Ouvi o sorriso na voz de Abby quando ela respondeu:

– Ok, meu bem, nos falamos amanhã.

– Tchau, Abby – me despedi, ainda sorrindo.



Passei algumas horas na beira da piscina terminando de estudar e fazendo anotações para que pudesse revisar o material no avião na volta para casa. Embora eu estivesse estudando, o cenário me trazia uma sensação de luxo e opulência. Eu nunca fazia coisas assim. Vinha me esforçando como uma louca nos últimos cinco anos e mal tinha tempo para respirar, muito menos para ficar sentada na beira de uma piscina durante uma tarde inteira. Primeiro passei os quatro anos iniciais de faculdade com a cabeça enfiada nos livros, correndo atrás para ter as melhores notas e conseguir uma bolsa em uma das melhores faculdades de direito da minha lista. Quando atingi esse objetivo e entrei para a Georgetown, voltei a estudar como uma louca – mas, dessa vez, para terminar o curso lá em dois anos, fazer a prova para a Ordem dos Advogados, passar de primeira e ser recrutada por alguma das melhores firmas de direito em Washington. Esse era o plano. Eu sempre tinha um plano e *nunca* me desviava dele.

Recostei-me na espreguiçadeira e minha mente divagou várias vezes, sempre em direção a Carson Stinger, ator heterossexual. Ainda ficava incomodada ao lembrar como ele me irritara. E em dois minutos! O que fora aquilo, afinal? Eu nunca ficava irritada com ninguém. Não permitia que isso acontecesse. Eu era uma pessoa “inirritável”. Tinha orgulho de ser calma, tranquila e disciplinada. De

repente, um ator pornô que havia me olhado de forma indecente conseguira me deixar balbuciante, confusa e louca para sair correndo de perto dele? Ele era mais do que irritante. E o fato de ter me deixado excitada era ainda mais enlouquecedor. *Sinceramente, Grace, você está tão desesperada assim?* A ponto de um ator pornô bonitão sussurrar algumas frases de conteúdo sexual *muito* desrespeitosas e sua calcinha logo ficar úmida? *Minha nossa!* Franzi, o cenho, olhando na direção do céu azul de Nevada. Coloquei os óculos escuros e fechei os olhos.

Depois de um tempo, me levantei e comecei a recolher minhas coisas. Meus ombros com certeza já estavam bem rosados, e eu precisava entrar e começar a pensar nos planos para o jantar. Tomar um coquetel antes de subir para o quarto parecia uma ótima ideia. Só havia tomado um único drinque, quando cheguei à piscina, e agora estava com calor e com sede. Mais um drinque parecia a coisa certa a fazer, por isso coloquei por cima do biquíni o vestido leve que levava na bolsa e segui na direção do bar do hotel. Quando passei pelo cassino pela terceira vez, olhei de novo ao redor, ainda impressionada com a variedade de mesas e máquinas de jogos, luzes e números piscando por toda parte. O som das risadas e o barulho das máquinas, misturando fichas e apitando, me deixaram fascinada. Era como se eu estivesse em outro mundo.

Suspirei de prazer quando entrei na área tranquila, silenciosa e elegante do saguão. Não estava muito cheio para um fim de tarde de sexta-feira. As pessoas ainda deviam estar na piscina ou se preparando para o jantar.

Sentei no bar e, quando o barman se aproximou e colocou um guardanapo diante de mim, pedi uma margarita com gelo e sem sal. Respirei fundo e sorri satisfeita, juntando as mãos à minha frente sobre o balcão.

– Sem sal? – perguntou uma voz alguns bancos adiante. – Quem pede margarita sem sal?

O sorriso abandonou meu rosto. Virei a cabeça e encarei o homem sentado à minha esquerda. *Sério?*

– Ora, se não é Carson Stinger, ator heterossexual – falei.

Gemi por dentro. *Não, Grace, não. Isso é bom. Você ganhou uma nova oportunidade de curar seu orgulho ferido. Saia dessa disputa por cima... digamos assim. Ai!*

Ele me encarava de um jeito estranho, esperando que eu dissesse alguma coisa, com uma expressão ao mesmo tempo divertida e observadora.

Ergui a sobrancelha antes de continuar:

– Se está pensando em dizer que tem algo gostoso e salgado para mim, por favor, controle-se.

Quando o barman colocou o drinque na minha frente, eu me virei outra vez e dei um longo gole.

Carson riu e, antes que eu me desse conta, caminhou na minha direção com uma cerveja na mão e se acomodou ao meu lado. Encarei-o, aborrecida.

– O que eu ia dizer, flor, era que você estava vacilando por pedir uma margarita sem sal. O legal do drinque é lamber o sal da borda do copo e depois tomar o líquido doce pelo canudo. O contraste entre o doce e o salgado na sua língua é muito, muito gostoso.

Ele se inclinou mais na minha direção e baixou a voz.

– Tente uma vez, só uma.

Ok, agora Carson estava tentando me provocar. E por quê? O que eu tinha feito para ele? Estreitei os olhos, ainda mais irritada porque as palavras dele tinham me excitado de novo. Meu corpo traiçoeiro

gostava dessa maldita voz grossa e adocicada e das palavras propositalmente provocantes. *Corpo idiota!* Eu nunca mais deveria fazer sexo, só para punir meu corpo e suas reações absurdas e depravadas.

– Deixe eu lhe pagar uma – falou ele, os cantos da boca se erguendo em um sorriso. – É sério. Só uma margarita do meu jeito. Você pode fazer um teste e ver quem está certo. Podemos nos conhecer melhor. – Carson piscou.

Eu me virei para encará-lo e respirei fundo. Antes de começar a falar, abri um sorriso doce.

– Vou ser bem clara com você, Carson. E vou fazer isso porque estou certa de que o que vou dizer vai deixá-lo tão assustado que vou poder terminar meu drinque em paz e a gente vai se despedir como duas pessoas que se conhecem de vista e que não têm nada em comum.

Ele ergueu a sobrancelha. Eu juntei as mãos no colo, inclinei a cabeça um pouco para o lado e continuei:

– Sou o tipo de garota que quer se casar usando um enorme vestido branco e as pérolas da avó. Quero um marido que me ame e seja fiel. Quero que ele volte para casa toda noite e não quero ter que me preocupar se ele está *comendo* a secretária, porque ele será o tipo de homem honrado demais para fazer isso. Quero esperar um ano e então tentar engravidar do primeiro dos dois filhos que acabaremos tendo, uma menina e um menino. E, quando tivermos esses filhos, não quero ter que olhar em seus rostinhos um dia e explicar por que o pai deles está na internet *tendo relações* com todas as mulheres, das universitárias safadas até as senhoras taradas, por dinheiro. Quando o meu filho fizer 6 anos, quero organizar uma festa com um tema de desenho animado sem ter que marcar a ocasião com uma explicação do que é “uma gozada na cara”. Tenho a impressão de que seus objetivos de vida são um pouco diferentes dos meus. E por “um pouco” quero dizer completa e absolutamente. Isso explica por que é uma perda de tempo ficarmos juntos?

Carson pensou por um instante, virou-se de volta para o balcão e tomou um gole da cerveja. Por fim, voltou a me encarar.

– Como fizemos esses dois filhos?

Franzi o cenho e respondi:

– Bom, talvez seja melhor repensar sua escolha de carreira se não sabe...

– O que quero dizer é em que *posição* fizemos esses dois filhos? Cachorrinho? Vaqueira invertida? A posição do Garfield, com você apoiada na janela? Circo voador? Borboleta? Na posição de lótus? Ou com os joelhos entrelaçados?

Fiquei boquiaberta. Então levantei a mão e disse:

– Chega! Ok, antes de tudo, não faço a menor ideia de como são algumas dessas posições e nem quero saber. Em segundo lugar, o que isso tem a ver com o que eu falei?

– Ah, acredite, você quer saber. Sabe por quê? Porque um dia, quando a nossa Princesinha estiver berrando às três da manhã, com a fralda suja, ou quando o Júnior for expulso da pré-escola por ter dado um soco no coleguinha, quero ser capaz de voltar ao momento em que os concebemos e sorrir ao lembrar o motivo pelo qual eles foram as melhores trepadas da minha vida, pois seja lá qual for a merda, literal ou figurada, com que eu tenha que lidar mais tarde, sei que terá valido a pena.

Senti minha boca voltar a se abrir contra a minha vontade.

– Você é nojento.

– Mas você teve um filho comigo. Duas vezes.

– Não tive nem terei um filho com você. Essa é a questão.

– Então vai abandonar a Princesinha e o Júnior assim? Que bela mãe...

Eu me levantei e joguei uma nota de 10 dólares sobre o balcão.

– Chega. Aproveite seu drinque, Carson Stinger. Estou ansiosa para vê-lo de novo... ahn... nunca mais

– falei, então peguei minha bolsa e comecei a me afastar.

Carson ainda retrucou:

– Além do mais, flor, se você fizer o papel da secretária gostosa quando eu chegar em casa no fim do dia, não precisarei comer a secretária de verdade.

Ergui o braço e levantei o dedo do meio para ele. Ouvi uma gargalhada rouca atrás de mim, mas continuei andando.



Carson

Ouvi o barulho dos chinelos dela se afastando e tomei outro gole da cerveja. Pirralhinha mimada e irritada. Pirralhinha mimada, irritada e *gostosa*, mas, sem dúvida, mimada. Eu conhecia o tipo. Ficou toda indignada, ergueu o queixinho, disse por que era melhor do que eu e foi embora, mas vi o modo como o corpo dela reagiu. A garota me desejava. O que acontece com a maioria das mulheres, para ser sincero. Todos têm um dom – o meu é ter um corpo e um sorriso que deixam as calcinhas das mulheres úmidas. Por que ser humilde? Afinal, isso não é crédito meu, eu apenas sei usar os dotes que recebi. Mas essa garota, Grace Hamilton – eu vira o nome na etiqueta de bagagem dela –, jamais permitiria que eu ficasse com ela só porque é gostosa, pelo menos não agora que sabia o que eu fazia. Mas só o fato de o corpo dela reagir a mim deveria ter sido suficiente. Então por que esse pensamento não me deixava feliz? Era o que costumava acontecer. O que havia de diferente dessa vez? Bebi o resto da cerveja e franzi o cenho para a vitrine de garrafas atrás do bar, tentando resolver a charada.

Foi estranho... Eu seguia na direção do balcão da recepção para deixar uma mensagem ao meu agente, que chegaria de Los Angeles na manhã seguinte, e esbarrei em alguém. A cabeça dela bateu no meu peito, logo abaixo do queixo. Pude sentir o perfume de flores e limpeza nos cabelos louros dela, presos para o alto em um coque.

Quando a garota olhou para cima, na minha direção, ruborizada e ofegante, minha respiração pareceu ficar presa diante da beleza do rosto dela. Os olhos de Grace eram os maiores e mais azuis que eu já vira, o nariz era pequeno e bonitinho e a boca era linda, grande, os lábios de um rosa suave com uma pequena curva em forma de arco no topo. Com certeza era bonita, linda mesmo. Mas eu via garotas bonitas o dia todo. Por que apenas um olhar para essa em particular me fez encará-la, numa tentativa de memorizar o rosto dela como se eu fosse um garoto apaixonado? Não tinha a mínima ideia. Ficamos parados por alguns instantes antes de nos afastarmos e dei uma olhada no corpo esguio dela, coberto por uma saia justa preta e uma blusa de seda branca. Adorei a roupa. *Professora gostosa*. Tive que olhar de novo para o rosto dela e percebi uma expressão cálida, um pouco confusa, cintilando nos olhos claros e cristalinos. Quase me perdi em seu olhar. *Quase*. E isso nunca havia acontecido antes.

Mas então ela viu o crachá idiota que eu me esquecera de tirar e percebi o desapontamento e a crítica em suas feições. Por isso resolvi deixá-la desconfortável de propósito e *senti prazer* na expressão de desprezo de Grace e depois na raiva que tomou conta de seu belo rosto. Senti prazer ao ver o modo como ela se afastara de mim pisando duro, balançando a bundinha tão bonita. E ela fizera algo semelhante no bar pelos mesmos motivos. Isso significava que eu tinha vencido, então por que não estava comemorando? Por que ainda estava sentado ali pensando no assunto sem parar? Pensando *nela*? Isso me irritava muito. O que eu precisava fazer era afastar de vez essa sensação – não importava o que ela significasse. A mesma sensação que me perseguia desde que esbarrara com Grace no saguão. Achei que eu deveria ir atrás de uma mulher disposta a ficar no meu quarto por algumas horas. Sim, pareceu um bom plano.

Quando eu já ia pagar o drinque no balcão, meu celular tocou. Olhei para a tela e atendi.

– Oi, Courtney – disse, já caminhando.

– Oi, Carson, meu amor. Tudo certo para segunda-feira de manhã? Vou mandar o endereço da locação e mais alguns detalhes para o seu e-mail. Consegue checar pelo celular?

– Sim, tudo certo. Aviso quando ler o e-mail.

– Ok, ótimo. Será no hotel Four Seasons de Beverly Hills. Uma cena na varanda seguida por outra no chuveiro.

Deixei escapar um gemido.

– Merda, Courtney! Só terei feito cinco filmes e dois deles tiveram cenas no chuveiro? Eu falei que tinha detestado o primeiro.

– Ah, por favor. Devo mesmo sentir pena porque você vai ter que *comer* Bambi Bennett no chuveiro? Pobrezinho.

Dava para sentir o sarcasmo destilado na voz dela.

– Merda, é constrangedor. Dois operadores de câmera e um de microfone naquele espaço minúsculo. De onde estou, não é tão excitante assim. Além do mais, *Bambi Bennett*? Minha nossa! Eu vou ser o quê, o cervo?

– Eu sei. É um nome idiota. Ela é nova no site. Dá uma checada. A Bambi é deslumbrante. Você deu sorte. Beijos! Me mande uma mensagem quando ler as informações. – E, dizendo isso, desligou.

Courtney era dona do site com o qual eu assinara contrato havia pouco tempo, o ArtLove.com. O objetivo da página era atrair o público feminino, o que mais vinha crescendo no que dizia respeito ao acesso de vídeos pornô. A maioria das cenas era filmada em locações exóticas, e a produção encorajava os atores a parecerem apaixonados – diferente do tipo de pornô rápido e objetivo que os homens tendiam a gostar mais. Meu primeiro filme fora em Belize, em um chuveiro ao ar livre e, apesar do que possa ter parecido para o espectador, eu tinha passado o tempo todo torcendo para conseguir manter a ereção durante a cena. Uma equipe de filmagem formada por caras suados, todos cercando você, não era exatamente a realização de um sonho erótico, não importava quão bonita a garota fosse.

Mas, pelo jeito, depois de apenas uns poucos filmes, eu já tinha alguns fãs. Por isso, meu agente insistira muito para que eu participasse da convenção nesse fim de semana. Eu tinha recepcionado os participantes pelo máximo de tempo que conseguira suportar, então saí discretamente do centro de convenções e esbarrara com a Srta. Nariz Empinado. Não que eu não apreciasse os fãs... acho que eu

tentava não pensar muito neles porque eu era admirado por razões que, para ser sincero, me faziam pensar que era melhor não apertar as mãos deles.

Segui na direção dos elevadores com a intenção de subir para o quarto e me trocar para ir à piscina. Era o lugar mais fácil para arranjar mulher... uma que não se importasse em saber quem eu era nem o que eu fazia – e o sentimento seria mútuo.

– Ei, segure o elevador – pedi quando vi que um deles estava prestes a subir, as portas começando a se fechar.

Mostrei meu cartão-chave do quarto ao segurança parado na entrada dos elevadores.

Uma mulher mais velha colocou a bolsa entre as portas, que se abriram de novo, e entrei correndo. Agradei a ela e me virei para a frente.

– Deus está me testando – sussurrou uma voz suave.

Olhei para a esquerda e, duas pessoas adiante, descobri quem resmungara. Grace “Casamento Tradicional” Hamilton. Vai entender. Ri baixinho diante da expressão fechada dela pelo simples fato de eu estar compartilhando o mesmo espaço.

Inclinei o corpo para a frente e sorri para ela. Percebi que Grace tinha me visto pelo canto dos olhos pelo modo como endireitou o corpo, mas ela continuou olhando para a frente, na direção da porta.

A senhora ao lado de Grace – a mesma que segurara a porta do elevador – esticou o corpo e sorriu para mim, dando um breve aceno carregado de malícia. Foi tão bonitinho que eu ri e acenei de volta. Grace virou a cabeça rapidamente na minha direção e seus olhos se arregalaram quando fizemos contato visual, eu ainda sorrindo. Poucos segundos depois, ela tornou a olhar para a frente.

O elevador parou em vários andares e começou a esvaziar. Logo, só restamos eu, Grace e a senhora que segurara a porta para mim. Todos ficamos muito quietos, olhando para a frente.

No andar seguinte, a senhora se movimentou para sair do elevador. Eu e Grace recuamos no mesmo instante para deixá-la passar. Quando a mulher estava saindo, virou-se e piscou para mim. Então virou-se outra vez e piscou para Grace. Olhei para Grace, que estava com a cabeça inclinada e tinha um sorrisinho nos lábios belos e rosados, quando as portas voltaram a se fechar.

Então ela me fitou e o sorriso foi substituído pelo cenho franzido.

– Sabe... – comecei a dizer, mas minha voz falhou quando as luzes do elevador aumentaram de intensidade e sentimos um enorme solavanco. Grace deixou escapar um gritinho e eu falei: – Que merda é essa?

Com um tranco forte, o elevador parou e as luzes piscaram. Olhei para o outro lado do pequeno espaço e vi a expressão apavorada de Grace.

Estávamos presos.

capítulo 2

Grace

Quando o elevador deu um tranco e parou e as luzes piscaram mais uma vez, senti uma onda de medo me dominar. Não gostava nem um pouco de espaços pequenos. Eles me faziam lembrar... bem, me faziam lembrar algo em que eu não gostava de pensar. Respirei fundo e quase me joguei em cima do interfone. Abri a pequena porta de metal com força e peguei o fone. Apertei o zero e, enquanto aguardava, olhei para Carson, parado em um canto, apoiado contra a parede, me observando com atenção.

– Manutenção – disse uma voz brusca.

– Oi! Aqui quem fala é Grace Hamilton. Estou hospedada no hotel este fim de semana. Estamos presos em um dos elevadores. Ele parou de repente e...

Ouvi um estalo e a linha caiu, me calando. O som do pânico escapou da minha garganta e dei três longos passos até a minha bolsa, que eu havia deixado em um canto. Peguei o celular e olhei para as barrinhas no topo da tela. Sem serviço. *Merda!*

Voltei a fitar Carson, que ainda me encarava, imóvel, observando-me com uma expressão indecifrável.

– Não fique parado aí! Estamos presos! Faça alguma coisa!

Comecei a respirar com dificuldade e meu coração disparava no peito. Levei os dedos ao pescoço e senti a pulsação muito acelerada. Tentei inspirar fundo, mas de repente minha garganta parecia estar se fechando. *Não consigo respirar. Ah, meu Deus, não consigo respirar.*

Cambaleei contra a parede e fiz contato visual com Carson, que agora vinha em minha direção com o cenho franzido. Agarrei a barra que ficava presa à parede atrás de mim, certa de que estava prestes a morrer asfixiada naquele elevador e de que a última pessoa que veria seria Carson Stinger, ator heterossexual. *Ah, não, não, não, não. Desse jeito, não.*

– Ei, fique calma, flor – disse ele com um tom tranquilo, segurando meus dois braços do mesmo jeito que fizera quando havíamos esbarrado um no outro no saguão do hotel. – Respire fundo. Você está bem. Vão nos tirar daqui, ok? Só respire fundo. Mantenha os olhos fixos nos meus.

Pisquei várias vezes enquanto o rosto dele oscilava à minha frente, minha respiração saindo em arquejos ásperos enquanto eu me esforçava para inalar algum oxigênio.

– Merda, flor, vamos lá. Você não vai desmaiar em cima de mim neste elevador. Respire fundo.

Ficamos nos encarando por vários minutos, a expressão de Carson cada vez mais preocupada enquanto ele observava meu esforço para respirar.

Ah, meu Deus! Ah, Deus! Ar, ar!

Carson se afastou e começou a olhar ao redor, os olhos arregalados, em pânico, procurando algo que eu não fazia ideia do que era. Ele correu até o interfone, botou o fone no ouvido, escutou por um instante, então o bateu com força no gancho e chutou a porta.

– Merda!

Estou morrendo. Ah, meu Deus, por favor, ar.

Carson se virou de novo para mim e meus olhos lacrimejavam com o esforço de aproveitar o pouco de oxigênio que conseguia passar pelo espaço estreito que restara na minha garganta. Eu tinha certeza de que estava ficando azul.

– “Sister Christian, oh, the time has come!” – disparou Carson de repente.

Mesmo no meio de um ataque de pânico, fiquei estupefata. *Que diabos...*

– “And you know that you’re the only one to say, okay.”

Carson recuou um passo e meus olhos o seguiram, minha respiração ainda presa na garganta inchada enquanto eu lutava para deixar o ar entrar nos pulmões.

Ele apontou para mim.

– “Where you going, what you looking for?”

Que diabos ele estava fazendo? Que diabos aquele homem estava fazendo? Ah! Um pouco de ar. Isso é bom, Grace.

– “You know those boys don’t want to play no more with you. It’s true.”

Ao dizer as duas últimas palavras da estrofe, Carson baixou o queixo e me encarou.

Melhor, melhor. Mais ar, melhor. Ok, eu estou bem. Por que ele está cantando enquanto estou quase morrendo aqui? Carson tem uma bela voz... grossa e um pouco rouca. Uma bela voz mesmo... Uma voz sexy. Ah, ar.

Minha respiração se acalmou um pouco e percebi que o instrumental da música “Sister Christian” estava no sistema de som ambiente. Carson estava cantando junto com a música do elevador. E cantando bem. *Para me distrair do meu ataque de pânico.* E funcionou.

Inspirei uma grande quantidade de ar e minha visão começou a clarear, agora que eu o observava. Carson estava no meio do elevador e, quando um solo de bateria entrou, ele começou a tocar furiosamente uma bateria imaginária, fechando os olhos e balançando a cabeça no ritmo, mordendo o lábio inferior.

– “You’re motoring! What’s your price for flight? In finding Mister Right? You’ll be alright, tonight.”

Não consegui me controlar e dei uma risadinha. Quando Carson ouviu, seus olhos se abriram de repente e ele me encarou, o alívio inundando seu rosto antes que ele abrisse um sorriso. Foi o mesmo sorriso que quase me derrubara quando ele o dirigira à senhora do elevador. *Era de verdade.* E uma intuição me dizia que esse gesto era raro.

A expressão de Carson ficou séria quando ele caminhou na minha direção, cantando devagar:

– “Babe, you know you’re growing up so fast. And mama’s worrying that you won’t last to say ‘let’s play’.”

Ao cantar as últimas palavras, Carson levou o punho aos lábios, fingindo que era um microfone, então o colocou na frente da minha boca.

Fiquei confusa por um instante, mas a adrenalina já disparava pelo meu corpo diante do doce alívio

que era sentir o ar entrando livremente nos pulmões. Por isso, fiz algo que nunca faria sob circunstâncias normais. Agarrei o punho dele e cantei também:

– “Sister Christian, there’s so much in life. Don’t you give it up before your time is due, it’s true.”

Então Carson se inclinou para a frente e continuamos a cantar, agora juntos:

– “It’s true, yeah.”

Ele pulou para trás e tocou de novo a bateria imaginária. Então voltou a saltar para a frente e cantou comigo diante do punho fechado.

– “Motoring! What’s your price for flight? You’ve got him in your sight and driving through the night.”

Nossos rostos agora estavam a poucos centímetros de distância e eu podia sentir o hálito de Carson, com cheiro de menta, enquanto continuávamos a cantar:

– “Motoring! What’s your price for flight? In finding Mister Right? You’ll be alright tonight.”

Carson voltou a se afastar de mim e, dessa vez, simulou um solo de guitarra, movendo os quadris para a frente a cada dedilhada, girando-os junto com as cordas. Eu o observava às gargalhadas, rindo daquela palhaçada.

Carson sorriu para mim enquanto repetia o refrão. Então, conforme a música ficava mais lenta, ele começou a caminhar bem devagar na minha direção outra vez, cantando:

– “Sister Christian, oh the time has come. And you know that you’re the only one to say, okay. But you’re motoring. You’re motoring, yeah.”

Carson parou de cantar e ficamos nos encarando, a respiração dele agora mais arquejante do que a minha, por causa da encenação com a guitarra imaginária.

Minha respiração tinha voltado a ficar firme e estável, enquanto o peito de Carson subia e descia de forma alucinada. Percebi a natureza bizarra da situação e caí na gargalhada. Ele também. Quando paramos de rir, Carson inclinou a cabeça um pouco para o lado e disse:

– Se queria me ouvir cantar, flor, era só ter pedido.

Sorri, assenti e então o encarei, séria.

– Obrigada pelo que fez. Quem poderia imaginar que uma música do Night Ranger seria capaz de curar ataques de pânico? Mas funcionou. Obrigada – falei e respirei bem fundo.

Ele assentiu, também sorrindo.

Então viramos rapidamente para o interfone, que começou a tocar.



– Alô? – atendeu Carson.

Eu fiquei encarando-o de olhos arregalados enquanto ele falava.

Depois de ouvir por um instante, Carson gemeu.

– Tanto tempo assim? Não há nada que possa ser feito para que essa peça chegue mais rápido aqui? – Ele voltou a ouvir. – Sim, está certo. Poderia nos manter informados? – E desligou.

– O que disseram? – perguntei.

– A boa notícia é que sabem que estamos aqui, sabem qual é o problema e a peça necessária para o concerto já está a caminho. A má notícia é que ela vai demorar duas horas para chegar.

– Duas horas? – guinchei. Respirei fundo. – Duas horas? – repeti, agora com mais calma. – Vamos ter

que ficar sentados aqui por duas horas?

– Parece que sim – disse ele, indo até a parede e deslizando o corpo até cair sentado no chão, com as pernas dobradas e os cotovelos apoiados nos joelhos.

Eu o encarei por um tempo, então voltei para o meu lado do elevador. Também me sentei no chão, dobrei os joelhos para um lado e olhei para Carson enquanto puxava o vestido até os tornozelos, cobrindo as pernas. Os olhos de Carson foram das minhas pernas para os meus olhos. Vi quando ele franziu o cenho antes de assumir uma expressão despreocupada e erguer as sobrancelhas, sorrindo de forma sugestiva.

– Muita coisa pode ser feita em duas horas, flor. Alguma ideia?

E ele estava de volta. Carson Stinger, ator heterossexual. Inclinei a cabeça para o lado e o encarei com os olhos semicerrados.

– Por que faz isso? – perguntei.

Ele passou os dentes pelo lábio inferior e pareceu entediado.

– O quê?

– Por que sempre coloca essa... *máscara* de “só penso em sexo”?

Carson me encarou com uma expressão pensativa por um instante.

– Máscara? Eu estaria usando uma máscara se estivesse tentando esconder algo. O que seria?

Olhei para o lado e dei de ombros.

– O cara que acabou de fazer papel de doido cantando “Sister Christian” para me ajudar a lidar com uma situação ruim?

Ele deu uma risadinha.

– Fiz apenas o necessário para que você não caísse dura aqui. Se tenho que ficar preso em um elevador prefiro que não seja com um cadáver. Faço muita coisa doida, mas necrofilia não é uma delas.

– Argh! Meu Deus, você é mesmo... – Mordi o lábio por um instante, pensativa. – Quer saber? Não vou cair nessa. Está blefando, Carson Stinger. Você é uma fraude – falei e comecei a examinar as unhas.

Ele riu, parecendo achar que o que eu dissera tinha sido de fato divertido.

– Ora, quem você pensa que é, flor? Me conhece assim tão bem depois de estar comigo por... – ele consultou o relógio no pulso – quinze minutos?

– Você está certo. Não sei nada a seu respeito. Só de uma coisa: você é uma fraude. Pode chamar de intuição.

Ele me encarou por um instante, os olhos estreitados mais uma vez, o maxilar cerrado. Então dobrou as pernas longas e musculosas e cruzou um tornozelo sobre o outro enquanto continuava a me encarar.

– O que eu acho é que você está a fim de mim. E está tentando enxergar o cara bom e sensível que eu *não* sou para que, assim, quando você arrastar o corpo por esse elevador e subir no meu colo, possa justificar suas atitudes para si mesma.

Fiquei engasgada com a minha própria risada e me ajoelhei, encarando-o com raiva.

– Seu babaca arrogante! A única forma de eu me arrastar para *qualquer lugar* perto de você seria se minha vida dependesse disso.

Continuei a encará-lo, irritada, por um longo instante e voltei a me sentar sobre os calcanhares. Apontei para Carson.

– Espere aí! Você está fazendo de novo. Viu só? É a máscara. Você me deixa furiosa e me faz

esquecer o que eu estava falando. Que é: você é uma fraude.

– Ainda pensando nisso, Dona Psicóloga? Muito bem, então. E quanto a você, Srta. Princesa Perfeita? O que está escondendo por trás desse cabelo, preso de um jeito tão apertado que quase machuca a sua cabeça, e dessa sua atitude de superioridade e arrogância?

– Superioridade e arrogância? – repeti em tom zombeteiro. – Quase nunca ajo dessa forma. E também não sou perfeita.

– Ah, não sei, não. Eu acho que isto é exatamente o que você é: perfeita. Por quê? Por que você precisa ser tão perfeita? O que está reprimindo tanto que assim que perde o controle nem sequer consegue respirar? O que há debaixo da *sua* máscara?

Ri exageradamente alto, para deixar claro quão ridículo ele estava sendo.

– *Minha* máscara? Faça-me o favor. Agora é você que está inventando coisas para me distrair. O que você enxerga em mim é o que eu sou, *Carson*. Eu dificilmente usaria uma máscara. Já você...

Ele voltou a me encarar em silêncio por um instante, parecendo ao mesmo tempo pensativo e cauteloso.

– Ok, então, flor. Tenho uma proposta. O que acha de fazermos um jogo? Um arremesso por um segredo. Não temos mesmo muita coisa para fazer aqui. Ainda mais se está fora de cogitação que você se jogue no meu colo.

– Isso *nunca* foi uma possibilidade. Quais são as regras desse jogo?

– Você tem uma xícara, uma tigela ou algo parecido na sua bolsa?

Dei uma risada e ergui a sobrancelha.

– Não. Esse não é o tipo de coisa que eu carregue por aí. – Abri a bolsa e olhei lá dentro. – Que tal a tampa do meu spray de cabelo?

Peguei a tampa e mostrei-a para ele. Era de plástico, mais ou menos do tamanho de um copo. Estendi o objeto para Carson.

– Vai servir – disse ele, pegando-a da minha mão.

Carson enfiou a mão no bolso de trás da calça, pegou uma moeda e me entregou. Então colocou a tampa em um canto do elevador e ficou de pé na quina oposta. Ele prosseguiu:

– A regra é: se uma pessoa acertar a moeda dentro da tampa, a outra tem que revelar um segredo sobre si mesma. Sem mentiras. Sem inventar nada. Um segredo de verdade, genuíno... algo que nunca tenha contado a ninguém.

Cruzei os braços e mordi o lábio. Olhei da tampa em um canto para Carson no outro.

– É impossível acertar. A distância, o tamanho da tampa. Não dá.

Ele ergueu a sobrancelha.

– Topa ou não?

Bufei.

– Está bem. Pode ser.

Ele fez uma pausa.

– Espere. Você concorda com as regras?

– Sim, sim, um segredo a cada acerto. Estou dentro.

Eu sabia que era impossível, então qual seria o problema? Aceitaria o jogo dele.

Carson ergueu a moeda, mirou, moveu o corpo um pouco para a direita e jogou-a com uma expressão

de pura concentração. A moeda acertou direto o alvo, que nem balançou. Uma “cesta” de verdade. *Que diabos...?*

– Você trapaceou! – soltei. – Isso é impossível!

Carson riu.

– Trapaceei? Como diabos eu trapaceei? De jeito nenhum! Não tente se safar. Você me deve um segredo, flor. Vamos ouvi-lo.

Ele apoiou o ombro contra a parede do elevador, cruzou os braços e inclinou o queixo para baixo, me encarando com expectativa.

Olhei para Carson, irritada.

– Devo dizer que não é assim tão fácil! Não tenho nenhum segredo.

Levantei os braços e os deixei cair outra vez. Ele continuou a me encarar sem dizer nada, o rosto agora sem expressão.

– Então me conte por que você é tão perfeita, flor.

Deixei escapar um gemido de desprezo, cruzei os braços mais uma vez e olhei para outro lado. Pensei sobre a pergunta de Carson. Esta era mesmo a imagem que eu passava? De *perfeita*? Eu me achava o mais distante possível da perfeição. Estava sempre tentando não estragar as coisas... tentando ser o *suficiente*... tentando compensar...

– Meu pai já teve muitas decepções na vida. Estou só tentando não decepcioná-lo também – falei de repente.

Carson inclinou a cabeça, os olhos se enchendo de... *alguma coisa*. Afastei o olhar.

– Enfim, é só isso. Meu pai já passou por maus bocados. Só quero que ele sinta orgulho de mim. É tão esquisito assim?

– Que tipo de decepções o seu pai teve? – perguntou Carson em voz baixa.

Fiquei olhando para a parede por um longo tempo, súbita e *inexplicavelmente* querendo dizer o que falei a seguir:

– Quando eu tinha 11 anos, meu irmão caçula morreu por causa de um linfoma não Hodgkin. Era o único filho homem do meu pai. Tenho mais duas irmãs. – Olhei para as minhas unhas e fiquei examinando-as antes de voltar a falar: – Meu pai é policial... um homem que gosta de estar cercado de outros homens, fazendo coisas que os homens gostam de fazer juntos. Acho que eu e minhas irmãs sempre sentimos que talvez... talvez...

– Que talvez uma de vocês fosse dispensável porque havia outras duas de reserva? – completou Carson, ainda em um tom baixo e tranquilo.

Olhei rapidamente para ele e ficamos apenas nos encarando por vários segundos. Nunca tinha pensado nisso dessa forma, mas...

– Talvez. Sim.

Carson assentiu, ainda me fitando. Então foi até a tampa, pegou a moeda e estendeu-a para mim.

– Sua vez.



Minha garganta ficou seca e senti uma comichão estranha quando Grace me contou sobre o irmão e o pai. Não parei para refletir sobre essa sensação. Nunca conversara de verdade com ninguém sobre *emoções*, a não ser com a minha avó. Mas ela morreu quando eu tinha 17 anos e, desde então, isso nunca mais havia acontecido. A princípio, eu tinha sugerido esse jogo para desestabilizar Grace. Eu era capaz de jogar uma moeda dentro de um copo a uma distância muito maior do que a extensão de um elevador. Tinha horas e horas de prática. Treinei esse tipo de arremesso quando quis distrair a cabeça enquanto esperava minha mãe sair do estúdio de filmagem.

Mas então Grace se abriu comigo e, de repente, *eu* é que fiquei desestabilizado.

Entreguei a moeda a Grace e recuei. Ela me olhou irritada, posicionou-se no canto oposto ao da pequena tampa e se preparou para arremessar, sorrateira.

Examinei-a enquanto ela mirava. Droga, era mesmo uma garota linda. Sexy, mas com uma beleza clássica que me fazia querer ficar encarando a perfeição de seus traços. Era esguia, mas tinha curvas nos pontos certos. Exatamente como eu gostava. Eu sabia que também seria bonita assim quando estivesse saindo do banho pela manhã sem um pinga de maquiagem. Meu corpo se inquietou diante dessa imagem. *Merda, eu não preciso disso*. Mordi a língua para me distrair das imagens de Grace saindo do chuveiro. Nesse momento, ela arremessou a moeda. Acompanhei o arco de lançamento e vi quando atingiu em cheio o alvo.

Dei uma risada alta quando Grace deixou escapar um grito de alegria e jogou os braços para cima comemorando a vitória. Espere um instante, merda, isso *não* foi nada engraçado. Mesmo assim, a expressão de pura empolgação no rosto dela me fez ter vontade de levá-la do chão e abraçá-la. Até eu me lembrar que não sou do tipo que abraça. Ninguém. Nunca.

Suspirei e tentei parecer o mais entediado possível.

– Ok. O que quer saber sobre mim?

Grace inclinou a cabeça para o lado, semicerrou os olhos e passou os dentes pelo lábio inferior carnudo de um modo que me fez morder a língua de novo.

Ela voltou para o lado do elevador em que estava antes, deslizou o corpo pela parede até se sentar no chão, abraçou as pernas e cobriu-as com o vestido que usava, como já havia feito. Esperei.

– Um segredo que você nunca contou a mais ninguém, certo?

Assenti.

– Ok, por que trabalha como ator pornô?

– A resposta para essa pergunta não é bem um segredo. É divertido e paga muito bem.

Grace franziu as sobrancelhas delicadas e ficou me encarando por um instante.

– Sério, Carson, *de verdade*, por que trabalha como ator pornô? – perguntou.

Dei uma risadinha.

– Nem todo mundo que trabalha com pornografia teve uma infância horrível e um passado sombrio. A indústria hoje em dia é muito diferente do que costumava ser. Há várias medidas de segurança estabelecidas...

Ela continuou a me encarar em silêncio.

Suspirei e também me acomodei no chão. Estava mesmo considerando me abrir com essa estranha? Com essa princesa? Fiquei sentado, virado para a parede à minha frente por um ou dois minutos até que, quase contra a minha vontade, comecei a falar:

– Minha mãe era atriz pornô nos anos 1980. E ficou grávida... pelo que sei, isso não acontece com frequência, mas, quando acontece, costumam se livrar da gravidez bem rápido. Ela decidiu não abortar. Sou o filho bastardo de qualquer um entre uma centena de caras contratados. O que acha desse conto de fadas, flor?

Os olhos se arregalaram e seus lábios se entreabriram, formando um “o” silencioso. Ficamos nos encarando em silêncio por um tempo.

– Isso não explica o fato de você trabalhar no mesmo ramo agora.

– Praticamente nasci para fazer isso, gata. Criado na luxúria e no pecado. Destinado a fazer o mesmo.

– Não é culpa sua a forma como você foi...

E que eu seja amaldiçoado se esses grandes olhos azuis não estavam carregados de piedade. Senti algo se apertar dentro do meu peito de um modo que não gostei.

– Não, e não é culpa sua ter uma boquinha linda, mas, se você deslizasse até aqui, talvez pudéssemos fazer uso dos dons que nos foram dados por Deus, e, com certeza, as próximas duas horas passariam um pouco mais rápido. – Ergui as sobrancelhas.

Grace me encarou, o rosto vermelho.

– É por isso que age assim. Você usa essa máscara babaca, de que busca sexo fácil, para esconder que tem vergonha de quem é.

Dei uma risada.

– Minha pequena psicóloga em ação outra vez. Me diga, onde conseguiu seu diploma? Ah, claro. Na Universidade da Bobagem. Me diga uma coisa, flor, você é assim tão boa em se autodiagnosticar? Consegue perceber que esse showzinho de princesa perfeita é apenas uma tentativa de compensar o fato de que acha que *você* deveria ter morrido no lugar do seu irmão? Mas sabe de uma coisa? Foi seu irmão que morreu. E nem toda a palhaçada de princesa perfeita do mundo será capaz de mudar isso.

Grace abafou um arquejo, os olhos cheios de mágoa. Fiquei me sentindo um babaca na mesma hora.

– Seu *bastardo idiota!* – sibilou ela, ajoelhando-se e se arrastando assim na minha direção, a raiva quase na mesma hora tomando o lugar da mágoa que eu vira pouco antes em seu olhar.

Também fiquei de joelhos, a palavra “bastardo” fazendo meu peito se apertar. Ela usara contra mim o que eu tinha contado e não gostei da sensação.

– Hipócrita – sibilei de volta.

– Promíscuo!

– Nossa, muito criativa, Rainha da Neve!

Nós nos encontramos no meio do elevador, ambos de joelhos, o pescoço dela erguido para me encarar, a fúria dominando suas feições. Eu sabia que a minha expressão dizia o mesmo.

– Seu merda!

– Vendida.

Grace cerrou os punhos e manteve os braços rígidos ao lado do corpo, deixando escapar um grunhido frustrado e furioso. Eu me inclinei um pouco para a frente, desafiando-a a me bater.

E, de repente, estávamos nos beijando. Um beijo duro, furioso, nossas mãos por toda parte, tateando e agarrando. E que Deus me protegesse, porque Grace tinha gosto de sol e de tudo de mais doce e fresco que esse mundo tem a oferecer.

capítulo 3

Grace

Tateamos o corpo um do outro, gemendo, arfando e quase loucos de raiva e desejo. Ou seria apenas raiva? Não, não, a raiva não provocaria uma sensação tão prazerosa. Meu corpo estava em chamas, cada nervo vibrando com a necessidade de ser tocada por Carson. *Ai, meu Deus, eu estava sendo tocada por Carson Stinger, ator heterossexual! Não! Sim! Sim! Sim!* Três palavras afirmativas para uma negativa. A maioria vence! Minha nossa, ele tinha um gosto muito bom. Um sabor de menta e de mais alguma coisa única. Depois de uma pequena prova, eu já ansiava por seu sabor, e passei a língua pela boca de Carson, tentando aproveitar o máximo que pudesse, desesperada, faminta. Por *ele*. Carson também parecia desesperado para me saborear. A língua dele se enroscava na minha e suas mãos agarravam meu traseiro e me puxavam com força contra o pênis rígido. Nossa, ele era grande. De verdade. E eu me roçava nele como uma gata no cio. Uma gata louca no cio. Que tivesse ingerido o que quer que enlouquecesse ainda mais uma gata louca no cio. Essa era eu.

Miau!

De repente me dei conta de que Carson estava erguendo meu corpo e me deixei ser levada de boa vontade, sem que os nossos lábios jamais perdessem o contato. Ele nos guiou até a parede e, quando minhas costas bateram na superfície, Carson me ergueu contra o próprio corpo, deixando escapar um grunhido rouco. Ele me soltou e ouvi quando suas duas mãos bateram na parede de cada lado da minha cabeça, me prendendo. Carson continuou me beijando, me lambendo e chupando a minha língua enquanto pressionava o corpo contra o meu, grunhindo mais uma vez. Os sons que ele deixava escapar e a sensação da parede do elevador às minhas costas, me sustentando, clarearam um pouco a minha mente nublada de desejo. *Ai, meu Deus, isso era loucura. O que eu estava fazendo?* Alguns minutos antes, estávamos brigando... Como essa reviravolta tinha acontecido? Com certeza Carson era ótimo no que estava fazendo com a boca e com o corpo, afinal ele era um profissional do ramo! *Ai, meu Deus!* Ele era um profissional! Era bom nisso porque praticava *muito*. E quando digo *muito*, é muito mesmo. Mais uma vez, que diabos *eu* estava fazendo? Abri os olhos e, ao ver o rosto de Carson a milímetros do meu, os olhos fechados e os cílios longos sombreando o rosto, voltei à realidade. Deixei escapar um som estrangulado e afastei a boca da dele. Virei a cabeça e pousei as duas mãos no peito de Carson, afastando-o de mim. Ele recuou, parecendo zozzo, e ficamos nos encarando, ofegantes.

– Merda, desculpe – disse ele, por fim.

– Por quê? – perguntei, furiosa. – Pelos insultos ou pelo beijo?

– Pelos insultos. Não lamento o beijo.

Fiquei confusa. E... maldição... embora ainda estivesse furiosa, sobretudo comigo mesma nesse

momento, uma parte de mim queria mergulhar de volta nas carícias.

Balancei a cabeça devagar, afastando o resto da bruma do desejo. Estávamos dentro do elevador. Ele era um ator pornô. Tínhamos acabado de compartilhar nossos segredos e os jogamos um na cara do outro de uma forma muito maldosa.

Dei uma risadinha sem humor, olhei para o teto e respirei fundo. Então voltei a fitar Carson, que me encarava com uma expressão confusa no rosto. Ele ergueu a sobrancelha.

– Do que está rindo?

Eu me virei e me sentei, batendo a cabeça de leve contra a parede. Ele se aproximou e se sentou contra a parede dos fundos do elevador, bem à minha direita. Carson levantou os joelhos e pôs os braços sobre eles mais uma vez.

– De nós dois – falei em um gemido. – Acho que somos pessoas terríveis. Compartilhamos nossos segredos e os usamos um contra o outro menos de cinco minutos depois. – Balancei a cabeça e olhei para ele. – Também peço desculpas.

Carson respirou fundo e abaixou a cabeça por um instante antes de erguer os lindos olhos castanhos e me encarar outra vez.

– Não, a culpa foi minha. Determinei as regras e ataquei você em vez de segui-las de forma elegante. Fui um babaca.

Ele parecia arrependido de verdade. Crispei os lábios e inclinei a cabeça para o lado, surpresa diante dessa resposta. Balancei a cabeça de leve outra vez.

– O jogo foi de alto risco. – Fiz uma pausa. – Que tal se apenas conversássemos um pouco?

Um sorriso se abriu no rosto dele, a covinha apareceu e a beleza inegável de Carson me deixou estupefata por um instante. Inclinei a cabeça.

– Por que não trabalha como modelo, ator ou algo parecido? Você tem boa aparência – falei.

– Eu sei – respondeu ele, rindo.

– Você é modesto, não? – rebati.

– Não preciso ser modesto. Não fiz nada para merecer esse rosto. Ele é o que é.

Bufei.

– Logo quando eu estava meio que começando a gostar de você de novo.

– Você gostar de mim se traduz em mais beijos?

Ele abriu o sorriso devastador outra vez.

– Não. Agora me conte por que não trabalha como modelo em vez de... fazer o que faz.

– Deixar as pessoas me enfeitando e me maquiando por horas, para então ter que posar na frente delas? Isso parece ser muito pior do que fazer filmes pornôs. Uma merda.

– Pior do que pornô? Então você *não gosta* do que faz?

Carson me encarou por um tempo e quase consegui ouvir as engrenagens girando em sua cabeça, mas não tive como adivinhar em que exatamente ele estava pensando. Por fim, confessou:

– Na verdade, não. Não gosto de fazer filmes pornôs.

– Por quê? – perguntei em um tom calmo.

– Porque gosto de trepar do jeito que eu quero. Não gosto que me digam o que fazer ou de ficar indo de um lado a outro na cama, como uma peça de xadrez. Parte do prazer do sexo para um homem é a caça.

Não há caça em um filme pornô. E, antes que fique brava, não estou tentando provocá-la com essas palavras. Só estou sendo sincero. Não acho prazeroso. Quero dizer, é óbvio que...

– Eu sei – interrompi. – Sexo é tão bom quanto pizza e coisas do gênero.

Eu o examinei por um instante.

– Como entrou no ramo? – perguntei, por fim.

Carson suspirou.

– Bem, como eu disse, de certo modo cresci fazendo parte disso. Minha mãe costumava me levar para o estúdio com ela. Mas eu não assistia a nada. Ficava no camarim, mas sabia o que ela estava fazendo e era foda. Com o perdão do trocadilho.

Ele sorriu, mas eu não. Só me senti triste. Carson me encarou, estreitando os olhos por um momento. Pensei que ele talvez não fosse continuar, mas logo voltou a falar.

– De qualquer forma, minha mãe sempre teve um problema com drogas, e, quando eu tinha 14 anos, a situação ficou bem ruim. Fui morar com a minha avó em Massachusetts até minha mãe ficar limpa, então voltei para Los Angeles.

– Você é de lá?

– Sim. Da Cidade dos Anjos.

Ele ergueu as sobrancelhas, a expressão distante e pensativa por um segundo antes de continuar:

– Quando completei 18 anos, vários produtores que eu conhecia começaram a me convidar para fazer filmes. Diziam que chamaria muita atenção. O filho de uma das maiores atrizes pornôs agora também atuando. Eu não aceitei na época, não estava interessado. Quando minha avó morreu, me deixou dinheiro. Não muito, mas o bastante para que eu pudesse passar alguns anos viajando pela Europa. Então voltei, trabalhei em vários cargos menores... Não fazia mais nada, só me divertia. Por fim, há seis meses, fui contatado por um daqueles mesmos produtores que agora trabalha para uma empresa que faz filmes um pouco mais “leves”. Pensei... por que não? Qual era a grande diferença entre isso e o que eu fazia nos fins de semana com mulheres que não conhecia?

Eu me encolhi por dentro. Tudo isso parecia tão... *vazio*. Quando olhei para Carson, ele tinha apoiado a cabeça na parede do elevador me examinando.

– Você é virgem, flor?

Eu ri. Estava prestes a responder que não era da conta dele, mas percebi que Carson havia acabado de expor detalhes íntimos da própria vida. Uma resposta malcriada da minha parte agora seria como lhe dar uma bofetada. Na verdade, não era *mesmo* da conta dele. Mas o que Carson acabara de compartilhar comigo também não me dizia respeito e ele tinha falado mesmo assim. Suspirei.

– Não. Já transei com uma pessoa. Um namorado da faculdade. E planejo transar com mais um cara antes de me casar.

– Você planeja transar com mais um antes de... *o quê?*

– Espere um pouco, faz sentido e vou dizer por quê. Ainda preciso terminar a faculdade de direito. Então planejo ser contratada por uma excelente firma de advocacia e trabalhar nela por pelo menos um ano. Planejo me casar depois dos 28, e ninguém quer se casar com uma velha de 28 anos virgem. Os caras iriam se perguntar o que poderia haver de errado comigo. Então me dei conta de que deveria ter relações com dois homens antes de conhecer meu marido. Um para tirar a minha virgindade, e isso já está feito, e outro para me ensinar o bastante para que eu possa ser uma boa esposa na cama.

Sorri, impressionada com a minha argumentação. Carson me encarou por um instante, então caiu na gargalhada.

– Cacete, esse seu plano talvez seja ainda *menos* romântico do que a *minha* história. E isso é uma façanha.

Franzi o cenho.

– Por que não é romântico? Estou deixando tudo pronto para o homem com quem vou passar o resto da vida. Já estou pensando nele e ainda nem nos conhecemos.

– E quanto ao pobre desgraçado que você vai escolher para ser o parceiro número dois? Ele está destinado a ser chutado para escanteio antes mesmo de você conhecê-lo.

– Por favor, né? – falei, com um resmungo zombeteiro. – Como se os homens não gostassem de ter alguns meses de sexo garantido antes de ficarem livres e partirem para a próxima.

– Bem, é verdade... Mesmo assim, o que vai acontecer se você acabar se apaixonando por esse cara? Como ficará o seu plano?

– Me apaixonar por ele? Ora, não. Isso não vai acontecer porque não é *parte* do meu plano. Com certeza vai rolar uma atração, mas...

– Talvez eu seja o candidato perfeito, flor.

Carson ergueu a sobrancelha e me deu um sorriso devastador.

– Você? – Balancei a cabeça. – É impossível, Carson. Em primeiro lugar, nós nem moramos na mesma cidade. E como eu contaria ao meu futuro marido que já fiz sexo com um ator pornô? Sem ofensas, sério. Mas isso...

– Por que você teria que contar isso para ele? Os homens não querem saber detalhes sobre as experiências sexuais passadas de suas mulheres.

– Acho que você está certo. Mas mesmo assim... Espere! Estamos mesmo discutindo isso? De acordo com o meu plano, esse segundo homem ainda está a anos de distância. Não posso correr o risco de esquecer tudo o que ele vai me ensinar antes de eu encontrar o cara. Desculpe. Não é um bom momento. – Sorri para Carson. Sabia que ele estava zombando de mim. Mas era verdade.

– Então você planeja ficar sem sexo por... o quê? Cerca de *quatro* anos? Quantos anos você tem?

– Tenho 23. Então, sim, esse segundo homem surgirá daqui a quatro anos, segundo meu plano.

Inclinei a cabeça e sorri.

– Você vai esperar quatro anos para fazer sexo de novo por causa de um plano idiota?

– Não é um plano idiota! Sempre tive esse plano. Ele me mantém focada.

Franzi o cenho. Agora que havia explicado meu plano em voz alta, ele começava a soar bem menos racional.

– De qualquer forma – continuei –, esse plano vai me ajudar a realizar os meus sonhos.

Carson ergueu a sobrancelha.

– *Seus* sonhos? Tem certeza?

– Agora quem é que está se achando o psicólogo aqui? – Bufei.

Ele me observou.

– Muito bem, é justo. Vamos voltar ao sexo, então. Você está *planejando* passar quatro anos na seca? Não gostou da sua primeira vez?

Senti meu rosto ficar quente e olhei para baixo.

– Claro que gostei. Foi legal.

– *Legal?* Calma aí. Qualquer homem avaliado como “legal” por uma mulher em *qualquer* tópico está encrencado.

Respirei fundo.

– Escute. *Foi* legal, ok? Nada espetacular. Nem terrível. Só legal.

Dei de ombros.

Ele voltou a me observar por um tempo.

– Então ele não fez você gozar, flor?

– Meu Deus, não acredito que estamos discutindo isso. Não, ele não me fez gozar, ok? Até onde sei, *não consigo* gozar quando há outra pessoa além de mim no mesmo cômodo. Por que não me dá o seu e-mail para que eu possa avisá-lo se a situação mudar daqui a quatro anos?

Bati com a cabeça na parede do elevador. O assunto me deixava constrangida, ainda mais levando em conta a pessoa com quem eu estava conversando. Na verdade, eu me senti um tanto exposta de várias formas. E Carson estava me fazendo questionar coisas que eu *nunca* questionava. Como isso podia estar acontecendo? Com essa pessoa? Comecei a rir e balancei a cabeça.

– O que foi? – perguntou ele.

Soltei um gemido.

– Não sei. Toda essa situação é... *engraçada*.

Carson assentiu como se soubesse muito bem o que eu queria dizer.

– Sim, acho que é mesmo *engraçada*. Mas, ainda assim, minha oferta permanece de pé. Poderíamos pelo menos dedicar um fim de semana a isso. Acho que seu futuro marido ficaria feliz *de verdade* se você aceitasse. – Ele piscou.

– Está falando sério, não é? Por quê? O que ganharia com isso?

Ele só ergueu as sobrancelhas e permaneceu em silêncio. Prossegui:

– Quero dizer, já não tem sexo casual o suficiente?

– Escute, considere isso um desafio para mim, ok? Acho que eu poderia lhe oferecer algo que ninguém ofereceu antes, e isso é muito excitante. Entenda, nós dois ganharíamos algo com isso, depois nos despediríamos como Flor e Otário Número Dois.

Abri a boca para responder e fui interrompida pelo toque estridente do interfone. Salva pelo gongo mais uma vez.



Carson

O interfone tocou pela segunda vez e percebi que eu estava prendendo a respiração, esperando pela resposta de Grace. Eu havia mentido sobre o meu motivo para ser o Otário Número Dois. Não em relação a achar que poderia fazê-la gozar. Tinha certeza de que seria bem-sucedido nesse quesito. E isso *era* excitante. A ideia de ver uma expressão de prazer tomar conta do rosto bonito de Grace fez meu pênis pulsar dentro da calça jeans. Porém, a verdadeira razão para que eu esperasse ansioso pela resposta dela

era que eu não quisera nada de verdade havia muito, muito tempo, mais do que eu conseguia lembrar. E queria Grace. Não apenas o corpo dela, mas *ela*. Queria ver sua reação ao meu toque. Queria ouvir mais algumas bobagens engraçadas saírem de sua boca linda. Queria ouvi-la tentar justificar seu plano idiota. *Eu gostava dela*. E eu não gostava de uma mulher desse jeito havia muito tempo. Era uma sensação boa querer alguma coisa. E isso me deixava apavorado.

Eu não poderia ter Grace de verdade, de nenhuma forma, e também não queria isso. Mas um dia ou dois de Grace Hamilton em um quarto de hotel? Sim, isso eu queria. E muito.

Levantei e atendi ao interfone.

– Alô?

– Oi, aqui é Rich, da manutenção. Só queria deixá-los a par do que está acontecendo e me certificar de que estão bem. Já conseguimos a peça pela qual estávamos esperando e agora ela só precisa ser instalada. Não deve demorar mais do que uma hora.

– Ok, cara. Sim, estamos bem. Obrigado por avisar.

Desliguei e me virei para Grace.

– Parece que você vai continuar presa comigo por pelo menos mais uma hora.

– Pelo menos?

– Sim, pelo menos. Pode ser mais se você concordar em passar o fim de semana comigo.

Torci para que ela não percebesse quanto isso era importante para mim. Se Grace me rejeitasse, eu ficaria magoado.

Ela arregalou os olhos e abriu a boca como se fosse responder. Mas então voltou a fechá-la, parecendo confusa. Foi então que meu estômago roncou. Alto.

– Com fome? – indagou Grace com um sorriso.

Antes que eu pudesse falar qualquer coisa, ela enfiou a mão na bolsa, procurando por algo, e pegou uma barrinha de cereal.

– Jantar, senhor? Espere. Acho que tenho alguma coisa aqui para acompanhar a barrinha de cereal.

Grace voltou a procurar na bolsa e, dessa vez, pegou uma garrafa d'água.

Eu me sentei ao lado dela.

– Você é uma deusa. Passe para cá.

Eu acabara de me dar conta de que não almoçara e já estava quase na hora do jantar. Eu estava faminto. Grace me entregou a barrinha de cereal. Abri a embalagem com os dentes, quebrei a barra ao meio e estendi uma metade para ela, que recusou.

– Pode ficar com tudo. Não estou com fome. Além do mais, você é um rapaz em fase de crescimento – disse, piscando para mim.

– Só quando olho para você, gata – respondi e pisquei de volta.

Ela riu e me deu um tapinha no ombro. Comi a barrinha e, quando Grace me estendeu a garrafa d'água depois de ter bebido bastante, dei um grande gole.

– É melhor bebermos toda a água dessa garrafa. Se recebermos um chamado da natureza, essa será a garrafa que teremos que usar.

– Acho que consigo me segurar por uma hora. Fui ao banheiro antes de sair do bar – disse Grace.

– Eu também consigo.

Depois de um instante, falei:

– Muito bem, outro jogo... Este se chama Pensa rápido. Faça uma pergunta e você me responde com a primeira coisa que vier à mente. Depois é a sua vez.

Ela me encarou desconfiada.

– É outro truque que vai terminar em beijo no meio do elevador de novo?

– Meu Deus, espero que sim! – Dei uma risada. – Mas, não, é só uma brincadeira para passar o tempo. Topa?

– Ok.

– Muito bem. Filme favorito?

– *Titanic*.

– Não. Escolha outro.

Grace deu uma risada engasgada.

– Não? Ahn, achei que as respostas tinham que ser *minhas*.

– E têm que ser, mas não posso deixar que escolha um filme tão ruim quanto *Titanic* sem intervir.

Grace virou todo o corpo na minha direção.

– Como assim, *Titanic* é ruim? É uma história de amor épica! É lindo! O que você tem contra *Titanic*?

Suspirei antes de começar a explicar:

– Grace, tem bastante espaço sobrando naquela porta flutuante do fim do filme. Vai me dizer que nunca ficou furiosa por eles terem passado por tudo o que passaram para sobreviver e então não se esforçarem um pouco mais para caberem naquele pedaço de madeira? Um pedaço de madeira que, por sinal, era grande o suficiente para os dois, bastava terem se esforçado mais um pouquinho.

– Espera um pouco, isso é fantástico! – exclamou Grace, caindo na gargalhada. – Na verdade, você não gosta de *Titanic* porque não acha romântico *o bastante*. Que gracinha...

Franzi o cenho.

– Não, não foi isso o que eu disse. O que eu quis dizer foi que gosto de certo realismo nos filmes que vejo. Essa solução foi um artifício porque o roteirista achou que Jack Dawson deveria ir parar no fundo do oceano.

Ela voltou a cair na risada.

– Já acabou? – perguntei.

– Sim – disse Grace, tentando, sem sucesso, tirar o sorriso afetado do rosto. – Próxima pergunta.

– Cor favorita?

– O azul de um ovo de pintarroxo.

Esfreguei o rosto, olhei para o lado e tornei a encará-la.

– Vou deixar essa passar. Estação do ano favorita?

– Outono.

– Sobremesa favorita?

– *Crème brûlée*.

– Posição sexual favorita?

Grace ficou em silêncio por um instante e seu rosto ficou muito vermelho.

– Ahn... Papai e mamãe?

Encarei-a por um tempo antes de falar:

– Quer dizer então que, além de não ter feito você gozar, seu namorado de faculdade também não tentou nenhuma outra posição? Com que tipo de idiota você se meteu?

– Pare com isso! Ele era um cara legal. Muito, bem, doce e... ahn... respeitador.

Bufei.

– Posso apostar que sim. Nossa, você está me deixando deprimido. Sua vez.

– Você é muito babaca mesmo. – Mas ela disse isso com um sorrisinho no rosto. – Filme favorito?

– *Clube da luta*.

– Nunca vi.

– Nunca viu *Clube da luta*? Isso é um crime.

Grace riu baixinho antes de continuar:

– Cor favorita?

– Azul.

– Que tom de azul?

– Só a porcaria do azul.

– Isso não é um tom.

– É, sim.

– Ok. Estação do ano favorita?

– Outono.

– Então *temos* algo em comum! É um milagre!

– Quem poderia imaginar, não é mesmo? – falei.

– Eu não poderia. Sobremesa favorita?

– Bananas Foster... É uma sobremesa que a minha avó costumava fazer para mim.

Grace sorriu e olhou para a frente.

– Ora, até que foi divertido.

– Espere aí! Você não fez a última pergunta.

– Não, não fiz. Não quero saber. De verdade. Tenho certeza de que é algo de que nunca ouvi falar.

Pode guardar a resposta para você.

– Covarde.

Ela sorriu para mim e, por um instante, fiquei zozó com a beleza de seu sorriso. Adorava os dentes dela. Adorava tudo relacionado à boca de Grace. Queria saboreá-la de novo. Estiquei as pernas. De repente minha calça pareceu um pouco apertada demais.

Ficamos em silêncio por um tempo. Eu pensava em como as coisas pareciam ter mudado entre nós. Agora, havia quase uma sensação de... conforto pairando no ar, enquanto permanecíamos sentados ali, ouvindo a música serena do elevador e bebendo água. Também lembrei que contara a ela detalhes sobre a minha vida que nunca tinha compartilhado com ninguém. Algumas pessoas sabiam porque haviam feito parte da história. Mas eu nunca me dispusera a falar sobre a minha infância e adolescência com ninguém que já não soubesse a respeito por algum motivo. A verdade era que nenhuma outra mulher me perguntara sobre isso. E talvez a razão para eu nunca ter falado fosse simples assim. Não conseguia me lembrar de uma mulher que quisesse ficar perto de mim por causa da minha fantástica habilidade para o diálogo. Talvez eu não tivesse esse talento. Mas talvez ninguém tivesse se interessado antes em saber se isso era verdade ou não.

Estávamos sentados lado a lado, confortáveis e à vontade, mas as coisas com certeza não haviam começado daquela forma.

– Por que teve um ataque de pânico assim que percebeu que estávamos presos no elevador, Grace? – sussurrei, olhando para ela.

Os olhos de Grace logo encontraram os meus. Ela tomou outro gole de água, tentando ganhar tempo para decidir se iria me responder. Após alguns instantes, falou também em voz baixa:

– Meu irmão foi diagnosticado com a doença que o matou quando tinha 8 anos. Eu era um ano mais velha. Meu irmão lutou durante dois anos, mas, quando os médicos enfim disseram aos meus pais que o estado dele era terminal, minha mãe perdeu o rumo e meu pai assumiu o fardo de planejar o funeral sem ela. Minha mãe não teve condições emocionais de lidar com o assunto.

Grace fez uma longa pausa e me perguntei se continuaria a falar, mas, por fim, ela seguiu em frente.

– Meu pai teve que nos levar à funerária algumas vezes porque minha mãe não era capaz sequer de tomar conta de nós. Uma vez, eu e minhas irmãs ficamos andando pela funerária enquanto meu pai conversava com o diretor do lugar, e, não sei por quê, acabei entrando em um dos caixões enquanto minhas irmãs olhavam para outra coisa. Fechei a tampa, ela travou e eu não consegui sair. Entrei em pânico e comecei a hiperventilar. Não parava de pensar que havia alguma coisa encostando na minha perna... um espírito maligno ou um zumbi.

Ela deu uma risadinha e balançou a cabeça. Mas logo voltou a ficar séria.

– Mas o lugar era tão quieto que tive medo de gritar para alguém abrir a tampa. Não queria deixar o meu pai constrangido. Ele mal conseguia dar conta da situação sem isso... Por isso, fiquei presa até que alguém me procurasse e abrisse a tampa por conta própria.

– Meu Deus, Grace. Deve ter sido aterrorizante – falei baixinho.

Ela olhou para mim.

– Na verdade, não pensava nisso havia anos. Mas acho que a ideia de estar presa em um espaço pequeno acabou causando a mesma sensação.

– Faz sentido.

Observei o rosto belo e sério dela por um momento, então sorri e falei:

– Além do mais, dessa vez você teve o horror adicional de saber que estava presa com um ser maligno e demoníaco.

Arregalei os olhos e fiz minha melhor careta de psicopata louco.

Grace caiu na gargalhada e eu sorri, feliz por ver o sofrimento se apagar de sua expressão.

Depois de um tempo, ela ergueu as sobrancelhas.

– Acho que você acabou de me arrancar outro segredo sem ter que arremessar a moeda na tampinha.

– É verdade. – Sorri. – Ok, vamos ser justos, então. Você também tem direito a uma pergunta extra.

– Por que me chama de flor? – indagou ela.

Eu virei a cabeça e, quando Grace também se virou para olhar para mim, nossos rostos ficaram a apenas alguns centímetros de distância.

Dei de ombros, olhando dentro dos olhos dela. Já havia lhe contado muitas coisas, mas, por alguma razão, senti que agora precisava recuar.

– Talvez seja por causa do seu cabelo – respondi, olhando para os fios louros. – Você poderia soltá-lo para eu ver?

– Meu cabelo? – sussurrou ela, confusa. – Quer que eu solte o meu cabelo para você?

– Sim.

Grace hesitou, mas logo levou a mão à nuca e, antes que eu me desse conta, uma cascata de raios de sol sedosos se esparramava sobre os ombros dela.

– Minha nossa, flor. Você parece um anjo.

Segurei um cacho entre os dedos. Eram tão macios quanto pareciam.

Ela sorriu.

– Eu...

Grace se interrompeu quando me inclinei em sua direção. Seus olhos se arregalaram, mas ela não se afastou. Quando nossos lábios estavam prestes a se tocar, o elevador deu um solavanco e voltou a funcionar. Nós nos afastamos um do outro e Grace deixou escapar um arquejo de surpresa. O elevador fora consertado. Iríamos ficar livres do confinamento. A única coisa que eu senti foi uma enorme frustração.

capítulo 4

Grace

O solavanco do elevador me trouxe de volta à realidade e percebi que estávamos prestes a sair dali.

– Ai, graças a Deus! – falei, me levantando.

Peguei a bolsa e me posicionei diante das portas, pronta para sair no instante em que elas se abrissem.

Eu me virei para olhar para Carson e ele ainda estava sentado no chão, imóvel, me encarando com a testa franzida.

– Ei, já não ficou o suficiente aqui? Quer continuar dentro do elevador? – perguntei.

Carson suspirou e começou a se levantar bem na hora em que as portas se abriram. Passei por elas e respirei fundo.

– Ah... ar fresco! – exclamei.

Um homem de terno azul-escuro veio imediatamente na minha direção.

– A senhora está bem? Queremos nos desculpar pela inconveniência que o mau funcionamento do nosso elevador lhe causou. Se puder vir comigo até a recepção, gostaria de oferecer suas diárias do fim de semana como cortesia.

– Ah, ok. Diárias de cortesia? Está bem.. – falei, enquanto ele me segurava pelo cotovelo e nos afastávamos.

Olhei para trás e outro homem de terno conversava com Carson, provavelmente pedindo desculpas também e oferecendo a mesma cortesia. Eu já vira aquele homem na recepção.

O funcionário que estava comigo, Sr. Savard, me conduziu até o balcão de check in e levou apenas alguns minutos para encontrar o meu cadastro e registrar o abatimento. Ele também me entregou um vale para o Picasso, o restaurante do hotel, e voltou a se desculpar com profusão. Assegurei ao homem que nós estávamos bem e que não fora assim tão ruim. Nós. Mas onde estava a outra parte do nós? Parei e olhei ao redor. Carson não estava em lugar nenhum próximo à recepção. Examinei o saguão e também não o vi. Ele havia recusado cortesia? Se fosse o caso, por que fora embora sem nem se despedir de mim? Meu coração acelerou. Carson tinha me pedido para passar o fim de semana com ele e eu não respondi. Não soube o que dizer. Foi uma proposta muito louca.

Mas eu acabara, *sim*, gostando dele, por mais inacreditável que pudesse parecer. Levaria isso comigo e consideraria as últimas duas horas uma boa lição de como não devemos julgar as pessoas antes de conhecê-las. Balancei a cabeça e voltei aos elevadores.

Mordi a unha quando o elevador começou a subir. Quando as portas se abriram, saí bem rápido e soltei o ar com força.

Entrei no quarto, me joguei na cama e fiquei olhando para o teto. Seria uma insanidade sequer *cogitar* passar o fim de semana com Carson, certo? Era algo tão distante da minha vida organizada e comportada que a mera *ideia* era absurda... *não era*? Fiquei deitada devaneando, discutindo comigo mesma. Eu *estava* considerando a possibilidade de passar um fim de semana com Carson? Queria isso? Pensei a respeito por alguns minutos, me lembrando do sorriso devastador dele. Ok, sim, eu queria fazer isso. Pronto, assumira. Gostava de Carson, e isso eu já havia admitido. *Gostava de Carson Stinger, ator heterossexual*. Seria loucura. Insanidade. Estupidez. O fato de eu querer algo não significava que eu deveria fazê-lo. Continuei deitada, o cenho franzido. Mas seria apenas um fim de semana. Quantas outras garotas de 23 anos não conhecem um cara gato, passam um ótimo fim de semana com ele e seguem com a vida? O fato de Carson trabalhar com pornografia tornava tudo ainda mais perfeito – afinal, não poderíamos ir além de um fim de semana em Vegas. Ele sabia disso e eu também. Talvez Carson estivesse certo... talvez essa ideia *estivesse* dentro da esfera do meu “plano”. Por que ele não poderia ser o Cara Número Dois? Eu não podia ser louca e ousada pelo menos uma vez na vida? *Só uma vez*?

Enquanto continuava deitada na cama, debatendo comigo mesma, imaginei os proverbiais anjo e demônio sussurrando, cada um em um ouvido. Como isso aconteceu? Eu *nunca* tinha cedido a qualquer tentação e agora estava muito inclinada a passar dois dias com Carson Stinger em um quarto de hotel em Las Vegas para que ele me ensinasse *coisas*. Levei uma das mãos à boca e abafei uma risada. Passei duas horas com ele em um elevador e já não me reconhecia mais. Por que essa ideia não me deixava apavorada? Sentei. Por que, em vez de estar apavorada, sentia uma eletricidade percorrer todos os nervos do meu corpo?

Então outro pensamento me ocorreu. Talvez Carson tivesse mudado de ideia. Talvez por isso ele tenha desaparecido tão rápido. Suspirei e voltei a cair na cama. Talvez esse meu debate interno fosse irrelevante de qualquer forma. Eu não sabia o número do quarto de Carson e tinha certeza de que não me dariam essa informação na recepção. Soltei um longo suspiro. Mas talvez eu pudesse tentar. E, se não conseguisse encontrá-lo, teria apenas que me resignar a um longo fim de semana de palestras de advogados se estendendo à minha frente, assim como eu havia planejado.



Carson

Fechei a porta do quarto, me joguei na cama e fiquei deitado de barriga pra cima, passando as mãos pelo rosto. Merda. Doeu ver Grace se afastar. Mas ela nunca dissera que ficaria comigo, e considerando a empolgação que sentira ao sair do elevador... Sabia que sua resposta seria não. Grace nem se virou para se despedir. Eu não tornaria a situação mais desconfortável nem iria implorar. Eram as mulheres que imploravam por mim, não o contrário. Fim de papo.

Mesmo assim, pensei que havíamos criado um vínculo que eu nunca tivera com outra mulher. Ainda mais com mulheres que eu achava atraentes. Minha nossa, como eu era idiota... *Você pensou isso, Carson. Ela não*. E, dessa vez, ela nem quisera aproveitar meus melhores talentos. Nem mesmo isso.

Mas muitas outras queriam. Não ia ficar deitado ali como uma garotinha apaixonada e passar a noite

escrevendo no diário com caneta rosa e brilhante.

Fiquei deitado por mais um tempo, então me levantei, me despi e fui até o chuveiro. Quando estava saindo do banho, pensei ter ouvido uma batida de leve na porta. Fiquei imóvel e tentei escutar com atenção, mas não ouvi mais nada. Eu me enxuguei, enrolei a toalha ao redor dos quadris e, quando ia escolher uma roupa, percebi um movimento do lado de fora do quarto. Fui até a porta e a abri de supetão. Grace Hamilton tinha acabado de dar as costas para ir embora. Ela se virou de volta e deu um gritinho quando a porta bateu contra a parede. Não consegui disfarçar o enorme sorriso que se abriu em meu rosto. Mas logo voltei a ficar sério e apoiei o quadril, ainda enrolado na toalha, no batente da porta, cruzei os braços e arqueei a sobancelha. Ela precisava me dizer que iria aceitar a proposta.

Grace respirou fundo e percebi que estava em conflito. Continuei quieto. Por fim, depois do que pareceu uma eternidade, ela exalou com força.

– A pergunta era se eu passaria o fim de semana com você.

Não reagi, apenas continuei a encará-la. Grace mordeu o lábio, parecendo insegura.

– Sim – disse ela depois de um tempo –, minha resposta é sim.

Sorri, sentindo algo dentro de mim se encher de prazer.

– Isso era tudo que eu precisava ouvir, flor – falei, segurando a porta aberta para deixá-la passar.



Grace

Meu coração se acalmou quando Carson segurou a porta e gesticulou para que eu entrasse no quarto que parecia ser igual ao meu. Eu estava tremendo no momento em que batera na porta, mas, quando Carson não a atendeu, a decepção que me atingiu foi maior que o meu nervosismo. Eu tinha me virado e estava procurando um pedaço de papel e uma caneta na bolsa, ainda sem ter ideia do que iria escrever, quando ele abriu a porta e ficou parado, usando apenas uma toalha amarrada em volta dos quadris. Eu precisei engolir em seco para não começar a babar no meio do corredor. Ele era esguio, com músculos definidos e a pele macia e dourada. Carson permaneceu parado, parecendo bastante à vontade. E por que não se sentiria? Ele estava acostumado a se despir diante dos outros. Mas afastei a ideia e falei por que fora até lá. A expressão de felicidade que tomou conta do rosto de Carson me fez relaxar um pouco.

Entre no quarto e me sentei na cama, tornando a ficar nervosa quando me dei conta do que estava fazendo. Olhei ao redor e percebi que minhas pernas tremiam. Cruzei-as e olhei para Carson, sem saber direito o que fazer. Qual seria o protocolo em um momento como esse? Carson me observava com uma expressão divertida no rosto.

– Vou me vestir. Já volto.

– Ok – falei, confusa.

A ideia não seria *tirar* a roupa? Minha nossa, eu estava me sentindo uma prostituta. Voltei a engolir em seco e considerei a possibilidade de fugir. *Que diabos eu estava fazendo? Não devo ter pensado direito sobre isso.* No meu quarto a ideia parecera decente, mas agora a realidade de estar aqui me deixava nervosa e agitada.

Carson saiu de repente do banheiro, usando uma calça jeans desbotada e uma camisa do Boston Red Sox.

– É o time de beisebol da sua avó? – perguntei, apontando para a camiseta.

Ele olhou para a camiseta e me encarou, surpreso.

– Sim. Você se lembrou.

– Você me contou que a sua avó era de Massachusetts há apenas uma hora, Carson – declarei, erguendo a sobrancelha.

Ele deu uma risadinha, mas pareceu pensativo enquanto calçava as meias.

– É verdade.

Ficamos em silêncio enquanto Carson calçava o sapato.

– A propósito, como conseguiu o número do meu quarto? – perguntou ele.

Ri baixinho.

– Voltei à recepção e contei ao Sr. Savard uma suposta história romântica que aconteceu no elevador. Disse a ele que tinha me perdido de você na confusão da saída e que precisava dizer que não conseguiria viver sem você. Acabei descobrindo que o Sr. Savard é um romântico e que estava disposto a fazer vista grossa para algumas regras. – Sorri.

– Terei uma dívida eterna com ele – disse Carson, levantando-se. – Pronta? – perguntou, estendendo a mão para mim.

– Aonde vamos?

– Até o seu quarto, para você trocar de roupa e depois sairmos para jantar.

– Ah... ok.

– Você está com fome, certo?

Pensei a respeito. *Não, na verdade estou com vontade de vomitar.*

– Sim, estou faminta.

– Ok, então vamos.

Peguei a mão que Carson me oferecia, me levantei e o segui para fora do quarto.

Entramos no elevador e, quando ele começou a descer, nós nos entreolhamos e sorrimos.

– Seria como ser atingido duas vezes pelo mesmo raio, não é? – perguntei, um pouco nervosa.

– Com certeza.

Seguimos pelo corredor e, quando chegamos ao meu quarto e eu peguei o cartão-chave, Carson ficou bem atrás de mim, as mãos espalmadas contra a porta, uma de cada lado da minha cabeça. Fiquei imóvel, o cartão ainda a centímetros da fenda. O ar passava com dificuldade pela garganta enquanto eu sentia o perfume dele me envolver – um cheiro que misturava sabonete e Carson, um aroma delicioso e impossível de identificar que outra vez me fazia ter vontade de me roçar contra ele como uma gata no cio. Fechei os olhos e senti o hálito dele. Carson roçou o nariz e os lábios contra a minha orelha por um segundo antes de sussurrar:

– Estou feliz por você ter aceitado.

Minha nossa, eu estava tão excitada que chegava a tremer. Sentia latejar o ponto bem no meio das minhas pernas. Assenti de forma tola e enfiei o cartão na fenda da porta com dificuldade. Precisava de um banho gelado para poder me controlar durante o jantar. Nunca havia sentido esse nível de desejo

antes, e não sabia se gostava disso ou não. Estava me sentindo fora de controle, confusa, desesperada. Era uma sensação assustadora, desconhecida. Não sabia o que fazer com ela.

Peguei a roupa que ia usar, olhei para Carson e fui para o banheiro. Ele parecia tranquilo e equilibrado. Tinha se jogado na cama e estava zapeando os canais da TV. Enquanto isso, parecia que eu ia irromper em chamas por causa de alguns sussurros. Quando eu já estava prestes a fechar a porta, me virei e voltei. Carson olhou para mim, sem entender. Pigarreei, a mente em disparada. Deveria desistir de tudo agora? Abri a boca e logo tornei a fechá-la.

– Volto daqui a alguns minutos – falei por fim.

Ele pareceu achar engraçado.

– Demore quanto quiser.

Assenti e fechei a porta do banheiro. Já eram oito e meia da noite e estávamos com fome, por isso tomei uma ducha rápida e comecei a secar o cabelo. Lembrei que Carson havia pedido que eu o soltasse no elevador, e, em vez de prendê-lo no alto, como costumava fazer, passei mousse e sequei-o um pouco. As mechas caíram pelas minhas costas em ondas longas. Meu cabelo já estaria seco quando chegássemos ao restaurante.

Passei um pouco de maquiagem e borrifei perfume. Tomando o traje de Carson como parâmetro, tinha pegado um short cinza-escuro e uma blusa preta, solta, em estilo túnica. Era casual, mas achei que parecia elegante para um encontro. Parei de súbito. Isso era um encontro? Ou era apenas um jantar pré-sexo entre dois quase estranhos? Meus hormônios pareciam ter se acalmado sob o jato frio do chuveiro, mas agora voltei a ficar nervosa. Talvez eu precisasse apenas parar de tentar definir as coisas e ver no que ia dar. *Mas eu era péssima nisso...* Ansiava por estrutura, definições e controle. E ali estava eu, jogando tudo ao vento. Por sexo. Com um ator pornô. Coloquei as mãos sobre a boca para abafar uma risadinha histérica e encontrei meus olhos azuis arregalados no espelho à minha frente. Como eu me sentiria depois que tudo tivesse acabado? Seria mesmo capaz de ver esse fim de semana com distanciamento, como uma travessura, e deixá-lo para trás com facilidade? Quero dizer, na teoria, esse era o meu plano. Mas não era nem de longe como eu achava que as coisas iriam acontecer. Será que eu conseguiria? Havia tomado a decisão rápido demais. Precisava de tempo para fazer uma lista de prós e contras. Precisava de alguns minutos para...

Ouvi uma batida na porta do banheiro.

– Está debatendo consigo mesma aí dentro, flor? – perguntou Carson, o sorriso na voz.

Abri a porta e encontrei o belo rosto de Carson me encarando. Ele estava sorrindo e, antes que eu me desse conta, já pegara meu rosto entre as mãos e me beijava de um modo que me fez esquecer todas as minhas preocupações. Era o que eu precisava. Era para isso que eu estava ali, certo? Talvez tivesse apenas que ser lembrada disso. Não era para ser complicado. Relaxei um pouco.

Carson se afastou e arqueou a sobrancelha. Dei uma risadinha e fiz que não com a cabeça, lembrando que ele me fizera uma pergunta.

– Não, vamos.

capítulo 5

Carson

Peguei a mão de Grace e estávamos prestes a sair do hotel. Ela me olhou surpresa, mas não se afastou. Encontrei certa dificuldade em manter os olhos longe das pernas dela naquele short e de salto alto. Na minha opinião, o corpo de Grace era excepcional, mas aquelas pernas... Nossa, nunca me imaginara um tarado por pernas até conhecer Grace.

Olhei rápido para o rosto dela, e Grace ainda parecia tensa. Percebi que eu também estava um pouco nervoso, mas era pela expectativa, não por preocupação. Grace parecia preocupada. Ela ainda considerava o nosso trato. Percebi que era isso que ela estava fazendo no banheiro, pois todos os sons haviam parado e apenas o silêncio reinava do outro lado da porta. Podia vê-la em minha mente, parada lá dentro, tentando se convencer a desistir do fim de semana, e senti o medo descer pela minha espinha. Eu estava onde queria estar com Grace... e não iria deixá-la fugir. Ainda.

Grace desacelerou um pouco o passo e olhou ao redor, a expressão tensa.

– Carson, eu...

Mas não deixei que terminasse de falar. Sabia que ela estava tentando recuar.

Puxei-a pela mão e levei-a até uma parede do saguão, em vez de na direção das portas, que era para onde nos dirigíamos.

– Venha aqui um instante – falei, parando e virando-a para que me encarasse.

Grace olhou para mim cheia de expectativa, esperando que eu explicasse o que estava fazendo. Segurei as mãos dela e disse:

– Grace, isso também é diferente para mim. – Olhei bem no fundo dos seus olhos, torcendo para que ela entendesse o que eu dizia. – Você ainda está questionando a decisão que tomou, e não quero que faça isso. Se quiser desistir, não vou impedi-la. Mas torço de verdade para que continue comigo e também para que se permita aproveitar nosso tempo juntos. Porque a verdade é que, para mim, duas horas não foram suficientes nem de longe. Diga que também não foram para você.

Ela observou meu rosto por um longo tempo e, ao que pareceu, viu algo que a tranquilizou, porque apertou as minhas mãos e, por fim, sorriu.

– Nem de longe foram suficientes – confirmou ela, baixinho.

Soltei a respiração que estava prendendo e sorri.

– Muito bem, ótimo. Podemos nos concentrar nisso, então?

Grace assentiu, ainda me encarando.

– É só que... as coisas parecem mudar rápido demais entre nós. Eu o odiava e agora vou passar o fim

de semana com você. – Ela deu uma risadinha. – Estou tendo dificuldade em acompanhar o que está acontecendo dentro de mim.

Eu sabia o que ela queria dizer. Sentia o mesmo. Mas não me importava. Não tinha necessidade de ajustar nenhum “plano”. Estava seguindo os meus instintos, como sempre fizera. O encontro com Grace fora inesperado, mas estava longe de ser desagradável. Eu vivia o momento, pronto para mergulhar em algo que desejava muito. De repente me dei conta de que Grace também queria fazer isso. Ela só não sabia como. Eu poderia lhe ensinar umas coisinhas sobre o prazer, como eu dissera. Minha autoconfiança nessa área era bem grande. Mas, nesse momento, percebi que também poderia ensinar a Grace um pouco sobre como aproveitar a vida de forma espontânea, sobre quebrar as regras de vez em quando.

– Sim, a vida pode mudar em um piscar de olhos. – Sorri. – É uma loucura, não é? – Eu me inclinei e sussurrei bem perto do ouvido dela: – Abra mão do controle, gata. Só por um fim de semana. Deixe eu assumir. Vou tomar conta de você muito bem, prometo.

Ela estremeceu e vi que seus ombros relaxaram. Beijeii sua testa e olhei para baixo, a fim de encará-la. Grace assentiu, a expressão calma agora.

– Obrigado. Agora o homem precisa de comida para ter energia para arrastar a mulher pelos cabelos – falei.

Grace deu uma gargalhada.

– Ora, então a única alternativa é alimentar o homem.

Peguei a mão dela de novo e saímos pela porta da frente do hotel. Dessa vez, nós dois sorriamos.



Grace

Carson me conduziu porta afora, na direção da Strip, o trecho da principal avenida de Las Vegas com os maiores hotéis e cassinos. Eu me sentia relaxada agora – de alguma forma ele percebera que eu estava tensa e dissera o que eu precisava ouvir para fazer as engrenagens do meu cérebro pararem de funcionar de forma enlouquecida. Não sei bem como Carson havia reparado, mas eu estava feliz. Queria estar com ele, queria ser capaz de aproveitar o momento. E não soubera como “me deixar levar” até Carson me pedir para ceder o controle a ele. Era disto que eu precisava, de alguém que se oferecesse para tirar o controle das minhas mãos por um tempo. Eu nunca renunciara ao controle antes. Agora que parava para pensar, me dava conta de que toda a minha vida fora baseada em controle. Nunca tentara viver de outra maneira. Então por que estava disposta a entregar esse controle nas mãos de um estranho por dois dias? Não sabia muito bem. Apenas me dispusera a fazer isso e me sentia determinada a seguir em frente.

Sorri para Carson. Ele olhou para mim.

– O que foi?

– Nada. Quanto você mede?

– Tenho 1,85 metro. E você, baixinha?

– Tenho 1,60. E, falando em informações pessoais, não perguntei a sua idade. Vou corromper um garoto mais novo?

Carson parecia ter a minha idade, mas às vezes as aparências enganavam.

– Também tenho 23 anos.

– Você é de que mês?

– Novembro.

– Ah, sou de setembro. Então estou mesmo corrompendo um garotinho. Sou dois meses mais velha.

Ele riu e respondeu:

– Ótimo. Gosto de mulheres mais velhas.

– Ha, ha.

Olhei ao redor enquanto entramos na Strip, de mãos dadas. Girei a cabeça para olhar por toda parte.

– É incrível – sussurrei. – As luzes... – Olhei para cima a fim de ver os nomes dos hotéis ao nosso redor e espiei dentro dos cassinos conforme passávamos por eles.

– Primeira vez em Vegas? – perguntou Carson.

– Sim.

– Na volta, podemos parar nas fontes. Os shows acontecem a cada quinze minutos, mais ou menos.

Acho que você vai gostar.

– Está bem.

Caminhamos em silêncio por um tempo, enquanto eu me encantava com o que via e ouvia ao meu redor. Não pude deixar de notar que todas as mulheres olhavam fixamente para Carson quando passávamos por elas. Segurei a mão dele com mais força quando atravessamos a rua na direção contrária de um grande grupo de pessoas.

– Aonde está me levando afinal?

– Não vou dizer porque não quero que faça julgamentos antes de chegar lá e experimentar. Achei que merecíamos uma recompensa gordurosa depois da aflição por que passamos hoje.

Ele parou de andar.

– Espere... Você come carne, né? Não é vegetariana, é?

– Não, não sou vegetariana. Mas agora estou assustada.

De repente me dei conta de que estava faminta, então não seria muito seletiva.

Carson riu e voltou a caminhar.

– Não fique. Você vai adorar. Achei que podemos fazer algo um pouco mais sofisticado amanhã à noite.

– O hotel me deu um vale para o Picasso! Podemos ir lá.

– É um bom plano – concordou Carson.

– Ótimo. Você sabe como eu gosto de um bom plano. – Pisquei para ele.

– Ah, sei – retrucou Carson.

Ele soltou a minha mão, passou o braço ao redor dos meus ombros e me puxou para si, enquanto continuávamos a caminhar. Provocou uma sensação boa.

– Ei, por falar em vales, eles também lhe ofereceram diárias de cortesia?

– Sim, mas achei que você tinha me dispensado quando praticamente fugiu do elevador e preferi ir para o meu quarto para não tornar as coisas constrangedoras na recepção.

Franzi o cenho.

– Eu achei que o veria lá. Não estava tentando dispensar você.

– É, percebi isso quando você apareceu no meu quarto, implorando que eu a aceitasse pelo fim de semana.

Dei uma cotovelada nele.

– Cuidado, Stinger. Ainda posso mudar de ideia.

Ele riu e me apertou de brincadeira contra o corpo quando me virou na direção de um restaurante chamado Pink's.

– Cachorro-quente? – perguntei.

– Isso mesmo. O cachorro-quente mais famoso do mundo. Você vai suspirar quando comer. Prometo.

– Tenho a impressão de que você já me prometeu isso antes. Só não me dei conta de que se referia a um cachorro-quente.

Os olhos dele se aqueceram.

– Prometo fazê-la suspirar por vários motivos, flor. Essa é apenas a primeira parada do itinerário.

Bufei de brincadeira.

– Vamos ver...

Eu estava me divertindo provocando Carson. Mas a conversa sobre suspirar também me deixou nervosa e fez com que eu me lembrasse do suposto propósito do nosso fim de semana. Carson já fora um pouco além do combinado me levando para jantar antes e me acalmando com a conversa no saguão do Bellagio. *Vai em frente, Grace. Respira fundo.*

A recepcionista nos acomodou e, em poucos minutos, já havíamos pedido uma cerveja e um cachorro-quente para cada um. O cachorro-quente de Carson viria com uma incrível combinação de bacon, linguiça e queijo, com anéis de cebola para acompanhar. Eu pedi o meu com chili e queijo. Nunca comera nada parecido e fiquei surpresa ao perceber como parecia ser gostoso.

Enquanto a garçonete anotava os nossos pedidos, percebi que ela tentava fixar o olhar de Carson. Ele a ignorou de forma educada e sorriu para mim depois de fazer o pedido.

As cervejas foram colocadas à nossa frente poucos minutos depois e Carson levantou a garrafa para propor um brinde.

– Aos elevadores com defeito – disse, sorrindo.

Eu ri e encostei a minha garrafa na dele. Não conseguia acreditar que estava brindando a esse tipo de coisa. Se alguém me contasse isso algumas horas antes, eu teria achado que a pessoa estava louca.

– Aos elevadores com defeito – repeti.

Deus, espero ainda estar me sentindo grata aos elevadores com defeito quando esse fim de semana terminar. Tomei um longo gole da cerveja.

A garçonete trouxe nossos cachorros-quentes e fiquei fazendo caretas para Carson, que ria de mim por tentar, sem sucesso, comer o meu de modo elegante. Acabei desistindo e caí de boca no cachorro-quente, como ele estava fazendo.

Os olhos de Carson dançavam, com uma expressão divertida, quando disse, antes de dar outra grande mordida:

– Se você não estiver toda melecada quando terminar, gata, é porque terá feito tudo errado.

Estreitei os olhos.

– Nossa... Você fica cada vez pior, não é mesmo?

Mas não consegui evitar um sorriso. Eu o acusara de se esconder atrás das insinuações sexuais, mas o

que acontecia agora era diferente. Nas primeiras vezes, Carson usara a malícia *contra* mim. Primeiro, para fazer com que eu me sentisse desconfortável e, depois, para me deixar furiosa pela minha reação a ele. Carson sabia o poder que detinha. E eu desconfiava de que ele usava isso de um modo bom e ruim. Mas Carson não estava tentando nada agora... ou pelo menos parecia que não. Apenas tentava me fazer rir, me ajudando a baixar a guarda. E eu tinha que admitir que estava funcionando.

Eu também precisava admitir que esse cachorro-quente devia ser a coisa mais deliciosa que eu já comera.

Carson usou o guardanapo para limpar um pouco de chili no canto da minha boca e seus olhos se demoraram nos meus lábios. Senti de novo o ponto bem no meio das minhas pernas começar a latejar.

– Pronta para voltar? – perguntou ele, os olhos quentes presos aos meus.

Apenas assenti.

Ele pagou a conta e voltamos pela Strip de mãos dadas. Só que, dessa vez, não caminhávamos tão sem pressa como acontecera a caminho do jantar.

Atravessamos a rua e voltamos em silêncio até as fontes do Bellagio. Meu coração agora estava disparado. Sabia aonde estava indo e, por mais que nesse momento eu quisesse muito, o que iria acontecer a seguir mudaria tudo.

Já havia um pequeno grupo de pessoas esperando diante da água parada. Carson me guiou até um parapeito de pedra, na frente, e fiquei parada em silêncio, esperando que as fontes fossem ligadas. Ele passou os braços ao redor da minha cintura e me abraçou. Apoiei a cabeça contra ele e aproveitei a sensação do corpo grande envolvendo o meu.

Depois de alguns minutos, uma música começou a tocar e a água jorrou em direção ao céu. Prendi a respiração quando me dei conta de que a água estava “dançando” ao som da música!

– Meu Deus! – Deixei o ar escapar com força. – É impressionante!

Senti Carson rir atrás de mim.

– Bonito, não é?

– É incrível. Como eles fazem isso? – Eu não conseguia desviar o olhar.

– Na verdade, não sei. Eles tocam todos os tipos de música.

– Uau. – De repente me dei conta de qual música era e ri. – Escute o que está tocando.

Eu me virei para encarar Carson e sorri enquanto “My Heart Will Go On”, tema do filme *Titanic*, saía pelos alto-falantes. Ele se inclinou para mim e disse em uma voz zombeteira:

– Jack, Jack, não solte... Bem, quer dizer, a menos que eu tente *uma única vez* puxar você para cima dessa tábua onde cabem duas pessoas e não consiga. Então vá com Deus, picolé humano. Foi bom enquanto durou.

Eu ri.

– Você de fato lembra amargamente dessa cena, não é? Deveria se libertar disso. Há profissionais que poderiam ajudá-lo...

– É uma boa ideia. – Ele franziu o cenho, mas logo sorriu e me puxou com mais força contra o corpo.

Observamos o show em silêncio por alguns minutos e, quando pousei as mãos sobre as dele, na frente do meu corpo, Carson abaixou o rosto e encostou o nariz nos meus cabelos, seu perfume me intoxicando de novo. Inclinei a cabeça para trás, contra o ombro dele, para facilitar seu acesso. Carson aceitou a oferta e beijou a pele sensível do meu pescoço, o hálito quente fazendo cócegas na minha orelha. O

latejar, agora já familiar, estava começando de novo e eu queria que Carson me beijasse mais uma vez. Queria ele por inteiro.

– Vamos continuar isso lá dentro, flor – sussurrou Carson, a voz parecendo tensa.

– Por que você me chama assim? – perguntei em voz baixa.

– Hummm... talvez seja porque você é cheirosa como uma flor – respondeu ele com um sorriso.

Eu não disse nada, apenas retribuí o sorriso e dei a mão a Carson. Caminhamos de volta para o hotel enquanto ele ainda estampava no rosto seu sorriso de parar o trânsito.

capítulo 6

Carson

Peguei Grace pela mão e a levei o mais rápido possível para o hotel. Enquanto atravessávamos o saguão, ela precisou acelerar o passo para que as pernas mais curtas conseguissem me acompanhar. Sabia que não era muito gentil da minha parte, mas eu estava desesperado. Acho que não me sentia assim desde... Bem, nunca me sentira assim. Depois de ficar parado diante das fontes observando os olhos dela brilharem de empolgação com a exibição das águas e então segurá-la nos braços, saboreando a sensação do corpo e do cheiro dela, meu sangue pulsava de desejo. E não era apenas desejo de um modo geral, era um desejo por *ela*, um desejo que abria caminho à força pelo meu corpo, exigindo ser satisfeito. Eu mal conhecia essa mulher e, no entanto, parecia que tudo relacionado a Grace Hamilton mexia comigo, como uma dose forte de uísque, fazendo meu cérebro girar. Ela me afetava de todas as formas que uma mulher conseguia afetar um homem.

Mas eu havia prometido que tomaria conta dela, que assumiria o controle. Precisava me acalmar se queria deixá-la à vontade e fazê-la se sentir segura a ponto de se entregar plenamente a mim. De algum modo, eu tinha esse instinto.

A ponto de se entregar plenamente a mim? Puxei o freio mental. Não, não plenamente. Nosso encontro tinha a ver com sexo e passaríamos bons momentos juntos – apenas durante o fim de semana. Era tudo o que eu tinha para oferecer. E era tudo o que ela queria. Ainda assim, eu desejava que a experiência fosse boa para nós dois... de todas as formas possíveis.

Ao atravessarmos o cassino na direção dos elevadores, avistei um grupo de pessoas que reconheci serem da mesma área que eu. Elas estavam ali para a Expo Entretenimento Adulto, conversando e rindo em voz alta. Passei o braço ao redor de Grace e enfiei o rosto nos cabelos dela, tentando me certificar de que nenhum deles me reconhecesse e me chamasse pelo nome. Não costumava socializar com essas pessoas, mas elas deviam saber quem eu era. A última coisa que eu queria era lembrar a Grace o que eu fazia ou ser retido a poucos minutos do nosso destino – a privacidade do meu quarto.

– Você precisa passar no seu quarto para pegar alguma coisa? – perguntei assim que entramos no elevador.

Minha voz parecia rouca até mesmo para os meus ouvidos.

– Sim. Se você não se importar – sussurrou ela.

Os olhos se demoraram nos meus por um instante antes de se fixarem na minha boca. Meu pau latejava dentro da calça. A tensão sexual entre nós era óbvia. Eu me virei para o painel e apertei o número do andar dela com o polegar várias vezes, como se, assim, pudesse fazer o elevador ir mais rápido.

Subimos em silêncio e seguimos até o quarto de Grace. Fiquei parado perto da porta enquanto ela recolhia algumas coisas, então voltamos ao elevador e subimos mais uns andares até o meu quarto. Não senti a necessidade de perguntar a Grace o que ela estava pensando. A expressão em seu rosto me dizia que estava determinada, os olhos refletindo o mesmo desejo que eu sentia.

Destranquei a porta do quarto e entramos. Deixei a carteira e o cartão-chave sobre a mesa e me virei para Grace. Ela estava parada atrás de mim e tinha acabado de largar no chão a bolsa que levava. Atravessei com poucos passos a distância que nos separava. Nós dois estávamos elétricos. Ambos sabíamos o que iria acontecer. Ficamos parados em silêncio, nos encarando. A respiração de Grace estava acelerada e havia um leve rubor colorindo seu rosto. Enquanto a observava, me controlando para não tocá-la, me sentia prestes a explodir.

– Você também quer fazer isso, Grace.

Não foi uma pergunta.

Ela começou a dizer alguma coisa, mas as palavras ficaram presas e Grace apenas assentiu, os olhos cheios de desejo. *Por mim.*

Segurei o rosto dela entre as mãos. Grace me observava com cautela. Encostei os lábios nos dela, saboreando delicadamente a boca sedutora. Nosso primeiro beijo fora raivoso, duro, sexy, não planejado. O segundo fora rápido, quase inocente. Esse era lento e profundo, nossas línguas se encontrando e se misturando, se saboreando. Cada vez que a língua dela encontrava a minha, uma corrente elétrica ia direto para o meu pau. *Cacete, Grace tinha sabor de paraíso.* Eu vibrava. Mas faria tudo com calma. Agora que estávamos aqui, agora que ambos havíamos deixado claro que desejávamos um ao outro, não havia pressa. Éramos apenas Grace, eu e uma longa noite que se estendia à nossa frente. Não consegui conter um gemido diante da ideia. Meu pau latejou com mais força dentro da calça.

Grace passou os braços ao meu redor e pressionou mais o corpo contra o meu, também deixando escapar um gemido. Um som que ecoou em cada célula do meu corpo.

Depois de alguns minutos, ou semanas, não tinha certeza, me afastei da boca de Grace e ambos respiramos fundo, nossos olhares se encontrando mais uma vez. As pálpebras dela estavam pesadas e os olhos cintilavam de desejo – assim como acontecia com os meus.

Levei os lábios à orelha dela e deixei que os dentes roçassem o lóbulo macio. Então perguntei baixinho:

– Onde quer gozar pela primeira vez, Grace? – Ouvi o arquejo dela e a respiração saindo acelerada. Continuei: – Na minha boca? No meu pau? Onde, flor? Vai acontecer mais de uma vez, mas quero saber como deseja que aconteça na primeira.

– Na sua boca, Carson – sussurrou ela.

O rosto de Grace ficou mais vermelho. Percebi também um leve tremor do seu corpo.

Quase rosnei enquanto agarrava a bainha da blusa dela e passava por seus braços, para poder tirá-la. Joguei a blusa de lado. Então me virei para ela e degustei a visão à minha frente: Grace de short e com um sutiã preto de renda, os seios macios saltando dos bojos. Ela ainda parecia um tanto insegura, me observando com atenção, esperando para ver o que eu faria a seguir. Essa garota, que já tinha toda a vida planejada, passo a passo, me olhava em busca de orientação. A ideia me deixou zozzo, com uma sensação que não consegui identificar na hora.

Eu queria fitar os olhos de Grace enquanto a tocava pela primeira vez, mas a visão das minhas mãos

morenas em sua pele clara me deixou hipnotizado. Não consegui afastar o olhar enquanto traçava os contornos dos bojos do sutiã com um dos dedos, o colo dela subindo e descendo bem rápido, a respiração saindo em arquejos. Grace respirou fundo e empinou os seios na minha direção, me oferecendo mais do seu corpo. Eu a encarava enquanto abria o fecho do sutiã. Então voltei a olhar para baixo quando o sutiã se abriu e revelou os seios perfeitos, os mamilos rosados e sedosos já rígidos, como se implorassem pela minha boca. Passei o dedo por baixo deles, observando os bicos enrijecerem ainda mais.

– Você é linda – falei.

Quando abaixei a cabeça e lambi um dos mamilos de leve, saboreando-o e provocando-o com a língua, Grace deixou escapar um longo gemido e jogou a cabeça para trás. Segurei os dois seios por baixo, sentindo o peso perfeito deles nas minhas mãos. Então levei a boca ao outro mamilo, enquanto Grace passava as mãos pelo meu cabelo.

– Ah! – gritou.

Ergui a cabeça, preocupado.

– O que foi, flor?

– Não! Não pare. Por favor. Isso é tão gostoso... Tenho a sensação de que poderia gozar só com isso. Nossa!

Sorri, me afastei um pouco e desabotoei o short dela, que caiu no chão. Grace tirou os saltos, saiu de dentro do short e chutou-o para o lado. Arquejei.

– Você veio sem calcinha?

Ela fez que sim com a cabeça e deu um sorrisinho.

Meus olhos percorreram o corpo de Grace, observando seu abdômen liso e os pelos louros em forma de “v” entre as pernas. Grace era de tirar o fôlego, a pele macia e sedosa. Mal podia esperar para mostrar a ela todas as coisas que vinha perdendo.

Abaixei a cabeça outra vez sobre os seios dela, o sabor deixando meu tesão fora de controle, fazendo meu pau pulsar.

– Você tem um gosto tão bom... – sussurrei, enquanto levava a boca ao pescoço dela, saboreando-a ali também.

Grace gemeu de novo e colocou o ventre ao meu.

– Carson – sussurrou ela –, também quero ver você.

– Como quiser, flor – respondi, com um sorriso.

Então me afastei um pouco e tirei a camiseta. Chutei os sapatos para o lado e me abaixei para tirar as meias, para então tirar a calça e a cueca.

Por alguns segundos, o olhar de Grace passeou pelo meu corpo, parando no pênis ereto, seus olhos se arregalando.

– Você é perfeito, Carson – falou baixinho, e seu olhar voltou a encontrar o meu.

Eu sabia como eu afetava as mulheres. Era o que eu fazia, quem eu era. Já ouvira mais vezes do que seria capaz de contar como as mulheres apreciavam o meu corpo. Era o que elas queriam de mim. Mas, por alguma razão, quando Grace me disse que gostava do que via, algo dentro de mim se encheu de alegria. Talvez isso se devesse ao fato de eu achar que uma garota como ela não estaria ali apenas por

causa do meu corpo, apesar do que pudesse estar dizendo a si mesma. Na verdade, era um pensamento estranho, e eu não sabia por que passara pela minha cabeça.

Não me pareceu necessário agradecer o elogio. Cheguei mais perto de novo e agora nossos corpos nus se colavam um ao outro, minha ereção pulsante tocando de leve a pele macia do abdômen de Grace. Esse mero contato já deixou minha respiração mais difícil. Abracei-a, meu pênis pressionando-a com mais força, e senti cada centímetro da pele dela contra a minha. Vóltei a beijá-la enquanto a guiava para trás. Quando a parte de trás dos joelhos de Grace encostou na quina da cama, ela caiu sobre o edredom e me deixei cair por cima dela.



Grace

Caí de costas na cama e Carson estava em cima de mim antes que eu conseguisse respirar. O corpo firme e nu dele se colava ao meu e senti um arrepio de prazer descer quando o pênis dele pressionou minha barriga. Ele era grande, maior do que o que eu já experimentara, com certeza. Mas não vi problema – eu estava muito úmida de desejo, meus músculos vaginais pulsavam, implorando para recebê-lo dentro do meu corpo. Quando a boca de Carson voltou a encontrar a minha, a língua arremetendo fundo, ergui o corpo contra o dele. Estava desesperada agora. Ele me deixara tão louca de tesão que eu tinha certeza de que bastaria um toque e eu gozaria. Precisava disso. Estava disposta a implorar. Estava desesperada pelo alívio que sabia estar tão perto de mim.

Carson interrompeu nosso beijo e foi descendo a boca pelo meu corpo. Ele provocou meus mamilos com a língua antes de beijar a minha barriga. Deixei escapar um arquejo quando percebi o que ele estava prestes a fazer. Eu havia pedido para ele fazer isso, mas de repente me senti insegura. Ninguém nunca fizera algo parecido comigo antes... e se eu não gostasse? E se eu não conseguisse gozar dessa forma? E se ele não achasse bom o gosto lá embaixo?

– Carson, não sei...

Ele ergueu a cabeça enquanto descia da cama, ajoelhando-se diante de mim.

– Psiu. Confie em mim.

Carson pegou as minhas mãos e me puxou para a beirada da cama, até que eu ficasse totalmente aberta, bem diante do rosto dele.

– Fique apoiada nas mãos e me observe – ordenou.

Mordi o lábio, mas fiz o que dizia.

Seus olhos se desviaram para a minha carne nua e úmida e cintilaram enquanto ele me fitava. Então Carson se inclinou para a frente e inalou fundo.

– Perfeita – murmurou, um instante antes de abaixar a cabeça entre as minhas pernas.

Meu coração bateu mais rápido e me senti ainda mais úmida e quente.

Gritei de prazer ao sentir a língua de Carson passar por toda a extensão da minha vagina e começar a se movimentar em círculos ao redor do meu clitóris inchado. *Ai, meu Deus, que sensação incrível!*

Afastei mais as pernas para dar pleno acesso a ele e, sem me dar conta, deixei a cabeça cair para trás, gemendo.

– Olhe para mim, Grace, veja o que estou fazendo – grunhiu Carson, levantando a cabeça do meio das minhas pernas.

– Sim, sim, sim – arfei.

Faria qualquer coisa para que ele voltasse a me lambe. Abri com dificuldade as pálpebras pesadas e olhei naquela direção. Carson voltou a abaixar a cabeça e passou mais uma vez a língua pela minha carne sensível, me fazendo gemer de novo. Eu estava prestes a entrar em combustão, era como se corresse lava pelas minhas veias, e o ponto que ele lambia latejava freneticamente de desejo.

Os olhos de Carson encontraram os meus enquanto a língua dele se concentrava no meu clitóris rosado, chupando-o e lambendo-o. Se eu tinha pensado que estava excitada antes, fora um equívoco. Em uma escala de um a dez, antes havia sido um cinco, agora era um 44. Arquejei quando ele colocou o dedo lá dentro, sem parar o que fazia com a boca. Carson ficou enfiando e tirando o dedo de dentro de mim e ouvi o barulho da umidade provocada pelo desejo conforme ele repetia os movimentos por um minuto, depois colocou mais um dedo.

A língua de Carson me lambendo de forma rítmica era uma bênção, uma delícia, e seus dedos se movendo dentro de mim me deixavam em êxtase. Mas era a visão da cabeça dele entre as minhas pernas que estava me enlouquecendo. Minhas coxas muito brancas, abertas, e no meio delas os cabelos sedosos de Carson; a cabeça inclinada se mexendo ali era tão erótico que, em menos de um minuto, a pulsação no meu ponto mais sensível já se transformara em um latejar febril. Gritei enquanto meu corpo estremecia ao redor dele, ondas de prazer me invadindo da cabeça aos pés. Nunca sentira nada parecido. Estava sem ar e sem fala.

Quando abri os olhos, eu estava caída sobre a cama e Carson, por cima de mim.

– Foi bom, gata? – perguntou ele.

Não consegui controlar a gargalhada que saiu de dentro de mim. Carson dissera que conseguiria me fazer gozar e, meu Deus, como cumprira a promessa! Talvez eu nunca fosse capaz de me recuperar.

– Nossa, sim... – foi tudo o que consegui dizer.

Carson abaixou a cabeça, me beijou e senti o meu sabor em sua boca. Parecia ainda mais íntimo dividir isso com ele, pois era uma lembrança de onde sua boca estivera havia pouco tempo. Outra onda de calor percorreu meu corpo quando repassei a cena mentalmente. Aliás, meu corpo já estava pronto para mais do que Carson acabara de me dar.

Enquanto brincava com a língua dentro da minha boca, ele roçou o peito nos meus mamilos e eu gemi. Carson afastou a boca da minha e sussurrou:

– Você me quer dentro de você, flor? – A voz dele soou grossa e rouca.

– Sim, sim, por favor.

Não conseguia acreditar que Carson provocara o orgasmo mais louco da minha vida e que, menos de cinco minutos depois, eu estava implorando por mais. Ainda sentia o desejo pulsando no meu íntimo e sabia que essa sensação só seria aliviada quando ele penetrasse meu corpo e me preenchesse.

Carson se levantou, foi até a mesa onde deixara a carteira e pegou uma camisinha.

– Chegue para trás, Grace – disse, enquanto subia em cima de mim outra vez.

Carson não sorria mais. Nem eu. Estava hipnotizada, observando o corpo lindo e nu se flexionar

quando ele se afastou, e depois quando voltou. Tão poderoso e perfeitamente másculo. Observei Carson abrir a embalagem do preservativo e desenrolá-lo sobre o pênis. A ereção dele parecia inchada de uma forma quase dolorosa, vermelha, muito rígida, em posição de atenção. *Isso estará dentro de mim em um instante*, pensei. Quando levantei a cabeça e nos encaramos, havia faíscas entre nós.

Subi um pouco mais para a cabeceira da cama e esperei que ele se juntasse a mim.

– Melhor se cobrir, flor. Não quero que sinta frio.

Era uma coisa engraçada de dizer se levássemos em conta que eu ainda me sentia em chamas. Mas acho que o ar condicionado estava frio. Ou talvez Carson apenas pretendesse se demorar comigo. Um arrepio percorreu meu corpo e senti um embrulho no estômago.

Fiquei deitada, imaginando o que ele iria fazer. Percebi que, pela primeira vez desde que conseguia me lembrar, minha mente estava vazia – a não ser pelas sensações que Carson estava provocando em mim. Saboreei o momento. Deixar outra pessoa decidir, entregar o controle, pelo menos por um tempo, me deu vontade de chorar de alívio. Não pensei muito a respeito. Apenas aproveitei.

Puxei o lençol e me cobri. Então Carson entrou de baixo dele e se inclinou sobre mim, os olhos cintilando, ardentes.

– Vou pegar você com vontade, Grace. Me diga se for forte demais, ok?

– Sim, sim, é isso que eu quero – gemi, sentindo a umidade entre as minhas coxas aumentar ainda mais.

Eu *queria* que ele me pegasse com vontade. Queria Carson arremetendo com força dentro de mim. Nunca fizera sexo dessa forma. Meus músculos internos se contraíam em uma deliciosa expectativa e mais um arrepio percorreu meu corpo enquanto o pulsar furioso recomeçava.

Carson se posicionou entre as minhas pernas. Levantei os joelhos e as abri sem o menor pudor, me oferecendo a ele.

Carson segurou meus pulsos, ergueu-os acima da minha cabeça e prendeu-os contra o travesseiro. Ele montou em cima de mim e voltou a capturar meus lábios, enfiando a língua na minha boca segundos antes de me penetrar. Gemi de prazer e Carson afastou a boca da minha.

– Ah, Grace, você é tão apertada...

– Por favor... – arquejei.

Eu nem sabia direito pelo que estava implorando, mas Carson não titubeou.

Ele exalou rápido, com força, e começou a arremeter dentro de mim. A princípio, seus movimentos eram lentos e profundos, controlados, e roçavam um ponto do meu íntimo que eu nem sabia que existia.

– Ai, meu Deus, ai, sim, bem aí... – arquejei outra vez.

Carson me observava, avaliando a minha reação e movendo o corpo em resposta às pistas que eu dava. Quando comecei a ofegar e a pressionar o corpo contra o dele, Carson passou a se mover mais rápido e com mais força, penetrando sem piedade, os olhos ficando pesados, a boca agora aberta. Minha nossa, como ele era lindo...

Enquanto Carson bombeava dentro de mim sem parar, o prazer foi aumentando em uma espiral cada vez mais alta, até que não havia outro lugar para ir senão ao clímax. Estremeci e gritei quando o orgasmo explodiu pelo meu corpo – foi tão intenso quanto o primeiro, mas ao mesmo tempo diferente, começando de um ponto muito profundo dentro de mim, meus músculos vibrando e tensionando de forma deliciosa. *Minha nossa...*

Quando me acalmei, observei o rosto tenso de Carson e percebi que ele estava prestes a gozar.

– Meu Deus... – A voz dele saiu engasgada, suas arremetidas se tornaram mais descontroladas e ele ficou todo arrepiado.

Carson colou a boca à minha e o resto do orgasmo foi um gemido contra os meus lábios. Ele me beijou de forma lenta e profunda e continuou a entrar e sair do meu corpo preguiçosamente, demorando-se em seu próprio clímax antes que os quadris parassem de se mover e ele soltasse as minhas mãos.

– Você é incrível, flor – falou com um sorriso, movendo a cabeça até o meu ombro e me mordendo de brincadeira.

Carson saiu de dentro de mim, rolou para o lado, levantou-se e foi até o banheiro para jogar a camisinha fora, eu presumi. Ele voltou, se enfiou de novo entre os lençóis e me puxou para os seus braços.

– Então é *assim* que o sexo deve ser – suspirei, o choque e o espanto nublando meu cérebro ainda zozinho com o orgasmo. – Meu futuro marido vai fazer um altar em sua homenagem.

– Hummm. Me lembre de lhe dar uma fotografia autografada antes de você ir embora, para que possa pendurar no centro do altar.

Sorri contra o peito dele e beijei a pele macia. Tracei o contorno do mamilo com o dedo e vi quando enrijeceu. Passei a perna por cima da de Carson e senti o corpo dele se mover contra o meu.

– Grace... – gemeu.

Levantei a cabeça para olhar para ele.

– Jura? Consegue recomeçar em tão pouco tempo?

– Acho que ainda não me saciei de você.

– Então que bom que você me terá por todo o fim de semana. Mas acho que preciso de pelo menos algumas horas para me recuperar. Meus ossos estão parecendo água.

– Está bem, desde que você não se importe de ser acordada no meio da noite.

– Hummm. Não, desde que você faça isso comigo de novo.

Senti o sorriso de Carson contra a minha testa quando ele se inclinou para a frente e me beijou.

– Durma, flor.

– Por que me chama assim? – sussurrei, já sonolenta.

– Talvez porque sua pele seja suave como as pétalas de uma flor – respondeu ele.

– Humm.

Fechei os olhos e, em poucos minutos, adormeci.

Carson cumpriu a promessa e me acordou no meio da noite, me penetrando e arremetendo até ambos ficarmos à beira do orgasmo, o prazer nos fazendo gemer um contra a boca do outro.

Quando acordei, nas primeiras horas da manhã, envolta pelo perfume delicioso dele, senti algo quente e duro roçando meu traseiro. Peguei seu pênis grosso e o masturbei até ver a pele de Carson voltar a se arrepiar e ouvi-lo gemer de prazer.

– Você vai me matar, flor – ofegou ele, a voz rouca de sono. – Mas, bem... todos temos que morrer um dia.

Sorri contra a pele dele.

Voltamos a adormecer quando um raio de sol já atravessava o blecaute da cortina e não acordamos até eu sentir meu estômago roncando. A essa altura, já havia perdido a abertura da conferência.

capítulo 7

Carson

Saí da cama e me vesti. Observei Grace enquanto colocava a calça. Ela dormia de bruços, o lençol mal cobrindo o traseiro, e o cabelo era uma massa de ondas louras espalhada em todas as direções. Parecia uma deusa. Eu estivera dentro dela duas vezes na última noite, e essa manhã tivera três orgasmos e ainda sentia vontade de rolar seu corpo para cima e voltar a mergulhar dentro dela. Não conseguia me saciar. Isso me preocupou um pouco. Nunca me sentira assim. Tinha o costume de já estar a caminho da porta antes mesmo de a mulher se dar conta de que eu estava indo embora. Eu costumava deixar meus objetivos claros para as mulheres, e elas pareciam concordar com eles. Se eram sinceras ou não, aí já não era problema meu. Não que, de qualquer modo, eu pudesse ter um relacionamento normal, mesmo se quisesse. Garotas fora do ramo costumam ter problemas para namorar um cara que faz filmes pornô. Não as culpo. E eu de forma nenhuma namoraria uma mulher que trabalhasse nesse meio. Sabia melhor do que ninguém que sexo no estúdio era apenas trabalho. Mas ainda assim.. namorar uma mulher que trepava com outros caras? De jeito nenhum. Por isso, se eu não estava trabalhando, procurava me manter afastado das colegas de trabalho.

Mas aqui está essa linda mulher, deitada na minha cama, enrolada nos lençóis sobre os quais acabamos de trepar... muitas vezes. E eu sentia vontade de amarrá-la ali para que não fosse embora. Só que ela *iria* embora... na segunda-feira de manhã. E seria prudente da minha parte me faltar dela, mas sem esquecer que a despacharia... só demoraria um pouco mais para fazer isso do que nos outros casos. No fim, acho que daria no mesmo.

Saí do quarto, desci até o restaurante e peguei dois cafés e alguns doces para viagem. Entrei no elevador outra vez e voltei para o quarto a fim de alimentar a minha deusa adormecida. Não consegui evitar um sorriso. Podia ter pedido o serviço de quarto, mas não queria que ninguém entrasse e visse Grace nua, enrolada em um lençol. Só eu podia vê-la desse jeito.

Abri a porta, equilibrando os cafés em uma das mãos e o saco com os doces na outra. Lembrei-me de pendurar a placa de “Não perturbe” na maçaneta.

Fechei a porta devagar e deixei a comida sobre a mesa. Grace permanecia na mesma posição em que estava quando eu saíra. Sorrindo, fui até a cama, afastei o cabelo dela para o lado e sussurrei em seu ouvido:

– Ei, minha bela adormecida.

Ela se mexeu, abriu um dos olhos e me deu um sorriso sonolento.

– Ei, você – disse, tímida. Grace se sentou e puxou o lençol sobre os seios. Ela olhou para o relógio e voltou a me encarar, surpresa. – Ah, meu Deus... Perdi a abertura da conferência – falou.

– Pois é... acho que não conversamos a respeito, não é? Você vai ter problemas por causa disso? – perguntei.

Grace fez que não com a cabeça e mordeu o lábio.

– Não era obrigatório nem nada. Ninguém vai saber se eu estive na abertura ou não. É só que eu nunca perco nada... – Ela fez uma pausa, perdida em pensamentos. – Sabe de uma coisa? Está tudo bem. Há uma palestra a que eu quero assistir amanhã à tarde, foi por ela que eu vim, na verdade, mas não há problema em perder o resto.

Grace pareceu quase surpresa com o que dissera antes de se virar para me encarar com um enorme sorriso no rosto.

– É cheiro de café que eu estou sentindo?

Fui até a mesa, peguei um dos copos de café e o levei para ela.

– Doces também. Quer um?

– Adoraria. Que gentil da sua parte trazer comida para mim!

– Seu estômago estava roncando tão alto que pensei que era um avião passando bem aqui em cima.

Nem consegui dormir direito.

Ela deu uma gargalhada e levou a mão à boca para não cuspir o café que acabara de tomar.

– Que mentira! – Grace riu de novo. Então franziu o cenho. – É mentira, não é?

Também dei uma risada.

– Ok, talvez não tenha sido tão alto assim, mas era óbvio que a minha flor precisava de comida.

Ela sorriu por sobre a beirada do copo e tomou outro gole.

– E você, vai ter problemas por perder a convenção?

– Talvez. Não sei. Não liguei o celular desde que você apareceu na minha porta. Meu agente deve estar atrás de mim.

Ela me encarou em silêncio por um instante.

– Carson... Esse fim de semana vai prejudicar a sua... carreira? Não quero lhe causar problemas.

– Grace, não estou arrasado por passar meu tempo com uma florzinha linda e sexy em vez de ter que lidar com hordas de fãs de filmes pornôs.

Por que eu detestava tanto falar com ela sobre qualquer coisa que a fizesse lembrar o meu trabalho? Afinal, isto era parte do motivo para Grace estar ali: a minha experiência.

Ela deixou escapar uma risadinha desconfortável e logo uma expressão chocada tomou conta do seu rosto.

– Carson, na noite passada... no meio da noite, você... – Grace olhou ao redor e seus olhos pousaram na embalagem vazia de camisinha sobre a mesa de cabeceira. Ela deixou escapar um suspiro de alívio. – Ah, está certo.

– Estou limpo. Fazemos exames médicos todo mês. Há uma semana recebi os resultados dos últimos que fiz e está tudo ok. Você deve estar mais segura fazendo sexo comigo do que com um cara qualquer que conhecesse na piscina.

Ela assentiu.

– Ah... que bom. É que não estou usando nenhum método contraceptivo.

– Vamos tomar bastante cuidado então, ok?

Grace assentiu de novo e tomou mais um gole de café.

– Então... o que quer fazer hoje? A cidade é nossa! – falei.

– A primeira coisa que quero fazer é tomar um banho. Estou um desastre!

Ela levantou a mão e tentou alisar o cabelo desalinhado.

– Você está linda. Mas que tal terminar o café enquanto eu tomo uma ducha rápida de cinco minutos?

Depois o banheiro é todo seu. Tudo bem?

– Sim, parece ótimo.

– Ok. – Sorri e me inclinei para beijá-la nos lábios. – Vólto em cinco minutos.



Grace

Carson me entregou um saco com doces e alguns guardanapos e fiquei sentada na cama, tomando café e beliscando as guloseimas, pensando na situação que estava vivendo. Abafei as risadinhas que ameaçaram escapar. Não sabia se eram de divertimento ou de histeria. Estava comendo na cama – o que eu nunca fazia. Estava comendo *doces* – que eu nunca comia. E isso depois de deixar um lindo ator pornô me proporcionar vários orgasmos ao longo da noite. Agora estava perdendo a minha conferência – algo também inédito para mim – para poder passar mais tempo com esse mesmo homem. E já torcia para que, mais tarde, ele me fizesse ter mais orgasmos de enlouquecer. *Quem era eu?* E por que não estava apavorada? *Porque você gosta dele*, respondeu uma vozinha interna. Tomei um gole do café e fiquei mastigando um doce, pensativa. Sim, eu gostava dele. Mas isso era bom, certo? Sempre planejava gostar do Cara Número Dois. Sim, poderia muito bem ser argumentado que o que eu estava fazendo era vulgar. Mas se eu nem gostasse do cara, isso não tornaria tudo pior? Então, sim, eu gostava de Carson. Ele era divertido e eu nunca sabia muito bem o que ele falaria a seguir. E havia uma doçura em Carson que eu achava que ele não mostrava para muitas pessoas. Além de ser muito sexy e fazer cada coisa com a boca... e com o...

– No que está pensando? – perguntou Carson, parado diante de mim, usando nada além de uma toalha.

Hummm.

– Ah, nada de mais – falei.

Então me levantei e me espreguicei. Carson me observava, os olhos ardentes. Gostei desse olhar... gostei *muito*. Eu teria que tomar uma ducha fria.

Carson não se moveu para me deixar passar, por isso dei um sorrisinho nervoso e disse:

– Com licença.

Então deixei cair o lençol e passei rápido por ele.

Fechei a porta do banheiro e me apoiei contra ela, respirando com dificuldade. Meu Deus, eu estava mesmo fora de mim. *Recomponha-se, Grace*. Carson disse que assumiria o controle. Só relaxe e deixe que ele tome conta. Pareceu ter funcionado muito bem na noite anterior. O calor invadiu meu corpo quando flashes da noite anterior passaram rapidamente pela minha cabeça. Minha respiração se tranquilizou, eu me acalmei, pelo menos por um tempo, e fui escovar os dentes e tomar banho.

Quando saí do banheiro, com uma toalha ao redor do corpo e o cabelo ainda molhado, Carson estava

sentado contra a cabeceira da cama, checando o celular, ainda apenas de toalha.

Ele olhou para mim.

– Oi, flor.

– Por que me chama assim? – perguntei outra vez, sorrindo e indo até ele.

Carson sorriu.

– Talvez porque você seja tão pequena quanto uma flor.

– Não sou assim *tão* pequena... – rebati e sorri de volta.

– Não consigo me lembrar direito. Venha aqui.

Fui até ele, me sentei em seu colo, passei as pernas sobre as dele e estiquei-as. Então me recostei no peito nu enquanto Carson passava os braços ao meu redor. Ele afastou meus cabelos e enfiou o nariz no meu pescoço, traçando o contorno da minha orelha. Suspirei, sentindo meus mamilos se enrijecerem e o calor se espalhar pelo meu ventre com o mais leve toque dele.

Senti o pênis de Carson enrijecendo sob o meu corpo e percebi que ele também se sentia afetado por mim como eu me sentia por ele. Era uma ideia inebriante e me deixou ousada. Girei o traseiro devagar sobre a ereção dele. Carson gemeu.

– Minha nossa, Grace, isso é tão gostoso...

Ele puxou a toalha que me envolvia e pousou as mãos sobre os meus seios, apertando-os de forma gentil e roçando os polegares nos mamilos rígidos. Gemi e senti o pênis dele saltar embaixo do meu traseiro. Meus sons de prazer o excitavam. *Eu adorava isso*. Gemi de novo quando ele beliscou delicadamente meu mamilo e voltei a senti-lo saltar sob mim.

Carson brincou com meus seios por mais alguns minutos enquanto beijava meu pescoço por trás. Continuei a roçar o traseiro em sua ereção. Nós dois ofegávamos agora, o zumbido do ar-condicionado enchendo o quarto junto com nossos arquejos e gemidos. Era como se uma corrente elétrica atravessasse as minhas veias, mandando descargas para o meio das minhas pernas.

Foi para esse ponto que Carson levou a mão, correndo o dedo pela carne quente.

– Nossa, como você está molhada, gata. Tudo isso é para mim? Para que eu possa deslizar bem fundo? Me diga, Grace. – A voz dele era rouca, áspera.

O dedo dele chegou ao meu clitóris e começou a se mover em círculos.

– Sim – sussurrei. – É para você. Ahhh. Não pare.

– Para quem, flor?

– Para você, Carson, para você.

Eu arquejava agora, ansiando por ele dentro de mim.

– Isso é ótimo. – Ele pressionou o pênis rígido contra o meu traseiro. – É isso que você quer, Grace?

– É, é isso – falei, ofegante.

Arranquei a toalha de debaixo do meu corpo para que eu pudesse chegar mais perto. Carson riu.

– Vou dar o que quer, mas primeiro você vai ter que fazer uma coisa para mim.

Ele continuou a brincar com o meu clitóris com uma das mãos e com um dos meus mamilos com a outra.

– O quê? Sim. Eu faço. O que você quer que eu faça?

Eu faria qualquer coisa para que ele aliviasse a terrível agonia de desejo que me consumia. Senti o sorriso dele contra o meu ombro, enquanto Carson acelerava os movimentos com o dedo.

– Quero que prometa que vai dizer meu nome quando gozar. Quero ouvi-la gritando o meu nome. Vai fazer isso para mim?

– Sim, vou fazer, sim.

Eu já estava delirando de desejo. Gritaria qualquer coisa que ele me pedisse. Não entendi por que Carson queria que eu gritasse seu nome e, no momento, também não me importei em entender.

– Muito bem, ótimo. – Ele afastou as mãos de mim, me fazendo ofegar de decepção. – Psiu. Preciso mantê-la segura, Grace.

Carson abriu a gaveta da mesinha de cabeceira, onde jogara alguns preservativos, e pegou um. Então abriu a embalagem.

– Vire-se – pediu com gentileza.

Quando o obedeci, ele deslizou a camisinha sobre o pênis.

Fiquei encarando a ereção poderosa e passei a língua pelos lábios em expectativa. Carson se sentou mais reto contra os travesseiros que estavam apoiados na cabeceira e disse:

– Suba em cima de mim. – A voz dele estava tensa e os olhos, desfocados.

Fiz o que ele pediu e abaixei o corpo sobre ele, deixando entrar apenas a ponta do pênis em mim. Ambos arquejamos de prazer.

– Ai, meu Deus. Isso, gata, mais – grunhiu Carson.

Abaixei mais o corpo até ele estar todo enterrado em mim.

Carson segurou meus quadris e me guiou por alguns minutos, enquanto eu subia e descia sobre ele. Mesmo que eu nunca tivesse feito sexo nessa posição antes, a excitação que me dominava me deixou confiante o bastante para começar a conduzir eu mesma o movimento. Arquejei quando ele mexeu os quadris e voltou a tocar naquele ponto especial dentro de mim.

– Ah, meu Deus – gemi. – Bem aí, por favor, não mude de lugar.

Então comecei a cavalgá-lo como louca, enquanto Carson inclinava o corpo para trás e me observava com as pálpebras pesadas.

Quando meus músculos internos começaram a se contrair e o calor latejante se espalhou pelo meu ventre, abri os olhos, olhei bem nos olhos de Carson e disse, ofegante:

– Vou gozar!

Os olhos dele escureceram e ele arremeteu os quadris para cima, enquanto eu jogava a cabeça para trás e gritava o nome dele várias vezes.



Carson

Enquanto Grace gritava meu nome, senti meu orgasmo chegando. Arremeti mais uma vez os quadris e me derramei dentro dela, o prazer pulsando através do meu pênis em espasmos deliciosos. Observei-a gozando, sugando o prazer até a última gota e, sem saber, fazendo o mesmo por mim. *Linda demais!* Torci para ter deixado folga o bastante na ponta da camisinha, porque parecia que eu nunca havia gozado tanto na vida.

Grace ergueu a cabeça com um sorrisinho satisfeito no rosto, inclinou-se para a frente e me beijou com carinho.

– E se esse plano tiver o efeito contrário e você acabar me estragando para qualquer outra pessoa? – perguntou, brincando, afastando os cabelos que haviam caído sobre a minha testa.

– E o que acontece se você acabar *me* estragando para qualquer outra pessoa? – devolvi a pergunta. E falei a mim mesmo que eu também estava brincando.

Grace riu e se deitou sobre o meu peito. Ainda estava um pouco rígido dentro dela, só aproveitando a sensação da pele macia sobre a minha, correndo as mãos pelas costas sedosas.

– Sinto tanta pena daquele primeiro cara. Nunca escutou você gritando o nome dele. Perdeu. Pobre desgraçado.

O corpo dela se sacudiu sobre o meu ao som de uma risadinha.

– E quem poderia imaginar que eu era capaz de gritar assim? Acha que há alguma possibilidade de o gerente do hotel nos expulsar?

Grace sorriu contra o meu peito e mordiscou a minha pele.

– Talvez. É melhor passarmos essa noite no seu quarto... para dar um pouco de descanso às pessoas desse andar. – Depois de um tempo, falei: – Ok, levante-se. Não vou mantê-la presa nesse quarto o dia todo. Embora seja tentador... Vamos dar uma volta e você vai conhecer Las Vegas.

– Ok. – Ela bocejou. – Uma soneca mais tarde?

– Combinado, flor.

Grace piscou para mim.

– Ótimo, venha se limpar comigo.

Isso parecia perigoso, mas eu gostava de correr riscos.

Uma hora, uma embalagem de sabonete líquido e outro orgasmo mais tarde, estávamos enfim vestidos e prontos para ir embora.

Eu não tinha um destino específico em mente, apenas descemos a Strip observando as pessoas que passavam e parando em alguns cassinos. Grace adorou o cassino do Hotel Paris, o que não me surpreendeu. Brinquei que ela parecia uma velhinha, louca pelos caça-níqueis. Grace colocou 2 dólares numa máquina e deixou escapar um arquejo de alegria quando ganhou 27 de volta. Levamos o tíquete até o quiosque de reembolso e não consegui evitar um sorriso ao ver a empolgação dela. Era como aquela garota que vivera a vida toda sob uma pedra até alguém enfim erguer a pedra e lhe mostrar o céu. Percebi que eu não saía com uma mulher apenas para me *divertir* desde... sempre, talvez. E quem teria imaginado que a garota que a princípio eu pensara ser uma princesinha mimada seria a mesma com quem eu me divertiria tanto? *A vida é louca* – eu dissera isso a Grace e era a pura verdade.

Comentei que ela precisava experimentar um restaurante estilo bufê ali em Vegas, então fomos caminhando até o Bacchanal Buffet, no Caesars Palace. Grace comeu apenas um prato e meio, então se recostou na cadeira parecendo empanturrada, e disse:

– Acho que não fiz valer o dinheiro investido, não é?

– Bem, considerando que seu primeiro prato foi todo de sobremesas, não estou surpreso.

– É que eu não queria perder a fome antes de experimentar todos os bolos. – Ela sorriu. – Não consigo me lembrar da última vez que comi um pedaço de bolo.

– Então valeu cada centavo investido. – Sorri também.

– Quanto a você, Carson, é óbvio que se exercita para manter esse corpo. Porque com certeza não faz dieta.

Ela acenou com a mão na direção do meu prato, que tinha sete itens diferentes empilhados.

Ri com a boca cheia.

– Não vou para a academia, mas surfo e faço snowboard sempre que estou viajando a lazer... Se houver a possibilidade de praticar algum esporte radical, estou dentro.

– Snowboard na Califórnia? – Ela franziu o cenho.

– Sim! A estação de Mammoth Mountain fica a menos de cinco horas de Los Angeles e o lago Tahoe fica a cerca de sete horas. Snowboard é um esporte incrível. Pratico sempre com alguns amigos.

– Hummm. Parece divertido.

– De onde você é, Grace?

– De Ohio – respondeu ela.

– Presumo então que nunca tenha surfado. Já praticou snowboard?

– Não, também nunca experimentei. Depois que meus pais se divorciaram, o dinheiro ficou um pouco apertado. Nunca viajavamos.

– Quando seus pais se divorciaram? – perguntei.

– Uns dois anos depois que Andrew, meu irmão, morreu. Minha mãe nunca conseguiu se recuperar – disse ela, em voz baixa. – Meu pai fez de tudo para ajudá-la a seguir em frente, mas nada adiantou. No fim, ela pediu o divórcio. Acho que só o fato de ficar perto dele, vendo todos nós tentando retomar a vida, já era demais para ela. Minha mãe se ressentia de nós e achava que éramos o motivo pelo qual ela não conseguia se sentir bem.

Grace deu de ombros, mas vi tristeza em seus olhos. Ainda a magoava pensar sobre o que acontecera com a família.

– Então seu pai criou vocês. Para onde foi a sua mãe?

– Ela se mudou para o outro lado da cidade. Por um tempo, nós íamos para a casa dela nos fins de semana, mas depois deixamos de visitá-la. Achávamos muito difícil ficar lá... Minha mãe começava a chorar no meio do jantar e, se qualquer uma de nós erguesse a voz por alguma razão, ela não conseguia suportar. Mamãe se internou em um hospital para se tratar contra a depressão quando eu tinha 14 anos e pareceu melhorar um pouco, mas nunca se recuperou por completo. Minhas irmãs e eu encontramos com ela uma vez por ano, mais ou menos, em geral durante as festas. Mamãe está morando com um namorado agora, e ele é muito legal. Ela parece estar bem. – Grace olhou para baixo.

Não era de espantar que Grace fosse tão neurótica por controle. Seu mundo ruíra quando ela era apenas uma criança.

– Ei – falei, estendendo a mão sobre a mesa –, obrigado por dividir isso comigo.

Ela deu uma risadinha.

– E você nem precisou arremessar a moeda na tampinha por essa.

– Somos muito bons nesse jogo, de qualquer forma... De agora em diante, vamos pular as formalidades e passar direto para o segredo. – Pisquei. – Mas preciso ser justo. Estou lhe devendo um.

Ela sorriu para mim e tamborilou os dedos no queixo.

– Hummm... Ok, me conte por que viajou pela Europa... e os lugares que visitou.

Os olhos de Grace brilhavam. A ideia de percorrer a Europa devia parecer sofisticada para alguém

que nunca saíra de Ohio.

– Bem, como eu disse, quando a minha avó morreu, herdei um dinheiro. Morei por um tempo com ela em Massachusetts, mas, tirando isso, nunca tinha saído da Califórnia. Por isso, resolvi rodar a Europa... ir aonde me desse na telha, ver aonde o vento me levaria.

– Parece apavorante... – disse Grace, os olhos arregalados.

– Não, foi incrível. Adorei viajar. Só eu e a minha mochila... sem itinerário, sem um destino específico. Fui a Roma, Barcelona, Florença, Veneza, Paris... os lugares mais incríveis do mundo. Aí fiquei sem dinheiro e voltei para casa.

– Você é mesmo uma pessoa muito corajosa, Carson.

Eu a encarei.

– Não... corajoso, não, só tenho a mente aberta.

Voltamos para o hotel por volta das três da tarde e decidimos aproveitar um pouco a piscina. Nós nos separamos no andar dela e combinamos de nos encontrar no saguão em vinte minutos.

Entrei no meu quarto e logo percebi que fora arrumado. Lençóis trocados para que eu e Grace bagunçássemos tudo de novo à noite. Sorri.

Vesti a sunga e peguei o celular para ligar para Tim, o meu agente. Merda, não ia ser uma conversa agradável... Eu tivera três encontros agendados com fãs para autógrafos... e não apareci em nenhum. E Tim havia chegado ao hotel naquela manhã para ajudar a organizar os eventos.

Sentei na beirada da cama esperando que ele atendesse.

– É melhor você estar morto, me ligando do além neste exato momento.

– Isso livraria a minha cara?

– Não, mas você se livraria de mim. Caso contrário, vou caçar você por toda a Las Vegas. Onde diabos você está, Carson?

– Ahn, ainda estou em Las Vegas. Só que acabei ficando doente, estou me sentindo muito mal. É sério... não consigo nem me levantar da cama.

– Jura? Porque Chastity Aurora disse que viu você atacando bolos no restaurante do Caesars Palace hoje com uma lourinha.

Fechei os olhos. Maldita Chastity Aurora. Vadia fofqueira. Suspirei.

– Escute, Tim, vou ser franco com você. Odeio essa merda e você sabe disso. Não foi nada profissional da minha parte, mas a verdade é que não apareci de propósito para os autógrafos. Me desculpe se deixei você mal, mas não posso mais fazer esse tipo de coisa. Se agendar outros eventos desse tipo para mim, terei que procurar outro agente.

– Carson, esse não é o melhor momento de ameaçar me demitir. Eu é que deveria demitir você *depois* de lhe dar uma porrada. – Tim suspirou. – Escute, já soltei um comunicado me desculpendo com seus fãs em seu nome. Falei que surgiu uma emergência familiar, portanto repita isso se perguntarem a você. E não dê detalhes. Outra coisa, *nunca* mais me deixe mal com o público outra vez, entendeu?

– Entendi.

– Muito bem... Volte para a sua *doença*. Você não tem nenhum outro evento agendado para o fim de semana. Seu quarto está pago e é preciso avisar com 24 horas de antecedência em caso de cancelamento. Se não fosse assim, eu o mandaria de volta para Los Angeles esta noite. Mas, Carson, eu o verei na filmagem segunda-feira. Às dez da manhã. Esteja lá.

– Estarei, Tim. Obrigado. – Desliguei.

Joguei o telefone sobre a cama e fiquei sentado com a cabeça enterrada nas mãos por vários minutos, tentando esfriar a cabeça. A única razão para Tim ter sido tão tolerante comigo foi porque já o fiz ganhar um bom dinheiro com alguns filmes. E eu tinha um potencial acima da média para torná-lo ainda mais rico. Eu sabia disso. Ele também.

Grace. Eu só queria ver Grace. Não queria pensar mais nessa merda de trabalho. Não queria pensar no que eu teria que fazer na segunda-feira.

capítulo 8

Grace

Abri a porta do meu quarto e tomei uma ducha rápida antes de vestir o biquíni e algo por cima. Chequei o celular e vi uma mensagem da minha irmã, Julia, que havia ligado só para conversar. Respondi a ela dizendo que estava em Las Vegas para uma conferência de direito e que ligaria quando voltasse, na segunda-feira. Julia respondeu na mesma hora.

Esqueci que era neste fim de semana! Ha ha. Aproveite! Nos falamos segunda. Bjs.

Ah, eu estava aproveitando. Ela não tinha ideia de quanto. Minha irmãzinha tinha um espírito mais livre do que o meu e gostava de implicar comigo sobre o meu jeito, repetindo sempre que eu precisava me soltar mais. Ela ficaria feliz ou horrorizada com o que eu estava fazendo? Talvez as duas coisas. É claro que eu não contaria nada a Julia – afinal, ela era minha irmã caçula e eu queria ser um bom exemplo. Não achava que o que estava fazendo se encaixava nessa descrição.

Também havia uma ligação de Abby me pedindo autorização para pintar a cozinha de “verde-maçã”. Sentei na beirada da cama e liguei para ela.

– Oi, meu bem. E aí, tenho sinal verde para o “verde-maçã”? – perguntou.

Nunca atendíamos às ligações com um simples “oi”. Era o nosso jeito.

– Você não deveria estar deitada *sem* se coçar?

– Argh. Preciso de uma distração. Nesse momento, me coçar é uma ideia que me atrai mais do que sexo. Se eu não fizer nada, vou começar uma grande sessão de coceira. Masturbação com coceira? Que nome se dá para a autossatisfação obtida através de uma vigorosa e não recomendada sessão de coceira?

Eu estava dando gargalhadas.

– Você tem sinal verde para o “verde-maçã”. *Por favor*, distraia-se. Pinte meu quarto já que está no embalo.

– Ok. Talvez eu faça isso. Como está sua megaempolgante conferência de direito?

Fiquei em silêncio por um instante.

– Ahn. Megaempolgante é a descrição perfeita, Abby. Você não tem ideia. – Dei uma risadinha nervosa.

Abby também ficou em silêncio por um instante, absorvendo a informação.

– Fala, Grace. Que diabos está acontecendo?

Mordi o lábio.

– Você deveria ficar preocupada comigo, Abby. Eu estou um pouco preocupada comigo mesma.

– Ora, agora eu *estou* preocupada. *O que houve*, Grace?

– Lembra que você me disse para levar o ator pornô sexy que mencionei para o meu quarto e que deixasse ele me ensinar alguns truques? Bem, eu fiz isso. Só que fomos para o quarto dele. E ele me ensinou... algumas coisas. Na verdade, coisas muito incríveis, com as quais eu nunca...

– O QUÊ? – Abby gritou tão alto que eu tive que afastar o telefone do ouvido. – *Quem é você e o que fez com a Grace?*

– Abby! Eu sei, eu sei, está bem, acalme-se. Escute, é uma história meio longa. Depois que conversei com você, ficamos presos no elevador e ele... ele deu em cima de mim, será? É difícil explicar. Carson tem um lado doce e, sim, eu sei qual é a posição dele. Mas, minha nossa... ele é muito sexy, de um jeito que eu não tinha ideia que era possível. Então pensei... que mal vai fazer um fim de semana, entende?

– Ahn... hum, aham. Só estou pasma, meu bem. Minha pequena Gracie Hamilton, concentrada, determinada, séria, a garota dos planos? Tem certeza de que foi uma boa decisão? Quero dizer, vocês estão usando camisinha? Meu Deus, não acredito que estamos tendo essa conversa.

Suspirei.

– Estou me divertindo, Abby. E não me divirto desde, bem... acho que nunca me diverti de verdade. Não me julgue.

– Ah, querida, não estou julgando você. Escute, eu confio em você, ok? E se esse cara conseguiu fazê-la abrir mão das próprias regras e, além disso, ainda colocou essa empolgação na sua voz, então ele deve ter mesmo algo de especial. Só... por favor, não se esqueça do que ele faz para ganhar a vida nem de que é apenas por um fim de semana, ok? Então, quando você voltar, vai começar a usar por aí os truques sexuais que aprendeu com o ator pornô.

– Combinado. Amo você, Abby.

– Também amo você, Gracie. Ah! Qual é o nome dele, para o caso de você desaparecer?

– Abby! Não vou desaparecer! O nome dele é Carson Stinger. Ele é de Los Angeles.

– Muito bem, cuide-se. E me ligue amanhã de manhã. Estou falando sério.

– Ok, farei isso. Tchau, Abby.

– Tchau, impostora.

Desliguei o telefone sorrindo e fui para o saguão.

Quando saí do elevador, Carson estava parado com um dos quadris estreitos apoiados contra a parede do hall, mexendo outra vez no celular. Ele apertou um botão e enfiou o aparelho no bolso, então ergueu os olhos e me viu caminhando em sua direção. O sorriso que abriu para mim fez meu coração bater mais rápido. Meu Deus, a covinha embaixo da boca quase me fazia gozar toda vez que ele sorria. Eu era escrava daquela covinha. Sorri também e balancei a cabeça de leve.

– O que foi? – perguntou ele, quando cheguei mais perto e começamos a andar na direção da piscina.

– Nada, estava só me lembrando de que foi bem ali onde você estava parado agora que nos esbarramos ontem. Quem teria imaginado que menos de seis horas depois daquele encontro eu estaria me mudando para o seu quarto? – Sorri para ele.

– Não fico nada surpreso, gata. Previ que isso aconteceria. Você é que demorou um pouco mais para se dar conta.

Ele passou o braço pelos meus ombros. Empurrei-o com o cotovelo.

– Talvez tenha previsto mesmo, seu egocêntrico.

Carson riu, mas seu rosto ficou sério logo depois e ele me puxou para uma saída diferente daquela

para onde estávamos nos encaminhando.

– Desculpe, mas acabei de ver umas pessoas que podem me reconhecer e não quero ter que lidar com elas.

Franzi o cenho. Pessoas do ramo dele que estavam ali para o evento, presumi. Senti o peito apertado, mas afastei a sensação – nada de bom poderia vir de pensar muito sobre os “colegas de trabalho” de Carson. Ele teria visto alguma mulher com quem já fizera um filme? Não tive coragem de perguntar.

Carson olhou para mim com uma expressão aborrecida.

– Desculpe, Grace, importa-se se formos para uma das piscinas mais distantes da entrada?

Fiz que não com a cabeça.

– Essa talvez seja uma boa ideia para mim também – falei baixinho.

Atravessamos a área da piscina até uma parte mais vazia, perto dos fundos, e colocamos as toalhas e a minha bolsa sobre duas espreguiçadeiras com um pouco de sombra.

– Quer que eu passe protetor solar em você? – perguntou Carson.

Assenti.

– Se puder passar nas minhas costas... – pedi, tirando a saída de praia.

Ele pegou o protetor e começou a espalhá-lo sobre as minhas costas. Então beijou meu pescoço e me devolveu o frasco.

– Obrigada. – Sorri e o espalhei no resto do corpo.

Sentei em uma das espreguiçadeiras, mas Carson se virou, foi até onde uma família estava sentada, algumas espreguiçadeiras mais adiante, e perguntou algo a eles. O grupo assentiu e apontou para uma boia laranja. Carson a pegou e começou a voltar para onde eu estava, não sem antes agradecer à família:

– Obrigado! Já devolvo.

Ele pegou a minha mão e me puxou para que eu levantasse.

– Espere aí! Achei que íamos ficar deitados aqui um pouco antes de entrar na água.

– Quem disse isso? Não planejamos nada. Vamos fazer o que quisermos quando quisermos, lembra? E nesse momento eu quero nadar com você.

– Está beeeem. Mas e se eu não quiser nadar agora?

– Então farei isto.

Carson deixou a boia cair no chão, me pegou no colo e me jogou na água.

Voltei à tona cuspendo, louca de raiva. A água chegava à altura dos meus ombros no ponto onde ele havia me jogado, então fiquei de pé, encarando Carson furiosa enquanto ele sorria para mim da beira da piscina.

– Não acredito que me jogou na piscina!

– Bem, acredite. Eu joguei – retrucou ele, lançando a boia na água.

Carson foi andando até a parte mais funda, o corpo perfeito totalmente à mostra, e executou o mergulho mais perfeito que eu já vira, deslizando direto através da água.

Antes que eu conseguisse piscar, Carson chegou até mim e me puxou para o fundo pelas pernas. Abri os olhos embaixo d’água e fiz a cara mais furiosa que consegui. Os olhos dele encontraram os meus e Carson sorriu – o desgraçado era ainda mais lindo embaixo d’água, com as bolhas saindo pelo nariz.

Ele me soltou e eu subi à superfície, alisando o cabelo para trás. Carson também emergiu um instante depois, rindo e passando a mão pelo cabelo.

– Não fique brava, flor. É que eu não consegui esperar para ter você toda escorregadia perto de mim de novo.

Encarei-o, ainda irritada, por mais um instante, mas não consegui permanecer furiosa diante da expressão inocente no rosto dele, as gotas de água se acumulando sobre os cílios longos.

Balancei a cabeça, incapaz de disfarçar o sorriso que se abria em meu rosto.

– Você é mesmo um idiota. Não consigo acreditar que me jogou na piscina. Ninguém nunca fez isso comigo antes.

Carson, puxou meu corpo para junto dele e girou comigo na água.

– É uma pena. Você fica muito linda encharcada.

Ele se inclinou, me deu um beijinho rápido nos lábios, então beijou meus olhos e meu nariz. Ok, estava perdoado.

– Você é um excelente nadador – comentei.

Carson assentiu.

– Quando se cresce em hotéis e apartamentos baratos, todos com piscina, acaba-se passando muito tempo aperfeiçoando as braçadas. – Ele fez uma pausa. – Eu não tinha muita coisa para fazer. Algumas crianças jogavam basquete. Eu nadava.

Eu o fitei.

– Acho que acabei ficando com a impressão de que, por sua mãe ser... famosa, vocês tinham dinheiro.

– É difícil ter dinheiro quando se gasta tudo o que se tem em remédios controlados *sem prescrição*. E sei que usei a palavra “famosa” antes, mas talvez “muito conhecida” seja uma descrição mais adequada. Nesse ramo, isso nem sempre se traduz por bem pago. Só significava que a minha mãe estava disposta a fazer coisas que outras mulheres não estavam.

Encarei-o com o coração apertado. Como deveria ter sido para um garotinho saber tudo o que a mãe estava fazendo quando ela saía para um trabalho como aquele? Mas estávamos na piscina e essa não era a hora de fazer mais perguntas a Carson. Então mudei de assunto.

– Por que pegou a boia emprestada? – perguntei, indicando com a cabeça a boia que flutuava perto de nós.

– Porque quero provar uma coisa – respondeu Carson, nadando até a boia e empurrando-a para mim.

– Ai, meu Deus, isso é parte da sua terapia *Titanic*? – perguntei. – Olha, não sou uma profissional. E acho de verdade que essa questão exigiria que você fosse se consultar com um psicólogo.

Ele piscou para mim.

– Não desista, gata. Venha, vamos lidar com esse problema juntos. Preciso de você, Grace.

Eu ri. Então passamos a próxima meia hora tentando nos manter juntos sobre a boia estreita sem virá-la. Cada vez que Carson rolava para fora dela, ele afundava e levantava uma das mãos, fazendo uma imitação muito particular de um picolé humano. Eu ria tanto que os músculos do meu rosto doíam.

Por fim, Carson conseguiu se manter equilibrado por tempo o bastante para me arrastar para cima dele. Então ficamos os dois deitados ali, de olhos arregalados, nos mexendo o mínimo possível. Um sorriso lento se espalhou pelo rosto dele, que sussurrou para mim:

– Eu sabia.

– Não desista, gato – sussurrei de volta.

Ele riu e foi o que bastou para que a boia virasse.



Carson

Saímos da água, nos secamos e desabamos sobre as espreguiçadeiras. Quando Grace fechou os olhos e cochilou por um tempo, aproveitei para examinar o corpo dela, coberto apenas pelo pequeno biquíni.

Fui até o bar e pedi uma cerveja. Quando Grace se espreguiçou e abriu os olhos meia hora mais tarde, pedi outra bebida para ela.

– Obrigada. Desculpe, apaguei por muito tempo?

– Fico feliz por você ter cochilado. Preciso que esteja bem descansada para a noite. – Pisquei para ela.

Grace me dirigiu um sorriso brincalhão.

– Por quê? Vamos trabalhar seus problemas emocionais com algum outro filme?

– Não. Com o mesmo. Mas, dessa vez, vamos usar a cama como o objeto flutuante.

– Você precisa mesmo de uma longa terapia sobre isso, não? Talvez eu deva começar a cobrar.

Tirei a cerveja da mão dela e puxei-a para cima de mim.

– Me diga seu preço. Eu pago – falei, apertando seu traseiro e fazendo cócegas na barriga e na costela dela.

– Aiiiii! Carson, vou acabar fazendo xixi em cima de você! – gritou ela.

– Perversa. Mas não aqui na piscina, gata. Nem todos têm esse tipo de tara. Você vai acabar chocando...

– Grace? É você? – perguntou uma voz masculina.

Levantei a cabeça e Grace se virou para ver quem era. Ela se sentou e passou para a própria espreguiçadeira tão rápido que minhas mãos permaneceram na mesma posição onde estava o traseiro dela milésimos de segundos antes.

Um cara alto, de cabelos castanhos, usando uma sunga, estava parado ao pé das nossas espreguiçadeiras, encarando Grace com uma expressão preocupada no rosto.

– Parker! Oi. Nossa, eu nem sabia que você estaria aqui esse fim de semana!

– Oi – disse ele, virando-se para mim, claramente esperando ser apresentado.

Grace ignorou a insinuação.

– Então... o que está achando da conferência até agora? – perguntou ela, sorrindo.

Vi os olhos do homem percorrerem o corpo quase nu de Grace antes de responder, e cerrei os punhos.

– Ahn, estou adorando. Gostei muito da palestra do professor Fulton esta tarde. O que você achou? Não a vi lá.

– Ah, bem, eu fiquei a maior parte do tempo sentada no fundo. Sim, a palestra foi boa. Muito informativa. – Grace assentiu de forma vigorosa.

Eu me perguntei se esse palhaço *geek* estava percebendo que ela mentia descaradamente. Se não estava, não devia conhecer Grace muito bem. Essa ideia me deu vontade de abrir um sorriso, mas me contive.

Por fim, o homem estendeu a mão para mim e disse:

– Parker Grayson, estudo na mesma faculdade que a Grace.

Estendi a mão e abri a boca para falar, mas Grace não deixou.

– Esse é Rick... Ryder. Ele frequenta a faculdade de direito da... ahn... Stanford.

Parker pareceu desconfiado.

– Stanford, é? Ótima faculdade. Como vocês dois se conheceram?

– Ah, os pais de Rick são amigos da minha família. Sabe como é, nos conhecemos há muito tempo.

Não é, Rick?

Ergui a sobrancelha.

– É.

– Ah, que legal vocês dois terem se encontrado aqui, então. Qual é o seu foco no direito, Rick?

Estreitei os olhos para Parker e olhei para Grace. Ela parecia em pânico. Abaixei o olhar para o decote dela.

– Bem, Parker, eu diria que meu foco é a inspeção das partes.

Parker pareceu confuso.

– Ah, está se referindo à lei que supervisiona os padrões do trabalho industrial?

– Claro, Parker – respondi.

Grace deixou escapar um risinho nervoso.

– Foi um prazer ver você. Temos que tomar um café quando voltarmos.

O cara virou o rosto para mim com uma expressão confusa e sorriu para Grace, seus olhos percorrendo o corpo dela mais uma vez.

– Ótima ideia. Eu ligo para você.

– Ok. – Ela acenou, despedindo-se.

Observei-o virar o corpo esquelético e se afastar. Eu estava muito acima de Parker no que dizia respeito à aparência, então por que diabos odiava o homem?

Eu me virei para Grace.

– Rick “Ryder”? – perguntei. – Uma saída arriscada se não queria que ele soubesse o que faço.

– Parker é certinho demais para associar o sobrenome Ryder com o significado da palavra, montar, e então com o seu trabalho. Afinal, ontem *nem eu* teria feito alguma associação maliciosa. – Ela deixou o corpo cair na espreguiçadeira e inspirou com força.

Eu senti o peito apertado e tive vontade de socar alguma coisa.

– Está pronta para irmos? – perguntei, recolhendo as nossas coisas.

– Ah, sim... se você estiver. – Ela me encarou, parecendo nervosa. – Carson, desculpe, só que não seria bom para a minha carreira se espalhassem por aí que estou dando uns amassos num ator pornô.

– Dando uns amassos, Grace? Nossa, nem sei que merda é essa.

– Você está zangado – disse ela, mordendo o lábio.

– Não, não estou zangado. Só estou pronto para ir embora.

Ela assentiu e também começou a guardar as próprias coisas na bolsa. Foi quando vi Tawny Anderson, uma garota que trabalhava para a mesma empresa que eu. Era uma ruiva linda com um corpo arrasador. Eu não fizera nenhum filme com ela, mas Tawny havia me proposto passar um tempo extracurricular juntos, em várias ocasiões. Nunca aproveitei a oportunidade.

Tawny estava parada no bar, a poucos metros de distância, com uma garota que eu não reconheci.

– Oi, Tawny – chamei.

Ela se virou e seus olhos brilharam.

Tawny caminhou até onde eu estava e parou diante da cadeira de Grace.

– Carson – disse com a voz aguda, beijando meu rosto e pressionando os seios grandes contra o meu peito.

Sorri de forma sugestiva para ela.

– Oi, garota, como vai? – perguntei, puxando-a contra mim e segurando seu traseiro.

– Estou ótima, lindo. Ouvi dizer que você teve uma emergência familiar. Posso ajudar de alguma forma? – ofereceu, correndo um dedo pelo meu peito.

– Talvez. O que tem em mente?

– Estou certa de que posso pensar em alguma coisa. – Tawny deu uma risadinha. – Mas achei que você não misturava negócios com prazer.

– Talvez eu possa abrir uma exceção para você – provoquei, erguendo as sobrancelhas e apertando a bunda dela com mais força.

Foi quando Grace pigarreou, e eu e Tawny nos viramos. Grace havia calçado a sandália, vestido a saída de praia e colocado a bolsa no ombro. E nos olhava dando a entender que gostaria que nos afastássemos para que ela pudesse passar.

– Quem é ela, Carson? – quis saber Tawny.

– Ela não é ninguém, gata – falei, e a expressão que tomou conta do rosto de Grace quase me derrubou.

Ela parecia ter acabado de ser nocauteada e chutada. Aquela expressão foi como um soco no *meu* estômago. Grace não esperou que nos afastássemos. Ela passou empurrando, quase desequilibrando Tawny.

– Ei, preste atenção! – falou Tawny com raiva.

Grace nem olhou para trás.

– Enfim – continuou Tawny, se virando outra vez para mim, pegando a minha mão e recolocando em sua bunda –, onde estávamos mesmo?

Eu era um imbecil. Meu Deus. O que eu fiz? Estava tão magoado por Grace ter ficado constrangida pela minha presença, como se eu fosse um *nada* na frente do amigo dela, que reagira sem pensar e tentara magoá-la também. E conseguira. E me senti um idiota por causa disso.

– Desculpe, Tawny, preciso ir – falei, segurando-a pelos ombros e tirando-a literalmente do meu caminho.

– Ei, o que houve? Achei que iríamos sair juntos! – reclamou ela, com a vozinha aguda.

– Você estava certa – falei por sobre o ombro. – Não misturo negócios com prazer. Por um minuto, quase me esqueci disso.

Corri na direção por onde Grace fora, olhando ao redor, até enfim vê-la atravessando a porta que levava ao interior do hotel. Disparei atrás dela.

Quando entrei, corri para o elevador, torcendo para que ela ainda estivesse esperando ali. Eu havia estragado tudo. Tinha que consertar a situação. Não vi Grace em lugar nenhum. Peguei o cartão-chave e apertei furiosamente o botão de subir, praguejando baixinho. Quando o elevador enfim chegou, entrei rápido e, quando algumas pessoas tentaram entrar também, levantei a mão e disse:

– Desculpem! Emergência! Ninguém mais vai subir nesse elevador!

As pessoas recuaram, confusas, e apertei o número do andar de Grace. Ninguém iria me fazer demorar mais para chegar até ela. Senti o pânico me invadir. *Merda, eu consegui. Estraguei tudo.*

Quando as portas do elevador se abriram, saí em disparada pelos corredores e, quando dobrei em um canto, vi Grace quase chegando ao quarto dela, pegando o cartão que abria a porta. Ela me ouviu e se virou, com uma expressão de surpresa, mas a mágoa ainda nítida nos olhos grandes e azuis.

Grace voltou a se virar para a porta.

– Me desculpe, Grace – falei, desesperado.

Ela parou.

– Não há por que pedir desculpa, Carson. É óbvio que você tem uma vida. E eu fiquei no seu caminho por um instante lá embaixo. Por favor, não deixe que eu atrapalhe seus planos com *Tawny*.

– Não tenho planos com *Tawny*, Grace. Fiz aquilo porque não gostei do que aconteceu com Parker. A situação com ele fez com que eu me sentisse um nada, e quis que você se sentisse assim também. Não foi justo, eu fiz besteira. Sinto muito.

Ela me examinou por um instante.

– Compreendo. Também peço desculpas. Mas isto – Grace gesticulou para o espaço entre nós dois – não vai funcionar. Nem mesmo por um fim de semana. Tivemos momentos ótimos juntos, mas precisamos voltar para a vida real. Não fazemos o menor sentido.

Ela colocou o cartão na porta e, quando ouvi o clique indicando que se abria e que Grace estava prestes a entrar, sussurrei:

– Ninguém nunca me fez sentir como você me faz. Nem de longe. Isso me assustou, Grace, e eu reagi. Mas é porque você está muito longe de não significar nada para mim. Muito longe – repeti, implorando com os olhos para que ela me perdoasse.

Grace me encarou por mais alguns segundos, sem expressão, e meu coração pesou no peito. Então ela olhou para baixo e, quando voltou a me encarar, perguntou:

– Quer entrar, Rick?

Deixei escapar uma gargalhada de alívio.

– Sim, flor, eu quero.

Ela assentiu e abriu a porta para que eu entrasse.

capítulo 9

Grace

Abri a porta e Carson entrou atrás de mim. O aperto que eu sentira na garganta durante toda a caminhada da piscina até o quarto começava a diminuir, mas ainda me sentia magoada por ter visto Carson com Tawny e pelo que ele dissera a ela a meu respeito. Durante o trajeto, eu me perguntei por que isso me ferira a ponto de me fazer querer me encolher e chorar. Mas eu também o magoara. Só não tinha percebido na hora. Achei que Carson compreenderia por que eu não tinha como espalhar que estava passando meu tempo com um ator de filmes adultos. Esse era o tipo de coisa que mais tarde poderia vir à tona e arruinar minha carreira como advogada – sobretudo em Washington, onde os políticos sempre estão envolvidos nos casos legais. Pensei que Carson iria encarar bem o que eu disse e que riria depois que Parker fosse embora. Por isso eu inventara o nome bobo na hora, tentando fazer uma piadinha interna com Carson. Não tivera a intenção de fazê-lo se sentir um nada, até porque não era isso que eu pensava dele. Mas nossas vidas não poderiam se misturar. Os encontros que tivemos com outras pessoas na piscina haviam deixado isso muito claro. Esse deveria ser um fim de semana de diversão, de deixarmos as responsabilidades de lado por um tempo para, então, eu voltar ao exato ponto onde estava antes de Vegas. Será que essa *coisa* com Carson estava se transformando em algo perigoso para nós dois? Se começássemos a sentir algo um pelo outro, mesmo em um nível bem básico, aonde isso nos levaria quando tudo terminasse?

Não sabia o que fazer. Meu lado racional me dizia para terminar tudo ali mesmo e ir embora, apesar de gostar de Carson e de termos uma química eletrizante. A parte emocional me detinha, mas eu não sabia *por quê*, e não fazia sentido.

Carson era um enigma para mim – me atacando em um momento e me acalmando logo a seguir, com palavras, com o toque, com o sorriso.

Merda, merda, merda! A situação se complicara, *sim*, e eu só tinha passado um dia e meio com ele.

Caí na cama e olhei para Carson, que agora estava parado com o quadril apoiado no canto da parede, os braços cruzados de forma casual, me observando. Por que ele tinha que ser tão lindo? Esse era seu veneno e ele o injetara em mim... eu estava infectada. Dei um suspiro.

– O que foi? – perguntou Carson, inclinando a cabeça para o lado.

– Nós. – Levantei os dois braços e deixei-os cair outra vez. – O que estamos fazendo, Carson?

Ele olhou para baixo e mordeu o lábio inferior, o cenho franzido.

– O que você quer estar fazendo, Grace?

Também olhei para baixo. Eu queria ficar com ele. Mas queria que isso fizesse algum sentido. Estava certa de que toda a minha história de Cara Número Dois tinha ido para o espaço... pelo menos para mim.

Fizera um bom trabalho convencendo a mim mesma de que essa era a razão pela qual eu concordara em passar o fim de semana com ele, mas eu tinha sido sincera? Talvez não. Algo em Carson havia me atraído e me fizera ter vontade de ficar, de quebrar todas as minhas regras, de jogar todos os meus planos tão bem-feitos pela janela para experimentar coisas que nunca havia me permitido provar, para querer coisas que eu nunca me permitira desejar. Carson não era parte do meu plano como eu havia me convencido de que era... ele era a *antítese* do meu plano. E eu não sabia mais se isso era bom ou ruim. Mas será que essa definição importava mesmo? Não poderíamos ter mais do que um fim de semana, não seria possível. Por tantas razões que era impossível enumerá-las. Eu tinha certeza de que seria muito difícil partir na segunda-feira de manhã sabendo que seria o fim de tudo. O fim *definitivo*. Será que valia a pena tornar tudo ainda mais difícil passando outro dia com Carson?

Ele se aproximou e se agachou à minha frente, descansando os braços sobre os meus joelhos e me olhando nos olhos.

– Escute, flor, parece que esse arranjo de fim de semana se transformou em algo que não esperávamos. Somos amigos. – Ele sorriu. – Quem teria imaginado? E eu quero pelo menos passar o resto do fim de semana com a minha amiga. Você também quer?

Olhei para ele. Era isso que nós éramos? Amigos? Amigos que faziam sexo? Acho que talvez fosse melhor do que estranhos que faziam sexo. E, sinceramente, seria mesmo muito mais difícil partir em 36 horas do que agora? Não conseguia imaginar as coisas muito diferentes na segunda-feira de manhã. Eu sobreviveria. Seria difícil porque eu gostava de Carson, mas conseguiria e ficaria bem. Quando pousasse em Washington, voltaria a me concentrar na realidade e retomaria a minha vida.

– Sim, é o que eu quero.

Ele abriu aquele sorriso de derreter o coração e falou:

– Ótimo. Vou ao meu quarto me trocar para o jantar, e então levar você a algum lugar elegante. Consegue se arrumar em meia hora?

Assenti.

– Tenho aquele vale para o restaurante daqui – lembrei a ele.

– Eu sei, mas quero sair com você, por isso não vamos usá-lo.

– Por quê? A gente fez por merecer, ficando presos no elevador.

– Porque acho importante mimá-la, só isso. Fim de papo.

Mordi o lábio. Eu precisava dizer uma última coisa sobre o que acontecera na piscina antes de deixar a história de lado de vez.

– Odiei ver você tocando nela, Carson, e isso também me assustou – sussurrei.

Ele fechou os olhos por um instante e baixou a cabeça. Quando voltou a me encarar, sua expressão era do mais puro arrependimento.

– Usei Tawny para atingir você. Foi errado de muitas maneiras. – Carson balançou a cabeça devagar. – Eu não soube o que fazer com o que estava sentindo. Eu nunca tive... ciúme antes. Foi um terreno desconhecido para mim.

– Você ficou com ciúme? – perguntei. – De Parker?

– Fiquei. Tive vontade de afogá-lo na piscina.

Eu ri, mas logo cobri a boca e balancei a cabeça.

– Isso não é legal.

Ele sorriu.

– Não, não é. E é crime. Por isso me controlei e escolhi ser um babaca. – O rosto de Carson ficou sério. – Estou arrependido de verdade.

Sorri e disse baixinho:

– Eu também. – Fiz uma pausa e encarei os olhos sinceros dele. – Em meia hora?

– Isso. Meia hora – assentiu Carson. Quando já estava se levantando, ele parou e roçou os lábios nos meus. – Até logo.

Então ele saiu e eu caí de volta na cama.

A vida é louca, lembrei a mim mesma, baixinho.

Depois de alguns minutos, me levantei e fui para o chuveiro. Raspei o pelo de todos os lugares possíveis, saí e me sequei. Borrifei um pouco de perfume, bem pouco, e sequei o cabelo com um modelador até as mechas caírem em cachos macios pelas minhas costas. Apliquei um pouco mais de maquiagem do que o normal, incluindo duas camadas de rímel para escurecer meus cílios castanhos-claros. Eles não chegariam aos pés dos cílios incríveis de Carson, mas a natureza era cruel: dava cílios longos e escuros para rapazes que não davam importância a isso. Procurei me concentrar em coisas mundanas enquanto me arrumava. Liguei o rádio e cantarolei as músicas enquanto me vestia.

Como eu não sabia se teria que ir a algum jantar elegante durante a conferência, levarei um vestido de coquetel, um pretinho básico que pegara emprestado de Abby e que estava pendurado no armário. Era curto e sem alças, com uma faixa de renda na cintura e a saia rodada. Era sexy, mas discreto. Eu o adorava e torcia para que Carson também gostasse dele. Eu estava acabando de calçar os sapatos de salto alto quando ouvi uma batida na porta.

Abri e vi Carson parado ali, usando uma calça social preta e uma camisa verde-clara que realçava seus olhos castanhos. Ele fizera alguma coisa no cabelo... alisara-os um pouco para trás. Carson começou a sorrir, mas logo ficou sério quando me mirou de cima a baixo.

– Isso não é legal, flor.

– Como assim? – perguntei.

– Como vou conseguir passar uma refeição inteira sentado, quando só vou pensar em voltar para o quarto e trepar com você até enlouquecê-la? Esse vestido vai me causar sérios problemas.

Ri e balancei a cabeça, enquanto pegava o cartão-chave do quarto e a minha carteira de motorista. Estendi as duas coisas para Carson.

– Você tem lugar no bolso para isso? – perguntei.

Ele pegou tudo e guardou no bolso de trás da calça, enquanto me dava o braço.

– Aonde estamos indo? – perguntei quando entramos no elevador.

– Fiz uma reserva no Olives. Tudo bem?

– Claro. Quero dizer, eu ainda não fui a nenhum restaurante daqui.

Carson me puxou junto ao corpo enquanto o elevador descia, me envolvendo naquele aroma único que fazia os meus hormônios dispararem. Não resisti a me pressionar contra ele, enfiar o nariz em seu pescoço e inalar fundo.

Carson riu.

– Gosta do meu cheiro, flor?

– Hummm – murmurei, sem me afastar para respirar.

– Também gosto do seu – sussurrou ele de volta. – Me deixa de pau duro.

E pude sentir que era verdade.

Afastei-me e olhei para ele, o ar parecendo faiscar entre nós.

– Você trouxe tênis de corrida? – perguntou Carson.

Ergui a sobrancelha, confusa com a súbita mudança de assunto.

– Está planejando fugir para não pagar a conta?

Ele riu.

– Não, pensei que poderíamos fazer uma caminhada amanhã se você estiver disposta. O Red Rock Canyon tem umas trilhas lindas. Mas teríamos que ir cedo. No verão fica muito quente à tarde.

– Eu gostaria, sim – respondi. – E trouxe tênis. Mas lembre-se de que preciso estar de volta para a palestra às duas. Estou tentando conseguir vaga para fazer uma matéria sobre legislação no outono e quem vai falar amanhã é o professor responsável.

– Vamos voltar a tempo. – Ele olhou para mim. – A que horas é o seu voo na segunda-feira?

– Às seis da manhã – respondi baixinho. – E o seu?

– Às sete. Podemos ir juntos para o aeroporto.

Assenti, mas resolvi que não queria pensar sobre isso. Estávamos ali, agora, e eu pretendia aproveitar ao máximo o tempo que ainda tínhamos juntos.

Chegamos ao Olives e olhei ao redor. Era lindo, com o mesmo estilo mediterrâneo do Bellagio. Esperei enquanto Carson se inclinava para falar com a recepcionista. Ela deu uma risadinha e assentiu. Ele sorriu para mim, me ofereceu o braço e seguimos a moça até a nossa mesa. Fomos acomodados na varanda, com vista para o lago Bellagio, onde tínhamos visto o show das fontes. Fiquei sem fôlego, encantada.

– É lindo – sussurrei.

Carson apenas sorriu e puxou a cadeira para que eu me sentasse.

– Não são cachorros-quentes na Strip, mas precisamos comer, mesmo que para isso tenhamos que baixar nossos padrões. – Ele piscou para mim.

Olhei ao redor. Estava cercada por luzes. O brilho da Strip a distância, o cintilar da água e as luzes que enfeitavam a varanda, piscando, pareciam dançar. Senti algo mágico, de outro mundo. Olhei para Carson e ele me observava.

– No que está pensando? – perguntou, e segurou a minha mão por sobre a mesa.

Olhei dentro dos olhos dele e decidi que, pelo menos nessa noite, iria experimentar tudo o que pudesse e aproveitar cada minuto. A vida é louca, Carson estava certo. Ou poderia ser, se permitíssemos. *Eu ia permitir.* Ia esvaziar a mente de todo o resto e me deixar levar pela beleza de tudo ao meu redor – o cenário, a comida, o homem sentado à minha frente. Ia viver ali tudo o que não vivera durante todos aqueles anos em que rejeitara relacionamentos que poderiam ter acontecido se eu não estivesse tão concentrada em outras coisas, aqueles anos em que minhas escolhas permitiram que outras pessoas fossem felizes, sem nunca considerar o que *me* faria feliz. Carson me contaminara, era verdade, mas talvez a aparência dele não fosse seu único veneno. Talvez seu espírito também fosse contagioso. E quem sabe, no que dizia respeito a Carson, assim como no caso das vacinas, um pouco de veneno fosse a cura, não a doença.

Esse fim de semana teria consequências, eu sabia disso, mas não estava mais disposta a mentir para

mim mesma. E talvez essas consequências não fossem todas negativas. Talvez eu me transformasse em uma pessoa melhor depois do encontro com Carson. Sim, com certeza, *a vida era louca*.

– Eu estava pensando, Carson, em como tenho sorte de estar aqui com você esta noite.

Os olhos dele brilharam e um sorrisinho fez curvarem os lábios carnudos, pouco antes de uma expressão que pareceu ser de surpresa atravessar seu rosto.

Ergui o copo de vinho que havíamos pedido e que o garçom tinha acabado de servir.

– À vida louca – falei e sorri.

Ele também ergueu o copo.

– Aos planos bem-feitos – falou sorrindo também.



Carson

Fitei Grace do outro lado da mesa, vi seus olhos brilhando enquanto olhava ao redor. Adorei. Queria mostrar mais a ela. Queria fazer com que experimentasse o máximo possível. Queria ver os olhos grandes e azuis se arregalarem de prazer, não apenas por causa do que eu poderia fazer com seu corpo, mas por todas as experiências das quais ela havia se privado por tanto tempo. Queria mostrar a Grace coisas que ela nunca vira antes. Queria levá-la para fazer snowboard em uma montanha no crepúsculo, queria fazer amor com ela sob o sol quente na praia de algum lugar exótico. Pela primeira vez na vida, eu sentia que tinha mais a oferecer além do meu corpo. Mas esse desejo era como uma faca de dois gumes: me dava a sensação de estar vivo de um modo como nunca experimentara antes, mas também me enchia de tristeza por saber que isso não duraria.

Mas talvez a vontade de oferecer mais por si só já fosse uma coisa boa. Talvez Grace tivesse aberto meus olhos para a possibilidade de eu ser mais, de a vida ser mais para mim. Algo nessa ideia me provocou uma reação que não consegui identificar na hora – algo em que eu pensaria mais tarde.

Pedimos o jantar e Grace sorriu.

– Então, Carson – disse –, devo confiar em você para me levar em uma caminhada no deserto *absolutamente a sós*? Não vou desaparecer de forma “misteriosa” na manhã seguinte, não é? – Ela ergueu a sobrancelha.

– Não que eu esteja planejando enterrá-la a sete palmos do chão, mas há um risco real de eu atacá-la como se eu fosse uma hiena do deserto porque você é irresistível.

Encarei-a muito sério e Grace caiu na gargalhada.

– Acho que as autoridades conseguiriam me rastrear pela trilha de roupas rasgadas e jogadas pelo caminho, certo?

Tomei um gole do vinho. Eu nunca bebia vinho, mas essa noite parecia pedir uma taça.

– E por causa do meu nome ecoando pelo cânion, depois dos seus gritos – falei, cerrando os olhos contra a minha vontade e sentindo meu pau latejar na calça só de imaginar a cena.

Minha nossa, como eu adorava ouvir Grace gritando o meu nome. Não existia nada igual.

Ela pigarreou.

– Falando nisso, devemos ficar no meu quarto esta noite? Ele nem chegou a ser usado.

– Não, resolvi que gosto de ter você no meu quarto.

Grace inclinou a cabeça para o lado e tomou outro gole do próprio vinho.

– Por quê?

– Não sei. Tem algo a ver com ter você no meu covil. – Dei uma piscadela.

Ela revirou os olhos.

– Está mais para um covil sexual, hiena do deserto.

– Gosto ainda mais disso.

Nossa comida chegou – eu pedira um bife e Grace, salmão. Comemos em silêncio por alguns minutos.

– Hummm, essa comida está fantástica – comentou Grace.

– Você come fora com frequência? – perguntei.

– Não, é bem raro. Recebo uma bolsa de estudos que também serve para pagar as minhas despesas, mas não sobra muito no fim do mês.

Ela deu de ombros e continuou:

– De qualquer forma, não tenho muito tempo para nada a não ser estudar. Mas vai valer a pena.

Grace tomou mais um gole do vinho e olhou para mim por sobre a borda do copo.

– Tenho certeza disso – concordei. – Por que ramo do direito você se interessa? – Cortei um pedaço de carne e coloquei-o na boca.

– Direito societário.

Eu a encarei por um instante.

– Nossa, parece tão empolgante quanto o fechamento hermético dos potes Tupperware...

Grace cobriu a boca com a mão e riu alto.

– Na verdade, é muito interessante – rebateu.

– Jura? O que tem de interessante?

Ela pensou por um tempo. Então me encarou, riu e balançou a cabeça.

– Nada. Não há absolutamente nada de interessante em direito societário.

– Então por que escolheu esse ramo?

Grace suspirou.

– Meu pai trabalha no sistema de justiça criminal. Ele vê tudo o que dá errado com promotores e advogados de defesa... toda a merda com que precisam lidar, todas as histórias terríveis que escutam. Pedi um conselho, e ele achou que direito societário seria uma escolha boa, segura e sólida de carreira. – Grace balançou a cabeça, como se tentasse se convencer disso.

Ergui a sobrancelha, ainda encarando-a.

– Escolha do seu pai, certo?

– Carson... – disse Grace, com um tom de alerta na voz. – Não vou fazer essa escolha para agradar o meu pai. Pedi conselhos a ele porque é uma pessoa com experiência nesse campo e pode me orientar, só isso.

– Hummm... Ok, e se você não tivesse seu pai para *orientá-la*, o que teria escolhido?

Ela me encarou por um tempo, o cenho levemente franzido.

– Ser promotora – sussurrou.

Então fitou a comida, o rosto vermelho, com uma expressão envergonhada, como se tivesse acabado

de admitir que queria comer meu fígado com um vinho sofisticado.

Assenti, mas ela continuou em silêncio. Não tive a intenção de deixá-la desconfortável com a conversa, por isso mudei de assunto.

– Não sei se você sabe, mas Las Vegas é conhecida por suas boates. Quer ir a uma depois do jantar?

Grace tomou mais vinho e olhou para mim com uma expressão ardente.

– Na verdade, Carson, se você não se incomodar, prefiro ir para o meu quarto.

– A conta, por favor – falei, fingindo olhar ao redor em busca do nosso garçom.

Ela riu. Continuamos conversando, então o garçom recolheu os pratos e paguei a conta. Peguei a mão de Grace e subimos para o meu quarto. Meu corpo vibrava de expectativa, no entanto, mais do que isso, havia algo de mais profundo entre mim e Grace hoje. Não conseguiria experimentar *tudo* o que queria com ela, mas ainda tínhamos tempo juntos... e eu não desperdiçaria nem um segundo.

capítulo 10

Grace

Pegamos o elevador com outros dois casais e subimos para o quarto de Carson. Um casal desceu logo no primeiro andar e seguimos em silêncio, até ficarmos sozinhos no elevador alguns andares depois. Assim que as portas voltaram a se fechar, me vi imprensada contra a parede por 1,85 metro de um homem excitado e com um cheiro *muito* bom! Gemi antes mesmo de a boca de Carson encontrar a minha. Esperei um beijo ardente, apaixonado, mas ele não estava com a menor pressa. Apenas continuou a pressionar o corpo contra o meu, as mãos acariciando o meu quadril, nossas línguas brincando devagar. O estilo do beijo não combinava muito com o cenário – em um elevador onde, em tese, qualquer um poderia nos surpreender – e, por alguma razão, esse fato fez com que chamadas de desejo se acendessem dentro de mim. Carson já me beijara de várias maneiras no último dia e meio. Mas este beijo foi o meu favorito de todos. Ele parecia ter sido personalizado, apenas para mim... não saberia explicar por quê, mas havia algo diferente nesse beijo. Nossos corpos se encaixaram de uma forma perfeita e nossas línguas se moveram juntas, como em um tango lento. Eu estava zozza de desejo.

As portas se abriram e Carson se afastou de mim devagar, me deixando tonta e ofegante. Ele não pareceu se preocupar nem um pouco com a possibilidade de alguém nos flagrar no elevador. Saímos e desci o corredor até o quarto dele com as pernas bambas.

Assim que fechamos a porta, Carson já estava em cima de mim outra vez – ele me empurrou contra a porta e me beijou com intensidade. Quando se afastou, me encarou e roçou o polegar sobre o meu lábio inferior.

– Não consigo me saciar de você – sussurrou, os olhos tempestuosos, a expressão tensa.

Então sua boca voltou a capturar a minha, nossas línguas se encontraram, minhas mãos se perderam na maciez do cabelo dele.

De repente, Carson me pegou no colo, me levou para perto da cama e me colocou de pé. Ele me segurou pelos ombros, virou meu corpo devagar e abriu o zíper do meu vestido. Senti sua boca cálida beijando as minhas costas conforme o zíper deslizava, revelando cada vez mais da minha pele. Estremeci e meus mamilos ficaram rígidos com a sensação erótica de ter a boca de Carson me tocando em lugares inesperados.

Meu vestido caiu no chão, eu saí de dentro dele e o chutei para o lado. Como as mãos de Carson não voltaram a me tocar logo em seguida, olhei por sobre o ombro e o peguei me encarando com uma expressão intensa, faminta, os olhos descendo pelas minhas costas, passando pela pequena calcinha fio dental preta que expunha a maior parte do meu traseiro, e chegando até meus calcanhares.

– Você é deslumbrante, flor. Se eu soubesse pintar, retrataria você agora, exatamente como está.

Eu me virei de costas outra vez, com um sorrisinho, relaxando os ombros depois de ter visto a expressão de profunda admiração no rosto dele. Elogios costumavam me deixar desconfortável. Mas, por alguma razão, o de Carson fez com que eu me sentisse quente e relaxada, e vi nos olhos dele que eu não tinha razão para duvidar da sua sinceridade.

Após vários segundos, senti o corpo dele encostar no meu. Carson passou as mãos ao meu redor e espalmou-as sobre os meus seios, os dedos desenhando círculos preguiçosos ao redor dos mamilos. Inclinei a cabeça para trás e descansei-a no ombro dele, suspirando de prazer com o toque.

– Carson... – sussurrei.

Ele continuou a roçar delicadamente meus mamilos, provocando um frio no meu estômago e faíscas entre as minhas pernas. Em instantes, eu estava úmida e pronta para recebê-lo, como sempre.

Balancei os quadris de leve contra a rigidez dele, e Carson ofegou.

– O que você me faz sentir, flor – grunhiu –, eu não sabia... – Mas ele se interrompeu, sem terminar o pensamento.

Fiquei me perguntando o que Carson queria dizer, mas eu estava tão excitada que, quando as mãos dele desceram dos meus seios na direção do ponto quente entre as minhas pernas, preendi a respiração com a doce expectativa de ser tocada onde eu precisava desesperadamente.

No momento em que a mão de Carson chegou ao meu umbigo, ele se afastou e deixei escapar um gemido de reclamação.

– Psiiu, flor – falou Carson –, só quero poder sentir sua pele contra a minha.

Não olhei ao redor enquanto o ouvia se despir. Então ele estava de volta, seu corpo contra o meu. Gemi, agora de puro prazer, ao sentir os músculos colados às minhas curvas suaves, a ereção quente e rígida cutucando a parte de baixo das minhas costas. Carson era tão masculino que eu me sentia feminina como nunca antes. Eu me deleitei com a sensação, descobrindo esse meu lado pela primeira vez. Eu não precisava assumir o controle agora, nem sentia vontade de fazer isso. Confiava em Carson. Adorava a forma como ele falava, as coisas que dizia em nossos momentos íntimos, o modo como assumia o controle e me indicava o que fazer. Ele fazia com que me sentisse segura, protegida e mais excitada do que nunca.

Carson roçou meus mamilos por mais um tempo, beijou e lambeu meu pescoço, então disse:

– Incline-se sobre a cama, Grace. – Ele parecia tenso.

Senti um calor se espalhar pelo meu ventre ao ouvir essas palavras e comecei a despir a calcinha que usava, mas ele me deteve.

– Fique com ela.

– Mas... – comecei a dizer, me virando para trás para olhá-lo.

– Fique com ela – repetiu Carson.

Assenti e virei a cabeça para a frente de novo.

– Abra as pernas – pediu ele com delicadeza.

Fiz o que ele pediu e me inclinei para a frente, por cima da cama. Por vários segundos, não houve nenhum movimento atrás de mim.

– É muito perfeito – sussurrou Carson, pouco antes de eu ouvir a embalagem da camisinha sendo aberta.

O fato de não saber direito o que estava acontecendo e a expectativa fizeram meu sangue disparar nas

veias e meu corpo tremer. Sentia vontade de gritar de desespero, tamanho era o desejo que me consumia, e a pulsação estava intensa no meu ponto mais íntimo.

Percebi que ele afastou minha calcinha fio dental para o lado e, embora esperasse a ponta do pênis dele me penetrar, o que senti foi a língua quente e úmida. Gritei diante da sensação inesperada, tanto pelo prazer físico quanto pela imagem mental chocante de Carson atrás de mim, me lambendo desse ângulo.

Ele passou a mão entre minhas pernas e usou o dedo do meio para desenhar círculos lentos no meu clitóris enquanto continuava a arremeter a língua devagar dentro de mim. Não consegui evitar e coleei o traseiro no rosto dele, ofegante, sentindo um orgasmo prestes a me dominar.

– Mais rápido, *por favor*, Carson! – implorei, arquejando.

Como ele sempre sabia o modo exato de me fazer implorar? Eu queria, *precisava*, gozar tão desesperadamente... os movimentos dele, embora deliciosos, eram lentos demais para que eu chegasse ao clímax com a rapidez que eu desejava.

Mas Carson me ignorou e, em vez de realizar a minha vontade, começou a me lambe mais para trás, bem no meu... ai, meu Deus! Ele estava mesmo me lambendo *ali*? Fiquei um pouco tensa, mas Carson continuou a lambe cada vez mais para cima, subindo pelo sulco entre as minhas nádegas até chegar à parte de baixo das minhas costas, onde lambeu a minha pele de leve. Ele parou outra vez e quase gritei de frustração. Se Carson não estivesse dentro de mim em três segundos, eu seria obrigada a assumir o controle da situação. Estava tão excitada que temi entrar em combustão espontânea.

Mas então senti Carson puxar minha calcinha para o lado de novo e, *finalmente*, a ponta do pênis dele encostou na minha vagina. Empinei o traseiro para trás, para recebê-lo, gemendo sem parar. Mas Carson se afastou e deixei escapar um som irritado, frustrado.

– Não se mexa, por favor – falou ele.

Apesar do “por favor”, o pedido soou como uma ordem.

Balancei a cabeça, assentindo, desesperada demais para falar qualquer coisa. Considerei por um instante a possibilidade de me virar e pular em cima dele, forçando-o a me possuir, mas logo o senti outra vez na entrada da minha vagina. Estava trêmula com o esforço de ficar imóvel, mas Carson, quando viu que eu não me mexeria, enfiou o pênis um pouco mais. Ambos gememos ao mesmo tempo.

– Você é ainda mais apertada desse ângulo, Grace. Minha nossa.

Deixei a cabeça cair para a frente e Carson arremeteu com vontade, me preenchendo por inteiro. *Ah, isso é bom demais!*

Ele começou a se mover devagar, as mãos mantendo meu quadril firme. Inclinei o traseiro para cima, na direção dele, querendo-o o mais fundo possível dentro de mim.

– Grace – gemeu Carson, e o ritmo de suas arremetidas aumentou. – Queria que você me visse penetrando você assim. É lindo. Você é linda. – A voz dele falhava com os movimentos que fazia, parecendo rouca.

Fechei os olhos e imaginei a cena, então gemi diante do que minha mente criara. Carson passou a mão ao redor do meu corpo, passou-a por baixo do fio dental e começou a massagear meu clitóris outra vez, agora acompanhando o ritmo de suas penetrações, enquanto a outra mão permanecia apoiada no meu quadril. Ele sempre ficara em silêncio nas outras vezes em que tínhamos feito sexo, mas agora dava pequenos grunhidos a cada bombeada. Algo nos gemidos de Carson me fez chegar ao clímax mais rápido,

e gritei o nome dele quando gozei, de forma ágil e intensa, todo o meu corpo tenso com o orgasmo violento.

– Ahhh – grunhiu Carson atrás de mim, arremetendo uma última vez e gemendo com o alívio do próprio orgasmo.

Todo o meu corpo vibrava com as últimas ondas de prazer, e minhas pernas tremiam com o esforço de sustentar meu corpo.

Carson saiu de dentro de mim, eu me virei e caí na cama. Olhei para cima a fim de encará-lo e vi algo muito semelhante a espanto na expressão dele, quando sorriu para mim. Carson também caiu na cama e colou a boca à minha, beijando-me lenta e profundamente uma última vez. Então ele se levantou e me encarou.

– Nossa... – murmurou.

Sorri de forma preguiçosa.

– Sim... – falei, meu sorriso ainda mais largo.

Carson se livrou da camisinha e nos acomodamos juntos na cama, eu aconchegada ao peito quente e firme dele.



Carson

Permaneci abraçado a Grace, acariciando devagar o braço dela por alguns minutos, pensando no que tínhamos acabado de compartilhar. Era uma posição básica no sexo e, apesar disso, eu me sentira mais conectado a Grace do que jamais havia me sentido com qualquer outra pessoa. *Emocionalmente conectado*. Estive prestes a dizer a ela que eu não sabia que era possível se sentir dessa forma no sexo, mas as palavras não chegaram aos meus lábios. Eu tinha pensado melhor. Achei perigoso. Ficaríamos juntos por apenas *um* fim de semana, nada mais. Fiquei confuso e não me lembrava de ter passado pela mesma coisa antes. Era uma experiência nova para mim. Confusão indicava possibilidades, *escolhas*, mas quais eram as minhas opções nessa situação? Não havia nenhuma.

Olhei para Grace, que deu um sorrisinho para mim e fechou os olhos. Eu me inclinei, beijei suas pálpebras, e ela sorriu. Então voltou a abri-los e me encarou. Grace subiu na cama, pousou as mãos contra o meu peito, uma em cima da outra, e apoiou o queixo sobre elas, sempre me olhando.

– Oi. Como você está?

– Minha avó costumava dizer que estava “feliz como pinto no lixo” quando alguém lhe fazia essa pergunta. Sempre achei essa resposta muito esquisita. Mas foi o que me veio à mente. – Sorri para ela.

– Me conte sobre a sua avó.

– Era uma senhora muito doce. Eu passava a maior parte dos verões com ela e, como já falei, também fiquei na casa dela quando minha mãe ficou internada na clínica de reabilitação. Minha avó me ensinou muita coisa.

Fiquei em silêncio por um instante, me lembrando dela, ouvindo sua voz em minha mente.

– Que tipo de coisas? – perguntou Grace com uma voz gentil.

– Todo tipo. Como cortar a grama, como pegar um gafanhoto, como escolher um melão na feira. – Sorri ao lembrar. – Coisas inúteis para um garoto de Los Angeles. O mais importante, na verdade, não foi o que ela me ensinou, mas o fato de ela ter se importado em fazer isso.

Grace assentiu como se entendesse perfeitamente o que eu queria dizer. E talvez entendesse mesmo.

– Mas ela também vivia triste por causa da minha mãe. – Fiquei em silêncio por um instante. – Minha avó nunca conversava muito sobre a minha mãe, mas dava para perceber que ela carregava um grande arrependimento.

– Onde sua mãe mora agora? – perguntou Grace.

Olhei para ela, surpreso com a pergunta. Eu não costumava falar muito sobre a minha mãe, nem mesmo com os meus amigos mais próximos, mas já compartilhara tantas coisas com Grace que não havia dividido com mais ninguém.. Agora já me sentia confortável com qualquer pergunta que ela fazia, achava normal. Confiava nela.

– Minha mãe ainda mora em Los Angeles – respondi. – Não muito longe de mim.

Grace assentiu.

– Vocês se dão bem?

Suspirei.

– Sim e não. Falo com ela de vez em quando, mas não somos próximos. Ela leva uma vida mais calma do que quando eu era criança, mas muita coisa aconteceu nesse meio-tempo. Não nos conhecemos de verdade, e é constrangedor ficar perto dela.

Grace pareceu triste e desviou o olhar por alguns segundos, como fazia quando estava pensando.

– Ela ainda...

– Continua atuando? – completei. – Não. Minha mãe mora com um cara. Um idiota. A gente se desentendeu uns oito meses atrás, quando fui visitá-la, e não voltei lá depois disso. Mas pelo menos ela não estava usando nenhum tipo de droga... até onde eu sei.

Grace manteve a expressão triste no rosto.

– Sinto muito – sussurrou. – Sei o que é não ter uma mãe por perto... ou uma que realmente faça diferença. Mas pelo menos tive a minha até os 11 anos.

– Talvez isso torne as coisas mais difíceis, não mais fáceis, flor.

Ela inclinou a cabeça para o lado, pensando a respeito.

– O que quer dizer?

– Talvez ter uma coisa boa e se ver obrigado a abrir mão dela possa ser mais doloroso do que nem saber o que está perdendo.

– Sim, talvez – concordou ela, pensativa.

Ficamos em silêncio por alguns minutos. Olhei para Grace e coloquei uma mecha do cabelo dela atrás de sua orelha.

– Você é tão linda... – murmurei.

Grace deu um sorriso tímido.

– Elogios deixam você desconfortável? – perguntei.

Sempre que eu a elogiava, ela parecia ficar um pouco insegura. Com certeza devia saber quanto era linda.

– Normalmente, sim, mas adoro ouvi-los vindo de você – retrucou Grace, baixinho. – Cresci com um

pai que nunca demonstrou ter um lado mais suave. Ele é do tipo forte e silencioso. Foi um ótimo pai, mas nunca disse a nós, meninas, que éramos bonitas. Se bem que não era da natureza dele ficar distribuindo elogios sobre nada.

Ela pareceu pensativa por um instante.

– Se meu pai estivesse satisfeito com alguma de nós, saberíamos pela expressão orgulhosa em seus olhos ou talvez quando ele erguesse o queixo em nossa direção, mas sempre em silêncio. Aprendi a receber esse tipo de aprovação dele pelas minhas conquistas acadêmicas, nunca pela minha aparência.

Grace deu de ombros.

Assenti e pensei que, nesse ponto, éramos o exato oposto um do outro. Eu conseguia aprovação pela minha aparência, raramente pelas conquistas.

– Bem, então só para deixar registrado, você é linda. Uma linda flor.

– E você é uma linda hiena do deserto – brincou ela.

– Já recebi muitos elogios na vida, mas esse deve ser o melhor de todos – falei e dei uma risada.

Grace riu também, então ficou em silêncio por um tempo.

– Me conte sobre a sua primeira vez.

Coloquei as mãos atrás da cabeça e olhei para o teto, fingindo me lembrar de um sonho.

– Sandra Daniels. Tínhamos 15 anos. Eu gostava dela, *muito*. Passamos uma linda tarde juntos no meu apartamento. – Sorri para Grace. – No dia seguinte, no colégio, eu estava caminhando em direção ao armário dela, com seu bagel favorito na mão, quando a ouvi contando a uma amiga que, agora que já se livrara da virgindade, podia ficar com alguém que fosse mais adequado a um relacionamento sério, que servisse para outras coisas além de sexo. Fiquei arrasado...

Grace parecia chateada.

– Carson...

– Ah, não, não, não fique assim. Eu tinha 15 anos, flor. Já superei. Palavra de escoteiro. – Levantei os dois dedos em referência à saudação dos escoteiros.

Ela não sorriu, apenas me encarou com uma expressão confusa e olhou para baixo. Quando enfim voltou a olhar para mim, parecia triste.

– É bem parecido com o meu plano idiota, não é? – sussurrou. – Isso é horrível. *Eu sou horrível*.

– Calma aí, espere um pouco. Não contei essa história para tentar compará-la a Sandra Daniels. Juro. Você pediu que eu lhe contasse e foi assim que aconteceu. Como eu disse, a gente tinha 15 anos. É diferente.

Ela assentiu, mas ficou em silêncio outra vez, com o cenho franzido. Então voltou a falar:

– Carson, quero que saiba de uma coisa. Sei que nosso “arranjo” começou dessa forma, mas... bem... não o considero mais o Cara Número Dois e nunca irei considerar. Você é mais do que isso. Para mim, é Carson, a minha hiena especial do deserto.

Grace tentou dar um sorriso que acabou parecendo uma careta.

Ela estava sendo dura demais consigo mesma, afinal havíamos combinado isso juntos. Mas ela não precisava se sentir mal a respeito, pelo menos não por minha causa.

Sorri para ela e beijei sua testa.

– Bem, vou lhe dizer uma coisa – falei –, o que me deixa feliz é o fato de essa cama ser tão bonita e

grande, e não uma tábua qualquer no meio do mar, porque, se você cair no meio da noite, não terei problemas em puxá-la de volta. Nunca desista, meu bem.

Grace enfim abriu um sorriso de verdade e percebi que relaxou. Então começou a fazer cócegas no meu corpo.

Soltei uma risada e me virei para também fazer cócegas nela. Grace deu gritinhos e ficamos brincando desse jeito por um tempo, até eu olhar nos olhos dela e perceber que estava excitada de novo. Eu também. Cacete, Grace ia mesmo acabar comigo.

Eu me inclinei e coleí minha boca na dela, beijando-a até ficarmos ofegantes, o desejo correndo disparado pelas minhas veias outra vez, deixando meu pau duro.

Afastei o cabelo do rosto de Grace e olhei fundo nos seus olhos azuis límpidos antes de encostar o nariz no dela e roçar os lábios em sua boca.

Levei a mão ao meio das pernas dela para me certificar de que Grace estava pronta para me receber e, quando senti a umidade intensa ali, gemi.

Abaixei a cabeça para lamber os seus seios e comecei a chupar um dos mamilos até ela se contorcer contra o meu corpo, puxando o meu cabelo. Era verdade que eu sabia o que fazer na cama, mas, meu Deus, como Grace não conseguira ter nem *um* orgasmo com o primeiro incompetente com quem havia transado? Ela reagia com muita facilidade, era *perfeita*. O cara deve ser o idiota mais sem talento para o sexo do planeta. Afastei o pensamento tão rapidamente quanto ele surgiu. Não haveria mais ninguém nessa cama agora, apenas eu e ela.

Estendi a mão para a mesinha de cabeceira, peguei uma camisinha e coloquei-a enquanto Grace me observava, os olhos dela se arregalando um pouco ao se dar conta do tamanho da minha ereção. Nossos olhares se encontraram e algo nos percorreu, intenso mas terno. Não saberia descrever e não parei para analisar.

Segurei meu pau e o guiei até o ponto apertado e úmido que me recebeu, sem nunca afastar os olhos dos dela.

– Grace... – sussurrei, enquanto começava a me mover dentro do corpo dela.

Ajustei o ângulo para poder atingir o ponto interno, na parede da vagina dela. Grace fechou os olhos, gemeu e me enlaçou com as pernas.

Voltei a beijá-la de forma intensa, possuindo-a tanto com a língua quanto com o pênis, sentindo algo muito poderoso subir pelo meu peito. Levei a boca até o pescoço dela e lambi a pele macia, acetinada, enquanto Grace suspirava.

– Hummm... Que gostoso, Carson – disse ela, entre gemidos.

Adorava saber que eu a fazia se sentir bem, adorava ouvi-la dizer meu nome e a expressão terna em seus olhos enquanto ela me fitava.

Continuei a entrar e sair lenta e profundamente do corpo dela, sem acelerar o ritmo, querendo que aquilo durasse.

– Carson, quero... – gemeu Grace.

– O quê, Grace? O que você quer? – perguntei com a voz engasgada.

– Tudo. Eu quero tudo – disse em um arquejo. – Tudo o que você tiver para dar.

Ergui a cabeça e, quando nos encaramos, vi que os olhos de Grace estavam arregalados e ardentes. Não queria afastar os olhos dos dela, eu estava perdido neles, perdido nela.

Senti o calor se acumular no meu ventre e o prazer se concentrar em meu abdômen quando acelerei o ritmo. Levei a mão ao local em que nossos corpos se uniam e passei o dedo pelo clitóris dela, em movimentos circulares, provocando um gemido. O som agiu como lava correndo pelo meu corpo, parando na base da minha espinha, enquanto os primeiros arrepios do orgasmo iminente me dominavam. Grace estava acabando comigo, de maneiras que eu não queria nem considerar.

Quando senti os músculos internos dela me apertando, me soltei e meu próprio orgasmo explodiu, ardente, intenso, abençoado. Voltei a capturar a boca de Grace e beijei-a intensamente enquanto a vagina dela latejava, e me esvaziei dentro dela.

Fiquei com a cabeça enterrada contra o pescoço de Grace por alguns minutos até nossa respiração se acalmar e percebi que ela acariciava meus braços com as unhas. Suspirei de felicidade. Então ergui a cabeça, beijei-a novamente e sorri enquanto saía de dentro dela.

Quando fui jogar a camisinha fora, me dei conta de que o que acabara de acontecer não fora apenas uma trepada. Não fora nem apenas sexo. Eu tinha acabado de fazer amor com Grace.

capítulo 11

Grace

Alguém mau e cruel, um demônio saído das profundezas do inferno, sacudiu meus ombros de manhã cedo, quando ainda estava escuro. Senti o perfume de Carson perto de mim e inspirei profundamente com um sorriso. Então tentei voltar a me aconchegar em meio às cobertas. Adorava esse cheiro. Era apenas um sonho, que pensei ser ruim a princípio, mas estava ficando bom, muito bom.

– Acorde, minha flor adormecida. – Ouvi o sussurro no meu ouvido, com um hálito de hortelã.

Eu me forcei a abrir um dos olhos.

– O que eu fiz para você? – grasnei.

– Se quiser fazer a caminhada na montanha essa manhã, precisamos ir. Levante-se!

Gemi. O que eu vira nele? O homem era um sádico. Ouvi Carson entrar no banheiro e me arrastei para fora do nosso ninho quentinho e feliz. Adorava esse cantinho. Queria voltar para ele e ficar ali para sempre. Era quente e tinha um cheiro bom... o cheiro dele.

Entre no banheiro também e Carson estava parado diante da pia, passando as mãos pelo cabelo molhado. Ele me olhou pelo espelho e riu.

– Oi, Muppet! – E continuou, com um sorriso: – Você não é uma pessoa muito matinal, certo?

Grunhi. Porém, quando me vi no espelho, arregalei os olhos. Eu estava *mesmo* parecendo um dos Muppets mais descabelados. Bom apelido. Meus cabelos apontavam para todas as direções e eu tinha as marcas das dobras do travesseiro no rosto. É isso que acontece quando alguém me acorda cedo, *Carson*. Franzi o cenho e comecei a escovar os dentes.

Carson veio por trás de mim, passou os braços ao redor da minha cintura e sussurrou no meu ouvido:

– Eu já disse que tenho uma estranha atração por Muppets com cara de loucos e descabelados?

Bufei e cuspi um pouco da pasta de dente.

– Eu sabia que em algum momento você acabaria deixando escapar seus fetiches esquisitos – falei, com a boca cheia de pasta.

Ele riu baixinho e me deu um tapa no bumbum.

– Ande, precisamos sair logo se não quisermos passar muito calor.

Tomei um banho rápido, sequei o cabelo e prendi-o em um rabo de cavalo. Já me sentia mais viva quando saí do banheiro. Carson estava sentado na cama, calçando os tênis.

Vesti a roupa de ginástica que havia levado – com a intenção de usá-la na academia do hotel –, um short azul-marinho e um top branco com bojo. Calcei os tênis e vesti também um casaco de moletom cinza desgastado.

Olhei para o relógio e meus olhos quase saltaram das órbitas.

– São 5h15 da manhã? – gritei. – Você me fez levantar às 5h15 da manhã?

– Isso mesmo. Leva pelo menos vinte minutos para chegarmos lá. Se queremos mesmo dar uma boa caminhada, precisamos ir logo.

– Você é louco.

– É o que dizem – falou Carson com um sorriso.

Descemos até a garagem do hotel e ele me guiou até um utilitário esportivo vermelho. Franzi o cenho.

– Achei que você tinha vindo para cá de avião – comentei.

– E vim. O carro é alugado. Gosto de ter a opção de ir a um lugar mais distante do que a Strip.

Assenti e me acomodei no banco do carona.

Saímos da garagem alguns minutos depois e Carson parou no *drive-thru* de um McDonald's.

– Café? – perguntou.

– Preciso, pelo amor de Deus – suspirei.

Ele sorriu.

– Você não levanta cedo para assistir às aulas?

– Nunca agendo aulas antes das nove. Oito horas da manhã é o mais cedo que meu cérebro consegue funcionar.

– Ah, então esse passeio vai ser bom para você. Todos deveriam ver o sol nascer no deserto pelo menos uma vez na vida.

Carson fez o pedido, seguimos adiante para pagar e pegamos nossos cafés com um adolescente na janelinha de entrega. Carson me estendeu um dos copos e tomei um gole, agradecida.

– E como você consegue estar tão animado a essa hora da manhã? – perguntei.

– Ora, em primeiro lugar, tive uma noite incrível – disse ele, piscando – e, em segundo, estou acostumado a acordar cedo para praticar snowboard. Costumamos sair às quatro ou cinco da manhã.

Assenti e seguimos em silêncio por mais um tempo, tomando goles do café de vez em quando.

Carson aumentou um pouco o volume do rádio e recostei a cabeça no encosto, suspirando de satisfação. Ainda estava sonolenta, mas andar de carro com Carson, tomando café e sentindo o delicioso perfume dele, que já tomara conta do carro, era maravilhoso... me deixava em paz.

Seguimos em um silêncio confortável, ouvindo o rádio. Quando eu já estava terminando o café, estacionamos no Red Rock Hotel & Casino.

– O que estamos fazendo aqui? – perguntei.

– Esse é o lugar perfeito para ver o sol nascer – explicou ele. – A vista do leste é linda do último andar da garagem.

Tomei o último gole do café, confiando em Carson.

Ainda estava escuro quando saímos do carro, e eu me espreguicei. Carson ficou ao meu lado e passou o braço ao meu redor, por trás, me puxando mais para perto.

– Olhe, Grace – sussurrou.

Segui o olhar dele na luz ainda mortiça e preendi a respiração ao ver o sol vermelho subindo no céu, os raios dourados se estendendo para todos os lados.

– Nossa... Uau... – sussurrei. – Nunca tinha visto o sol nascer, Carson. Agora isso sempre vai me fazer lembrar de você – falei, sorrindo por sobre o ombro e me aconchegando nele.

Carson não disse nada, apenas me puxou mais para perto e beijou a minha testa. Ficamos parados ali,

vendo a exibição milagrosa do despertar da natureza para o mundo durante uns vinte minutos, o sol dançando por sobre as montanhas, conforme ia subindo, o vermelho e o branco do cânion totalmente à vista. Foi de tirar o fôlego. Quando o sol já se exibia acima do horizonte e tudo ao redor estava banhado de luz, Carson me deu a mão e voltamos para o carro.

Dez minutos mais tarde, depois de pagarmos para entrar, estacionamos no centro de visitantes do Red Rock Canyon. Carson abriu o porta-malas do carro e pegou uma mochila, que eu nem o vira pegando antes de sairmos do Bellagio.

– Espero que aí dentro não haja cordas e uma pá... – comentei, olhando desconfiada para a mochila.

Ele riu.

– Não, flor. Só algumas garrafas d'água.

– Ufa... – falei, brincando com ele.

Carson me deu a mão e começamos a caminhar na direção do começo de uma das trilhas.

O cenário era montanhoso, as cores pareciam explodir ao meu redor conforme o dia ficava cada vez mais claro.

As formações rochosas a distância eram de um vermelho ferruginoso, os cactos de um verde vivo, e nas margens da trilha havia flores do deserto de todas as cores. O sol laranja-avermelhado cintilava ao longe como uma luz de fundo para a beleza que nos cercava.

Caminhamos em silêncio por algum tempo. Eu estava totalmente desperta agora, observando a vista incrível do traseiro musculoso de Carson em um short cáqui, subindo a trilha na minha frente. Era tão deslumbrante quanto as belezas naturais ao meu redor.

Pouco tempo depois começamos a conversar. Contei a ele sobre as minhas irmãs, Julia e Audrey, as duas mais novas do que eu. Conversamos sobre o meu pai, que ainda trabalhava como policial, mas que planejava se aposentar dali a uns dois anos. Falei sobre como fora crescer no Meio-Oeste, na mesma casa durante toda a minha vida, e também sobre o que sentira ao sair de Ohio pela primeira vez aos 18 anos.

Contei a Carson sobre Brian, que estudava na Georgetown comigo. E o tinha apresentado a Abby em um evento de direito para o qual eu a havia arrastado.

Carson falou sobre como fora crescer em Los Angeles, permanecendo na mesma cidade, mas sempre se mudando. Ele me contou sobre Dylan, o melhor amigo com quem dividia apartamento, que era um grande parceiro de snowboard. Dylan estava no último semestre do curso de computação de uma escola técnica. Carson contou que o amigo era tão genial com computadores que poderia dar aulas na escola em vez de apenas frequentá-las, mas que precisava do diploma para conseguir um emprego com remuneração decente.

Conversamos sobre tudo e sobre nada, falando das nossas vidas um para o outro. Havia alguma coisa enquanto caminhávamos, olhando para a frente, seguindo a trilha, e não um para o outro, que me deu a sensação de que poderíamos dizer qualquer coisa. Os limites que costumam existir quando encaramos outra pessoa desapareceram e parecia mais fácil nos abirmos. Para mim, era como se este fosse o nosso lugar particular, fora do mundo... ali só havia Carson e eu, nossas histórias, tudo de que gostávamos e o que sentíamos.

Fiquei chocada com como o tempo passava rápido conforme caminhávamos e conversávamos. Chequei o celular no bolso do meu casaco de moletom, agora amarrado na minha cintura, e vi que já eram

sete e meia. Fizemos uma pausa, Carson pegou duas garrafas d'água da mochila e tomamos longos goles. Ele também pegou duas barrinhas de cereal e me ofereceu uma.

– Onde conseguiu isso? – perguntei.

– Na máquina do hotel, quando acordei hoje de manhã – falou. – Estou sempre preparado, flor.

– Sorte a minha – comentei, olhando para ele. – Por que mesmo você me chama de flor? – insisti pela enésima vez.

– Talvez porque sua pele é sedosa como a pétala de uma flor...

Ele correu os dedos pelo meu braço, fazendo cócegas de leve. Ri e balancei a cabeça.

Comemos, bebemos e voltamos à trilha. Paramos de novo uma hora depois e, após mais uns goles de água, Carson se recostou em uma pedra, me puxou contra ele e beijou o meu pescoço.

– Hummm... Amo ainda mais o seu cheiro quando você está suada. É irresistível.

Eu ri por causa das cócegas que sentia com o roçar dos lábios dele no meu pescoço.

– É nesse momento que você se transforma em uma hiena do deserto?

– Talvez. Sinto que ela começa a me possuir. Ela é forte, meu bem. É difícil de controlar. Aaah! – Ele contorceu a cabeça em um ângulo esquisito e levantou um dos braços de forma desajeitada. – Corra, Grace! Corra!

Dei uma gargalhada quando ele me agarrou pela cintura e me puxou com força, rosnando no meu rosto.

– Tarde demais, garota. Você teve a sua chance.

Carson mordiscou meu pescoço e me manteve presa em seus braços enquanto eu ria e me agitava.

Depois de alguns minutos, ele ficou sério, me olhou nos olhos, inclinou-se e colou a boca na minha.

Carson me beijou lenta e profundamente, nossas línguas se enroscando, nossos hálitos se misturando. Ele puxou meu lábio inferior e sugou-o de forma delicada.

Por fim, Carson se afastou e colocou atrás da minha orelha uma mecha de cabelo que havia se soltado do rabo de cavalo.

– É tão bom estar aqui em cima com você... Eu não sabia se gostaria de companhia para fazer trilhas. Quem poderia imaginar que seria ainda melhor com a pessoa certa? – Ele sorriu para mim com carinho.

Sorri também e inclinei a cabeça para o lado.

– Você costuma fazer trilha sozinho?

– Sempre que posso. Adoro estar ao ar livre.

– Já percebi. Trilha, snowboard, surfe. O que você não faz?

– Não há nada que eu não faça, flor. Achei que você já soubesse disso. – Ele piscou para mim.

Revirei os olhos.

– Agora falando sério, do que você gosta tanto em todos esses esportes?

Carson olhou por sobre o meu ombro e ficou em silêncio por um tempo, mordendo o lábio inferior.

– Adoro o desafio que eles proporcionam. Adoro perceber que, se fizermos determinada coisa por tempo suficiente, podemos ficar muito bons nisso. Não tem nada a ver com quem você é, com a sua aparência, nada superficial. Tem a ver é com a conquista de algo pelo que se pode assumir crédito.

Ele voltou a ficar em silêncio, agora com o cenho franzido. Eu quase conseguia ver as engrenagens funcionando em seu cérebro.

– Nossa... Eu nunca tinha pensado sobre isso até falar agora, em voz alta.

O sorriso que ele abriu foi intenso e deslumbrante.

Sorri também.

Ele me puxou mais para perto.

– Sabe do que mais eu gosto de verdade?

Fiz que não com a cabeça.

– Do quê? – perguntei baixinho.

– De você. – Carson sorriu de novo.

– É mesmo? E do que você gosta em mim?

Carson inclinou a cabeça para o lado, olhando dentro dos meus olhos.

– Gosto da expressão em seu rosto quando você está vendo ou fazendo alguma coisa nova... É quase como se fosse uma experiência religiosa.

Sorri de volta para ele. Gostei disso. Carson prosseguiu:

– E gosto de quando você me permite ver além dessa sua fachada perfeita, porque, na verdade, o que você esconde é ainda mais deslumbrante... com cabelo de Muppet e tudo.

Dei uma gargalhada. Ele riu também e continuou me encarando. Sentia meu coração disparado no peito. Carson completou:

– E gosto muito, muito mesmo de como você me faz sentir... Se me olhasse todo dia do jeito que está me olhando neste exato momento, eu me sentiria capaz de fazer qualquer coisa, de ser qualquer coisa, *ser mais*.

O último item foi dito em um sussurro, e ele agora estava sério. Fiquei aturdida e estendi a mão para tocar o rosto dele. Nunca tinham me elogiado dessa forma. Eu não soube bem como responder, a não ser dizendo:

– Também gosto de você, Carson.

– É mesmo? E do que gosta em mim? – perguntou ele, já sorrindo outra vez. Mas percebi a vulnerabilidade em sua expressão.

– Gosto de como me faz querer ser corajosa como você, ouvir meus próprios desejos e construir minha própria felicidade.

Ele sorriu, mas logo franziu as sobrancelhas, como se não tivesse certeza de que eu estava sendo sincera.

Beijei o nariz dele e continuei:

– Gosto quando me deixa ver além dessa sua fachada sexy porque, por mais incrível que você seja nesse quesito – sorri e pisquei para ele, mas logo voltei a ficar séria –, na verdade, essa é a coisa menos importante que você tem a oferecer.

Carson riu, me puxou para junto do corpo e beijou a minha cabeça.

– E gosto de como você me faz sentir, de como me faz rir e me divertir, e me sentir mais viva do que nunca – completei. Levantei a cabeça para encará-lo e vi que ele me olhava de forma intensa.

– Acho que você deveria saber de uma coisa – disse ele.

– De quê? – perguntei.

– Na tradição dos nativo-americanos que viveram neste deserto há 10 mil anos, acabamos de nos casar, meu bem.

Caí na gargalhada.

– Votos matrimoniais no topo da montanha? – perguntei.

– Isso mesmo – retrucou ele, rindo também.

Após alguns minutos, demos as mãos e seguimos em frente.

Um pouco depois das dez da manhã, voltamos para o carro, afundamos nos assentos e ligamos o ar-condicionado no máximo.

– Quer conhecer o Centro de Visitantes antes de pegarmos a estrada de novo? – perguntou Carson.

– Tudo bem – falei, olhando para o centro ao ar livre, protegido pela sombra das árvores.

Descemos do carro outra vez, caminhamos de mãos dadas e passamos meia hora visitando as quatro áreas temáticas: terra, ar, fogo e água. Carson parou ao meu lado e passou o braço pelo meu ombro enquanto eu lia sobre os buracos no chão onde os apaches costumavam cozinhar uma planta chamada agave. Aconcheguei-me a ele e dei um beijo em seu pescoço.

Voltamos para a cidade e paramos em um barzinho que vendia burritos. Comemos sentados em bancos para piquenique do lado de fora. Enquanto isso, Carson me puxou para o seu colo e me pareceu natural continuar a refeição ali, enquanto nos lembrávamos das coisas que havíamos visto na nossa caminhada.

Olhei para ele.

– Obrigada por me mostrar meu primeiro nascer do sol. Obrigada por esta manhã. Foi uma das coisas mais legais que eu já fiz.

Ele assentiu, a boca cheia de burrito. Depois de um instante, engoliu e falou:

– O prazer foi meu, flor. E, a propósito, também sempre vou me lembrar de você quando vir o sol nascer. – Carson sorriu.

Voltamos para o hotel e lembrei a Carson que precisava ir ao seminário que aconteceria à tarde e que queria chegar um pouco mais cedo. Paramos no meu quarto para que eu pudesse pegar algumas roupas e logo subimos até o quarto dele para tomarmos um banho.

Saí do banheiro de calcinha e sutiã, e Carson estava fechando as cortinas, deixando o quarto escuro e fresco.

– Que tal uma soneca? – perguntou ele com um sorriso.

– Meu Deus, que ideia maravilhosa! – suspirei.

Ele programou o alarme e nos aconchegamos sob as cobertas, os corpos colados. Eu me senti cálida e confortável, e o cheiro dele voltou a me intoxicar. Mas eu devia estar precisando de sono mais do que de sexo, porque antes que eu me desse conta o alarme disparou. Carson se desvencilhou de mim e rolou na cama para desligá-lo. Continuamos aconchegados por mais alguns minutos, acordando devagar.

– Você me encontra de novo aqui no quarto às quatro? – perguntou ele. – É nossa última noite, quero fazer algo especial.

Assenti com um aperto na garganta.

– Às quatro.

Eu me levantei e fui ao banheiro para me arrumar. Vesti uma calça preta e uma regata de seda preta sob uma camisa de bolinhas preta e branca. Calcei os sapatos e me inclinei sobre Carson, ainda deitado.

– Quatro horas – repeti.

Ele me encarou, sério.

– Ok. Até lá, então. Ah, pegue o cartão-chave extra em cima da mesa para você poder abrir a porta do quarto.

Conforme fui andando pelo corredor, senti uma melancolia me dominar e me dei conta de que essa era a primeira vez que Carson e eu ficaríamos separados por mais de quinze minutos desde que tínhamos entrado juntos naquele elevador.



Carson

Eu me entreguei à preguiça por um tempo, zapeando os canais, e, após descobrir um de filmes, passei cerca de meia hora vendo *Duro de matar*. Por fim, desliguei a TV e me vesti. Não consegui evitar a tristeza que se abateu sobre mim quando Grace fechou a porta ao sair. Eu iria vê-la dali a apenas duas horas mas, ainda assim, já sentia saudade. Isso não era bom. Eu desconfiava de que estava bem ferrado em relação a Grace, mas não queria pensar a respeito. Ia ser uma merda vê-la ir embora na manhã seguinte... Fiquei na frente da pia do banheiro, encarando meu reflexo no espelho.

– Você é um idiota – falei para mim mesmo.

Mas talvez pudéssemos manter contato, talvez eu conseguisse convencê-la a ir para Los Angeles. Precisávamos conversar... Eu não conseguiria simplesmente deixá-la partir para sempre. De repente a tarefa me pareceu impossível. Eu não tinha a menor ideia do que poderíamos fazer, mas precisávamos agir. Fiquei pensando por um tempo, tentando encontrar uma solução, mas não consegui.

– Merda! – gritei para o vazio.

Decidi sair do quarto enquanto Grace estava fora. Eu voltaria às quatro para encontrá-la e conversaríamos, encontraríamos uma solução. Mas ficar sentado ali enlouquecendo pela próxima hora não me pareceu atraente. Desci para o saguão do hotel e resolvi dar uma olhada no evento que havia me levado até lá e que, àquela altura, devia estar terminando.

Entrei no salão de convenções e vi que ainda estava cheio de fãs, com filas diante das mesas onde os atores e atrizes mais populares davam autógrafos em fotos ou partes do corpo. Balancei a cabeça sorrindo quando vi uma mulher se inclinar para a frente enquanto um ator pornô que eu não conhecia autografava seu traseiro nu.

– Carson! – gritou alguém.

Quando me virei, vi Bobby Prince, outro ator que trabalhava para Courtney na ArtLove.com.

– E aí, cara? – falei, então me virei e andei até ele.

Bobby estava acabando de arrumar suas coisas, e ficamos ali conversando por um tempo, até a namorada dele, também do ramo, aparecer e abraçar a sua cintura.

– Está pronto, amor? – perguntou ela.

Trocamos um aperto de mãos, nos despedindo, e ele foi embora. Olhei ao redor e vi uma senhora de cerca de 90 anos tendo o colo enrugado sendo autografado por uma mulher que eu não conhecia. A atriz usava um vestidinho de couro vermelho com zíper na frente. Cheguei à conclusão de que eu já estava cheio de tudo aquilo. Aquele não era o meu lugar e fora por esse motivo que eu dissera a Tim que não faria mais filmes. E nem sabia por que fora uma boa ideia passar por ali agora.

Andei em direção à saída e estava quase lá, quando ouvi alguém me chamar com uma voz aguda. Eu

me virei e vi uma loura de uns 20 anos pulando e puxando o braço da amiga.

– Ai, meu Deus! – gritou ela. – Carson Stinger, EU AMO você!

Ela correu na minha direção e levantou a blusa, expondo os seios.

– Me dê um autógrafo! – exigiu, enfiando uma caneta no meu rosto.

Consegui dar um sorriso e peguei a caneta da mão dela. Rabisquei meu nome em seus seios e devolvi.

– Obrigado pelo carinho. – Sorri e comecei a me afastar.

– Espere! – gritou ela de novo. – Pode tirar uma foto comigo?

Suspirei.

– Claro – respondi.

Voltei até onde ela estava e passei o braço por seus ombros. Ela levantou a blusa outra vez para mostrar o meu autógrafo e a amiga tirou a foto.

Acenei, me despedindo, e sorri para as duas de novo, já me virando para sair. Ainda ouvi a amiga sussurrar para a garota:

– Agarre o pau dele, assim você vai poder dizer que apalpou Carson Stinger.

Percebi que as duas se aproximavam por trás e me virei mais uma vez para elas.

– Opa, senhoritas, agradeço o apoio como fãs, mas ninguém vai pegar no meu pau.

Tentei dizer isso em tom de brincadeira, abrindo meu sorriso mais encantador, o mesmo que sempre me fazia conseguir o que quisesse com as mulheres.

Mas elas não me escutaram, os olhos fixos no meio das minhas pernas, já estendendo as mãos.

– Afastem-se! – gritei alto, assustando as duas, que ficaram paralisadas, e chamando a atenção de quem estava por perto.

Dei as costas e comecei a caminhar.

– Que merda é essa? Você trepa para ganhar dinheiro e, de repente, seu pau fica intocável? Babaca! – gritou a loura.

Cerrei o maxilar e continuei andando. Quando voltei ao saguão, chutei um vaso de plantas que virou e espalhou terra pelo carpete.

Voltei para o quarto, bati a porta e chutei-a também para extravasar. Então me sentei na beirada da cama e fiquei olhando vagamente para a parede. Estava furioso e não sabia muito bem o motivo. Aquelas garotas eram duas idiotas, mas quem se importava? Quem se importava com o que pensavam? Quem se importava com o que qualquer um pensava?

Um minuto depois, ouvi um clique e a porta do quarto foi aberta. Grace entrou e abriu um grande sorriso para mim, os olhos azuis se suavizando quando me viu.

– Ei, bonitão – falou –, sentiu a minha falta?

Olhei para ela, tão linda e tão doce... Eu ainda estava furioso e envergonhado por causa do encontro com a minha “fã” no salão de convenções.

Abri a boca para fazer uma brincadeirinha maliciosa sobre qual parte dela tinha me feito ficar com saudade, mas acabei não dizendo nada. Foi como um reflexo, mas Grace veria além disso no mesmo instante, então por que me importar? O que eu deveria fazer, então? Franzi o cenho.

Ela ficou séria.

– Carson? Qual é o problema?

Grace foi até mim, levantou meu queixo e examinou meu rosto, os olhos buscando os meus. Não

respondi, apenas a abracei e descansei a cabeça em sua barriga, inalando profundamente o perfume tranquilizador que ela exalava.

Após alguns segundos, Grace começou a passar a mão de forma suave pelo meu cabelo, me acalmando ainda mais.

– Fale comigo. O que aconteceu? – perguntou ela, baixinho.

Respirei fundo e me afastei.

– Nada, Grace. Só esbarrei com umas fãs idiotas da exposição. Ossos do ofício – falei.

Quando os olhos dela se desviaram dos meus, percebi que Grace não sabia o que dizer. Meu trabalho devia ser um assunto sobre o qual ela não queria pensar. Para ser sincero, eu também não. Continuei:

– Vou tomar um banho rápido, ok? Então podemos nos preparar para jantar?

– Está bem – concordou Grace com um sorrisinho.

Ela afastou uma mecha de cabelo da minha testa, levou a mão ao meu rosto e olhou bem dentro dos meus olhos, deixando claro que estava tudo bem. Eu me inclinei na direção de Grace e fechei os olhos. Na verdade, não precisava tomar outro banho, mas isso me daria tempo para esfriar a cabeça. Esta era a minha última noite com Grace, e eu não deixaria nada estragar esse momento. Além do mais, precisávamos conversar. Acertar algumas coisas. Eu não conseguiria deixá-la ir embora.

capítulo 12

Grace

Ouvi a água do chuveiro correndo e me sentei na cadeira diante da mesa para checar meu celular e mandar outra mensagem rápida para Abby. Eu vinha fazendo isso desde que tínhamos conversado ao telefone e eu contara sobre Carson. Abby queria saber se eu estava bem. Não a culpava. Se ela estivesse passando o fim de semana com um estranho, eu também iria querer.

Carson não me contara o que tinha acontecido com suas *fãs*, mas parecia perturbado. E, para ser sincera, só ouvi-lo tocar no assunto também me deixara um pouco perturbada. Mas eu precisava afastar essa sensação. Esta é a nossa última noite juntos e quero aproveitá-la.

Permaneci sentada por um instante, mordendo o lábio. Havia gostado da palestra que acabara de assistir, mas meus pensamentos não paravam de se desviar para Carson e para o fato de que nos despediríamos na manhã seguinte. Talvez pudéssemos manter contato de alguma forma. Ou seria uma ideia tola e pouco realista? Precisávamos conversar e, de certa forma, eu ansiava por isso, para tentar descobrir uma maneira de não termos que nos despedir para sempre. Mas, por outro lado, eu temia essa conversa. Tinha quase certeza de que Carson revelaria que se sentia da mesma forma, mas e se isso não acontecesse? E se ainda estivesse pensando no rompimento rápido e permanente que havíamos combinado? Ele nos chamara de “amigos”. Será que queria mesmo que continuássemos “amigos?” Ou ele...

Uma batida na porta interrompeu meus pensamentos. Carson ainda estava no banho, por isso fui até a porta ver quem era. Um homem de meia-idade, baixo, calvo, usando uma calça cáqui e um casaco esportivo, estava do outro lado da porta. Ele pareceu surpreso em me ver.

– Carson está? – perguntou, franzindo o cenho.

– Ah, sim, mas ele está no banho. Você quer, ahn, esperar por ele, ou...

O homem suspirou, parecendo irritado.

– Sou Tim, o agente dele.

Ele me olhou de cima a baixo, estreitando os olhos, que assumiram uma expressão que me fez encolher.

– Ora, agora entendo por que ele desligou o celular e mandou tudo para o espaço neste fim de semana

– falou, por fim. – Você é bem gostosa, hein?

Arregalei os olhos, chocada.

– Eu...

– Só diga ao Carson que passei aqui, já que ele não está me atendendo e, ao que parece, nos desencontramos lá embaixo mais cedo durante a sessão de autógrafos nos peitos. – O agente deu um

risinho abafado. – Diga que a filmagem amanhã de manhã foi adiada para as onze. E, garota, faça um favor a todos os envolvidos e pegue leve com o pau dele esta noite. As gravações dependem de Carson conseguir ficar de pau duro. Se você esgotá-lo, ninguém vai ficar feliz... ainda mais Bambi, a garota que está esperando ansiosamente para trepar com ele. Entendeu?

Eu acabara de ouvir muitas coisas que deixaram meu coração apertado, e senti a bile subindo pela minha garganta, mas não iria permitir que essa criatura sebosa e desprezível percebesse isso. Endireitei o corpo e assumi uma expressão que, com sorte, pareceria entediada.

– Eu direi a ele, Tim – respondi, a voz falhando um pouco, mas os olhos firmes.

– Ótimo – retrucou ele, começando a se afastar. Mas logo se virou outra vez, os olhos de rato me avaliando de novo. – Sabe – disse, correndo um dedo pelo meu rosto e fazendo com que eu me afastasse –, você é mesmo bem bonita... sexy, mas também inocente. Ficaria ótima em um filme. Quando terminar com Carson esta noite, por que não vem ao meu quarto? Poderíamos inventar umas cenas, ver se tem talento para atuar... entre outras coisas.

Os olhos do homem se encheram de tesão e ele se ajeitou na calça enquanto seu olhar descia até os meus seios e se demorava ali. Achei que eu fosse vomitar.

Fiquei sem palavras. Se o fim de semana havia me ensinado alguma coisa, era que eu tinha uma personalidade muito mais forte do que imaginava. Fechei a porta na cara dele.

Então me encostei nela, engolindo o vômito. Carson tinha uma filmagem agendada para a manhã seguinte. Com uma garota chamada *Bambi*. Deixei escapar uma risadinha histérica. Seria algum tipo de pornô animal? Senti um soluço subindo pela garganta e engoli-o também. Não iria chorar. Essa era a profissão de Carson e eu *sabia* disso. Sim, sabia, mas a verdade era que eu não me permitira pensar de verdade sobre o trabalho dele durante o tempo em que estivemos juntos. Mantivera o assunto em banho-maria, sem negá-lo, apenas me recusando a considerar a realidade da situação. Iríamos passar a noite juntos, ele estaria dentro de mim esta noite e, então, dentro de Bambi na manhã seguinte? Senti um aperto doloroso no coração. Fiquei enjoada.

Olhei para Carson quando ele apareceu de repente na porta do banheiro, com uma toalha enrolada na cintura. Ele sorriu para mim, mas o sorriso logo desapareceu quando percebeu minha expressão.

– Flor? – perguntou.

– Tim, seu agente, passou por aqui – sussurrei. – Ele pediu que eu avisasse que a sua filmagem com Bambi amanhã de manhã foi adiada para as onze.

Ele ficou paralisado e fechou os olhos por alguns segundos. Então voltou a abri-los e disse:

– Sinto muito, flor.

E foi aí que meu coração se partiu de verdade.



Carson

Meu coração estava disparado enquanto eu a fitava do outro lado do quarto. Merda, merda, merda! Maldito Tim! Eu não queria que Grace soubesse sobre a filmagem. Eu mesmo evitara pensar a respeito.

Mas era a realidade, e eu sabia que em algum momento teria que encará-la. Só lamentava que Grace também tivesse que passar por isso.

– Grace... – comecei a dizer, indo na direção dela.

Grace se encolheu, e esse movimento mínimo me deu vontade de socar a parede. Olhei para ela com uma expressão suplicante.

– Grace, você sabia o que eu fazia...

Ela olhou para mim com uma expressão cheia de mágoa.

– É verdade – sussurrou. – Acho que só não tinha pensado na possibilidade de você ir direto de mim para outra pessoa. – E balançou a cabeça.

– Não é assim, Grace. É trabalho – falei em voz baixa.

Ela assentiu, mordendo o lábio.

– A questão é, Carson: como você separa as duas coisas? Nunca perguntei nada sobre o que você faz porque não queria pensar nisso... não de verdade. Mas agora quero saber. Como você separa a vida real do “trabalho”?

Eu a encarei e contei a verdade.

– Só fiz quatro filmes, Grace. Como eu contei no elevador, não adoro fazer o que faço, mas sempre foi fácil para mim. Antes.

– Antes do quê? – perguntou ela, os olhos buscando os meus.

– Antes de você. Você mudou as coisas.

E quando essas palavras saíram da minha boca antes mesmo que eu me desse conta, percebi que era verdade. Não sabia muito bem como ou o que isso significava, mas sabia que era verdade.

Ela me olhou, confusa.

– O que vai fazer, então? – perguntou baixinho.

Esfreguei o rosto.

– O que posso fazer? – retruquei, erguendo o tom de voz, me sentindo dominado pela raiva e a frustração da situação em que me encontrava. – Assinei um contrato de dois anos e só se passaram seis meses. Serei processado se quebrar o contrato. E o que mais eu poderia fazer da vida, Grace? Trabalhar em um posto de gasolina? Não tenho diploma universitário. Não tenho outras perspectivas. Não tenho nada para oferecer a você – falei, a infelicidade me dominando diante da realidade da minha declaração. Nunca havia me sentido tão desvalorizado.

Os olhos de Grace ficaram marejados ao ouvir minhas palavras. Ela fitou o chão e balançou a cabeça. Depois de um instante, suspirou e começou a caminhar na minha direção.

– Desculpe, isso não é justo. Eu sabia qual era o seu trabalho e agora o estou usando contra você. É só que... não me magoou ouvir isso há dois dias. Agora, sim – terminou, baixinho.

Curvei os ombros, derrotado. Esta era uma situação onde ninguém sairia ganhando. Eu achava que conseguiríamos arranjar uma forma de fazer *alguma coisa* funcionar entre nós, mas como? O quê? Era verdade... eu não tinha nada a oferecer a Grace. Ela não conseguiria lidar com o meu trabalho e ainda assim ser parte da minha vida, e não a culpava. Como eu me sentiria se Grace é que fosse embora para fazer um filme pornô com um cara qualquer na manhã seguinte? Não daria a mínima para o fato de ser “trabalho”, ficaria louco. Fiquei com ciúme só de pensar.

Eu dissera a Grace que éramos amigos, e éramos, mas também havíamos nos tornado mais do que

isso – o que exatamente eu não tinha certeza, e não havia como explorarmos mais esse outro lado. O fato de vivermos em cidades diferentes era o menor dos nossos problemas.

E, quanto ao meu trabalho, eu tinha nenhuma ou poucas boas alternativas além do que fazia no momento. Gastara muito dinheiro em Vegas. Não que fosse dizer isso a Grace, mas precisava do cachê que receberia na filmagem do dia seguinte para voltar a encher a minha conta no banco.

– Não há mais nada que você já tenha pensado em fazer? – perguntou ela, em um tom cauteloso. – Quero dizer, com certeza você não planejou ficar para sempre trabalhando com isso.

– Não tenho um plano, Grace! Você é a única aqui que tem um plano! – gritei, me odiando, tão arrependido e frustrado que acabei descontando nela. Minha voz pareceu trêmula até para os meus próprios ouvidos.

Grace me encarou com uma expressão muito triste. Eu queria fazê-la se sentir melhor, mas não conseguiria. Eu não valia nada, não podia nada, e a garota de quem eu gostava estava parada na minha frente com lágrimas nos olhos, e eu não conseguia encontrar uma solução.

Respirei fundo e fechei os olhos por um instante.

– Não quero perder você, flor, mas não tenho alternativa – falei, por fim, arrasado. – Lamento... lamento tanto... – Enfie as duas mãos no cabelo, fiz uma careta e dei as costas a ela.

– Venha para Washington, Carson. Para ficar comigo. Podemos pensar em alguma coisa. – Voltei a me virar para ela ao ouvir o que dissera. – Talvez você possa entrar em uma faculdade lá... ou...

Grace se interrompeu, os olhos já sem o desespero que os dominara um instante antes. Agora ela estava com o cenho franzido, parecendo triste e insegura.

Eu a observei. Minha doce flor.

– Não posso ficar ocupando o seu sofá nem vivendo às suas custas, Grace. Se este – gesticulei com o braço ao redor do quarto, indicando onde tudo tinha começado – foi um modo improvável de começar a relação, essa outra possibilidade pode ser a pior ideia na história das ideias ruins sobre relacionamentos. O que o seu pai iria pensar? Eu não faria isso com você... com a gente.

Os olhos dela encontraram os meus e ficamos nos encarando por um longo tempo. Percebi que Grace também não tinha ideias. A tristeza que emanava era palpável.

Ela deu um suspiro profundo e olhou para baixo.

– Vai doer mais se eu ficar com você até amanhã de manhã – falou ela, baixinho. – Não vou suportar sofrer mais do que já estou sofrendo.

Assenti, cerrei o maxilar e percebi que algo dentro de mim tinha se partido.

– Eu sei – falei.

Ela assentiu também, se levantou e começou a recolher as coisas que havia deixado no meu quarto. Fiquei sentado em silêncio, olhando para a frente, odiando a vida, a mim e as decisões estúpidas que eu tomara. E, acima de tudo, odiando o fato de que jamais iríamos explorar a fundo o que estava desabrochando entre nós.

Quando Grace terminou de recolher tudo, veio até mim e se ajoelhou na minha frente, assim como eu fizera com ela na véspera. Ela me encarou com lágrimas cintilando nos seus grandes olhos azuis.

– Sempre vou pensar em você quando entrar em um elevador ou assistir ao sol nascer – falou baixinho, a voz falhando na última palavra.

Olhei para ela e dei um sorrisinho, o coração batendo oco no peito. Eu nunca saberia o que nós

poderíamos ter sido juntos, e achava isso muito injusto. Pensei em todas as coisas que me faziam lembrar de Grace, coisas demais para mencionar.

– Sempre vou pensar em você quando vir *Titanic*... ou uma flor – falei.

Ela sorriu de forma triste, se levantou devagar e me deu um beijo carinhoso nos lábios, demorando-se um pouco enquanto pousava a mão no meu rosto. Então se afastou rápido demais para que eu conseguisse vê-la, abriu a porta e a fechou lentamente ao sair.

Eu me levantei, peguei o vaso de flores em cima da mesa e o arremessei na parede. O vidro se estilhaçou, e a água e as flores se espalharam por toda parte. Voltei a me sentar pesadamente na cama e coloquei a cabeça entre as mãos.

A Águia

capítulo 13

Grace

Fiz a porta ao sair do quarto de Carson e as lágrimas começaram a cair. Eu estava segura de que fizera a coisa certa... não aguentaria passar nem mais um minuto com Carson sabendo para onde ele iria na manhã seguinte e sabendo também que meu coração agora estava envolvido. Mas isso não mudava o fato de eu estar me obrigando a partir. E também não mudava o fato de que *doía* partir. Não alterava em nada a tristeza que dominou as feições de Carson quando percebeu que eu estava indo embora. Quando entrei no elevador e as portas se fecharam, sequei o rosto e me apoiei contra a parede.

Tudo tinha começado ali. No elevador. E agora ali estava eu, de novo no elevador, só que, dessa vez, tudo tinha terminado. *E eu não queria que isso acontecesse*. Queria voltar no tempo e fazer tudo de novo, mesmo sabendo o que eu sabia agora, só para passar mais uns dias com Carson.

Saí do elevador e segui pelo corredor até o meu quarto. Entrei, me joguei na cama e me encolhi em posição fetal, me permitindo chorar com vontade. Quando o pior passou, levantei e fui ao banheiro lavar o rosto. Então vesti uma calça jeans, uma camiseta e comecei a arrumar as malas. De forma alguma eu continuaria nesse hotel sabendo que Carson estava alguns andares acima. Havia várias razões para eu ir embora, mas a principal era que eu não confiava que eu não fosse correr de volta até o quarto de Carson e me jogar em cima dele. Mas para quê? Balancei a cabeça com tristeza. Eu mesma me colocara nessa situação. Só que como poderia ter imaginado que acabaria sentindo alguma coisa por Carson Stinger, ator heterossexual? Antes a ideia me parecia absurda, mesmo que agora fosse a realidade. Agora não era nada absurda. Porque, quando tudo começou, eu não sabia que Carson tinha um lado doce e que era animado, corajoso e generoso de todas as maneiras possíveis. Será que teria sido melhor eu nunca ter sabido disso? Teria preferido voltar para uma época em que seria fácil me afastar dele, mesmo se, para isso, eu jamais pudesse experimentar a beleza do nosso fim de semana juntos? Eu me sentia magoada e confusa demais para responder essas perguntas no momento.

Pendurei a bolsa grande no ombro, puxei a mala pela alça e me encaminhei para a porta.

Fiz o *check out* rapidamente e saí para esperar o traslado até o aeroporto. Rezei para que tivesse um voo que eu pudesse pegar esta noite, mas, se não fosse possível, dormiria no aeroporto. Não era um grande plano. Eu quase ri, mas me contive. Então quase chorei de novo, mas me impedi outra vez. Mordi o lábio.

O traslado me pegou quinze minutos mais tarde e olhei para trás, por sobre o ombro, para o Bellagio. Eu me tornara uma pessoa diferente nesse fim de semana. Carson tinha me transformado de tal forma que eu suspeitava de que iria me fazer enxergar todas as minhas próximas decisões de um modo diferente, reavaliar todos os meus planos tão “bem-feitos”. Eu levaria isso comigo e encararia Carson como um presente, por mais que, nesse momento, meu coração estivesse se partindo com a dor de perdê-lo. Era

tudo o que eu tinha para me agarrar e me impedir de mandar o motorista parar ali mesmo e me deixar sair, para que eu pudesse correr de volta para Carson. Descansei a cabeça no encosto e deixei o misto de tristeza e esperança tomar conta de mim, inundando meu coração de escuridão e luz.



Estava de volta ao meu apartamento às sete e meia da manhã do dia seguinte, exausta de todas as formas possíveis. Conseguiu mudar o voo e peguei um de madrugada, e ficara sentada no aeroporto por horas, esperando para embarcar. Tentara dormir no avião, mas minha mente não permitiu, estava agitada demais para me dar um descanso.

Revivi cada minuto do fim de semana com Carson, tentando descobrir o exato momento em que entregara a ele um pedaço do meu coração. Tinha sido na primeira noite, quando saímos para comer cachorro-quente? Depois do primeiro sexo maravilhoso? Rindo na piscina? Quando ele me disse que tinha ficado com ciúme de Parker, revelando que também sentia algo por mim? Ou antes disso? Talvez no elevador, quando ele começou a cantar para acalmar meu ataque de pânico. Ou quando descobri por que ele assumia aquela fachada enganosa? Era possível se sentir conectada assim tão rápido a uma pessoa? Eu fiquei com vontade de gritar! *Fique quieto, cérebro!* Por que eu me importava com tantas perguntas?

– Ei, impostora! – falou Abby da cozinha.

Deixei a mala e a bolsa diante da porta e entrei para falar com ela.

– Oi, Abby – falei em uma voz que até eu percebi que soava morta.

Abby estava sentada à pequena mesa da cozinha, usando uma calça de moletom e uma camisa de manga comprida, os cabelos castanho-escuros presos de qualquer jeito para o alto, com uma xícara de café, alguns papéis e uma caneta à sua frente.

Ao me ver, ela arregalou os olhos e sua expressão passou a demonstrar preocupação.

– O que ele fez com você? – sussurrou.

Então se levantou e foi até mim.

Balancei a cabeça enquanto meu rosto se contorcia e minhas emoções transbordavam diante do conforto que os braços da minha amiga transmitiam.

– Ele não fez nada comigo, Abby. Fui eu mesma que fiz. Eu...

Engasguei e comecei a chorar.

Abby me puxou para si e ficou me abraçando e acariciando as minhas costas por vários minutos enquanto eu tentava me recompor. Quando minhas lágrimas enfim cessaram, ela me afastou e olhou para o meu rosto, a expressão séria.

– Não posso acreditar que fez isso com a gente, Grace – falou.

Não consegui evitar uma risada.

– Com a gente? – perguntei. – Como você acha que fiz alguma coisa *com a gente*?

Ela prendeu uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

– Querida, porque eu amo você e, por isso, vamos ter que lidar juntas com as consequências desse fim de semana. Estou ocupada. E ainda me coçando. Mal tenho tempo para isso.

Abby ergueu as sobrancelhas, os lábios se curvando de leve. Ela estava tentando me fazer sorrir. E funcionou. Eu a amava.

– Agora sente-se. Vou servir uma xícara de café e você vai me contar todos os detalhes. Só tenho aula às onze.

Abby frequentava um dos melhores cursos de culinária de Washington. Ela cozinhava muito bem. Se eu me permitia alguma indulgência de vez em quando era para experimentar uma de suas receitas. Nunca me desapontava. Nós nos conhecemos em um site de busca de pessoas para dividir apartamento assim que eu me mudara para Washington. E não só nos demos bem como colegas, como também nos tornamos melhores amigas. Abby era engraçada, doce e só um pouquinho ultrajante quando queria ser. Ela me fazia bem. Era a minha terceira irmã.

Abby me serviu uma xícara de café, acrescentou creme e açúcar e colocou-a diante de mim. Envolvei a xícara morna com as mãos e levei-a aos lábios, tomando um golinho do café quente.

Abby me observava.

– Pelo menos me diga que não se apaixonou por ele, meu bem – falou baixinho.

– Foi um fim de semana, Abby – retruquei em voz baixa também, desviando o olhar do dela.

Abby me fez encará-la.

– Ah, merda. *Sua idiota*. Você caiu nessa! Está apaixonada por um ator pornô! – Ela gemeu, se recostou na cadeira e deixou o corpo deslizar. – Ah, meu Deus, isso é pior do que eu pensei. Quando você se permite, vai longe mesmo, não é, garota? Santa tolice!

– Abby, não me apaixonei em dois dias. Eu só... gosto dele. Não queria me despedir – completei, arrasada.

– Comece do princípio, meu bem. Quero saber de todos os detalhes. E sei que está triste, mas não se esquive das cenas de sexo.

Eu ri e funguei.

– Você é mesmo uma pervertida, sabia?

– Aham. Não vou me desculpar por isso. Agora comece a falar.

Conversamos até ela ter que se levantar para tomar banho e sair para a aula. Chorei mais um pouco. Então fui para o meu quarto, desabei na cama e só acordei quando Abby entrou de novo pela porta, às seis horas da noite.



Carson

Fui direto do aeroporto para o hotel onde aconteceria a filmagem, sabendo que poderia tomar banho lá. De qualquer forma, eles precisariam me preparar para aparecer na frente das câmeras. Estava acostumado com o processo.

Dormira pouco menos de duas horas na noite anterior, atento a cada som no corredor, torcendo, apesar de tudo, para que Grace decidisse voltar. Não podia ir atrás dela depois da nossa última conversa... já havíamos nos despedido de vez. Não poderia tornar tudo ainda mais difícil para ela. Mas achei que talvez Grace mudasse de ideia e decidisse passar mais uma noite comigo. Por isso, em vez de ir para o aeroporto como eu havia pensado em fazer, fiquei no quarto onde ela poderia me encontrar se

quisesse. Mas Grace não voltou. Eu conseguia compreendê-la. Ainda assim doía. E a pior parte era que eu sentia falta dela como nunca sentira de ninguém antes. Todos os meus instintos me diziam para correr atrás de Grace, para dizer a ela que era minha. Mas já havíamos passado dessa fase. Não era possível. Nossas vidas simplesmente não combinavam. E não havia nada que pudéssemos fazer no momento para que desse certo.

Eu pensara nela a noite toda, me perguntando o que havia em Grace que passara a fazer parte de mim tão profunda e rapidamente. Talvez eu estivesse tentando descobrir para conseguir afastar o sentimento de perda que não me abandonava. No fim, decidi que não havia resposta. Era só porque Grace era *Grace*, simples assim. De qualquer forma, não importava, mas minha cabeça continuou a girar em torno disso até eu achar que iria enlouquecer.

Bati à porta da suíte cujo número Courtney havia me enviado por mensagem de texto, naquela mesma manhã, e um cinegrafista que já havia trabalhado comigo antes abriu a porta.

– E aí, Joe? – cumprimentei.

– E aí, Carson, como vão as coisas? – Ele apertou a minha mão.

– A maquiagem será feita lá? – perguntei, indicando uma porta fechada que eu presumi levar ao quarto e ao banheiro.

– Isso mesmo. Estão esperando por você.

– Ok – falei, e fui até lá.

Quando abri a porta, fui cumprimentado por Courtney, que movimentou a boca em um “oi” silencioso, enquanto pousava a mão sobre o celular em que estava falando.

– Oi, Carson! – disse uma voz aguda. – Sou Bambi – falou uma loura nua, com seios enormes e obviamente falsos, sentada em uma cadeira de maquiagem perto da janela.

A maquiadora segurava um pincel pequeno com o qual aplicava algo nos mamilos de Bambi.

Sorri, tenso. Não estava nada a fim de fazer isso... *Apenas faça o que tem que fazer e receba o que tem para receber*, lembrei a mim mesmo.

– Oi, Bambi, prazer em conhecê-la – falei, indo até ela e apertando sua mão.

A garota deu uma risadinha.

– Isso é o melhor que você tem para mim, meu bem? – perguntou, levantando-se e afastando a maquiadora.

Bambi se inclinou e me deu um beijo suave na boca, passando a língua pelo lábio inferior antes de se afastar com um sorriso que ela certamente achava sedutor. Por que a garota fazia questão de me cumprimentar assim, eu não tinha certeza. Eu me considerava bastante “confiável” no que iria fazer, quisesse ou não. *Merda*. Por que de repente comecei a me sentir tão mal?

Sorri de novo para ela e perguntei:

– É o seu primeiro filme?

– É, e pedi especificamente por você desta vez. – Ela bateu os cílios com força. – Tenho uma queda por você desde que vi uma foto sua no site da Courtney. Vai ser divertido!

Interessante. Eu me afastei.

– Bem, vou tomar um banho, mas volto daqui a pouco. – E me virei na direção do banheiro.

– Estarei pronta para você! – gritou ela.

Entrei no banheiro, tomei uma ducha rápida e pedi que me maquiasse dentro do banheiro. Eu não

estava com humor para ficar de conversa fiada com Bambi ou qualquer outra pessoa, para ser sincero. Precisava de um tempo para me concentrar no... jogo, por assim dizer. Ou, pelo menos, meu corpo precisava.

Ao contrário dos filmes de longa-metragem de que eu participara, este teria apenas um dia de filmagem, por isso pelo menos havia o consolo de que tudo estaria terminado ainda hoje.

Por sorte, a maquiagem não era muito exagerada para um filme como esse, ainda mais para mim. Qualquer coisa que aplicassem acabaria saindo com o desenrolar da ação, por isso não usavam muita coisa. Courtney entrou e me deu um beijo no rosto.

– Oi, garoto – disse. – Você parece cansado. – Ela olhou para a moça que estava me maquiando. – Aplique um pouco de corretivo sob os olhos dele, Marcia.

– Estou bem, Courtney. É só diminuir as luzes.

– Nem mesmo as luzes baixas irão esconder essas bolsas sob os seus olhos, meu amor. O que andou fazendo? Passou a noite toda acordado, se divertindo?

Bufei.

– Bem que eu queria...

Marcia passou alguma coisa sob os meus olhos, espalhou e sinalizou que havia terminado.

Courtney olhou para a minha cueca.

– Precisa de um tempo sozinho, certo?

– Isso aí – respondi, já me perguntando se eu conseguiria ficar de pau duro de qualquer forma.

– Ok, vamos gravar com Bambi se tocando por alguns minutos na cama, então você se junta a ela, pronto para começar a festa, entendeu? Vocês passam para a varanda depois de alguns minutos e continuam lá.

– Ok.

– Ótimo.

Ela me observou por um tempo, então saiu e fechou a porta.

Fiquei ali dentro por uns minutos, enquanto ouvia a música começar a tocar no quarto ao lado. Abaixei a cueca, me recostei contra a pia e tentei entrar no clima. Não estava funcionando. Pensei em todo sexo que havia feito com Grace durante o fim de semana. Talvez eu tivesse exagerado. *Grace*. Senti um aperto no ventre e, quando a imaginei inclinada sobre a cama, usando apenas a calcinha fio dental e o sapato alto, implorando que eu a possuísse, fiquei com o pau duro. Relembrei todas as posições sexuais que fizemos durante o fim de semana e, depois de poucos minutos, estava dolorosamente rígido.

Ouvi uma batida delicada na porta, indicando que eles estavam prontos. Saí e fiquei olhando por um tempo, enquanto Bambi se contorcia na cama, gemendo de forma exagerada, as mãos entre as pernas. A ereção quase desapareceu na mesma hora. Fechei os olhos, imaginei Grace outra vez e fui na direção da cama. Eu me juntei a Bambi e, quando me sentei ao seu lado, ela levantou um pouco o corpo e começou a me beijar, enfiando a língua na minha boca e gemendo alto. Quase fiz uma careta. Ela não tinha um gosto doce. Abri os olhos e fitei o corpo dela. A pele não era pálida e sedosa, mas sim escura, excessivamente bronzeada. Fechei os olhos de novo e tentei imaginar Grace outra vez. Eu precisava me concentrar no rosto e no corpo dela se quisesse continuar com isso. Estendi a mão para tocar os cabelos de Bambi e não senti a seda pesada na minha mão, mas sim uma massa seca e quebradiça, cheia de spray.

Continuamos a nos beijar e Bambi levou a mão ao meu rosto, a mesma com que estava se tocando. Senti o cheiro do seu íntimo na mão e foi a gota d'água. Eu me afastei e me levantei.

– Desculpe – murmurei. – Não é culpa sua, mas não está funcionando para mim.

– Corta! – gritou alguém.

Fui até o banheiro, peguei minhas roupas e comecei a vesti-las enquanto ouvia a voz de Courtney na porta.

– Carson, meu bem, se precisar de um pouco mais de tempo ou talvez de um comprimidinho azul, posso conseguir.

Abri a porta, já calçando os sapatos. Afastei Courtney para poder passar.

– Lamento muito, de verdade. Mas não posso mais fazer isso.

Olhei ao redor do quarto e vi Bambi fazendo beicinho enquanto vestia um roupão em um canto.

– Peço desculpas por fazer todos vocês perderem tempo. Não sei o que dizer. Só... me desculpem.

Então fui até a porta da suíte, saí e tornei a fechá-la sem fazer barulho.



Voltei para os elevadores, apertei o botão para descer e fiquei esperando. Que diabos eu acabara de fazer? Iria ser processado e jamais me chamariam para atuar de novo. Então por que não estava nem um pouco preocupado agora? Basicamente não tinha nem um tostão no bolso, estava desempregado e me sentia... *ótimo*. *O que pretende fazer agora, seu imbecil?* Que tal ter um maldito plano antes de fazer uma merda dessas? Ri alto. Um plano. Levantei as mãos, entrelacei os dedos, levei-os à testa e joguei a cabeça para trás. Fiquei nessa posição por um minuto até ouvir a campainha anunciando a chegada do elevador e as portas se abrirem. Deixei as mãos caírem e estava prestes a entrar quando vi alguém saindo do elevador. *Merda!* Era Tim.

Ele pareceu surpreso.

– Carson – disse, franzindo o cenho –, não é possível que já tenha terminado.

Tim olhou para o relógio e franziu ainda mais o cenho. As portas do elevador se fecharam atrás dele, que se aproximou mais um passo de mim.

Respirei fundo.

– A filmagem terminou, *sim*, Tim. Mas só porque fui embora.

Ele permaneceu com ar interrogativo.

– Você foi embora? Que diabos está acontecendo?

– Veja bem, Tim, eu ia ligar para você mais tarde, para informá-lo. Para mim chega. Não vou mais fazer filmes.

Ele me encarou por um instante, os olhos semicerrados. Então deu uma gargalhada sem qualquer humor.

– Ora, ora... Ela deve ter sido mesmo uma trepada e tanto para fazer você jogar fora a sua carreira. Agora eu *realmente* gostaria que a garota tivesse aceitado a minha oferta de dar uma passadinha no meu quarto.

Eu me sobressaltei.

– Que oferta? – perguntei, observando-o com atenção. – Que merda de *oferta?* – repeti, me dando

conta de repente do que Tim propusera a Grace quando aparecera no meu quarto na noite anterior.

Parti para cima dele antes que se desse conta, agarrei-o pela camisa e empurrei-o até ele bater contra a parede. A fúria corria pelo meu sangue enquanto eu falava na cara dele.

– Seu doente, seu filho da puta desgraçado. Como você ousou sugerir uma coisa dessas a ela? Como ousou sequer olhar para ela? Eu devia dar uma surra em você!

– Que merda você está fazendo? – interrompeu Tim, gritando. – Por causa de uma bundinha, Carson? Por causa de uma maldita bundinha?

Uma frieza me dominou enquanto eu o encarava por um momento, cerrava o punho e atingia o rosto dele em cheio. Espirrou sangue do nariz de Tim e eu o soltei, deixando-o caído no chão. Ele olhou para mim, parecendo não entender.

Eu me afastei e voltei a apertar o botão do elevador. A mesma frieza dominou todo o meu corpo, a sensação de que eu estava observando a cena de cima. Naquela hora, algo pareceu se encaixar e tive um leve sobressalto.

– Não vou mais precisar dos seus serviços, Tim – falei, sem emoção.

Não senti nada além de desprezo pelo babaca sórdido caído no chão à minha frente. As portas do elevador se abriram e eu entrei, sem tirar os olhos dele até que as portas voltassem a se fechar.



Fui até meu carro, um utilitário esportivo preto, que eu comprara seis meses antes, após assinar o contrato com Courtney, e fiquei sentado lá dentro por alguns minutos, com o motor desligado, olhando distraído pela janela. Inclinei-me para a frente e bati com a cabeça no volante, deixando-a apoiada ali por um tempo, enquanto clareava a mente. Então me endireitei no assento, liguei o carro e saí para a via expressa feliz da vida. Enquanto dirigia, olhei para um outdoor que vira umas mil vezes quando passava por aquela parte da cidade, e meus olhos absorveram a imagem pela primeira vez, de uma perspectiva diferente agora. Fui inundado por uma sensação que eu não consigo explicar, uma estranha energia que passou a pulsar de repente nas minhas veias por causa da ideia que se formava em minha cabeça. Sem pensar muito, peguei o celular e procurei por um endereço na internet. Liguei o GPS e segui as indicações até chegar ao meu destino em Santa Monica, cerca de vinte minutos depois. Estacionei e saí do carro antes que me convencesse do contrário. Quando estava abrindo a porta, olhei para a placa: Alistamento para a Marinha.

Última chance para mudar de ideia, Carson.

Parei por um instante, mas resolvi seguir em frente.

Ao entrar, fui logo recebido por um homem de uniforme cáqui, com crachá e condecorações na farda.

– Posso ajudá-lo? – perguntou.

Isto estava mesmo acontecendo? O rosto de Grace surgiu na minha mente.

– Quero me alistar – falei.

– Ora, muito bem, então sou a pessoa certa – retrucou o homem, abrindo um grande sorriso – Venha comigo. Sou Duane Mitchell, o suboficial de primeira classe – apresentou-se, apertando a minha mão e seguindo para a mesa que ocupava.

O suboficial se acomodou e me indicou uma cadeira à frente dele. Eu me sentei.

– Qual é o seu nome? – perguntou ele.

– Carson Stinger.

– Muito bem, Carson. Bem, antes de começarmos, vamos conversar um pouco. O que o levou a tomar essa decisão?

Ele se recostou na cadeira, me examinando.

Limpei a garganta antes de falar.

– Bem, para ser sincero, não tenho nenhuma alternativa que pareça muito melhor. Não sou do tipo que vai para a faculdade, disso eu já sei. E quero fazer algo que valha a pena.

Ele assentiu.

– Bem, é uma razão tão boa quanto outra qualquer. Agora deixe-me perguntar uma coisa: você já pensou em que tipo de trabalho gostaria de fazer?

– Ahn, na verdade não. Meio que decidi me alistar meia hora atrás.

Ele riu.

– Ok. Então, quais são suas habilidades?

Pensei por um instante.

– Nado muito bem e sou bom em esportes radicais.

O suboficial Mitchell me examinou de novo por alguns segundos. Ele acenou com a cabeça na direção de um cartaz com um grupo de homens usando equipamento de mergulho, com metralhadoras nas mãos, saindo da água.

– Já ouviu falar nos SEALs?

– A força de operações especiais da Marinha? Sim, é claro. Eu teria condições de ser um SEAL?

– Bem, isso eu não sei. Você precisaria conseguir uma pontuação muito alta em uma bateria de testes de aptidão vocacional das Forças Armadas. Depois teria que passar por um teste de resistência no treinamento básico para, então, garantir um lugar no treinamento chamado BUD/S.

Ele fez uma pausa e ficou olhando para mim, mas continuei em silêncio. O homem prosseguiu:

– Ou seja, você precisa *conseguir* passar pela triagem, o treinamento básico e a avaliação física. Só *depois*, se tiver conseguido isso, começará o BUD/S. E preciso dizer que apenas vinte por cento dos homens conseguem completá-lo, ou seja, oitenta por cento fracassam. E aí, você tem condições de ser um SEAL? Não são muitos homens que têm. Mas se é um bom nadador e gosta de esportes perigosos, que exigem grande habilidade, isso é um bom começo. Mas serei sincero com você, o BUD/S é o treinamento militar mais rigoroso do planeta. Pense bem.

Assenti e franzi o cenho. Eu não precisava pensar bem. A resposta saiu dos meus lábios antes que meu cérebro se desse conta.

– Quando começamos? – falei.

capítulo 14

Grace

Sentei na cama, sem prestar muita atenção ao que estudava. Sentia o coração pesado e uma ânsia com a qual eu não sabia lidar. *Estava com saudade de Carson*, pura e simplesmente. Quando essa sensação iria melhorar? Já haviam se passado dois dias desde que eu voltara de Las Vegas e parecia que meus sentimentos ficavam mais fortes em vez de amenizarem. Só ficara com ele por dois dias e meio! Não fazia sentido conseguir esquecê-lo após a mesma quantidade de tempo? Suspirei, me recostei no travesseiro e fiquei olhando para o teto. O que Carson estaria fazendo agora? E me encolhi ao pensar na possibilidade muito real de que ele estivesse em alguma filmagem de novo. No entanto, Carson me dissera que só havia feito quatro filmes em seis meses, e ele acabara de gravar mais um dois dias antes. Uma profunda onda de repulsa me atingiu quando o imaginei com outra pessoa, mesmo que fosse alguém que ele nunca mais veria. Só de pensar senti vontade de gritar. E logo a vontade passou a ser de me jogar no chão e chorar até ficar exausta e entorpecida. É isso que dá desenvolver sentimentos por um ator pornô. Fui *mesmo* uma idiota, assim como Abby me chamara de brincadeira.

Mas como *Carson* estaria lidando com a situação? Teria sido difícil para ele também, como me dissera que seria? Carson revelara que eu havia mudado as coisas para ele. Sendo realista, o que ele queria dizer era que o meu legado a curto prazo seria tornar a vida dele mais difícil. Eu não conseguia me sentir mal a respeito... Na verdade, *torcia* para ter arruinado a capacidade dele de fazer filmes pornôs. Carson podia ser muito mais... mas eu não conseguiria convencê-lo disso, ele precisava chegar a essa conclusão sózinho. Por isso que eu tive que partir. Por isso que eu *não tive escolha* senão partir. Meu Deus, Carson provavelmente desejava nunca ter me conhecido.

Mas eu não desejava o mesmo em relação a ele, por mais que o coração doesse. Sabia sobre a sua profissão, mas Carson era mais do que um ator para mim. Se não fosse, teria sido fácil ir embora. Eu poderia até ter saído correndo. E aí estava o problema. *Um problema impossível de resolver*.

Fiquei deitada por mais um tempo, perdida em meus pensamentos, quando tive uma ideia muito, muito ruim. Lutei contra ela por alguns minutos antes de me levantar e pegar o notebook na escrivaninha. Liguei-o e sentei de pernas cruzadas sobre a cama, as mãos trêmulas enquanto digitava o nome de Carson na busca do Google. O primeiro site da lista se chamava ArtLove.com e, indo contra o meu bom senso, cliquei nele. Sabia que era uma má ideia, mas eu parecia estar possuída. Não consegui me deter.

– Grace? – chamou Abby, do lado de fora da porta fechada do quarto.

– Estou aqui – respondi, minimizando a tela antes que o site tivesse acabado de carregar.

Ouvi os passos dela e desviei os olhos do computador quando a minha amiga apareceu com o uniforme do curso de culinária – calça preta e um dólma branco de chef de cozinha.

– O que está fazendo? – perguntou ela, desfazendo o rabo de cavalo e massageando o couro cabeludo.

– Ahn, dando uma olhada em um site pornô – respondi, meio rindo, meio fazendo uma careta.

A mão de Abby ficou paralisada no cabelo.

– Ahn... ok. Você tem como trancar a porta, sabe disso, não é?

Revirei os olhos.

– Estou procurando por Carson, Abby – falei.

Ela me encarou por um instante.

– Meu bem, acha mesmo uma boa ideia? – perguntou em um tom carinhoso.

– Provavelmente não é, mas é como se eu tivesse que ver. Preciso saber como é isso na realidade.

Preciso seguir em frente. – Eu a encarei com tristeza.

Abby hesitou, mas acabou se aproximando e sentando na cama, ao meu lado.

– Ok, então, amiga, vou segurar a sua mão.

– Obrigada, Abby – falei, enquanto abria outra vez a tela que havia minimizado. Ofeguei.

Nunca vira pornografia antes e não tinha ideia do que esperar. Meus olhos se arregalaram quando vi pessoas nuas envolvidas em todos os tipos de atos sexuais.

– Ai, meu Deus – sussurrei.

Olhei para Abby, que estava com a cabeça inclinada e um sorrisinho no rosto.

– É para esse site que ele trabalha? – perguntou ela.

Assenti.

– Carson disse que assinou um contrato de dois anos. Deve ser com esse site. Por quê?

Ela me encarou.

– Já assistiu a algum filme pornô, meu bem?

Balancei a cabeça, negando.

– Ora, comparado com o que há por aí, esse site na verdade é muito... artístico.

Voltei a olhar para a tela. Entendi o que ela estava querendo dizer. A maior parte das cenas era feita em lindas praias, em casas sofisticadas ou em belos pátios. Todas as pessoas tinham boa aparência. Rolei para baixo no site, olhando com mais atenção. Sinceramente, as mulheres poderiam muito bem ser supermodelos. Por que faziam isso? Pela mesma razão que Carson, talvez? Será que o trabalho delas também lhes causava problemas de relacionamento? Tanto agora quanto mais tarde? Balancei a cabeça, tentando clarear a mente. Isso nunca faria sentido para mim.

Quando tentei clicar em um dos vídeos, apareceu um pop-up dizendo que, se eu quisesse assistir ao filme todo, teria que me tornar assinante do site, e descrevendo as diferentes opções de plano.

Olhei para Abby e digitei o nome de Carson no campo de busca. No mesmo instante a página com os resultados me fez deixar escapar um breve arquejo. Havia fotos de Carson fazendo sexo *ativamente* com mulheres diferentes em cenas diferentes. Meu cérebro não conseguiu lidar com o que meus olhos viam e soluzei baixinho. Abby apertou a minha mão e disse:

– Vamos desligar isso.

– Não, ainda não – falei.

E minha voz pareceu muito distante aos meus próprios ouvidos. Eu precisava ver isso. Precisava enxergar a verdade do que Carson fazia.

– Gracie, ele fez essas coisas antes de conhecer você – disse ela, baixinho.

– *Essas, sim, Abby, mas, se eu voltar a esse site daqui a um mês, haverá um novo filme, talvez dois – retruquei, infeliz.*

Abby apertou a minha mão.

– Mas você vai fazer isso?

– Não, foi só desta vez. Eu precisava lembrar a mim mesma o motivo pelo qual não posso manter contato com ele. Por que *tive* que deixá-lo.

Ela balançou a cabeça, parecendo triste, e nós duas ficamos olhando para as fotos em silêncio por um longo instante.

– Minha nossa, você estava certa, ele é *sexy*.

Olhei para Abby e franzi o cenho.

– Desculpe, esse comentário não foi muito construtivo – murmurou Abby, voltando os olhos para a tela.

Quando também tornei a olhar para as fotos, me sentindo ao mesmo tempo vazia e enjoada, percebi que a expressão que via no rosto de Carson ali era... *errada*. Era a mesma expressão que ele exibira no saguão do Bellagio, quando nos esbarramos pela primeira vez, e depois, no bar. Não era a mesma de quando Carson estava na cama comigo. *Ele usa uma máscara nessas fotos*. Mas isso me trouxe pouco conforto. Senti o vômito subindo pela garganta, saí cambaleando da cama e corri para o banheiro bem a tempo de colocar para fora todo o meu almoço.



Carson

Merda, isso não vai ser fácil. Respirei fundo e abri a porta. Irene, a senhora que era secretária de Courtney, ergueu os olhos da tela do computador.

– Oi, Carson. – Ela sorriu.

Sorri também, ressabiado. Bem, pelo menos a primeira reação dela não fora chamar o segurança, como eu imaginei que pudesse acontecer.

– Oi, Irene. Courtney está?

Eu me apoiei na mesa dela, e Irene bateu os cílios para mim. Eu costumava flertar com Irene sempre que entrava ali, mas hoje não estava com disposição.

Ela franziu o cenho.

– Está, meu bem. Você tem hora marcada? – Irene começou a folhear a agenda. – Não estou achando...

– Não, Irene, não marquei. Na verdade...

– Carson.

Ergui os olhos e Courtney estava parada na porta da sala dela, usando uma saia cinza e uma blusa rosa-clara, o cabelo escuro caindo, liso e longo, pelas costas, o rosto sem expressão. *Merda*.

– Oi, Courtney. – Fui na direção dela. – Me desculpe por não ter marcado um horário para falar com você, eu só...

– Carson, entre na minha sala.

Eu a segui como uma criança chamada à sala do diretor, uma criança que sabia que era culpada e que merecia o castigo que estava prestes a receber. Depois do que acontecera com Tim, eu não tinha a menor esperança de que o encontro com Courtney fosse um sucesso. Como eu imaginara, não ia ser fácil.

Courtney se sentou atrás da escrivaninha e eu me acomodei na cadeira à sua frente. Quando já ia abrir a boca para falar, ouvi a voz de Irene atrás de mim:

– Aceitam café? Ou chá?

Courtney levantou as sobrancelhas para mim.

– Não, para mim, não – respondi.

– Não, Irene, não precisamos de nada, obrigada – disse Courtney à secretária.

Ouvi a porta se fechar devagar quando ela saiu.

Courtney se recostou na cadeira, entrelaçou os dedos e me examinou em silêncio.

– O que aconteceu, Carson? – perguntou.

Expirei o ar com força.

– Para mim já deu, Courtney. Lamento. Sei que agi de um modo nada profissional. Você foi legal comigo e odeio terminar as coisas entre nós dessa forma.

Ela ficou em silêncio por um instante.

– Você me custou muito dinheiro aquele dia, Carson.

Respirei fundo.

– Sim, eu sei. E isso é parte do motivo para eu estar aqui.

Enfiei a mão no bolso, peguei a carteira e tirei um cheque lá de dentro.

– Vendi o meu carro. Pedi que me pagassem com um cheque para repassá-lo para você. Não sei se é o bastante para cobrir as despesas da filmagem, e tenho certeza de que não é o suficiente para cobrir a renda do vídeo, mas espero que seja um começo, e posso pagar em parcelas o...

Courtney suspirou.

– Primeiro, você pode me contar o que aconteceu para que saísse correndo quase nu da suíte?

Abaixei o olhar para o cheque na minha mão e pousei-o na beira da escrivaninha.

Desviei o olhar por um instante, então deixei escapar um som que era meio gargalhada, meio soluço, e acabei suspirando. Gostava de Courtney. Ela sempre fora boa comigo, alguém em quem eu sentia que poderia confiar, em um negócio cheio de pessoas em quem *não* se podia confiar.

– Conheci uma pessoa, Court – sussurrei.

Ela me fitou e sua expressão se suavizou.

– Ah, você se apaixonou. Bem, isso vai acontecer algumas vezes...

– Não, não é bem isso. Só passei um fim de semana com ela, mas...

– Carson, você se apaixonou. Estou vendo em seus olhos.

– Não, não em apenas dois dias e meio, Courtney. Mas é que nunca me senti dessa forma em relação a ninguém. A gente...

Ela continuou a me fitar e quase pude ver as engrenagens funcionando em sua mente. Por fim, Courtney respirou fundo e falou:

– O amor nem sempre faz sentido. E essa é a grande beleza dele, o grande mistério... a coisa que os cínicos que zombam do chamado “amor à primeira vista” esconderiam se pudessem. Mas não é possível fabricar esse mistério, meu bem. Acredite em mim, eu sei.

Encarei-a, ouvindo-a e tentando assimilar suas palavras.

– Não tenho nada a oferecer a ela.

Courtney balançou a cabeça devagar.

– Então mude isso.

Assenti e olhei para baixo, para as minhas mãos, o rosto de Grace muito claro na mente.

– Acho que podemos ter algumas coisas em comum, Carson. Posso lhe contar uma história?

Voltei a fitar Courtney e assenti.

– Minha mãe também trabalhava nesse ramo. Eu ainda não tinha comentado nada com você, porque nunca gostei do fato de as pessoas trazerem esse assunto à tona quando eu não estava preparada para falar sobre ele. Só sei da sua situação porque faço questão de conhecer bem os meus funcionários. No entanto, a história da minha mãe terminou de um modo um pouco diferente da sua. Ela sofreu uma overdose de heroína quando eu tinha 15 anos. Mamãe havia fugido de casa e entrado no ramo com 16 anos. Na época, mentiu a idade e começou a fazer filmes. Não posso dizer que assisti ao declínio dela, porque não cheguei a conhecê-la, a não ser como uma pessoa vazia. Ela podia até ser divertida e cheia de vida quando queria, mas esses momentos se tornaram cada vez mais raros quando cheguei à adolescência. Por sorte, meu pai era um cara decente que entrou por completo na minha vida depois que a minha mãe morreu. Eles haviam tido um romance de três meses e, embora ele pudesse ter tentado negar a minha paternidade, alegando o que a minha mãe fazia para ganhar a vida, quando ela contou que estava grávida, ele nunca usou esse subterfúgio. Acho que meu pai tentou, de forma sincera e honesta, cuidar da minha mãe, mas ela não o permitiu. Porém, ele me acolheu e me garantiu uma estabilidade que eu nunca tivera. Era um bom homem... Meu pai morreu dois anos atrás, de câncer no pulmão.

Não consegui dizer uma única palavra. Estava chocado demais por ela estar se abrindo para mim desse jeito.

– De qualquer forma – continuou Courtney –, você já deve ter conseguido juntar as peças e entender por que comecei esse site. Muita coisa indigna, do tipo que rouba a alma das pessoas, acontece nesse meio. E, para começar, esse é um ramo que atrai aquelas menos capazes de lidar com esse tipo de coisa. – Ela me fitou por um instante. – Comecei o site porque queria injetar um pouco de sentimento em um ramo que nunca teve isso. É verdade que os atores são praticamente estranhos. Mas acho que mostrar o sexo como uma expressão natural do nosso corpo, enquanto também mostramos que ele não precisa ser degradante para nenhuma das partes, é o melhor que posso fazer para conseguir isso. Se sempre vai existir pornografia, e acredito piamente nisso, quero ser responsável por fazer dela um meio de se respeitar o fato de que nenhum de nós é apenas um corpo: todos temos um coração e uma alma também, e essas partes do ser humano não podem ser separadas.

Ela abriu um grande sorriso. Eu ainda tentava entender o que estava acontecendo.

– O que estou querendo dizer – continuou – é que sou fã do amor.

Courtney riu baixinho, folheou alguns papéis sobre a escrivainha e pegou um da pilha.

– Agora, Carson, pelo que me lembro, fizemos uma alteração no seu contrato que faz com que ele tenha duração de seis meses em vez de dois anos. Você se lembra de termos iniciado essa alteração, certo?

Ela me encarou de forma muito expressiva.

– Ahn, sim, lembro?

Courtney abaixou o queixo e me encarou através dos cílios escuros.

– Sim, lembro – falei, agora mais confiante.

– Ótimo. Então, de acordo com meu calendário – ela folheou o calendário em sua mesa, voltando algumas páginas –, seu contrato expirou na semana passada. Boa sorte em seu próximo empreendimento, Carson Stinger. De coração.

Eu a encarei. Ela me encarou de volta. Levantei e esfreguei as palmas das mãos na calça jeans justa.

– Courtney, não sei como...

– Cuide-se, Carson – disse ela, sem se levantar da cadeira. – E pegue o seu cheque de volta. Se não fizer isso, vou rasgá-lo.

Peguei o cheque e enfiei-o no bolso.

– Courtney. Muito obrigado. Cuide-se você também.

– Ah, é o que pretendo fazer. – Ela sorriu para mim.

Assenti com a cabeça e caminhei devagar em direção à porta. Ainda olhei uma vez para trás, quando pousei a mão na maçaneta, mas ela continuava sentada, imóvel. Assenti mais uma vez, abri a porta e saí.

capítulo 15

AGOSTO, DOIS MESES DEPOIS

Grace

Estacionei em frente à casa onde crescera e sorri. Estava cansada por causa da viagem de oito horas de Washington até Ohio, mas ver meu lar me proporcionou uma injeção de energia. Já sabia onde o meu pai estaria sentado dentro da casa de tijolos – na poltrona reclinável marrom caindo aos pedaços que ficava de frente para a TV. Era a poltrona dele, e papai nunca abriu mão dela, nem quando eu e minhas irmãs implorávamos para que comprasse uma nova. Uma vez, quando minha irmã Audrey tinha 11 anos e frequentava aulas de costura, ela fez uma capa para essa poltrona, com um tecido estampado de margaridinhas amarelas. Meu pai quase teve um ataque, mas então ele olhou para a minha irmã, que estava quase explodindo de tão orgulhosa diante do trabalho perfeito que fizera, se sentou na poltrona e disse:

– Ora, Audrey, nunca imaginei que alguma coisa pudesse tornar essa poltrona mais confortável, mas acho que você conseguiu.

Papai fez uma grande cena, ajeitando-se bem na poltrona e descansando a cabeça no encosto, com um sorriso satisfeito. Sim, meu pai era um cara legal.

– Papai? – chamei, enquanto destrancava a porta e entrava.

Ele saiu sorrindo da sala de estar.

– Ora, olhe para você, Gracie. – E me deu um beijo no rosto. – A faculdade de direito deve estar lhe fazendo bem. Você parece ótima.

– Obrigada, pai. Está mesmo. – Sorri.

– Como foi a viagem?

– Tranquila. Ouvi alguns audiolivros, por isso passou rápido.

– Audiolivros, GPS... – zombou ele. – Logo, logo, as pessoas não terão razão para querer ler um livro *ou* um mapa. Estou dizendo.

Revirei os olhos.

– Você devia tentar, papai, talvez mude de ideia.

Ele pegou a mala pequena que eu levava e deixou-a na sala, onde nos sentamos. As aulas de outono começavam em uma semana e eu fora até Ohio para visitar meu pai e minhas irmãs antes do começo do novo semestre. Tinha poucos dias, mas estava com saudades deles. Sentia falta de casa.

– Jules e Audrey não estão? – perguntei.

– Não, mas já vão chegar. As duas saem da aula às cinco.

Assenti. Minhas irmãs estavam na faculdade. Audrey na Wright State, onde se formaria professora, e Julia no curso ligado a um hospital local, onde ofereciam um programa que pagava a faculdade caso o aluno assinasse um contrato para trabalhar por dois anos no hospital após se formar. Eu sentia orgulho das duas. Elas iam bem nos cursos e trabalhavam durante o verão para ajudar a pagar as contas.

Levantei.

– Quer alguma coisa? Vou pegar chá gelado.

– Então pegue uma cerveja para mim. Obrigado.

Fui até a pequena cozinha e peguei uma lata de Budweiser na geladeira, a mesma cerveja que meu pai bebia desde que eu me entendia por gente. Eu me servi um copo de chá gelado, voltei para a sala e entreguei-lhe a cerveja.

Papai abriu a lata, tomou um gole e pediu:

– Me conte sobre as suas aulas, Gracie.

Também tomei um longo gole do meu chá.

– Na verdade, papai, queria conversar com você sobre isso – disse, nervosa.

– É mesmo? – perguntou ele, me fitando.

– Sim. – Respirei fundo. – A questão é que mudei meu foco no direito.

Olhei para baixo e tomei outro grande gole do chá. Quando ergui os olhos, papai me encarava, muito sério.

– Está certo. Em qual área você está interessada?

Dei um risinho nervoso.

– Bem, sei como se sente sobre o sistema de varas criminais. Sei que tem muita experiência...

– Fale logo, Gracie.

Olhei para baixo.

– Decidi que quero ser promotora.

Silêncio.

Após alguns segundos, olhei para papai. Ele estava com o cenho franzido e os lábios cerrados. Senti meu coração afundar no peito. A minha vida inteira eu fizera de tudo para evitar esse olhar. Quase recuei de vez. Quase falei de repente: *Brincadeira!* Mas então, por algum motivo, o rosto de Carson veio à minha cabeça, sorrindo, me encorajando. Eu sabia que a minha própria mente invocava a imagem dele, mas me confortou de qualquer forma, me estimulou. *Tenha coragem, Grace.*

– Gracie, você não tem ideia das coisas que eu vi, do tipo de pessoa que você *vai ver* trabalhando no direito penal. Só quero protegê-la disso. Além do mais, você não vai ganhar muito dinheiro trabalhando nessa área. Direito societário é uma área boa, segura, você vai ganhar um salário alto, não vai levar trabalho para casa todos os dias da sua vida.

Olhei para baixo outra vez, franzi o cenho, respirei fundo e voltei a encará-lo.

– A questão é que estou cansada de estar segura o tempo todo – sussurrei, olhando-o nos olhos. – Estou cansada de fazer as coisas que fazem sentido para todo mundo a não ser para mim.

Minha voz saiu aguda na última palavra e meus olhos estavam marejados. Olhei para baixo mais uma vez, incapaz de manter contato visual com papai. Voltei a encará-lo alguns segundos depois, hesitante.

Meu pai suspirou e ficou me observando por um longo tempo, procurando por algo em meu rosto, mas eu não estava certa do quê. Por fim, ele disse:

– Só o que eu quis a vida toda foi que as minhas meninas fossem felizes. Se acha que essa escolha vai fazê-la feliz, isso é tudo de que preciso saber. Jamais quereria que se tornasse amarga e cansada como seu velho aqui.

Dei uma risadinha e funguei, as lágrimas se misturando ao riso.

– Você não é amargo e cansado.

Ele suspirou.

– De certa forma, sou, sim. Aceito isso. E, Gracie, desculpe se nunca deixei claro para você que a sua felicidade era importante para mim. Você tomou as rédeas da situação e começou a tomar conta desta família quando sua mãe partiu. Percebi isso e permiti que o fizesse... o que não foi justo com você.

– Nada disso, papai – falei rapidamente, balançando a cabeça. – Eu fiz o que tive vontade. E isso me deu a sensação de ajudar a tornar as coisas melhores para todos. Melhores para o senhor.

– Você tornou mesmo, meu bem, mas eu deveria ter tomado a tarefa para mim, e não tê-la deixado em suas mãos. Foi muita pressão para uma menina tão nova. E você já tinha o hábito de se cobrar demais. Corra atrás da sua felicidade, Gracie. Ninguém melhor do que eu sabe que você precisa agarrá-la e segurá-la com força quando ela passar pelo seu caminho, pois talvez não volte a aparecer.

Deixei escapar outro soluço baixo e me joguei nos braços dele, quase virando a maldita poltrona reclinável com a capa de margaridas. Não éramos chegados a grandes demonstrações de afeto em casa, mas, nesse momento, não consegui me conter. Amava muito o meu pai. Era como se um peso de 10 toneladas tivesse saído de cima do meu peito. E, no fim, *eu mesma* é que havia permitido que esse peso se instalasse. Abracei meu pai com força e, após um instante, ele também passou os braços ao meu redor. Ficamos sentados algum tempo desse jeito enquanto eu sussurrava no ouvido dele:

– Obrigada, papai.

– Que DIABOS você está fazendo com o meu pai? – gritou alguém da porta da frente.

Eu me sentei, rindo.

– Estou abraçando o papai, sua tonta – respondi para Julia, minha irmã, sorrindo e me levantando.

Ela também estava sorrindo.

– Oi, irmãzona – cumprimentou Julia, me abraçando com força.

Papai não era mesmo chegado a grandes demonstrações de afeto, mas nós, garotas, compensávamos isso entre nós. Éramos as âncoras, o conforto umas das outras.

– Nossa, me sinto tão baixinha perto de você – comentei, erguendo os olhos para o rosto bonito.

Julia era loura como eu, mas alta como o nosso pai, e pairava acima de mim com seu 1,75 metro. Invejava as pernas longas e a aparência de supermodelo da minha irmã. E ela podia comer o que quisesse sem engordar... e era o que fazia.

– Audrey deve estar chegando também... – começou a dizer Julia, bem no momento em que ouvi a porta bater.

– Oiiiiii! – falou Audrey.

Uma cabeça morena apareceu na porta e o lindo sorriso de Audrey iluminou seu rosto. Ela havia puxado ao lado da família da nossa mãe e era quase do meu tamanho, mas o cabelo era castanho como o

do nosso pai. Audrey era um encanto. Eu praticamente a criara quando Andrew morrera e minha mãe fora embora. Eu me considerava quase uma tia dela.

Audrey atravessou a sala correndo e se jogou em cima de mim, quase me derrubando, enquanto nós duas ríamos e pulávamos feito loucas.

Meu pai pigarreou.

As três cabeças se voltaram para ele.

– Vocês me dão licença, meninas? Quero assistir ao *Jeopardy*. O programa começa em cinco minutos e não consigo ouvir nada com essa bagunça toda.

Fui a primeira a me adiantar.

– É claro! Venha, sente-se.

Empurrei-o para cima da poltrona coberta com tecido de margaridas, entreguei-lhe a cerveja, que ele deixara na mesinha em frente quando eu me jogara no colo dele, e liguei a TV no canal do programa.

Olhei para Julia e Audrey e ambas reviraram os olhos para mim, enquanto eu me dedicava a deixar o nosso pai o mais confortável possível. Ora, o que quer que acontecesse, alguns hábitos eram difíceis de mudar. Ele era meu pai. Eu tomava conta dele. Era o meu dever. Joguei uma manta sobre as pernas dele, peguei a minha mala, e nós três, as irmãs, subimos as escadas, nos empurrando e dando risadinhas.

Entramos no meu antigo quarto, e Audrey e Julia se jogaram na cama enquanto eu abria a mala e começava a guardar as roupas nas gavetas da cômoda.

– Então, quais são as novidades, passarinhas?

Silêncio. Virei a cabeça para elas e as duas trocavam olhares. Levei as mãos ao quadril.

– O que houve? – perguntei, estreitando os olhos.

– Julia tem algo para contar – adiantou-se Audrey, com um sorriso largo no rosto.

Meus olhos se desviaram para Julia, que me encarava, nervosa.

– É mesmo? – Deixei a frase se estender e ergui as sobrancelhas.

Ela começou a puxar um fio invisível da bainha do suéter que usava.

– Bem, é que... eu meio que conheci alguém.

Ergui apenas uma sobrancelha dessa vez.

– Tipo um cara? – perguntei.

Julia assentiu e sorriu para mim.

– Sim, um cara...

– Ora, não é só isso. Conte para ela a grande notícia – falou Audrey, e Julia lançou um olhar expressivo para Audrey.

Eu sentei na cama com elas.

– Julia, fale de uma vez! – pedi, jogando os braços para o alto e deixando-os cair de novo.

– Não sou mais virgem – disse ela em um rompante. – Fui desvirginada. Sou uma mulher! – terminou ela, com uma risadinha nervosa.

– A florzinha desabrochou – completou Audrey em tom de reverência.

Olhei de uma para outra.

– Você estava preocupada em me contar, Jules? – perguntei, franzindo o cenho.

– Ah, não... Quero dizer, um pouco. É só que... – Ela respirou fundo. – Sim, eu estava nervosa em lhe contar. – Julia pegou a minha mão. – Ah... você sempre foi meio como uma mãe para nós e... sejamos

sinceras... você é meio certinha, Gracie. Se bem que... *você é virgem?* Conversamos sobre tudo, mas você nunca falou sobre sexo conosco. Pelo menos não de um jeito mais pessoal. Sempre foi tão determinada, tão concentrada em outras coisas...

Fiquei encarando a minha irmã e pensando... Nós falávamos brincando sobre sexo. Fazíamos referências a coisas sensuais, caras gostosos, coisas assim, mas acho que Julia estava certa. Eu nunca conversara sobre sexo em um nível pessoal. Nunca fora mesmo de ir muito a festas ou de ter encontros quando estava no ensino médio, por isso não havia muito sobre o que falar. Nunca contei a ninguém, com exceção de Carson, sobre o meu plano dos três caras... o plano idiota que já nem existia mais.

Respirei fundo.

– Me desculpem, meninas. Vocês estão certas. Não fui uma boa irmã mais velha nessa categoria. Deveria ter me aberto mais com vocês. É só que... eu tinha umas ideias estúpidas que, até uns dois meses atrás, eu nem sabia que eram mesmo estúpidas. Era bem provável que eu precisasse conversar mais sobre esse assunto do que vocês. Mas, sem a mamãe aqui, eu nunca... Bom, acabei tratando vocês como bebês, me desculpem.

Bufei e balancei a cabeça.

– Não, Grace, não queremos que se sinta mal. Sempre tomou conta de nós e amamos você por isso. A gente só não sabia como você reagiria a essa informação. – Audrey gesticulou com a cabeça na direção de Julia.

Segurei a mão de Audrey, apertei-a com força, então me virei para Julia.

– Quem é ele, meu bem?

Ela sorriu, os olhos brilhando.

– O nome dele é Evan e ele trabalha no hospital. Na administração. Tem 22 anos. Estamos saindo há três meses e estou apaixonada, Grace. Apaixonada de verdade. Ele me trata como uma princesa... como se eu fosse a coisa mais preciosa do mundo – terminou ela, em um tom sonhador, e se deixou cair de costas na cama.

Audrey revirou os olhos.

– Você não vai lamentar ter perdido todos os pios dela nos últimos meses, Grace. Um nojo...

Eu ri.

– Então você... gostou? – perguntei.

Julia se apoiou nos cotovelos.

– Do sexo? – Ela mordeu o lábio. – Bem, a gente só fez umas duas vezes até agora e... bem, não, na verdade, não gostei. Quero dizer, achei meio normal... – Ela franziu o cenho e se virou para Audrey, que, por sua vez, ergueu as mãos.

– Não olhe para mim. Sou pura. Intocada. Não sei o que dizer além de que você pode ser meio defeituosa nesse quesito.

Eu ri, mas Julia estreitou os olhos enquanto encarava Audrey. Falei:

– Você não é nada defeituosa, Jules. As primeiras vezes não costumam mesmo ser muito boas. Mas fica melhor, eu prometo. E se você estiver com a pessoa certa, o que eu torço para que seja o caso, pode ser incrível. Mais do que incrível.

Olhei para as duas, que me encaravam.

– Ok, meninas, precisamos conversar. E acho que tenho algo para contar a vocês que vai compensar

os anos de conversas sobre sexo que não aconteceram nessa casa. Acomodem-se e apertem os cintos – falei em um tom sério, mordendo o lábio e me sentindo nervosa.

Deitei de lado na cama, apoiei a cabeça sobre as mãos e comecei a falar, me perguntando se dessa vez conseguiria contar a história toda sem chorar, porque, mesmo dois meses depois, ainda sentia tanta falta de Carson que ficava comovida só ao dizer o seu nome.

– Sabem aquela conferência a que fui dois meses atrás?



Carson

– Ainda não consigo acreditar que se alistou na Marinha, seu maluco! – gritou Dylan da cozinha, enquanto pegava uma cerveja para nós.

Eu ri.

– A nós dois, irmão.

Dylan voltou para a sala, me entregou a bebida e nos sentamos no sofá. Ele me examinava por sobre a garrafa enquanto tomava um longo gole, os pés apoiados na mesa de centro.

– Vai contar à sua mãe que está partindo?

Dylan me olhava com uma expressão cautelosa.

– Não. Você sabe o que aconteceu na última vez em que estive lá. Vou mandar um cartão-postal para ela se eu conseguir entrar no treinamento dos SEALs em Coronado.

Ele assentiu. Dylan tinha me visto ou, melhor, visto o meu lábio cortado na última vez em que eu fora visitar a minha mãe. Tive um desentendimento com o namorado dela e o infeliz acabou conseguindo me dar um soco, como o bosta que era.

– Então... – continuou Dylan, tomando outro gole da cerveja e claramente disposto a mudar completamente de assunto –... algum dia vai me contar sobre a garota com quem passou o fim de semana e por quem mudou toda a sua vida?

Eu ri de novo.

– Não mudei toda a minha vida por ela, cara.

– Ah, de certa forma mudou, sim, irmão. Que tipo de vodu ela jogou em você?

– Engraçadinho. Estou falando sério. Todas essas mudanças não são por causa da Grace. É muito provável que eu nunca mais a veja de novo.

Fiz uma pausa quando a dor provocada pelo que eu acabara de dizer me atingiu. Tinha pensado em entrar em contato com Grace e contar a ela sobre os meus planos. Mas e se eu fracassasse? Não. Precisava ter conquistado alguma coisa de verdade antes de contar a ela.

– Só me dei conta de que já estava na hora, só isso. Não posso fazer pornô para sempre, cara. Já estava na hora de eu elaborar algum plano para a minha vida, encontrar uma direção, pelo menos.

Dylan assentiu.

– Não posso discordar... Quero dizer, por mais incrível que fosse ter atrizes pornôs aparecendo nas

festas que dávamos aqui em casa. – Ele sorriu. – Não que tenha tido alguma festa por aqui nos últimos tempos, seu monge.

Dei uma gargalhada, mas logo fiquei sério e coloquei as mãos atrás da cabeça, enquanto me recostava no sofá.

– Cara, posso estar de volta ao ponto onde parei, aqui, no ano que vem. Você tem ideia do tamanho da aposta que estou fazendo?

Dylan me observou.

– Não, você não vai voltar.

– Estou falando sério. As chances não estão a meu favor no que se refere a me tornar um SEAL.

– Como sabe? – perguntou Dylan, tomando mais um gole da cerveja.

– Cara, eu expliquei toda a história dos vinte por cento que são aprovados, expliquei sobre todos os atletas muito talentosos que tentam entrar todo ano e não conseguem..

– Sim, você explicou, mas vou dizer como *eu* vejo a situação: nem tudo se resume à incrível capacidade da pessoa como atleta ou à velocidade de nado sabe Deus por quantos metros no oceano à beira da hipotermia.

Dylan colocou a garrafa de cerveja na mesa, tirou o pé de cima dela e inclinou o corpo para a frente.

– Acho que tem mais a ver com quanto do seu *coração* está envolvido no processo e quanto está disposto a investir dele. Não porque vão elogiá-lo, pelo contrário, porque ninguém nunca faz isso e você não depende disso para o seu sucesso. Alguns caras por aí que têm sido adulados com frequência, aplaudidos a vida toda, serão os primeiros a abandonar o barco quando precisarem depender apenas de si mesmos. Porque nunca conheceram uma situação diferente, e isso é uma merda. Mas você não. Nesse caso, a sua força é o seu trunfo. Eu apostaria em você, Carson Stinger.

Ele pegou a garrafa outra vez e voltou a apoiar os pés sobre a mesa de centro, enquanto eu a encarei sem saber o que dizer.

– Aliás – continuou Dylan –, já falei que também estou mudando de carreira? Vou passar a dar palestras motivacionais. Calma, calma, um de cada vez, pessoal!

Caí na gargalhada.

Dylan sorriu, mas logo voltou a ficar sério.

– Fui sincero em cada palavra do que eu disse, irmão.

– Eu sei, cara, eu sei – falei, erguendo a garrafa em um brinde a ele.

capítulo 16

ABRIL, OITO MESES MAIS TARDE

Grace

Sentei-me na semiescuridão, olhando para o horizonte, ouvindo os pássaros começarem a conversar ao meu redor. Sorri quando o brilho a distância atingiu meus olhos. Era como se momentos antes os pássaros soubessem que o sol nasceria e estivessem cantando para dar-lhe as boas-vindas. Fiquei ali até o sol ter surgido por completo no horizonte. Pensei em Carson, como sempre acontecia quando assistia ao nascer do sol. Imaginei por onde ele andaria. E se estava feliz. Mas não me deixei pensar em nada além disso. Ainda não *consequia*.

Continuei minha corrida ao longo do canal Chesapeake, em Ohio, com outras pessoas que corriam bem cedo, e, quando terminei, voltei de carro para casa e tomei um banho rápido. Precisava de um café. Acho que nunca serei uma pessoa matinal, mas tracei como uma das minhas metas colocar o alarme para bem cedo, a fim de correr ao ar livre, e não em uma esteira. Dessa forma, veria o nascer do sol com a maior frequência possível. Já havia perdido muitos deles.

Iria me formar na faculdade de direito no início do verão, e os dois próximos meses seriam ocupados por estudo e provas. Além do mais, pretendia me candidatar a empregos em Washington e esperava conseguir uma vaga como promotora pública. Estava muito animada para descobrir aonde a vida me levaria agora que seguia a direção que eu escolhera apenas porque era o que eu realmente queria fazer. Preparei um café e fui me arrumar para começar o dia.



Carson

– Afastem a cara do chão, seus sacos de merda! – gritou o instrutor Wegman.

Todos os músculos do meu corpo gritavam de dor. Já estávamos ali havia quase cinco horas... Era a nossa punição por termos fracassado na inspeção das facas durante a primeira semana de treinamento dos SEALs.

Estávamos prestes a começar a nadar no mar quando os instrutores se aproximaram para inspecionar

nossos equipamentos: colete inflável, cilindro de gás carbônico e faca. Após passar a minha faca ao longo dos pelos do próprio braço, o instrutor Flynn ergueu os olhos para mim e gritou:

– REPROVADO!

Merda. Ao fim da inspeção, sete outros homens e eu fomos chamados para nos juntar aos instrutores no Grinder – ou Moedor de Carne, como era chamada a nossa área de exercícios – às dez da noite.

Eu já estava exausto após um dia de exercícios físicos brutais que começara às cinco da manhã. Havíamos começado com treinamento físico no Grinder, seguido por uma corrida de 6,5 quilômetros de calça e botas na areia fofa, que deveríamos completar em até 32 minutos. Depois, corremos nas dunas e nadamos 2 mil metros. E isso tudo foi *antes* do almoço.

Mas não havia escolha. Os oito homens convocados se enfileiraram, ombro a ombro, enquanto os instrutores ficaram parados à nossa frente, nos encarando com desprezo.

– Se não podemos confiar em vocês nem para cuidarem de uma peça do equipamento, como diabos deveríamos confiar nossas vidas no campo de batalha, seus bostas?

Permanecemos parados, em silêncio, enquanto os instrutores nos repreendiam e nos xingavam. Sem problemas. Pelo menos era um breve momento de descanso.

Mas então começou a punição. Eles nos mandaram correr até a arrebentação, nos molhar e voltar correndo em dois minutos. Quando voltamos, o instrutor Wegman checkou o cronômetro e balançou a cabeça.

– Dois minutos e dez segundos, seus bostas. Para cada segundo excedido, vão fazer o mesmo número de flexões avançadas.

Dessa forma, fizemos dez flexões e corremos de volta para as ondas mais uma vez, a fim de tentar voltar em menos de dois minutos. Na segunda vez, foram dois minutos e doze segundos. Por isso, fizemos doze flexões. Cada vez demorávamos mais, nossos corpos já incapazes de ganhar velocidade de tão exaustos que estávamos. Isso vinha se repetindo havia cinco horas. Agora estávamos sendo obrigados a fazer sessenta flexões e mal conseguíamos nos mexer. Voltávamos nos arrastando da água, com vontade de rastejar.

Quando minhas pernas cederam sob o peso do meu corpo a caminho da água, um cara que vinha seguindo perto de mim segurou a minha cintura e me levantou.

– Ei, fique firme. Estou segurando você. Vá devagar e demore um instante quando estiver na água, para se recuperar. Não tem jeito mesmo de voltarmos em dois minutos. Vamos apenas tentar voltar.

Esperei um pouco para que minhas pernas parassem de tremer e continuei com ele na direção da arrebentação.

– Obrigado, cara – grunhi, fazendo uma careta quando a dor subiu pelas minhas pernas.

– Meu nome é Noah.

Assenti. Só o conhecia pelo sobrenome, Dean.

– Carson.

– Merda! – resmungou Noah, e se jogou na água fria e escura do oceano.

Então se levantou e fechou os olhos por um instante, sem se mexer, deixando o corpo descansar. Fiz o mesmo e, depois de alguns segundos, nos viramos e começamos a voltar mais uma vez em direção à areia, tremendo de frio, com os dentes batendo. Foi horrível.

– Não consigo mais – murmurei, meu maxilar incapaz de se mover, de tanto que tremia.

– Aposto que disse a mesma coisa três horas atrás – murmurou Noah. – Eu sei que eu disse. E estávamos errados, porque continuamos aqui, ainda cumprindo o exercício.

Meu rosto se contorceu em algo talvez parecido com um sorriso, enquanto subíamos cambaleando pela margem, na direção do Grinder, para mais uma sequência de flexões. Talvez cem dessa vez.

Afastei-me um pouco, cambaleando ainda, quando um colega perto de mim vomitou na praia.

– Seus bostas, não falhem de novo na inspeção da faca – disse o instrutor Flynn, levantando-se da plataforma em que os instrutores ficaram sentados, nos observando, a noite inteira. Estávamos dispensados.

Quando já começávamos a nos afastar, cambaleando, o instrutor Flynn ordenou:

– Esperem. Antes, limpem essa areia que espalharam por toda a área de treinamento.

Uma hora depois entrávamos quase mortos, para dormir durante apenas uma hora antes que começasse o treinamento físico da manhã seguinte. Quando Noah se virou na direção do próprio alojamento, eu falei:

– Ei, obrigado mais uma vez.

Ele apenas assentiu, oferecendo-me a própria versão de algo semelhante a um sorriso.

Quando me arrastei para fora da cama uma hora depois, me sentia como se tivesse rolado por um rochedo e batido em todas as pedras pelo caminho até chegar lá embaixo. Foi então que pensei: *Não há a menor possibilidade de eu conseguir continuar por mais um dia.* Como diabos eu conseguiria passar pela Semana Infernal se não aguentava sequer a punição brutal de uma noite? A Semana Infernal era composta de cinco dias e noites como a que eu acabara de experimentar, talvez muito, muito pior, *sem tempo para dormir.* Estava ficando louco após cochilar só por uma hora. Como conseguiria aguentar uma semana inteira sem dormir e sendo torturado com frequência? Pelo que ouvira, quando chegava a sexta-feira, muitos homens estavam delirando e tão inchados que imploravam para não sair em público. Eu não tinha sido feito para isso. Já chega.

Saí, cambaleando, com a intenção de tocar o sino. Nesse momento, nada parecia mais importante do que voltar para a cama e tentar não me mexer. Estava quase louco de dor e exaustão.

Quando pisei do lado de fora do alojamento, o sol acabava de nascer no horizonte. Virei-me na direção dele e fiquei imóvel, os olhos fixos na pequena faixa laranja cintilante. Fechei os olhos e imaginei Grace parada na minha frente, meus braços ao redor dela enquanto observávamos a mesma cena. *Grace.* Uma onda de energia me atingiu, repondo um mínimo de força, apenas o bastante para eu me virar de volta e entrar, afastando-me do sino que eu tocara para desistir e seguindo na direção dos chuveiros.

capítulo 17

JUNHO, CATORZE MESES MAIS TARDE

Grace

Afastei uma pilha de correspondências, abrindo espaço na bancada para as saladas prontas que eu havia acabado de pegar para Abby e para mim.

Ela se sentou no banco ao meu lado e começou a abrir a embalagem para se servir.

Peguei o copo de água gelada à minha frente e levantei-o.

– Ao Brian, que passou no exame da Ordem dos Advogados! – disse. – E ao fato de que ele agora vai poder bancar um estilo de vida ao qual você vai gostar de se acostumar.

Abby sorriu, levantou o próprio copo d'água e bateu com ele delicadamente no meu.

– Ao Brian. Graças a *Deus*, aquele estudo todo acabou e vou ter meu noivo de volta. Quero dizer, a menos que as horas que *você* passa no trabalho sejam uma indicação... se for o caso... deixa para lá. Nada vai mudar.

Eu ri e balancei a cabeça.

– Não sou tão ruim assim – comentei.

– Sim, você é – discordou ela. – Mas, com sorte, não terei que morar com você por muito mais tempo.

Ela piscou, implicando comigo.

– Ha, ha. Você vai sentir a minha falta – falei, provando a salada. – Mas escolheu um bom partido. Sabe disso, certo? – perguntei, acenando com a cabeça na direção do anel de noivado dela, um solitário de diamante.

Abby suspirou e sorriu.

– Eu sei. Brian é ótimo. Desde que ele não me encha o saco por causa de uma tampa de pasta de dente ou coisa parecida, vamos nos dar bem.

Abby e Brian haviam ficado noivos no Natal e iriam se casar em setembro. O próximo fim de semana seria de grande mudança para todos nós. Eu tinha encontrado um ótimo apartamento na U Street Corridor, um bairro residencial e comercial, e, embora estivesse um pouco nervosa com a ideia de morar sozinha pela primeira vez na vida, também estava empolgada.

A última peça do quebra-cabeça que se encaixou foi o fato de Brian ter descoberto, na véspera, que

havia passado no exame da Ordem dos Advogados. Mais tarde, nós três sairíamos juntos para um jantar de comemoração.

– Agora – continuou Abby –, tudo que precisamos fazer é encontrar um cara incrível para você, que não deixe a pasta de dente destampada.

– Ah, não. Não mesmo. Estou muito ocupada para namorar. Nem pense em armar nada constrangedor. Meu emprego mal me permite ter tempo para ir ao mercado. Dificilmente eu conseguiria uma brecha para encontrar um homem.

Espetei um tomate-cereja e o levei à boca.

Havia conseguido meu primeiro emprego na procuradoria de Washington e estava trabalhando na vara da juventude. Não era bem o que eu queria, mas tinha a intenção de conseguir subir na carreira. Por enquanto, não havia vagas na área que eu queria, e a rotatividade nas outras varas era baixíssima. Eu sabia que tinha sorte de trabalhar onde havia me esforçado tanto para entrar, por isso me empenhava bastante para construir um bom nome.

Olhei para Abby, que me observava.

– Ainda pensa nele?

– Em quem? – perguntei, sabendo a quem ela se referia.

– Você sabe em quem. Não tente me enganar – bufou Abby.

Abaixei o garfo e me virei para ela na bancada, a cabeça inclinada para o lado. Não conseguiria mentir para Abby sobre o assunto. Respirei fundo.

– Sim. Mas não é uma coisa ruim, Abby. Não sofro por causa disso. Às vezes eu só... me pego imaginando como ele está. O que anda fazendo. Se ainda pensa em mim.

Abby ainda me observava com atenção.

– Espero que ele não seja a verdadeira razão para você aparentemente ter desistido dos homens desde que voltou de Las Vegas dois anos atrás...

Dei uma risadinha sem graça.

– Eu não desisti dos homens. Saí com aquele cara da minha turma na faculdade, com quem esbarrei no ano passado.

Abby ergueu a sobrancelha.

– Grace, você tomou um café com ele quando o viu na rua e nem deixou que ele pagasse a conta.

Bufei.

– Rolou uma paquera, Abby. Foi uma espécie de encontro.

– Grace, o cara disse que você estava bonita e você fez o mesmo elogio a ele. Isso não é paquera, meu bem. Tive a mesma conversa com meu avô quando o vi no mês passado. Você me contou os detalhes. Não tente, *agora*, transformar o fato em algo que não aconteceu.

Franzi o cenho.

– *Enfim*, isso não tem nada a ver com desistir dos homens. Você sabe que eu não saía muito mesmo antes de conhecer... antes de ir para Las Vegas. É só que eu tenho andado realmente muito ocupada. É sério, Abby, essa é a única razão. Não estou fechada para relacionamentos. Se eu conhecer alguém que me atraia de verdade, abrirei uma exceção, ok? Sério. De verdade. Não se preocupe comigo.

– Então o gostosão que mora no andar de baixo não a atrai? Porque ele com certeza sente atração por você.

Pensei a respeito.

– Não, ele é... gostosão demais.

Abby ergueu a sobrancelha.

– E aquele cara muito fofo que chamou você para um happy hour no Marvin, no mês passado, também não fazia o seu tipo?

– Abby! Estou falando sério. De verdade. Não estou me isolando. O cara certo vai aparecer. Estou só esperando por... algo mais. Vou saber quando encontrar. Quando encontrar *o cara*.

Ela me encarou com os olhos semicerrados por um instante, mas então respirou fundo e disse:

– Ok. Se é o que está dizendo... De qualquer forma, você se importa se Brian chegar aqui alguns minutos mais cedo do que eu esta noite? Ele precisou passar umas horas a mais no escritório hoje e vai vir direto para cá do trabalho, mas vai chegar um pouco antes de mim. Só vou conseguir sair duas horas antes do restaurante.

Abby era chef de um restaurante em um grande hotel no centro da cidade. Ela havia reformulado todo o cardápio, e a margem de lucro estava subindo. Eu sentia muito orgulho da minha amiga.

– Claro que não, está tudo bem. Estarei pronta. Ele sabe onde fica o controle remoto.

Abby sorriu.

– Ok, então. Brian vai ligar quando estiver chegando. Ele quer lhe dar um abraço para agradecer pela ajuda. Nós dois estamos muito gratos, de verdade.

Acenei com a mão, afastando o agradecimento.

– Não fiz quase nada. Só sinalizei algumas coisas, porque ele já tinha feito a prova.

Abby balançou a cabeça.

– Não é verdade. Ele está grato, e eu também.

Sorri para ela. Para ser sincera, eu tinha orgulho de Brian por ele ter passado de primeira, não que eu assumisse qualquer responsabilidade por isso. Brian era como um irmão para mim e eu desejava o melhor para ele e para Abby.

Ela jogou o guardanapo e o garfo de plástico dentro da embalagem de isopor e levou tudo para o lixo.

– Ok, estou indo. Vejo você à noite. Vou chegar por volta das sete. A reserva no restaurante é para as oito.

Abby pegou a bolsa e o casaco e foi em direção à porta.

– Tchau, Abby! – me despedi.

Continuei comendo, mas abaixei o garfo e afastei a comida alguns minutos depois. Respirei fundo, apoiei os cotovelos na bancada e pousei o rosto nas mãos. Estremeci de leve quando uma estranha sensação me dominou. Foi como se as partículas de ar parecessem estar mudando de direção, como se algo próximo as houvesse alterado. Fechei os olhos e deixei o rosto de Carson invadir a minha mente, claro e firme. Eu não me permitia pensar nele com tanta frequência. Mas por algum motivo, nesse momento, deixei a mente livre, porque o senti com força, quase como se estivesse ali comigo.

Após alguns minutos, forcei-me a me levantar e lavar a louça. Em seguida, fui aproveitar o meu sábado.



Carson

Recostei-me no assento do táxi e observei a vista de Washington pela janela. Nunca estivera na cidade e, por mais que gostasse da ideia de explorá-la, minha mente estava concentrada em outro lugar: *Grace*. Meu coração batia forte no peito. Essa poderia ser uma ideia muito boa ou muito ruim. Eu havia procurado pelo nome dela no catálogo e encontrara seu endereço... mas o número do telefone não estava lá. Portanto, agora eu iria simplesmente aparecer e torcer como louco para que ela quisesse me ver tanto quanto eu queria vê-la.

Enquanto olhava pela janela do táxi, passei a mão pelo meu cabelo curto, cortado em estilo militar, e pensei em tudo por que passara no último ano e meio. Lembrei da Semana Infernal, de como eu, de alguma forma, por mais impossível que parecesse, havia sobrevivido àqueles cinco dias desgraçados, que consistiram na simulação das condições mais horrorosas possíveis, garantindo à Marinha que eles estavam mandando para o campo de batalha homens que jamais desistiriam, não importava quanto de horror e sofrimento se abatesse sobre eles ou quanto estivessem delirantes pela falta de sono. *Eu era um desses homens*. Ainda tentava me acostumar com a ideia.

Noah Dean e eu nos ajudamos bastante ao longo daquela semana. Eu não sabia se teria sido bem-sucedido sem o encorajamento dele. Mas minha determinação também se devia Grace, e eu sabia disso. Depois que a Semana terminara, Noah havia me contado que se concentrara sempre na próxima refeição – sabia que se conseguisse sobreviver apenas tempo suficiente para saborear a refeição seguinte, acabaria chegando o momento em que se sentaria no refeitório aquecido, com comida na frente dele, antes de ter que encarar as condições extremas outra vez. Eu o compreendia. Mas, no meu caso, o que me mantivera firme não fora pensar na próxima refeição, mas o nascer do sol. Aquela luz cintilante surgindo no horizonte tinha me motivado a não desistir. Pensar em Grace nos meus braços me estimulava, mesmo em meio ao pior treinamento físico que eu poderia ter imaginado.

Dylan foi a primeira pessoa para quem liguei naquela sexta-feira à tarde, quando fomos aceitos e recebemos as camisas marrons que indicavam que havíamos conseguido passar com sucesso pela Semana Infernal.

– Não fico surpreso, camarada – dissera Dylan, e percebi a emoção em sua voz.

Eu terminaria o BUD/S 24 semanas mais tarde, sendo designado para a Equipe Dois dos SEALs. Então fui para o Treinamento Tático e, enfim, conquistei a minha insígnia de tridente. *Eu consegui*.

Agora estava indo para o Afeganistão com o pelotão em minha primeira missão. Qualquer coisa poderia acontecer. A única pessoa que eu queria – não, que eu *precisava* ver – antes de partir era Grace. Queria que ela soubesse que havia me inspirado, que eu havia conquistado algo de que me orgulhava. Não sabia como andava a vida dela agora, mas eu precisava dizer que ainda sentia falta dela, mesmo depois de todo esse tempo.

Só tinha um dia e meio antes de ir para a missão, mas havia organizado tudo para que pudesse ir a Washington antes de voltar ao encontro do meu pelotão e voarmos todos juntos.

O táxi parou e o motorista me disse que o endereço que eu tinha lhe dado ficava bem ali. *O endereço de Grace*. Paguei a corrida, desci e fiquei parado, olhando para o prédio de tijolos aparentes do outro lado da rua com duas faixas. Esfreguei as mãos na calça, sentindo o nervosismo me atingir de repente.

Quando comecei a andar na direção de um semáforo em um cruzamento a poucos metros de onde estava, vi uma garota saindo do prédio de Grace. Era uma loura baixinha, usando calça jeans e uma camiseta azul-clara. Parei e fiquei observando. *Grace*. Meu coração começou a bater três vezes mais rápido e a adrenalina disparou pelo meu corpo. Continuei a observá-la por um instante e já estava prestes a chamá-la quando a vi abrir um sorriso e começar a descer a rua correndo na direção de alguém. Virei a cabeça e vi um homem caminhando rápido. Meu coração afundou no peito quando o homem a encontrou no meio da calçada, levantou-a e girou com ela, enquanto Grace jogava a cabeça para trás e ria.

– *Merda* – sussurrei para mim mesmo, sentindo um aperto na garganta.

Grace tinha um namorado. E por que não teria?

Observei os dois voltarem juntos para o apartamento dela, de braços dados, rindo e conversando. Eles entraram no prédio e as portas se fecharam devagar, enquanto eu abaixava a cabeça.

Pensei em ir até lá, atrás dela, mas para quê? Iria sair do país no dia seguinte, e Grace estava envolvida com outra pessoa. Não adiantaria nada atrapalhar a vida dela agora. Mesmo assim doía muito, e senti toda a esperança que guardara diante da ideia de ver Grace se estilhaçar ao meu redor. Pensar no que os dois deveriam estar fazendo dentro do apartamento naquele exato momento fez com que eu me encolhesse. Meu Deus, mesmo depois de tanto tempo, eu sentia que Grace me pertencia.

– *Idiota* – sussurrei para mim mesmo.

Tinha que haver um bar por ali. E uma mulher disponível. Ou será que fazendo isso eu voltaria a ter meus velhos hábitos, como um modo de suportar a decepção? Talvez. Mas, que merda, todo mundo tinha seus momentos de fraqueza de vez em quando. Eu tinha acabado de ver a garota em quem pensara por dois anos inteiros entrar no prédio dela com o namorado. Todos tinham um limite. E com certeza esse era o meu.

Vi um táxi vindo na minha direção e acenei para que parasse. *Missão fracassada*.

capítulo 18

DEZEMBRO, SEIS MESES DEPOIS

Grace

Os galhos da árvore fizeram cócegas no meu nariz e ri enquanto chegava um pouco para a esquerda, para ficar mais perto de Julia. Era meia-noite, oficialmente Natal, e minhas irmãs e eu estávamos deitadas embaixo da árvore de Natal, olhando por entre os galhos para as luzes brancas que piscavam. Era uma tradição nossa. Nós íamos até a sala depois de papai colocar os presentes sob a árvore e depositávamos os nossos para ele ali também. Então ficávamos deitadas ao lado dos presentes, conversando, até ficarmos com sono a ponto de não conseguirmos mais ficar com os olhos abertos.

– Acho que Evan vai me pedir em casamento hoje – sussurrou Julia.

– O quê? – sussurrei de volta. – Jules, ai, meu Deus! Tem certeza? – Meu sussurro saiu um pouco mais alto do que o dela.

– Quase. – Pude ouvir o sorriso na voz dela. – Ele confirmou umas quinze vezes a hora em que vai chegar aqui de manhã, e vi o nome de uma joalheria em um recibo no carro dele, há uns dois dias. Logo depois ele pegou o recibo rapidamente e o enfiou no bolso.

– Ele pode ter comprado apenas um cordão ou outro presente de Natal – sugeri Audrey.

– Talvez, mas estou com uma intuição... – Julia suspirou.

– Na verdade, concordo com a sua intuição – disse Audrey. – Esse cara é louco por você. Estou surpresa que ele tenha demorado tanto.

Encontrei a mão de Julia ao meu lado e a apertei.

– Fico tão feliz por você, Jules. Ele é mesmo um cara incrível.

– Sim – concordou ela, feliz –, é mesmo.

Depois de um instante de silêncio, comentei:

– Minha nossa, agora eu vou mesmo ser uma velha solteirona.

Audrey deu uma risadinha.

– Aos 25 anos? Acho que ainda está longe para isso, irmãzinha. Não se preocupe.

Balancei a cabeça, os galhos da árvore voltando a fazer cócegas no meu nariz com o movimento.

– Meus óvulos estão secando enquanto conversamos.

– Ah, pare com isso – falou Julia. – Além do mais, se quer conhecer alguém, precisa sair do seu apartamento para fazer outras coisas além de ir para o trabalho. Pelo que nos conta, você só faz isso.

Suspirei.

– Sim, sim. Eu sei. Já escuto isso o bastante da Abby. É só que estou tão cansada no fim do dia que não tenho vontade de fazer mais nada além de desabar no sofá.

Depois de mais um instante de silêncio, Audrey perguntou:

– Mais algum fim de semana com atores pornôns que você não tenha nos contado? Não que meu coração fosse aguentar se fosse o caso... você virou meu mundo de cabeça para baixo com aquela história. – Mas eu ouvi o sorriso na voz dela.

– Ha, ha. Nem o seu coração nem o meu. Não. Aquele foi um caso único. Prometo.

Mordi o lábio inferior, imaginando onde Carson estaria passando o Natal. Então mudei de assunto.

– Andrew faria 24 anos este ano – falei baixinho.

– Sim.. – disseram minhas irmãs ao mesmo tempo.

Voltamos a ficar em silêncio.

– Prontas? – perguntei, começando a sair de baixo da árvore.

Minhas irmãs me seguiram e ficamos sentadas diante da árvore, cada uma segurando uma pequena caixa que havíamos trazido. Essa era a segunda parte da nossa tradição, nossa forma de manter Andrew vivo em nossos corações.

Abri a minha caixa primeiro.

– Andrew sempre foi um ótimo aluno. Dois anos atrás eu disse que ele estaria começando uma especialização na faculdade. Este ano, acho que estaria se formando.

Sorri e mostrei a elas o enfeite com um pequeno capelo de formatura e um diploma. Havia vários outros parecidos, pendurados na árvore, indicando as outras formaturas que Andrew teria celebrado.

Julia foi a próxima. Ela abriu a caixa que segurava e falou:

– Bem, dois anos atrás eu disse que achava que ele seguiria os passos de papai e que iria trabalhar na polícia depois da formatura. Acho que, este ano, Andrew teria recebido sua primeira medalha por bravura no cumprimento do dever.

Ela sorriu e nós também. Julia pendurou o enfeite, uma medalha dourada com a palavra “Parabéns!” gravada.

Ambas olhamos para Audrey, que pegou o enfeite que escolhera e o levantou. Era um casal, vestido com roupa de noivos.

– Acho que haveria dois casamentos na família este ano – disse ela, com lágrimas nos olhos.

Nós nos abraçamos e choramos um pouco. Depois de um tempo, voltamos a nos deitar embaixo da árvore e continuamos a conversar aos sussurros, até sentirmos os olhos pesados e nos arrastarmos para a cama.



Carson

Era Natal, o dia mais curto do ano no Afeganistão. Às seis horas da tarde já estava um breu do lado de

fora, e os sons da noite de inverno no deserto nos cercavam. Quatro outros SEALs e eu estávamos sentados no chão de terra de uma gruta abandonada nas montanhas nos arredores de Kabul.

Noah Dean, meu amigo desde o treinamento, e o mais calado de todos nós, fora designado para o mesmo pelotão. Quando Noah falava, todos escutávamos, pois sabíamos que, se ele se dera o trabalho de dizer alguma coisa, devia ser importante. Outro membro do pelotão era Josh Garner, de Dallas, um cara que só falava merda, mas a quem era possível confiar a vida se necessário. Eu sabia disso porque, em várias ocasiões, *realmente* fora necessário confiar a minha vida a ele. Havia também Leland McManus, nosso tenente, filho de um magnata dos cassinos de Las Vegas, e Eli Williams, cujo apelido era Padre, pois estava sempre dizendo algo bonito, embora gostasse de falar merda tanto quanto nós.

Tínhamos acabado de abrir nossas rações militares e estávamos “degustando” o nosso banquete de Natal. Josh levantou a colher cheia com o que parecia ser um ensopado de carne e comeu.

– Saúde, seus babacas, um Natal foda para vocês! – disse ele, de boca cheia.

Todos abafamos o riso e erguemos os copos cheios de café instantâneo, em um brinde.

– Feliz Natal! – murmuramos ao redor.

– Meu Deus! – gemeu Eli, inclinando a cabeça para trás. – Isto é melhor do que o peru recheado da minha mãe!

– A comida da sua mãe deve ser uma bosta, então – comentou Leland.

Eli assentiu.

– Ok, eu facilitei para você, não é, seu babaca? Feliz Natal! Considere esse o seu presente.

Eu e Noah balançamos a cabeça. Ri baixinho, e Noah sorriu.

– A primeira coisa que vou fazer quando voltar para os Estados Unidos vai ser comprar o maior e mais suculento hambúrguer que eu encontrar... talvez dois – falei, olhando desconfiado para o prato de frutas.

– A primeira coisa que vou fazer vai ser conseguir a maior e mais suculenta boceta que encontrar... talvez duas – retrucou Josh, enfiando uma colher de arroz na boca.

Eli deixou escapar um murmúrio de nojo.

Josh o encarou.

– O que foi? Não me diga que, só porque é casado, está ansiando por voltar para casa, para sua esposa, e jogar xadrez com ela?

Eli riu.

– Não, mas eu não converso sobre fazer amor com a minha esposa em termos vulgares. Entenda: ter intimidade com uma mulher por quem se está apaixonado é a experiência mais incrível de todas. Você não faz ideia, seu garanhão.

Josh ficou em silêncio por um tempo com uma expressão horrorizada no rosto.

– Cara, isso foi tão... lindo. Sabe, quando voltarmos para casa, o roteirista daquela peça provavelmente pagaria uma fortuna por esse seu discurso. Ela se chama *Os monólogos da vagina*. Talvez você queira dar uma olhada.

Todos rimos, até Eli, mas ele respondeu:

– Vai se foder, meu irmão.

– Eu bem que poderia... essa sua boca bonita, toda essa conversa sobre “fazer amor”... Poderíamos colocar Sade para tocar, conversar sobre os nossos sentimentos...

BUM! Nós nos sobressaltamos e ficamos em silêncio, olhando uns para os outros. Começamos a gesticular e a indicar com os olhos os movimentos que deveriam ser feitos.

Tiros começaram a ser disparados não muito longe, e nós largamos a comida e pegamos nossas armas. Havia começado.

capítulo 19

JULHO, UM ANO E SETE MESES DEPOIS

Grace

—**D**roga!
Estava carregando meus livros pelo corredor, levando-os para o meu escritório novo, quando cedeu o fundo da caixa em que eles estavam. Os livros caíram sobre o chão acarpetado com um baque alto.

Pousei a caixa agora vazia no chão, me agachei e comecei a empilhar os livros para conseguir carregá-los até a minha mesa.

Não conseguia acreditar que estava aqui... Em Las Vegas, outra vez, começando em meu novo emprego.

Quando percebi que demoraria muito para conseguir sair da vara da juventude de Washington, comecei a me candidatar a empregos em outras cidades, mas sem muito empenho. Não esperava que algo fosse aparecer, mas fiquei surpresa ao receber um retorno da promotoria do condado de Clark quase no mesmo instante. Após um longo processo seletivo, me ofereceram um cargo como promotora na Promotoria de Justiça Criminal do condado de Clark. *O emprego dos meus sonhos*. Aceitar um emprego em Las Vegas era... estranho. Não estava certa de como me sentiria voltando a uma cidade onde passara um fim de semana que mudara a minha vida. Mas lembrei a mim mesma que Carson não morava ali. Ele morava em Los Angeles na época e, pelo menos até onde eu sabia, ainda devia morar. Mas só de passar de carro pelo Bellagio em uma visita a Vegas para a entrevista eu tinha ficado com um frio no estômago. Precisava acreditar que essa reação passaria com o tempo, afinal já fazia quase cinco anos desde aquele fim de semana. Talvez eu tenha me sentido dessa forma só porque era a primeira vez que eu voltava à cidade desde então, e isso reacendera as lembranças distantes. Era só isso. Logo, logo, de tanto passar por ali, o Bellagio seria apenas outro hotel na Strip.

Também era engraçado estar em Vegas de novo porque, em parte, esse trabalho era o reflexo do fim de semana com Carson. Ele me encorajara a seguir meus sonhos, a fazer o que me deixasse feliz. E veja só aonde eu tinha chegado. *A vida é louca*.

— Posso ajudar? — perguntou uma voz masculina.

Quando olhei para cima, encontrei o par de olhos mais azuis que eu já vira.

Sorri para ele, peguei uma das duas pilhas de livros que já montara e levantei.

– Obrigada, seria ótimo – falei.

O homem se inclinou, pegou a outra pilha de livros e me seguiu até o meu escritório, a menos de 20 metros descendo o corredor. Pousei a pilha de livros sobre a escrivaninha entulhada e ele fez o mesmo com a pilha que carregava.

Eu me virei, esfreguei as mãos na calça jeans justa que usava e estendi uma delas.

– Grace Hamilton – falei, sorrindo de novo.

– Ah! Ouvi falar muito bem de você, Grace. Seja bem-vinda – disse ele, o belo rosto se abrindo em um sorriso caloroso enquanto estendia a mão para apertar a minha. – Sou Alex Klein. Também trabalho como promotor aqui.

– Prazer em conhecê-lo, Alex. Estou feliz por estar aqui. – Sorri mais uma vez.

Havia muitos sorrisos “acontecendo” entre Alex e eu. Afastei uma caixa sobre a mesa e olhei para ele, que continuava sorrindo. Dei uma risadinha e balancei a cabeça.

– Bem, Grace, vou deixar você se acomodar. Ficarei aqui até mais tarde e devo pedir uma pizza daqui a pouco. Você está a fim de comer umas fatias? – Ele gesticulou na direção do corredor onde presumi que ficasse seu escritório.

Virei-me totalmente na direção de Alex, que já se encaminhava para a porta.

– Ah, bem...

– Posso falar um pouco sobre as pessoas com quem vai trabalhar aqui. – Ele sorriu de novo. – Com quem é melhor ter um bom relacionamento, essas coisas.

– Ok, claro, Alex. Obrigada.

– Muito bem, ótimo. Quando a pizza chegar eu venho chamar você.

Com isso, ele se virou e voltou para o próprio escritório. No meio do corredor, Alex olhou para trás e sorriu. Eu me virei, sorrindo também, e comecei a arrumar minhas coisas.



Carson

Nós nos juntamos. Leland levou o dedo aos lábios e inclinou a cabeça para a esquerda a fim de indicar que nosso alvo estava no cômodo ao lado. Todos assentimos e nos adiantamos, sem deixar escapar sequer um som. Josh contou nos dedos enquanto nos posicionávamos de cada lado da porta, e nos viramos quando ele chegou ao três. A porta foi arremessada, caindo para o lado de dentro, e nós entramos juntos, pegando de surpresa quatro homens armados sentados em cadeiras com os pés para cima, sem esperar que seriam perturbados.

Atiramos neles antes mesmo que pudessem erguer as armas e todos morreram na hora.

Havia outra porta pequena no cômodo e, quando Josh a chutou para abri-la, entramos juntos e, na mesma hora, vimos um homem agachado no chão, em um canto.

– Mehran Makar? – perguntou Eli.

O homem estreitou os olhos, praguejou e nos xingou de “porcos sujos”. Eli disparou e o matou. Talvez estivesse frio, mas eu não sentia nada. Missão cumprida.

Checamos o resto do cômodo, baixando muito pouco a guarda, até estarmos certos de que não havia ninguém escondido. O serviço de inteligência nos informara que eram apenas quatro guardas, mas não podíamos confiar cem por cento até termos checado por conta própria.

– Tudo limpo? – perguntou Noah, voltando para onde estávamos.

– Sim – falei. – Tudo limpo na frente?

– Sim. Vamos checar os fundos.

Leland estava cobrindo uma pequena construção atrás do depósito. O lugar tinha apenas uma porta e não possuía janelas, por isso não havia como alguém escapar. Mas precisávamos entrar com cautela, para o caso de haver alguém esperando do lado de dentro.

Dez minutos mais tarde, abrimos a porta e entramos no pequeno prédio. Parecia estar deserto.

Josh acendeu o interruptor que havia na parede, e Leland e eu arquejamos.

– Cacete – falou Noah.

– Puta que pariu – murmurou Eli.

No fundo da sala, havia a maior pilha de armas que eu já tinha encontrado, mísseis terra-ar de fabricação russa e lança-granadas. Era um arsenal e tanto!

– Meu Deus, aquele desgraçado devia ter um plano muito ambicioso – comentou Josh.

Ficamos imóveis quando ouvimos um som baixo de alguma coisa arranhando nos fundos. Quando examinei a parede que ficava ali, notei uma portinha perto das prateleiras de armamento. Ela quase se fundia à parede.

Acenei com a cabeça para os outros homens, a fim de me certificar de que eles também haviam visto, e nos posicionamos.

Noah chutou a porta dessa vez e, enquanto Josh iluminava o buraco escuro com a lanterna, todos nós recuamos por causa do cheiro horrível.

– Santo Deus! – disse Josh, a voz abafada.

O que vimos parecia ter saído de um filme de terror.



– Você está bem, cara? – perguntou Noah, em voz baixa.

Levantei a cabeça apoiada nos braços, continuei de joelhos e olhei para ele.

– Acho que vou ficar. E você?

Ele ergueu o queixo, assentindo com dificuldade.

– Eu também.

Observei os nossos outros quatro homens subirem a ladeira escarpada em nossa direção.

– A outra equipe chegará em cerca de vinte minutos – avisou Eli.

Quando nos reportamos à base na noite anterior, recebemos a ordem de ficar com o armamento até outra equipe conseguir chegar lá para fazer o inventário. O sol da manhã já estava alto no céu.

Noah e eu acenamos em concordância. Noah falou baixo, erguendo o rádio que segurava:

– Estão nos esperando no ponto de encontro daqui a seis horas.

– Então estaremos prontos para partir assim que a outra equipe chegar – retrucou Leland, sem emoção.

Não gostei da expressão distante em seus olhos. Até Josh estava sombrio e deu uma batidinha nas costas de Leland quando passamos por ele.

Meia hora mais tarde, havíamos passado todas as informações necessárias à segunda equipe e estávamos prontos para partir. Fiquei de pé, peguei meu equipamento e o coloquei nas costas. Os outros homens fizeram o mesmo. Começamos a caminhar. Só olhei para trás uma vez.



Demoramos mais do que o previsto para percorrer a distância até nosso ponto de encontro, e ainda estávamos uma hora atrasados quando o sol começou a se pôr no deserto. Em silêncio, prestando atenção nos arredores, como havíamos sido treinados, mas perdidos em nossos próprios pensamentos.

De repente, Josh, que seguia na frente, parou e levantou a mão para indicar que também devíamos parar. Estacamos e ficamos escutando. Como nenhum de nós ouviu nada, seguimos em frente. Poucos metros adiante, Josh parou de novo e todos fizemos o mesmo, preparando as armas. Éramos bem treinados o bastante para saber que o barulho de um galho seco se partindo no deserto poderia ser ignorado, mas *dois* certamente não. Nós nos organizamos de modo que nossas costas se tocassem e giramos em círculo devagar, semicerrando os olhos para ver o mais longe possível na escuridão.

– Merda! – grunhiu Leland, enquanto ouvíamos um tiro.

A perna dele se dobrou e ele caiu ao meu lado. O resto foi um borrão de tiros, sangue, explosões e dor. Muita, muita dor.

Ouvi alguém gemendo ao longe e, por um segundo, voltei a ficar lúcido, o barulho explodindo no meu cérebro quando voltei a mim e ergui a cabeça do chão, onde havia caído.

Leland estava perto de mim, e pude ver que a perna dele se encontrava em mau estado – o osso fora fraturado e estava bastante exposto. Ele gemia e tentava se arrastar na minha direção.

Tentei me levantar e mordi o lábio para me impedir de gritar de agonia. Minhas mãos estavam cobertas de sangue e de bolhas, a pele se soltando em vários lugares. Uma onda de adrenalina tomou conta de mim. Fiquei de pé, levantei Leland por debaixo dos braços, sustentando o peso dele em meus antebraços, e o arrastei para longe dos tiros que ainda atingiam as pedras à nossa esquerda – de onde também conseguia ouvir Eli, Josh e Noah gritando e atirando de volta. Havia muita fumaça para que eu conseguisse ver o que estava acontecendo. Minha missão no momento era tirar Leland da linha de fogo. No caminho, tropecei em algo e meu corpo se sacudiu de um modo estranho. Tive que me esforçar para me manter de pé com o peso de Leland nos braços e, depois de um segundo, continuei andando.

Leland gemia de dor enquanto eu o arrastava comigo, e meus próprios berros de exaustão se misturavam aos dele. Olhei para trás, vi uma pedra grande, calculei que caberíamos atrás dela e acelerei o passo. Dei a volta na pedra alguns segundos depois, apoiei Leland no chão e me deixei cair à direita dele, bem no momento em que uma rajada de balas arrancou a parte de cima da rocha. Choveram fragmentos de pedras sobre as nossas cabeças.

Leland olhou para mim, pálido e sem expressão, e desmaiou de novo. Vi mais sangue atravessar o casaco dele e abri-o com os antebraços. Graças a Deus o zíper estava aberto.

– Merda! Merda! Merda! – grunhi.

Ele também fora atingido no peito, e o sangue se espalhava devagar, ensopando a camisa que usava

por baixo. Olhei para as minhas mãos arrebatadas, agora tão inchadas que estavam completamente inúteis. Inclinei-me sobre Leland e fiz pressão com os braços sobre o buraco da bala. Fechei os olhos e imaginei a única coisa que me deixava calmo: o nascer do sol. Pensei no sol subindo aos poucos no horizonte, banhando o mundo ao redor com luz e esperança.

O mundo girava ao meu redor. Ouvei o som do motor de um helicóptero e mais tiros, seguidos por gritos e por outra explosão. Então, enfim, silêncio. Olhei para baixo. Meus braços agora estavam cobertos pelo sangue de Leland. Se ele perdesse muito mais, não sobreviveria.

O helicóptero aterrissou e ouvi passos correndo na nossa direção.

– Aqui – chamei. – Ele precisa de um médico.

Por que eu me sentia tão cansado e com tanto frio? Por que o SEAL que se ajoelhou à minha frente parecia estar tão longe, como no fim de um túnel? Pisquei, sentindo a cabeça pesada nos ombros. A última coisa que ouvi foi:

– Ele também levou um tiro... Vai desmaiar.

Quem? Quem ia desmaiar? O mundo ficou escuro.

capítulo 20

OUTUBRO, TRÊS MESES MAIS TARDE

Grace

Olhei para o diamante no meu dedo e abri um sorrisinho antes de pegar o relatório em que estava trabalhando.

Ouvi uma batida na porta do escritório.

– Entre! – falei.

A porta se abriu. Alex apareceu e voltou a fechá-la.

– Oi, minha noiva linda – disse ele.

– Oi para você também – falei, sorrindo, mas sem me levantar.

Ele deu a volta na minha cadeira, pousou a mão sobre os meus ombros e começou a massageá-los, enquanto se inclinava e beijava o topo da minha cabeça.

– Ai... – gemi. – Não pare, está tão bom...

– Já está terminando? – perguntou Alex.

Franzi o cenho.

– Acho que não. Preciso de mais uma hora.

– Eu espero. Vamos jantar mais tarde?

– Ok. Passo na sua sala quando acabar.

Olhei para ele por cima do ombro, ainda sorrindo. Ele beijou o topo da minha cabeça outra vez e saiu do escritório.

Fitei de novo o meu anel. Ainda estava me acostumando a vê-lo ali, já que fazia apenas três dias que Alex me pedira em casamento. Recostei-me na cadeira, pensando no turbilhão que haviam sido os três últimos meses: me adaptar ao novo emprego, que eu amava, e conhecer Alex, meu doce Alex. Só havíamos namorado por três meses, mas, como eu contara a Abby e às minhas irmãs, sabemos quando encontramos a pessoa certa. Eu estava com 27 anos. Sabia o que queria. Por isso, quando Alex se ajoelhou durante um jantar no restaurante francês Joël Robuchon, eu aceitei na hora. Ainda não tínhamos marcado a data, mas eu estava pensando em fazer a cerimônia no outono. Olhei outra vez para o anel e voltei a trabalhar.



Carson

Bebi o restante da cerveja e pousei a garrafa no balcão do bar à minha frente. Leland, sentado à minha direita, com as muletas em cima do balcão, ao seu lado, gesticulou para o barman, pedindo mais duas garrafas.

O homem levantou um dedo.

– Agente firme, cara – disse com um sorriso.

Leland olhou para mim.

– Na última vez em que ouvi isso eu estava em um helicóptero e meu corpo jorrava sangue – comentou com uma risadinha.

Sorri sem humor.

– É. Não posso dizer que me lembro direito daquele voo.

Ficamos em silêncio por um instante, antes que o barman colocasse as garrafas diante de nós. Acenei com a cabeça em agradecimento ao homem.

– E então Carson – disse Leland –, já decidiu se vai aceitar a dispensa por motivos médicos?

Ele me olhou com cautela e tomou um gole da cerveja.

Fechei os olhos por um instante.

– Acho que vou continuar – falei.

Era grato à Marinha por ter me dado a chance de escolher. No fim das contas, a bala que acertara meu peito por pouco não atingira o coração. Um centímetro para a direita e eu teria morrido na hora. As queimaduras nas minhas mãos estavam quase curadas, a não ser por umas cicatrizes superficiais em vários lugares nos meus dedos e nas palmas. Mas o nervo atingido demoraria um pouco mais a sarar. Levaria pelo menos um ano até que eu pudesse voltar a ser um soldado confiável com uma arma de fogo nas mãos. Ia ser muito chato ficar sentado na base, limpando armas, enquanto todos os meus camaradas ficariam indo e voltando, mas eu não tinha alternativa.

Leland não tivera tanta sorte. Os ferimentos internos provocados pelas balas haviam sido tratados, mas o ferimento na perna fora sério o bastante para que ele fosse dispensado por motivos médicos, sem escolha. Mas, pelo menos, Leland não perdera a perna. Mancaria um pouco para sempre, mas conseguiria caminhar.

Leland fez que entendeu e pareceu imerso em pensamentos. Por fim, olhou para mim.

– Sua escolha seria diferente se você tivesse um emprego, algo importante para onde voltar? – perguntou ele.

Franzi o cenho.

– Não estou preocupado em arrumar um emprego. Como um SEAL, tendo isso no meu currículo, acho que poderia fazer várias coisas. Só preciso descobrir exatamente o quê. Você também tem todas essas oportunidades, cara.

Ele concordou.

– A questão é que tenho um emprego garantido. Meu pai vai querer que eu tome conta do hotel quando voltar. Mas estive pensando muito nesses últimos três meses, cara, e sei que você também tem refletido bastante. – Ele passou a mão pelo cabelo escuro. – Cacete, tenho pensado sobre um monte de coisas...

sobre você dizendo que precisávamos fazer alguma coisa, Carson. Você foi o primeiro a falar isso para mim.

Leland ficou em silêncio por mais alguns segundos, enquanto eu assentia. Sabia que dissera isso e tinha falado sério.

– Se quiser me ouvir, tenho uma oferta de emprego irrecusável – disse ele em voz baixa.

Eu ri e respondi:

– Já tenho o emprego dos sonhos, Leland. Sabe disso.

Ele me examinou por um instante.

– Nem mesmo por Ara?

Fiquei imóvel. Agora ele tinha toda a minha atenção. *Ara. Doce Ara.* Leland sabia que eu faria qualquer coisa por ela. Todos os caras sabiam disso.

– Estou ouvindo – falei, também em voz baixa, e começamos a conversar.

A Pomba

capítulo 21

DEZEMBRO, DOIS MESES DEPOIS

Grace

Entrei no escritório do meu chefe e sorri para ele, enquanto me sentava na cadeira do outro lado da mesa dele.

– Grace – cumprimentou ele, com um sorriso.

Lawrence Stewart era o promotor de justiça do condado de Clark, um homem grande, de olhos bondosos e sorriso fácil. Ele era justo e, na maioria das vezes, uma pessoa fácil de se trabalhar, embora pudesse ser um pouco autoritário a seu modo. Eu ainda não tivera motivo para me colocar contra ele, mas sabia que deveria escolher minhas batalhas com inteligência.

– Como está, Larry? – perguntei.

Ele havia me pedido para chamá-lo assim no primeiro dia em que nos falamos, durante a minha entrevista por telefone.

– Bem, bem. E você? Como estão os planos para o casamento?

Sorri.

– Ainda não marcamos a data. Você sabe, trabalhamos como escravos.

Ele deu uma boa gargalhada.

– Talvez eu possa dispensar vocês dois durante um fim de semana.

– Ok. Vamos contar com isso.

A princípio, eu ficara um pouco preocupada de as pessoas na Promotoria saberem que eu e Alex estávamos namorando, ainda mais por eu ser uma funcionária nova ali. Mas, em uma confraternização, dois meses depois que eu começara a trabalhar lá, Larry se aproximou de mim, me deu um sorriso caloroso e disse:

– Alex é um bom garoto. Fico feliz por você ter encontrado nele um amigo.

Depois disso, apesar de não fazermos alarde sobre o fato de estarmos juntos, eu sabia que nosso relacionamento não seria um problema. Todos ficaram felizes quando anunciamos o noivado.

Era fácil trabalhar com Alex, mesmo sendo meu noivo. Ainda não morávamos juntos, o que devia ajudar, mas eu achava que seria tranquilo quando passássemos a nos ver tanto no trabalho quanto em casa. Alex era tranquilo, de fácil convivência, e se deixava levar pelo fluxo da vida. No tribunal, ele era visto como uma pessoa confiável e gente boa, e suas vitórias refletiam isso.

Larry se recostou na cadeira.

– Houve um assassinato duas noites atrás, Grace. A polícia encontrou uma jovem com um tiro na cabeça no acostamento da estrada perto do Red Rock Canyon.

Fiquei pálida. Conseguia visualizar a área muito bem. Estivera lá uma vez, muito tempo atrás...

– Alguma evidência foi encontrada na cena do crime? – perguntei.

– Várias. A polícia achou uma digital na pulseira que a vítima estava usando. E ela segurava uma pedra ensanguentada. Eles analisaram a digital e chegaram a... – ele pegou um pedaço de papel sobre a mesa e leu o nome – ... Joshua Garner, de 28 anos. Há pouco tempo ele foi dispensado com honra da Marinha, onde serviu como SEAL por quase dez anos, e tinha acabado de recomeçar a vida como civil. Mudou-se para cá há uns dois meses. Não tem família na região. Quando a polícia foi até o endereço dele para prendê-lo, descobriu que ele tinha um ferimento na cabeça que, segundo os indícios, tinha sido provocado pela pedra que a vítima estava segurando. O exame de sangue confirmou que a amostra que retiramos da pedra era do Sr. Garner. Sem contar que a bala que matou a garota saiu do revólver dele. A polícia o prendeu ontem, acusado de homicídio.

Franzi o cenho e tamborilei com a caneta que usava para fazer as anotações no bloco apoiado no meu colo. O caso parecia o mais repleto de provas que um promotor poderia conseguir.

– Ele confessou?

– Não. Chamou um advogado imediatamente.

Logo, eu não conseguiria falar com ele.

– Onde ele trabalha?

Larry olhou mais uma vez para o papel à sua frente.

– Em um novo hotel na Strip, o Trilogy, como segurança.

Eu conhecia. Era um hotel luxuoso, com três torres. Ouvira dizer que era um espetáculo. Anotei o nome do hotel e voltei a encarar Larry.

– Sabemos o nome da garota?

Ele fez que não com a cabeça.

– Ela não estava com nenhuma identificação e também não apareceu em lista de desaparecidos ainda. Parece ser hispânica, com uns 20 anos. Devia ser imigrante ilegal. Todas as fotos da cena do crime estão aqui – disse ele, mostrando o envelope à sua frente.

– Prostituição que deu errado? – pensei em voz alta.

– É possível. Também foi o que pensei a princípio. Mas nenhuma evidência leva a isso nesse momento. Ainda não recebemos o relatório da biópsia. O que eu lhe contei é tudo o que sabemos. Agora que está fechando o caso Montega, gostaria que trabalhasse nesse. Seu primeiro homicídio. Sei que está à altura do trabalho. O pronunciamento do réu está marcado para sexta-feira.

O telefone de Larry tocou e ele olhou para a tela.

– Preciso atender – falou.

Então deslizou na minha direção o envelope que estava sobre a mesa. Peguei-o e me levantei, acenando com a cabeça em despedida.

– Obrigada, Larry. Não vou decepcioná-lo – disse, e me virei para sair da sala dele.

– Sei que não.

Sorri, acenei mais uma vez e fechei a porta ao sair.

Voltei para a minha sala e me sentei diante do computador. Liguei para a Divisão de Homicídios e pedi para entrar em contato com a pessoa responsável pelo caso, a detetive Powers. Ela poderia falar comigo dali a meia hora e eu disse que estaria lá.

Comecei a desligar o computador e a recolher meus papéis quando Alex entrou.

– Como está a minha garota linda? Posso levá-la para almoçar? – perguntou, debruçando-se sobre a minha mesa e sorrindo para mim.

– Bem que eu gostaria. Achei que hoje seria um dia tranquilo, apenas para eliminar pendências, mas acabo de pegar um caso novo e preciso começar a trabalhar nele. Larry me passou o meu primeiro homicídio.

Não parecia certo estar tão feliz com isso, afinal uma jovem havia morrido. Mas estava empolgada por Larry ter achado que eu era competente o bastante para cuidar do caso. Vinha me mantendo até ali com vários crimes capitais, mas este era o primeiro que envolvia assassinato.

Alex ergueu as sobrancelhas.

– Não fico surpreso. Você é uma advogada incrível. Vou ficar enrolado com alguns clientes essa noite, mas que tal jantarmos juntos amanhã e você me deixa a par de tudo?

Eu me levantei, passei os braços ao redor do pescoço dele e encarei os olhos bondosos do meu noivo.

– Parece ótimo – falei.

Alex me deu um beijo rápido na testa e me deixou ir, assoviando enquanto caminhava atrás de mim em direção à porta. Peguei a bolsa e o casaco que estavam pendurados no gancho e assoprei um beijo para ele por cima do ombro, enquanto seguia até as escadas.

Entreí no meu carro e fui até a polícia, onde me encontrei com a detetive Powers e repassei os detalhes do caso, para me certificar de que nossas declarações estavam satisfatórias para o pronunciamento. Fiquei pálida ao rever as fotos da garota morta, com um buraco de bala no meio da testa. Eu já vira fotos de cenas de crimes violentos antes, mas dessa vez senti uma onda de responsabilidade me atingir. Era meu trabalho fazer justiça por essa garota. Um nó se formou na minha garganta enquanto eu assimilava os detalhes horríveis. A vida de ninguém deveria terminar dessa forma.

– Se um dia você se acostumar a ver esse tipo de coisa, é porque está na hora de se aposentar – disse a detetive Powers, com um toque de humor na voz.

Mas os olhos dela diziam que estava falando sério. Gostei dela. A investigadora tinha uns 40 anos, cabelos louros curtos e um belo rosto. Era direta, mas bondosa.

Abri um sorrisinho.

– Concordo. E o fato de ela ser tão jovem torna tudo pior – comentei em voz baixa, enquanto fechava a pasta do caso e a afastava de mim. – Detetive...

– Por favor, me chame de Kate – pediu ela com um sorriso simpático.

– Ok, Kate, você tem alguma ideia do motivo para esse crime?

– Ainda não, mas gostaria de falar com duas pessoas que têm se provado difíceis de encontrar. Talvez elas sejam úteis para esclarecer o estado mental do Sr. Garner, entre outras coisas.

Assenti.

– Ora, parece que temos bastante informação para apresentar ao juiz que fará o pronunciamento na sexta-feira. Não vejo nenhum problema em conseguir um indiciamento.

– Não, não haverá problema. Se tiver alguma pergunta, me ligue, mas, de qualquer forma, acho que estamos em sintonia. Vejo você no tribunal?

– Sim, claro. Obrigada por ter vindo hoje. Sei que tem uma agenda cheia.

– Sem problema.

Nós duas nos levantamos, nos despedimos trocando um aperto de mão e ela me levou até a porta. Agradei de novo e voltei para o meu escritório. Eu tinha dois dias pela frente para me preparar para o pronunciamento do juiz sobre o caso.



Carson

Entrei no escritório de Leland e fechei a porta devagar. Ele estava ao telefone, mas, quando me viu, disse para a pessoa do outro lado da linha que precisava desligar.

Sentei na cadeira de frente para ele, apoiei os cotovelos nos joelhos e passei as mãos pelo cabelo, que mantinha curto mesmo depois de ter saído da Marinha.

– Alguma coisa? – perguntou Leland, me olhando com cautela.

Fiz que não com a cabeça, o maxilar tenso.

– Não. Nada.

Leland ficou em silêncio por um tempo.

– Ok. Mas você concordou que não podemos visitá-lo. É arriscado demais. Mesmo se mandarmos outra pessoa lá, será tudo gravado. Josh não poderia falar, de qualquer forma.

Deixei escapar um suspiro frustrado.

– Eu sei. Vamos ter que esperar até determinarem a fiança. *Merda!* Sempre agimos tão corretamente. Como isso aconteceu?

Leland franziu o cenho, tamborilando com a caneta sobre a mesa. Eu sabia que se algo acontecesse com Josh, cacete, com qualquer um de nós, na verdade, seria Leland que receberia o maior golpe. Ele é que tinha nos convidado para essa operação.

– Deve ter dado alguma merda muito grande – murmurou ele, olhando pela janela, para a silhueta dos prédios de Vegas no horizonte, no meio do dia.

Bufei e recostei-me na cadeira.

– Leland, a situação é péssima, provavelmente a pior que poderia acontecer, mas conhecíamos o risco quando entramos nisso.

Ele respirou fundo e me encarou.

– É verdade. – Após um instante, prosseguiu: – Josh deve saber que voltamos para dar cobertura a ele, certo?

– Claro que sim. Ele conhece o nosso lema. Porra, já o colocamos em prática várias vezes ao longo dos anos. – Fiz uma pausa. – Sim, ele sabe.

Leland cerrou os lábios, ainda tamborilando com a caneta.

– Ok. E agora?

– Ora, interrompemos a operação, é óbvio. Vamos ser discretos. Não podem nos ver juntos. Vamos continuar tentando encontrar a localização de Bakos porque não há mais ninguém que possa ser responsável. E precisamos fazer isso antes que ele comece a juntar as peças do quebra-cabeça, senão nós seremos os próximos alvos.

Leland me observou.

– Ora, por que não disse que era tão fácil? Cacete, é só isso? – Ele deu uma risadinha sem humor.

– Sim, moleza... – falei.

Ficamos quietos por um tempo.

– Alguma ideia do motivo para ele ter armado desse jeito para Josh, em vez de simplesmente dar um tiro na cabeça dele? – indagou Leland.

– Acho que se ele tivesse dado um tiro na cabeça de Josh, nunca teria descoberto quem Josh era. Não andamos com identidade. Armar para Josh, fazer com que ele fosse preso, não apenas é um golpe, mas também um modo fácil de ter acesso à identificação dele. Enfim, tenho que dar crédito ao cara.

– Droga. A gente o subestimou – bufou Leland.

– Não. Nós fomos pegos.

– Ora, sim, isso também não ajudou. Então agora é só esperar.

– Isso, agora é um jogo de espera. Vamos fazer tudo o que pudermos.

– Já conversou com a detetive? – perguntou Leland.

– Protelei, mas tenho uma reunião marcada com ela na sexta-feira. Não tive como adiar mais. No entanto, agradeceria se você pudesse ligar para o meu escritório na hora da reunião, para que eu possa encerrá-la o mais rápido possível. Se ela quiser se encontrar comigo depois, vai ter que me levar para a delegacia.

Eu não iria facilitar as coisas, e por uma boa razão. Também estava envolvido.

– Ok, sem problemas. Ela sabe que você serviu na Marinha com Josh?

– Sabe. Na verdade, não tive como não contar a ela. Achei que pareceria suspeito se não falasse isso e a detetive descobrisse depois.

Leland franziu o cenho.

– É verdade. – Ele me examinou, pensativo. – De algum modo o fato de termos servido com Josh pode levar a Bakos?

– A essa altura, não vejo como, mas repito que precisamos encontrá-lo antes de ele ter tempo de recolher as informações a que não queremos que ele tenha acesso. Bakos vai ficar de olho na investigação. É um procedimento normal da polícia interrogar o chefe do acusado em seu local de trabalho. Com sorte, Bakos vai encarar dessa forma e não vai procurar saber mais nada.

– Sim, vamos torcer.

– Reforcei a segurança em todo o hotel. Ninguém entra aqui para fazer perguntas sem que a gente saiba.

Leland ficou em silêncio por um instante e assentiu.

– Obrigado, cara.

Acenei com a cabeça de volta e me levantei para ir embora.

– Como está o Quarenta e Cinco? – perguntei.

– Tudo bem. Dylan ainda está trabalhando nos voos e na papelada. Ele disse que teria tudo

esquemático até amanhã. Mas a prioridade é Bakos, portanto é nisso que ele está se concentrando.

– Ok, ótimo – falei. – Me mantenha informado.

– Pode deixar. Obrigado, Carson.

Eu já estava indo em direção à porta quando Dylan entrou.

– Ei, falando do gênio dos computadores... Me diga que você conseguiu alguma coisa – falei.

Dylan havia se mudado para Las Vegas um mês antes, quando percebemos que precisávamos de alguém com a especialidade dele para ajudar na nossa operação... alguém em quem pudéssemos confiar.

– Ainda não. Aquele filho da puta anda muito por aí. – Ele franziu o cenho. – Mas tenho algumas ideias. Só vou precisar de um tempo para colocá-las em prática.

– Pois é, um jogo de espera – falei, tanto para Dylan quanto para Leland. – Um maldito jogo de espera.

Dylan me deu um tapinha nas costas.

– Deixei alguns programas rodando e estou agendando os voos nesse momento. Mas esbarrei com uns problemas nos documentos. Foi por isso que vim aqui.

Ele olhou para Leland.

– Vou deixar vocês resolverem o assunto – falei, me preparando para sair de novo.

– Ok, até logo – despediu-se Dylan.

Acenei com a cabeça para Leland outra vez, me despedindo, e saí.

capítulo 22

Grace

Saí do pronunciamento do juiz me sentindo realizada. Tudo tinha corrido bem e conseguimos o indiciamento. Sem surpresas, mas ainda assim era bom ter encerrado essa parte do processo. Agora eu poderia me dedicar à preparação do meu caso.

Kate Powers estava parada no corredor quando saí.

– Oi, Grace, bom trabalho lá dentro.

– Obrigada, Kate, você também. – Sorri.

Começamos a caminhar juntas em direção à saída do tribunal.

– Ei, na verdade, estou indo para o Trilogy, onde Josh Garner trabalha. Finalmente consegui marcar com o chefe dele, o responsável pela segurança do hotel. Foi um encontro bem rápido no outro dia, mas o homem alegou uma emergência e acabei reagendando a conversa para hoje. Quer vir junto?

– Nossa. Claro! Seria ótimo – falei. – Quero ouvir o que o chefe pensa dele.

– Bem, o homem não é apenas chefe do acusado. Eles na verdade serviram juntos como SEALs antes de virem para Las Vegas. Outro cara com quem eles serviram é dono do Trilogy e ofereceu emprego aos dois. Com sorte, um deles, ou ambos, deve ter alguma informação sobre Josh Garner que possa ajudar, pelo menos, a nos dar uma noção do caráter do homem.

– Ah! Certo, então com certeza quero ir junto – falei.

Kate abriu a porta do fórum e segurou-a para que eu passasse.

– E espere até você dar uma olhada no cara. Reviro os olhos quando minhas filhas adolescentes usam a palavra “gostoso” para definir todos os homens bonitos que veem, mas, meu bem, esse cara é G-O-S-T-O-S-O. Sem mencionar que ganhou uma Estrela de Prata por bravura, o que o torna ainda mais sexy.

– Então devo cancelar minha agenda pelo resto do dia para eu que possa me recuperar depois de olhar para esse espécime tão corajoso e perfeito de homem?

– Não é má ideia, devo dizer – comentou ela, rindo.

Nós nos separamos e combinamos de nos encontrar no saguão do Trilogy. Entrei no meu carro e segui em direção à Strip.

Quando passei pelo Bellagio, abri um sorriso. Assim que me mudara para Las Vegas, havia me perguntado se não seria difícil passar por esse hotel o tempo todo. No começo, realmente foi. A ansiedade familiar logo se instalava e eu sentia uma vontade tão grande de saber como Carson estava que meu peito se apertava. Mas, ao longo do tempo, passei a enxergar o hotel como um símbolo do que minha vida se tornara. Eu escolhera seguir meus sonhos por causa do fim de semana que passara ali. Estava fazendo o que amava. E, em grande parte, devia isso a Carson. Antes dele, eu sempre achara que, se

perdesse o controle em uma área da vida, perderia em todas. Ele me mostrara que não precisava ser assim, que eu podia confiar em mim mesma, e que não havia problema em relaxar um pouco e aproveitar a vida. E assim eu segui em frente. E era mais feliz por causa disso.

Parei o carro no estacionamento do Trilogy e subi de elevador até o saguão. Nunca estivera ali antes e fiquei espantada com quão espetacular ele era. O Trilogy não era exatamente temático, como acontecia com a maioria dos hotéis e cassinos luxuosos de Las Vegas, a menos que o próprio luxo fosse o tema. Havia lustres enormes pendurados por toda parte. Estofados macios em cores fortes, de pedras preciosas, e tetos e paredes de um dourado brilhante.

Vi Kate falando ao celular em uma poltrona de um azul intenso e andei na direção dela. A detetive sorriu e desligou o telefone.

– Já tinha vindo aqui? – perguntou.

– Não. É espetacular.

– É mesmo. Cada torre tem um aspecto diferente, mas são igualmente deslumbrantes. O show das águas do lado de fora é o mais incrível que já vi. Você deveria dar uma volta por alguns minutos depois que terminarmos a reunião.

– Talvez eu faça isso – falei, ainda olhando ao redor, distraída.

Seguimos até o balcão da recepção, decorado em dourado, e fiquei mais para trás enquanto Kate falava com o funcionário. Ela voltou até onde eu estava.

– Podemos ir. O escritório dele fica à direita, depois do cassino. Foi lá que falei com ele na última vez em que estive aqui.

Assenti e comecei a acompanhá-la.

Olhei ao redor enquanto atravessávamos o cassino luxuoso. Já estivera em muitos desde que me mudara para Vegas, mas ainda ficava de olhos arregalados diante de tantos sons e imagens diferentes. O que eu mais gostava era de observar as pessoas – algumas animadas, outras sentadas com uma expressão conformada enquanto alimentavam uma máquina com cédulas de dinheiro.

Sáímos do cassino, Kate dobrou em um canto e entrou em um corredor. Demos várias voltas até terminarmos em mais um corredor sem saída, e Kate bateu na primeira porta à direita. Fiquei esperando alguns segundos ao lado dela, antes que a porta se abrisse e eu me visse encarando o fantástico espécime de homem a quem Kate se referira. Meus ossos pareceram derreter no mesmo instante, e meu coração começou a bater muito forte, ecoando em meu cérebro. Tive vontade de me apoiar contra o batente da porta. Eu estava zozna, e a adrenalina que disparara pelas minhas veias era a única coisa que me mantinha de pé.

– Carson – sussurrei.



Carson

Ouvi meu nome ser pronunciado em um sussurro e, quando meus olhos se desviaram para a loura baixinha, parada ao lado da detetive à minha frente, meus músculos pareceram congelar, o choque

atravessou meu corpo e o tempo parou enquanto meus olhos encontravam os dela. *Grace*. Os olhos dela estavam arregalados, as duas piscinas de cristal olhando fixamente para mim.

– Grace? – sussurrei de volta, a voz rouca.

Ficamos todos parados, em silêncio, Grace e eu nos encarando. Eu tentei recuperar um pouco do equilíbrio enquanto ela piscava rapidamente, ainda me encarando. Eu já tinha passado por muitas situações inesperadas ao longo dos anos e sempre conseguira me recompor rápido. Mas ali, parado na frente de Grace, isso não estava acontecendo.

Ela estava ainda mais linda do que eu me lembrava, os cabelos louros presos para cima em um coque, assim como na primeira vez em que nos encontramos. Usava uma saia azul-marinho que valorizava o corpo esguio e uma blusa cinza com botões na frente. Examinei-a da cabeça aos pés.

– Então vocês dois se conhecem? – indagou a detetive.

A pergunta quebrou o encanto. Fitei a investigadora, que nos observava com os olhos semicerrados, indo de um para o outro. Entrei na minha sala e abri espaço para que as duas fossem atrás de mim. Mas continuei encarando Grace.

– Sim, conheço Grace – foi tudo o que eu disse.

Ela permaneceu em silêncio, parecendo estar em estado de choque enquanto nos seguia. Tentei isolar meus sentimentos. Esse não era o momento para lidar com eles. Precisava tirar a detetive da minha sala e ficar sozinho com Grace. As perguntas explodiam em meu cérebro. Cerrei o maxilar para que elas não começassem a escapar pela minha boca.

Sentei atrás da mesa enquanto Grace e a investigadora se acomodavam do outro lado.

– Obrigada por se encontrar comigo, Sr. Stinger – disse a outra.

– Pode me chamar de Carson, detetive.

Olhei para Grace, que continuava me encarando, a expressão perplexa ainda no rosto. Meu Deus, ela estava ainda mais deslumbrante do que eu me lembrava, os olhos mais límpidos, os lábios mais bonitos... Eu pensara tanto nela durante esses últimos quatro anos e meio... Mas minha memória não lhe fizera justiça. Grace estava mesmo sentada na minha frente agora? Eu tinha a sensação de estar vendo a cena de fora do meu corpo. A missão “Livre-se da Detetive” estava em curso.

– Ok, Carson, pode me chamar de Kate – disse ela. – Não vamos tomar muito o seu tempo. Nós temos apenas algumas perguntas sobre o Sr. Garner.

– Nós? – perguntei, voltando a olhar para Grace.

– Sim, nós. A Srta. Hamilton é a promotora responsável por esse caso. Desculpe, achei que você tinha dito que vocês se conheciam.

Fiquei paralisado por um instante e meus olhos voaram para Grace. *Promotora?* Ah, merda. Espere, isso poderia ser bom para Josh? Meu cérebro estava funcionando a milhões de quilômetros por minuto.

– Já faz um tempo que não nos vemos – disse em um tom tranquilo, sem afastar o olhar de Grace.

Kate estava olhando de Grace para mim outra vez.

– Entendo. Bem, serei rápida então para que vocês possam colocar o papo em dia.

Ela abriu um grande sorriso e voltou a nos encarar.

Grace e eu não falamos nada, mas ela cruzou as pernas, parecendo relaxar um pouco. Kate pigarreou.

– Ok, Carson, pelo que sei, você atuou na Marinha com o Sr. Garner e os dois se mudaram para cá há

pouco tempo para trabalhar no Trilogy. Alguma vez, tanto antes como agora, ele se comportou de um modo que parecesse fora do comum?

Eu me concentrei em Kate.

– Não.

Ela me encarou.

– Você se incomoda de elaborar a sua resposta?

Recostei-me na cadeira.

– Josh Garner sempre foi um homem estável, que agia como alguém perfeitamente saudável de corpo e mente. Nunca percebi nenhum comportamento fora do comum.

Kate assentiu e fez uma anotação no bloquinho que apoiara no joelho.

– Que tipo de militar ele era?

Franzi o cenho.

– Era um colega em quem se podia confiar, que fazia bem o seu trabalho.

Ela assentiu outra vez.

– Presumo que vocês tenham passado por situações em que a violência foi necessária. Como ele reagia nesses momentos?

Olhei para Grace, que estava enfiando a mão na bolsa para também pegar um bloco e uma caneta. Quando ela segurou a caneta, percebi o leve tremor em sua mão. E também notei o anel de noivado no dedo. Meu coração afundou no peito e foi como se água gelada corresse pelas minhas veias. *Já se passaram quase cinco anos.* O que eu poderia esperar? Ignorei meus sentimentos mais uma vez e voltei a olhar para Kate, tentando lembrar a pergunta que me fizera.

– Reagia de forma profissional. Josh fazia o que precisava para cumprir a missão. Se quer saber se ele parecia gostar do aspecto violento do trabalho, a resposta é não. Josh fazia o que lhe era solicitado, nem mais, nem menos.

– Alguma ideia do motivo para ele ter deixado a Marinha?

– Josh serviu como SEAL por dez anos. Estava pronto para voltar à vida civil e o emprego aqui foi uma ótima oferta. Ele não me falou mais nada a respeito.

– Ok. No domingo você o viu durante o dia ou à noite?

– Ele trabalhou no domingo, mas não nos encontramos muito. Passei a maior parte do tempo nas salas de segurança, no andar de baixo, e ele ficou no cassino.

Kate voltou a assentir.

– É um bom funcionário?

– Um funcionário muito bom.

– Vocês saíam juntos, socializavam?

– Não muito desde que viemos para Vegas. Estávamos sempre muito ocupados.

Kate ficou dando batidinhas com a caneta no bloco.

– Ok, acho que isso é tudo o que preciso saber por enquanto.

Ela guardou o bloco e a caneta na bolsa.

– Se eu tiver qualquer outra pergunta, entrarei em contato – falou com um sorriso, já se levantando.

Grace também começou a se levantar, mas Kate pousou a mão em seu braço.

– Grace, a gente se fala. Tenha um ótimo resto de dia.

Ela acenou com a cabeça para mim, despedindo-se, se virou e saiu fechando a porta devagar ao passar.

Grace se levantou de repente.

– Carson, o que...

Eu fiquei de pé no mesmo instante.

– Grace, como...

Demos uma risadinha constrangida e logo ficamos em silêncio, apenas nos encarando.

– Oi, Grace. – Sorri.

Ela deixou o ar escapar e sorriu também.

– Oi, Carson.

Dei a volta na mesa e me acomodei na cadeira onde Kate estivera sentada até sair. Grace voltou a se sentar também. Eu queria pegar as mãos dela, mas me contive. Mal conseguia acreditar que ela era de verdade... sentada bem ali, na minha frente.

– Você entrou para a Marinha? – perguntou ela em voz baixa, os olhos arregalados.

– Entrei. Logo depois que fomos embora de Las Vegas – falei.

Grace franziu o cenho e uma expressão que pareceu ser de mágoa perpassou seu rosto.

– Por que não me contou? – perguntou.

– Eu tentei, Grace. Depois que me tornei SEAL, fui visitá-la, mas... vi você saindo do prédio e abraçando o seu namorado. Então pensei que seria melhor se eu não... – Passei a mão pelo meu cabelo curto. – De qualquer forma, embarquei em uma missão logo depois.

Ela me encarou, surpresa, e depois ficou confusa.

– Você foi me ver? – sussurrou ela. Então franziu a sobrancelha na mesma hora. – Espere... Namorado? – perguntou. – Não tive nenhum namorado em Washington.

Fiquei em silêncio por algum tempo, examinando o rosto dela. Balancei a cabeça e fechei os olhos por um instante.

– Merda. Tive certeza de que o que estava vendo... – Balancei a cabeça de novo. – Merda.

Não soube mais o que dizer. Olhei para Grace outra vez.

– Era um cara louro... mais ou menos da minha altura.

Ela franziu o cenho.

– Só podia ser o Brian, então namorado da Abby – comentou ela, baixinho.

Fechei os olhos por um instante mais uma vez, ainda balançando a cabeça. Não conseguia suportar pensar muito no assunto, tamanho o arrependimento que sentia pela oportunidade perdida, mesmo tendo acontecido tanto tempo antes. As coisas poderiam ter sido diferentes? Desejei saber o que Grace estava pensando.

Ela suspirou e deu de ombros.

– Bem, obrigada por... tentar.

Ela deixou escapar uma risadinha constrangida.

– Só lamento não ter tentado com mais determinação – retruquei.

E eu estava falando muito sério.

Olhei para ela, percebi o nível da roupa que vestia e algo me ocorreu. Afastei meu arrependimento, pelo menos por ora.

– Você não seguiu direito societário. Tornou-se promotora – falei com um sorrisinho.

Ela continuou me encarando por um tempo, então enfim sorriu também.

– Isso mesmo.

– Como acabou em Ve... – Fui interrompido pelo toque do telefone e me levantei para atendê-lo. –

Droga. Espere um instante. – Coloquei o fone no ouvido. – Leland, está tudo certo – falei.

– Ah, que bom, cara. Ela já foi embora?

– Já. Não tenho muito o que contar. Converso com você mais tarde.

– Está...

Desliguei antes que ele completasse.

Voltei a me sentar diante de Grace. Estava me segurando para não tomá-la nos braços. Sentimentos que eu não conseguia identificar percorriam meu corpo. Sabia que havia coisas que eu deveria estar abordando nesse momento – a primeira e mais importante era o fato de Grace ser a promotora no caso do meu amigo, um caso que tinha mais a ver comigo do que ela poderia imaginar. Precisávamos conversar sobre isso. Ou talvez *não devêssemos* conversar sobre isso. Eu não sabia.

Grace pousou as mãos no colo e o anel voltou a chamar a minha atenção.

– Você está noiva? – perguntei baixinho.

Ela olhou para o anel com uma expressão confusa no rosto, quase como se, por um segundo, não entendesse o que eu estava falando. Então voltou a olhar para mim.

– Sim.

– Quando é o casamento?

– Casamento?

Inclinei a cabeça para o lado.

– Presumo que um noivado indique que haverá um casamento.

Ela deu uma risadinha.

– Ah, ainda não marcamos uma data. – Então ficou séria. – E você, Carson? Há alguém especial na sua vida?

O corpo dela ficou totalmente em alerta e seus olhos se arregalaram um pouco. Minha resposta seria importante para Grace. Algo bem no meu íntimo se alegrou, abaixo de todas as emoções confusas que me dominavam. Eu não sabia em que me concentrar... como desenredar os sentimentos que se acumulavam. Por isso, afastei-os. Lidaria com isso mais tarde.

– Não.

Ficamos nos encarando por um tempo, antes que Grace rompesse o contato visual e começasse a se levantar.

– Preciso ir – disse ela, de repente.

O bloco caiu do seu colo. Eu fiquei de pé ao mesmo tempo que ela e nos inclinamos juntos para pegar o bloco. Quando Grace se levantou, eu estava mais perto dela, e voltamos a nos encarar por mais alguns longos segundos. Uma estranha sensação de *déjà-vu* me atingiu e franzi o cenho.

– Grace... – comecei a dizer.

Ela se preparou para recuar.

– Preciso ir – sussurrou.

Então se virou e caminhou na direção da porta.

– Grace, espere, jante comigo – falei de repente.

Ela parou na hora.

– Só para colocarmos o assunto em dia – completei baixinho.

Grace se virou para me olhar.

– Colocar o assunto em dia? – perguntou, os olhos cheios de algo muito semelhante a medo.

Não respondi, apenas continuei a encarar aqueles enormes olhos azuis. Por fim, como se eu tivesse dito mais alguma coisa, Grace assentiu com a cabeça de forma desajeitada.

– Está bem – respondeu.

Deixei escapar o ar que estava prendendo.

– Posso buscar você. Se quiser anotar o endereço... Quer dizer, você mora com o seu noivo? – perguntei, o constrangimento apertando o meu peito.

Ela fez que não com a cabeça.

– Não, moro sozinha.

Assenti e estendi a mão atrás de mim para pegar algo onde ela pudesse anotar o endereço.

Entreguei o bloco a ela, que voltou a pegar na bolsa a caneta que usara. Grace começou a escrever, mas logo parou. Prendi a respiração e só tornei a soltá-la quando a mão dela voltou a se mover. Grace me devolveu o bloco, voltou a guardar a caneta na bolsa e mordeu o lábio.

– Carson, eu...

– Às sete? – perguntei.

Ela hesitou, mas então assentiu.

– Está bem, às sete.

– Ok.

Ficamos parados ali por mais um instante, constrangidos, antes de ela se virar e abrir a porta, olhando para mim mais uma vez. Eu me apoiei contra a mesa. Grace. Cacete. Promotora Grace. Grace noiva. *Grace*. Eu não sabia se ria ou se jogava alguma coisa longe. Não fiz nenhum dos dois. Após alguns minutos, fechei a porta e voltei ao trabalho.

capítulo 23

Grace

De alguma forma, mesmo com as pernas bambas, consegui voltar ao meu carro no estacionamento. As emoções me sufocavam. Estava com a sensação de ter tomado sete xícaras de café de uma vez e depois ter sido esbofeteada. Afundei no assento do carro, fechei a porta e soltei um longo suspiro, trêmula. *Carson Stinger*. Caramba! Era como se uma bomba tivesse sido detonada na minha frente e eu precisasse me examinar para saber onde os estilhaços haviam me atingido.

Parecia que a minha vida que tinha acabado de explodir em chamas, mas eu não sabia bem como ou por quê.

Tentei clarear a mente. Ok, eu esbarrara sem querer em um homem com quem passara um fim de semana quase cinco anos antes. Ele me ajudou a descobrir algumas coisas a meu respeito que acabaram influenciando positivamente a minha vida. Ótimo. Nós dois havíamos seguido em frente. Eu agora estava noiva de um homem que era bom para mim, um homem que me amava. Carson se alistara na Marinha, tornara-se um SEAL. Caramba! Uma onda de orgulho subiu pelo meu peito. Espere, como? Por que eu estava orgulhosa de Carson? Balancei a cabeça devagar, tentando clarear a mente. Seguindo em frente.

Quando ele me contou que tinha ido me ver em Washington, a tristeza me dominou. Eu ainda achava difícil pensar a respeito. As coisas teriam sido diferentes? Mordi o lábio. Não podia ficar pensando nisso. Se Carson houvesse aparecido naquele dia, talvez eu não tivesse a vida de agora. Talvez não estivesse com Alex.

Endireitei o corpo, me olhei no retrovisor e franzi o cenho.

– Reconstitua-se, Grace – sussurrei para o meu próprio reflexo.

Liguei o carro, saí da garagem e voltei para a Strip.

Enquanto dirigia de volta ao trabalho, minha mente permaneceu fixa em Carson. Meu Deus, assim que eu o vi, achei que ia desmaiar. Fiquei torcendo para que a detetive Powers não tivesse percebido quanto o encontro ao acaso me afetara. Que constrangedor... Eu tinha perdido totalmente a linha.

E agora havia combinado de jantar com ele? Gemi alto. O que eu iria dizer a Alex? Tentara sair rápido da sala de Carson... Estava tão atordoada com as emoções que me atingiam que mal consegui pensar direito. Mas ele me deteve e eu fui fraca. Meu Deus, depois de todo esse tempo eu ainda era afetada por Carson. Mas que mulher não seria? Eu o achara gostoso cinco anos antes? Pois agora ele estava delicioso, um inferno ardente. De alguma forma, o jeito moleque que ele tinha na época ficara um pouco mais rude, não desaparecera por completo, mas se partira um pouco... E ele agora mostrava uma tensão que não existia antes. E aquela maldita covinha ainda tinha a sua magia, me deixando trêmula todas as vezes que aparecia quando Carson sorria.

O cabelo estava mais curto e, embora Carson continuasse esbelto, eu percebi que seus músculos estavam mais definidos, embora escondidos sob o terno. E havia algo no fundo dos olhos dele que eu não encontrara quase cinco anos antes... será que uma certa sofisticação intelectual? Eu queria saber mais. Que Deus me ajudasse, mas eu queria. Parei em um sinal vermelho e pousei a mão na testa. Não deveria estar pensando em Carson dessa forma. Era muito inapropriado.

Sem mencionar que ele conhecia o homem que eu estava indiciando – parecia mesmo que eram amigos. Será que haveria um conflito de interesses se eu jantasse com ele? Não, eu achava que não. Carson não estava envolvido. Ainda assim, eu não mentiria para mim mesma dizendo que seriam apenas dois amigos saindo para um jantar rápido. Éramos duas pessoas que haviam passado um fim de semana fazendo sexo... muito sexo... muito sexo *bom*.

Minha mente começou a divagar por lugares onde não deveria voltar e me controlei. Meu Deus, *pare, Grace! Qual é o seu problema?*

Sim, talvez não fosse certo mesmo eu sair para jantar com Carson. Mas queria muito saber como a vida o levava até onde ele estava agora. Queria saber como ele andava. Pensara tanto nele ao longo desses anos... Jantaria com Carson, colocaria o papo em dia e seguiríamos nossas vidas. Ele morava na mesma cidade que eu. Tudo bem. Sem problemas. Eu iria...

Um veículo buzinou atrás de mim, me trazendo de volta à realidade, e segui com o carro. Eu me forcei a não pensar em Carson durante o resto do caminho até a Promotoria. Tinha toda a segunda metade do meu dia de trabalho pela frente. Precisava me concentrar.

Alex ficaria fora do escritório pelo resto do dia, preso no tribunal, e agradei por isso. Eu não conseguia evitar a sensação de culpa por ter feito planos para jantar com Carson.

Fechei a porta da minha sala quando cheguei, sentei-me atrás da mesa, apoiei a cabeça nas mãos e fiquei imóvel por alguns minutos, tentando me acalmar.

Não consegui evitar uma risada alta. Meu Deus, quais eram as *chances* de uma coisa dessas acontecer? Quais eram as chances de, quase cinco anos depois, inesperadamente, eu entrar no escritório de Carson Stinger, em uma cidade onde nenhum de nós dois morava quando nos separamos? *A vida é louca*.

Levei a mão à boca. Ai, meu Deus, eu não usava essa frase havia muito tempo. De repente, aquele fim de semana, a *sensação* daquele fim de semana, me atingiu de novo. Deixei que percorresse o meu corpo, não apenas lembrando, mas também *sentindo* o que senti por Carson na época. Ah, meu Deus, eu não iria conseguir. Levantei, peguei a bolsa e o casaco, parei na mesa da minha secretária na saída e disse a ela que não estava me sentindo bem e que iria para casa. Eu trabalhava ali havia mais de seis meses e nunca alegara doença para ir embora cedo. Sabia que ninguém duvidaria de mim.

– Melhoras! – falou Amy, a secretária, quando eu já me afastava. Ela pareceu preocupada.

Apenas ergui a mão e acenei. Não tinha dúvidas de que eu realmente parecia estar doente.



Depois que Grace foi embora, subi para ver Leland e atualizá-lo sobre o interrogatório da detetive. Não mencionei Grace.

Dylan tentava hackear alguns bancos de dados que poderiam ou não ajudar no caso de Josh. Ele também buscava despistar Bakos, o que nos daria tempo suficiente para chegar até o criminoso. Josh entraria com a alegação de defesa em um ou dois dias e poderíamos saber sobre a fiança. No ponto em que estávamos, tudo era apenas um jogo de espera.

Sentei na escada da sala de segurança e fiquei observando as mesas por um tempo. Então mandei uma mensagem de texto para Leland e avisei que ia embora um pouco mais cedo por conta de uma dor de cabeça. Não era mentira. Ficara sentado ali pensando em Grace o tempo todo, maldição. Minha cabeça estava explodindo.

Ainda assim, arrumei tempo para ir até o 45º andar e ver como as meninas estavam. Isso era algo que Grace não poderia saber. Estava ansioso para encontrá-la e contar sobre o que fizera da minha vida, mas sabia que não poderia ser totalmente sincero. Sobretudo em relação às meninas. Isso era algo que Grace não aprovaria, que talvez a fizesse se sentir obrigada a denunciar.

Meia hora mais tarde, cheguei com a minha caminhonete em casa e, depois de entrar, fui até a cozinha e tomei um remédio. Então, um banho longo e quente. Quando saí, já me sentia melhor.

Ainda estava abalado por ter visto Grace mais cedo. Ela era a última pessoa que eu teria esperado ver entrar no meu escritório. Ainda assim, lá estava ela, parada na minha frente como um sonho, ainda mais linda do que eu me lembrava. E eu pensara muito em Grace Hamilton...

Vesti uma calça jeans e uma camisa preta de manga comprida e peguei o celular. Havia esquecido de checar como estavam as coisas com Dylan antes de sair, por isso liguei para ele.

Dylan atendeu no segundo toque.

– E aí, cara?

– Oi, Dylan, saí um pouco mais cedo. Você conseguiu organizar toda a documentação?

– A maior parte. Planejo encerrar essa noite. Só estou esperando algumas coisas.

– Ok, ótimo. Só queria checar.

– Sem problemas. Você está bem?

– Estou. – Hesitei e Dylan continuou quieto. – Ei, cara, você se lembra daquela garota que conheci em Vegas há uns cinco anos? A que...

– Claro. A do vodu de boceta?

Eu ri.

– Isso mesmo.

– O que tem ela?

– Apareceu no meu escritório hoje. Ela é a promotora do caso de Josh.

– Você está de sacanagem.

– Não, não estou. Quais eram as chances de isso acontecer? Merda...

– Nossa, cara. Ou é muito azar ou muita sorte. Não sei. As coisas se complicaram agora... Você ainda está interessado nela?

Suspirei.

– Interessado? Isso não importa, de qualquer forma. Ela está noiva.

Dylan fez uma pausa.

- Ora, noiva não é casada.
- Hum. Vou levá-la para jantar essa noite. Para botarmos a conversa em dia.
- Parece interessante, Carson. Seja cuidadoso.
- Pode deixar. Obrigado, Dylan.
- De nada. Vejo você amanhã.
- Ok. Vou chegar cedo. Tenho uma reunião com dignitários da Arábia Saudita.

Parte do meu trabalho como chefe da segurança era proteger peças caras que os hóspedes do Trilogy traziam.

- Ok, até lá.

Desligamos e olhei para o relógio. Faltavam dez minutos para as sete da noite. Peguei o paletó e as chaves e saí de casa.

capítulo 24

Grace

Eu estava terminando de secar o cabelo quando o celular tocou. Era Abby.

– Você vai morrer quando eu disser com quem vou jantar, Abby – sussurrei ao telefone.

– Você está atendendo ao celular em algum abrigo subterrâneo?

– O quê? Não...

– Então por que está sussurrando desse jeito?

– Não sei. Talvez porque eu mesma não queira me ouvir... – sussurrei de novo.

– Ai, meu Deus. A última vez que você falou desse jeito estava passando um fim de semana em Vegas com um ator pornô.

Dei uma risadinha nervosa.

– Olha, na verdade é engraçado você mencionar isso...

Ouvi um gritinho agudo do outro lado da linha e afastei o celular do ouvido, com uma careta.

– Meu Deus, Abby – falei, a voz agora no volume normal. – Está tentando estourar meu tímpano?

– Me diga que não vai passar o fim de semana com outro ator pornô, Grace.

Eu ri e a sensação foi boa. Eu estava precisando do relaxamento que uma risada trazia. Havia tomado um banho longo e quente quando chegara em casa, mas ainda estava muito tensa só de pensar em jantar com Carson. Sem mencionar que não contara a Alex sobre os meus planos para a noite. Ele ainda estava com alguns clientes, e eu só tivera notícias dele via mensagem de texto.

– Sim, não. – Limpei a garganta. – No entanto, vou jantar com o próprio ator pornô – voltei a sussurrar.

– O que você disse? – Abby praticamente gritou.

– Abby, pare com isso, vai acabar assustando o bebê.

Ela estava com oito meses de gravidez.

Abby riu.

– O bebê está ótimo. Estou preocupada é com você. O que *aconteceu*?

Suspirei.

– Fui a uma reunião hoje, com uma detetive, para um caso em que estou trabalhando. Acabei entrando no escritório de Carson Stinger. Sem brincadeira. Achei que ia desmaiar, Abby.

– O *escritório* de Carson Stinger? – perguntou ela, confusa. – Que escritório? Onde?

– Ele é chefe de segurança de um hotel novo na Strip. Pelo que parece, Carson se alistou nas Forças Armadas depois que nos separamos e passou a maior parte do tempo fora do país. Não sei todos os detalhes. Ele me chamou para jantar para *botarmos o papo em dia* e eu aceitei.

Abby ficou em silêncio por um longo tempo.

– Ele se alistou nas Forças Armadas... Uau. *Essa* é uma história que eu preciso ouvir. É melhor você me ligar no instante em que pisar em casa na volta. Alex sabe sobre os seus planos para o jantar? – perguntou ela, cautelosa.

Hesitei antes de responder.

– Na verdade, ainda não contei a ele. Mas você conhece Alex. Ele é tranquilo. Acho que não vai se incomodar.

Abby bufou do outro lado.

– É isso que me preocupa.

– O que quer dizer? – perguntei, franzindo o cenho.

Coloquei o celular no viva-voz e despi o roupão, para poder vestir o sutiã e a calcinha.

Outro breve silêncio antes de Abby voltar a falar.

– Eu só... Você lembra daquele cara que deu em cima de você quando saímos no Dia de Ação de Graças?

Abby e Brian estiveram em Las Vegas umas duas semanas antes para passar o Dia de Ação de Graças comigo. Eu estava envolvida em um caso importante e não conseguira viajar para ver meu pai e minhas irmãs. Saímos para jantar, decididos a ter uma grande comemoração. Quando saí da mesa para ir ao banheiro, um cara me parou e deu em cima de mim descaradamente.

– Lembro. E daí? – perguntei.

– Alex nem *pestanejou*. Ele não deu a menor bola.

– Isso não é verdade! Ele confia em mim, só isso.

Abby bufou de novo.

– Não consigo mais me conter, Grace.

E eu poderia jurar ter ouvido a voz de Brian ao fundo, chamando o nome da esposa baixinho, em tom de alerta.

– Psiu! – retrucou Abby.

– Abby, o que você não consegue mais conter?

– Ele é chato!

Arquejei.

– Não é, não! Alex é... é doce e bom e...

– Seguro? – perguntou ela.

– Sim! Seguro. E daí? O que há de errado nisso? Ele me ama. É bom para mim.

Abby suspirou ao telefone.

– Meu bem, sei que isso é verdade. Mas é que vocês dois agem como se fossem irmãos. É quase assustador.

Eu ri. Não consegui evitar.

– Nós somos assustadores? Que... *maldade!*

– Não estou dizendo que vocês são assustadores. O que quero dizer é... Como é o sexo?

– Abby, pare. Não vou mais falar sobre isso. Alex me ama. Vou me casar com ele. Ponto final.

– Escute, Grace. Por favor, não fique zangada comigo. Eu só não podia ficar *sem* comentar nada. E já que estamos falando sobre a Vegas de cinco anos atrás, devo dizer que, depois que voltou para casa, eu a

vi mudar de várias formas incríveis. Foi como se você tivesse desabrochado depois daquele fim de semana. Em todas as áreas, a não ser em uma. No que se referia e no que se refere a homens, foi como se você *regredisse*. O que houve? Que história é essa de noivo “seguro”? O que está acontecendo? Foi mesmo por isso que esperou todo aquele tempo? Por *segurança*? Amo você. Só estou dizendo tudo isso porque amo você. Não quero que se arrependa de ter se casado com Alex.

Suspirei.

– Abby, sei que está tomando conta de mim. Mas, no que diz respeito a Alex, sei o que é bom para mim, ok? Sei mesmo. Não vou me arrepender de me casar com ele. Não vou. Obrigada por me repassar as suas preocupações. Agora, falando em decisões ruins, preciso me arrumar para o jantar.

– Ok – disse ela, parecendo insegura. – Só mais uma coisa e não voltarei ao assunto... Você vive dizendo que Alex ama você. Não precisa me responder agora, mas você o ama? É isso. Já falei o que tinha para dizer. Não fique zangada comigo, ok?

Suspirei.

– Não estou zangada. Amo você. Ligo de novo amanhã, está bem?

– Faça isso mesmo. Também amo você.

– Pode deixar. Tchau, Abby.

– Tchau, Grace.

Desliguei e me sentei na cama, só de lingerie. Fiquei mordendo o cantinho da unha. *Irmãos*? Era essa a impressão que Alex e eu passávamos? Não. Ele me amava. Quer dizer, eu o amava? Não, eu o amava. É claro que eu o amava. Sentia atração por ele. Alex era um cara bonito, doce, legal. Eu tinha sorte de tê-lo ao meu lado. E ele *realmente* fazia com que eu me sentisse segura. E daí? Isso era *ruim*? Eu amava Abby, mas não era ela que tinha que viver a minha vida. Eu precisava ficar com isso bem claro na cabeça antes de sair para jantar com um cara gostoso como Carson.

Meu telefone voltou a tocar. Era Alex.

– Oi – atendi, abrindo um sorriso.

– Oi. Como está a dor de cabeça?

– Ah, está tudo bem. Já melhorei. – Eu contara a ele que saíra cedo do escritório por causa de uma dor de cabeça. – Na verdade, hoje esbarrei com uma pessoa que conheci há muito tempo e vou sair para jantar com... ele.

– Ele?

Assenti com a cabeça e só depois me dei conta de que Alex não estava me vendo.

– Ahn, sim. Esbarrei com ele no Trilogy quando estive lá com Kate Powers, por conta de um caso. Eu o conheci em uma conferência de direito a que frequentei anos atrás, e ele me perguntou se eu queria comer alguma coisa hoje à noite. É óbvio que ele sabe que sou noiva. Você se incomoda?

Alex fez uma pausa.

– Não. Tudo bem. Vou dormir cedo, de qualquer forma. Amanhã tenho que chegar ao fórum na primeira hora, de novo. – Ele bocejou. – Divirta-se, ok?

– Ah, ok. Te amo.

– Também te amo. A gente se vê no escritório amanhã à tarde. Tchau, meu bem.

– Tchau, Alex.

Desliguei e fiquei sentada, ainda mastigando o canto da unha por mais alguns minutos. Então me

levantei e me maquiei. Não estava certa do que usar, já que não sabia aonde Carson me levaria. Assim, vesti uma calça jeans escura, com as minhas botas pretas de salto alto e um suéter azul prateado e transparente com uma regata combinando por baixo. Era um look casual, mas elegante o suficiente para ficar bem em um restaurante chique.

Voltei ao banheiro para soltar o cabelo, que prendera em um rabo de cavalo para me maquiar, e a campainha tocou. Penteei o cabelo bem rápido, respirei fundo e fui atender.

Quando abri, Carson preenchia o espaço da porta, 1,85 metro de homem, lindo em cada centímetro. Eu sabia disso. Lembrava cada detalhe dele. Quase estremeci. Já foi um mau começo.

– Oi – falei. Abri a porta para que ele entrasse, recuei e apontei com o polegar por sobre o ombro. – Vou só pegar meu casaco.

Ele não disse nada. Apenas estreitou os olhos e deu um sorriso tenso. *Qual era o problema?*

Peguei o casaco e a bolsa e voltei para onde Carson estava, ainda parado ao lado do batente, olhando ao redor. Ele não disse uma palavra.

Fui na direção da porta e Carson a manteve aberta para que eu passasse primeiro. Então me seguiu e esperou que eu a trancasse. Caminhamos em silêncio até uma caminhonete grande e preta. Ele abriu a porta para mim e depois se acomodou. Percebi a expressão fria no rosto dele e fiquei magoada. Afastei o sentimento, me dando conta de que me sentir daquele jeito era uma péssima ideia.



Carson

Fechei a porta do carro para Grace e dei a volta na caminhonete para me acomodar. Meu sangue fervia com a proximidade dela e, por mais que eu quisesse aproveitar o jantar com Grace, estava tenso com o fato de que havia coisas entre nós outra vez, coisas que tornariam muito difícil que o nosso relacionamento deslanchasse. Que diabos eu estava fazendo? Já fora difícil o bastante me recuperar do que sentira por ela na primeira vez. E agora estava me dispondo a me colocar numa situação ainda pior? Meu Deus. Eu era meio masoquista no que se referia a essa garota. Na primeira vez, eu não tivera ideia de como ela acabaria me afetando. Agora eu sabia, então talvez as coisas não terminassem bem, mas, mesmo assim, eu estava pronto para outra. Isso se tornara óbvio quando Grace abriu a porta, o rosto muito corado e o cabelo solto – ainda mais longo do que quando eu a conhecera. Todo o meu corpo ansiou por rasgar as roupas dela e possuí-la ali mesmo, contra a parede. Precisava me controlar. Ela estava noiva. *Merda*. E, de qualquer forma, *eu* não estava disponível para um relacionamento, por vários motivos. Então por que eu tinha uma vaga ideia de que, no fim das contas, acabaria agindo como um idiota e deixaria de lado todos esses motivos? Eu não podia confiar em mim no que dizia respeito a Grace Hamilton. Ela era como um ímã, me atraindo em sua direção. E eu era incapaz de resistir a essa atração.

Olhei para Grace e ela parecia insegura. Mordia o lábio e estava esperando que eu ligasse a caminhonete. Eu a estava deixando nervosa. Também não gostei disso. Eu me forcei a relaxar.

Não era como se ela fosse qualquer uma. *Ela era Grace*. Eu quase sentia que, em parte, ela estivera

comigo o tempo todo. Fora uma constante no meu coração, senão na minha vida. Era um pensamento, mas também uma sensação e, de repente, tê-la comigo era quase uma necessidade – como se eu ficasse mais forte com Grace. Mais forte para enfrentar a situação com Josh, mais forte para tudo. Essa sensação se espalhava pelo meu corpo, me enchendo de um senso de propósito e, ao mesmo tempo, me apavorando. Havia muitas coisas no nosso caminho, assim como da última vez. Mas, de repente, enquanto olhava para Grace, todas as minhas dúvidas de apenas minutos antes foram descartadas. Parecia vital que eu ao menos tentasse descobrir aonde as coisas nos levariam dessa vez. Eu não conseguia explicar o que sentia, não fazia muito sentido. Mas, agora, a sensação era tão forte que apenas a aceitei.

– Sabe de uma coisa? – perguntei a ela, por fim.

Grace virou os olhos para me encarar sob a luz fraca do carro.

– O quê? – indagou ela de volta, inclinando a cabeça.

– Moro a cerca de cinco minutos de você, nesse mesmo bairro.

Quando eu entrara na caminhonete, ainda em casa, e colocara o endereço de Grace no GPS, quase dei uma gargalhada. Ela não anotara o bairro, por isso eu não tinha percebido, até aquele momento, que Grace também morava em Summerlin, uma região no nordeste de Las Vegas. Achei engraçado. Pelo que parecia, a atração que ela exercia sobre mim me aproximara fisicamente. Estava ferrado. Ou isso ou o destino estava me sacaneando.

– É mesmo? – questionou ela, com um sorriso. Então franziu o cenho.

Fiquei me perguntando o que ela estaria pensando, mas não falei nada. Olhei para a frente com um sorriso e liguei a caminhonete. Meu corpo relaxou.

Segui na direção da Strip, e ambos permanecemos em silêncio pelos primeiros cinco minutos.

– Essa situação é muito esquisita, não é? – perguntou Grace, por fim.

Dei uma risadinha.

– Qual situação?

– Nós dois, nos esbarrando daquele jeito depois de todo esse tempo. É... quase... inacreditável.

Assenti. Mas logo pensei melhor.

– Sim e não.

– Como assim?

– É difícil explicar. Fiquei chocado, mas não totalmente surpreso. Talvez eu sempre tenha esperado ver você de novo.

Olhei para ela. Grace ergueu a sobrancelha, fingindo desconfiança.

– Isso é algum tipo de perseguição esquisita, é?

– Eu não sei. Você é que tem que me dizer? – Olhei de novo para ela, também fingindo estar desconfiado.

Ela riu.

– Foi uma operação e tanto... rastreá-lo ao redor do mundo. – Grace virou o corpo de modo a me encarar. – Falando nisso, Kate me contou que você tinha se mudado para cá uns dois meses atrás. Onde ficou baseado antes disso?

– Servi no Oriente Médio – falei.

Grace assentiu.

– Nossa, uau, um SEAL, Carson. Estou muito impressionada. O que o fez decidir entrar na Marinha?

Fiquei em silêncio por um instante, pensando se a sinceridade absoluta seria boa ou má ideia. Por fim, respondi:

– Você.

– Eu? – sussurrou ela.

Fiz que sim.

– Depois daquele fim de semana, Grace, eu quis ser mais. Quis ter algo para oferecer a alguém como você.

Dei de ombros e a encarei. Ela me observava com os olhos arregalados, a boca um pouco aberta, como se estivesse prestes a dizer algo, mas houvesse desistido.

– De qualquer forma – continuei –, a ideia da Marinha surgiu como um feixe de luz que me cegou e eu agi antes que tivesse tempo para pensar a respeito. – Dei uma risadinha.

Ela deixou escapar o ar.

– Não sei o que dizer. Eu... Nossa, fico... lisonjeada por você me considerar o catalisador de uma mudança tão positiva na sua vida.

Grace fez uma pausa.

– Que coisa idiota acabei de dizer... Eu só... Obrigada por me contar isso.

– Não se dê muito crédito. Fui eu que fiz todo o trabalho duro.

– Sim, com certeza.

Sorrimos um para o outro na penumbra da cabine da caminhonete.

– Então – perguntou Grace –, como acabou trabalhando na área de segurança em Vegas?

– Eu e um colega da Marinha, Leland, fomos feridos na mesma emboscada. A família dele é proprietária do Trilogy. Leland foi dispensado do serviço militar por motivos médicos e me perguntou se eu gostaria de me juntar a ele em Vegas e assumir a chefia da segurança do hotel. Me pareceu uma boa oportunidade.

Dei de ombros. Havia muito mais coisa envolvida naquela decisão, mas eu não podia contar essa parte a Grace, não agora.

– Onde você se feriu? O que aconteceu? – perguntou ela, baixinho.

– Levei um tiro nas costas – contei. – Por sorte, a bala entrou e saiu direto, com um dano interno mínimo. E queimei as minhas mãos. – Levantei uma para ela ver, mas sob a luz fraca do interior do carro nem eu mesmo conseguia enxergar direito a cicatriz nos meus dedos.

– Meu Deus... – arquejou Grace.

– Espere aí – falei, mudando de assunto –, você acaba de conseguir saber toda a minha história no caminho até o jantar. Sobre o que vamos conversar agora?

Ela riu.

– Acho que vamos descobrir alguma coisa.

Sorri enquanto entrava no edifício-garagem e precisei subir alguns andares antes de encontrar uma vaga. Em poucos minutos, já me sentia à vontade e confortável com Grace outra vez.

Saltamos da caminhonete e fomos em direção ao elevador.

– Aonde estamos indo? – perguntou ela.

– Bem, não cheguei a fazer reserva. Mas tenho umas três ou quatro ideias de lugares que não costumam ficar cheios. Você tem alguma preferência, quer dar alguma sugestão?

– Podemos comer cachorro-quente? – disse Grace em um rompante.

Ri e me virei para encará-la. Ela estava sorrindo.

– Está falando sério? – perguntei, erguendo a sobrancelha.

– O que foi? Não gosta mais de cachorro-quente? – indagou Grace quando paramos diante do elevador.

– Adoro. Mas acho que não como um desde... Ora, desde o último que a gente comeu junto.

Ela riu.

– Eu também não! Vamos!

Eu a encarei. Minha nossa, como era linda... Minhas mãos coçavam de vontade de tocá-la. Cerrei os punhos ao lado do corpo.

Alguns segundos depois, as portas se abriram e nós entramos. Quando o elevador deu um solavanco e começou a descer, meus olhos encontraram os de Grace e nós dois rimos, um sabendo exatamente o que o outro estava pensando. Lá estava eu, andando de elevador com Grace Hamilton mais uma vez. *A vida é louca.*

Quando as portas se abriram, saímos e seguimos em direção à Strip. Era dezembro, e o ar estava fresco, mas não gelado, um clima perfeito para uma caminhada.

– Você vem muito à Strip? – perguntei, enquanto seguíamos em direção ao Pink's.

Ela fez que não com a cabeça.

– Quase nunca. Minha melhor amiga, Abby, e o marido estiveram em Vegas para o Dia de Ação de Graças e eu os trouxe aqui para dar uma volta. Mas Abby está grávida, por isso a visita guiada por Vegas foi comportada.

– Ela é a amiga que morava com você quando a conheci, certo?

Grace olhou para mim, parecendo um pouco surpresa, e assentiu.

– Seu noivo não leva você para comer cachorro-quente?

Eu precisava trazer o assunto à tona. Precisava saber como era o relacionamento dos dois. A própria palavra *noivo* já contava uma história. Mas não necessariamente a história toda.

Ela mordeu o lábio e não olhou para mim.

– Alex é um cara mais caseiro, eu diria – foi tudo o que ela falou.

Porém, pensei ter visto uma expressão de desapontamento em seu rosto.

Interessante.

Chegamos ao Pink's e eu abri a porta para ela. Grace sorriu para mim e entrou. A recepcionista nos levou até uma mesa e puxei a cadeira para que Grace se sentasse.

– Madame – falei.

Ela riu enquanto eu empurrava a cadeira mais para perto da mesa, e, logo depois, também me sentei. Tiramos os casacos e, quando o garçom apareceu, pedimos cervejas.

– Agora me conte por que você decidiu se tornar promotora – pedi.

Ela olhou para baixo e ficou brincando com um guardanapo por um tempo, antes de responder:

– Na verdade, Carson, tenho que agradecer a você por isso. Depois que conversamos a respeito aqui – ela acenou com o braço em direção à janela, indicando Vegas –, percebi que era isso que eu queria fazer. E corri atrás. Portanto... obrigada.

Recostei-me na cadeira e sorri.

– É sério?

– Sim. – Ela também sorriu para mim. – Meu primeiro emprego foi em Washington, mas não havia muitas vagas na área em que eu queria atuar. Então comecei a me candidatar em outras cidades e acabei aqui. E estou amando. De verdade.

– Que incrível, Grace!

Ela me encarou com uma expressão surpresa, como se algo tivesse acabado de lhe ocorrer.

– Seu amigo... – começou a dizer.

– Podemos conversar sobre isso em outro momento, ok? É uma situação esquisita, mas... vamos aproveitar essa noite para botarmos o papo em dia.

Grace assentiu, apertando um pouco os lábios. O garçom apareceu com as nossas cervejas e fizemos mais pedidos. Quando ele se afastou, Grace comentou:

– Isso foi o que você pediu na última vez.

– Eu sei. Você também pediu a mesma coisa.

Ela concordou e riu.

Levantei a cerveja e propus um brinde.

– Ao destino – falei –, que é um sacana cheio de truques. – Minha última frase tinha mais significados do que eu poderia explicar.

Grace bufou e ergueu as sobrancelhas.

– Pode ter certeza disso – concordou, e encostou a garrafa dela na minha, sorrindo e inclinando a cabeça.

Nossos pedidos chegaram alguns minutos depois, e Grace deu uma enorme mordida, com vontade.

– Está vendo? – disse ela, com a boca cheia de cachorro-quente com queijo e molho chili. – Aprendi na última vez.

Ri para ela e também dei uma mordida caprichada. Senti o queijo colando no meu queixo e alguma coisa grudenta escorrendo pela lateral da minha boca.

Grace cobriu a boca com a mão e riu alto, os olhos dançando.

– Como assim você ainda não foi fisgado, Carson Stinger?

Ela riu. Sorri também, mas o sorriso logo desapareceu do rosto de Grace, que continuou apenas me olhando, os olhos descendo até a minha boca quando a limpei com o guardanapo. Ela lambeu o lábio inferior e senti meu pau pressionar a calça. Merda.

– Grace... – comecei a dizer.

– Enfim – disse ela, animada, cruzando as pernas sob a mesa –, essa foi mesmo uma ótima ideia. Preciso comer mais cachorro-quente.

Grace parou de falar e franziu o cenho. Continuou:

– Quero dizer, você sabe, nunca se pode comer cachorros-quentes o bastante – disse, com um vinco ainda mais forte na testa. – Ou, melhor, talvez possa. E talvez *haja* um limite recomendado de cachorros-quentes, mas não chego nem perto...

Dei uma gargalhada.

– Ok, flor, já pode parar agora – falei.

Os olhos dela voaram para encontrar os meus, o rosto ruborizado. Ficamos nos encarando em silêncio por um longo tempo antes de Grace enfim murmurar:

– Senti falta desse apelido.

– Eu também – falei baixinho.

– Por que me chama de flor, Carson? – perguntou ela também em voz baixa, os olhos ficando ainda maiores.

Dei um sorrisinho.

– Talvez seja porque você é bonita como uma flor – respondi.

Ela continuou a me encarar e abriu a boca como se estivesse prestes a dizer algo. Então desistiu. Balançou a cabeça de leve, como se estivesse clareando a mente.

– Carson, estou noiva.

Cerrei o maxilar.

– Sim, Grace. Sei disso.

Ela buscou por alguma coisa em meu rosto, tornou a balançar a cabeça e olhou para baixo de novo.

– Desculpe, isso soou tão... babaca, eu acho. Não quis sugerir que você...

– Grace – interrompi –, está tudo bem. De verdade. Eu entendi, ok? Vamos conversar sobre outra coisa. Estou gostando de estar aqui com você.

Ela assentiu e deu um sorrisinho.

– Ok, obrigada.

Dei outra enorme mordida no cachorro-quente, me sujando todo. Grace riu e fez o mesmo.

Terminamos de comer e o garçom limpou a mesa. Enquanto acabávamos de tomar as cervejas, conversamos por alguns minutos sobre como era morar em Las Vegas. Quando o garçom trouxe a conta, paguei e nos levantamos para vestir os casacos e ir embora.

– Foi divertido – comentou Grace.

Sorri.

– Sim, foi. Fiquei me perguntando por todos esses anos como você estaria e é muito bom vê-la tão feliz.

Ela ficou em silêncio por um momento, o sorriso no rosto parecendo tenso.

– Estou mesmo. E digo o mesmo de você. É ótimo ver você se dando tão bem, com uma aparência tão... boa.

Ficamos nos encarando por um tempo, então ela se direcionou à porta, quebrando a magia do momento. Fui logo atrás dela.

– Quer passar pelas fontes do Bellagio? – perguntei. – Em nome dos velhos tempos? – Vóltei a sorrir para ela.

Grace riu.

– Por que não? Não estive lá desde.... Ora, você sabe, desde *você*. – Ela olhou para mim e o sorriso desapareceu do meu rosto.

Caminhamos em silêncio por alguns minutos antes de Grace dizer:

– Carson, posso perguntar uma coisa?

– Claro – falei, enquanto atravessávamos a rua.

– Você gravou o filme que estava agendado para fazer na manhã seguinte ao fim de semana que passamos aqui em Vegas? – perguntou baixinho.

Olhei para Grace. Ela olhou para baixo, mas continuou seguindo em frente.

Hesitei em responder enquanto passávamos por um pequeno grupo de pessoas. Peguei-a pela mão e puxei-a para a beirada do parapeito de pedra que dava para o lago Bellagio.

Paramos. Ela desvencilhou a mão e olhou para o meu rosto.

– Eu apareci na locação – respondi. Os olhos dela se afastaram dos meus. Prossegui: – Mas não fui adiante com a filmagem. Fui embora e nunca mais voltei.

Grace voltou a me encarar e achei ter visto seus ombros relaxarem.

– Ah – comentou. – Ora, que... bom.

Assenti, sem interromper o contato visual. Meu Deus, como eu queria beijá-la!

– Procurei pelos seus filmes na internet – deixou escapar ela, em um rompante, os olhos se arregalando.

Fiquei imóvel e estreitei os olhos. Mas. Que. Merda.

Ela levou as mãos ao rosto e abaixou a cabeça.

– Desculpe. Isso é tão inapropriado de comentar... Eu...

– Por que fez isso, Grace? – perguntei baixinho.

Odiava saber que ela vira os filmes. *Odiava* pensar em Grace sentada diante do computador me vendo foder outras mulheres. Fazia com que eu me sentisse enjoado. Olhei na direção da água.

– Droga, Grace, por que fez uma coisa dessas? – murmurei.

Uma sensação que não me possuía havia muito tempo apertou meu estômago: *vergonha*. Eu já superara isso, mas voltar a sentir a mesma coisa agora, na frente de Grace, era horrível.

O que ela deve ter pensado sobre mim quando viu aquilo? Cerrei o maxilar. Aquela vida parecia tão distante da que eu levava agora... Mas talvez Grace não enxergasse dessa forma.

– Ei – chamou ela, inclinando a cabeça para o lado a fim de chamar a minha atenção. Eu me virei em sua direção. – Desculpe. Eu não deveria ter contado isso. Foi há muito tempo e...

– Por que procurou pelos filmes? – perguntei, tentando relaxar.

Ela balançou a cabeça.

– Na época, acho que só precisava me lembrar de que tinha um motivo para não manter contato com você – respondeu Grace, os olhos cheios de tristeza.

Deixei o ar escapar com dificuldade e me virei para encará-la.

– Você sentiu minha falta? – quis saber.

Ela assentiu.

– Muito, Carson – falou baixinho.

– Eu também – retruquei, mantendo a voz baixa. – Foi por isso que corri atrás de você antes de embarcar. Queria lhe contar.

Grace deu um sorriso triste e já abria a boca para dizer alguma coisa quando ouvimos um “Oooh” coletivo, vindo do grupo ao nosso redor, e o show das águas começou.

Ficamos assistindo por longos minutos. Eu cheguei mais perto de Grace, as laterais dos nossos corpos mal se tocando. Mas o calor dela parecia me queimar, passando através da minha pele, me dominando. Senti vontade de me colocar atrás dela e abraçá-la, como fizera na última vez em que estivemos ali. Então senti vontade de levá-la para casa comigo e... Pisei no freio quando meus pensamentos chegaram a esse ponto. Isso só causaria sofrimento nos mais variados níveis, ainda mais nesse momento, em que me encontrava com um sério caso de dor nas bolas.

Grace levantou a cabeça, nossos olhos se encontraram e foi como se uma corrente elétrica nos atravessasse. Ela se afastou rapidamente, como se tivesse se sobressaltado, e ofegou.

– Precisamos ir – falou.

– Ainda não terminou – retruquei em voz baixa.

Grace arregalou os olhos e entreabriu um pouco os lábios, enquanto nos embebíamos um do outro. Acenei com a cabeça na direção da água.

– O show – falei, ainda em voz baixa.

Ela piscou como se estivesse saindo de um transe.

– Eu... eu acordo cedo. Preciso... voltar para casa – balbuciou.

Continuei a encará-la por mais alguns segundos.

– Ok – falei, e me virei para guiá-la por entre o pequeno grupo de pessoas que ainda assistia ao show das águas.

Voltamos para onde a minha caminhonete estava estacionada. Abri a porta para Grace e segurei a mão dela para ajudá-la a entrar. Outra onda de calor passou pelas nossas mãos e ela olhou para mim, os lábios entreabertos de novo. Grace puxou a mão e se acomodou. Dei a volta até o lado do motorista, entrei e liguei o carro.

Saí do estacionamento e segui na direção de Summerlin. Estávamos ambos quietos, perdidos nos próprios pensamentos. Pelo que eu percebia de soslaio, as linhas do corpo de Grace pareciam tensas. Estava claro que ainda tínhamos a mesma química da última vez que estivemos juntos. Eu queria vê-la de novo. Mas como isso poderia acontecer? Eu não perguntara muito a ela sobre o noivo, mas acreditava que, embora ele houvesse aceitado a ideia de um jantar com um “velho amigo”, era provável que questionasse um segundo encontro. Ele também não iria gostar muito da ideia de eu beijar a noiva dele na porta da casa dela quando a deixasse em casa. Mas eu percebera alguns sinais de que, noiva ou não, Grace talvez não se opusesse muito à ideia – pelo menos não fisicamente. O desejo fazia meu corpo latejar e não havia porra nenhuma que eu pudesse fazer a respeito.

A volta para casa foi rápida, os dois observando o cenário pela janela. Quando entrei em Summerlin, olhei para Grace, que mordida o lábio de novo.

– No que está pensando? – perguntei baixinho.

O clima entre nós havia mudado.

Grace ficou em silêncio por um instante antes de responder.

– É melhor não nos vermos de novo.

– Melhor para quem? – perguntei, uma mistura de raiva e medo enchendo meu peito.

Grace me encarou. Percebi a tensão em seu rosto mesmo na escuridão do carro. Parei em frente à casa dela e mantive o motor ligado.

– Melhor para mim – disse ela. – Passar esse tempo com você hoje trouxe de volta... – Grace se interrompeu.

– Trouxe de volta o quê, Grace? – perguntei, em voz baixa, chegando mais para perto dela.

O que acabara de ouvir fizera a ansiedade que apertava meu peito diminuir um pouco e a esperança aumentar.

Ela fechou os olhos por um instante.

– Não.

Parei.

– Não o quê?

Grace voltou a abrir os olhos e ficamos nos encarando.

– Apenas não – sussurrou.

– Desmanche, Grace – grunhi, de repente me sentindo possessivo e determinado.

Por que o destino nos reuniria de novo apenas para nos separar uma segunda vez? Eu não queria me despedir dela ainda. Sabia que havia razões pelas quais eu deveria fazer isso. Mas todas as que não fossem o maldito noivo dela pareciam distantes e sem importância.

Ela abafou uma risadinha amarga.

– Desmanchar? – repetiu.

– Sim, seu noivado, desmanche – repeti, chegando mais perto.

Segurei-a pela nuca e puxei seu rosto na direção do meu. Grace olhou para os meus lábios.

– Pare – sussurrou, parecendo desesperada, a voz falhando.

Fiquei imóvel e logo recuei, soltando-a. Grace olhou rapidamente para mim e um som abafado saiu de sua garganta. Ela aproximou o rosto do meu e foi a vez de a mão dela me puxar mais para perto pela nuca. Nossos lábios se tocaram e ouviu-se um suspiro trêmulo. Eu não tinha ideia de quem suspirara. Tudo o que me importava era a mistura de desejo e alívio que me atingira ao sentir a boca de Grace na minha. Foi uma sensação tão intensa que fez o meu corpo todo vibrar.

Ela deslizou a língua para dentro da minha boca e aproximou mais o corpo do meu, de modo que nossos peitos ficaram colados também. Engoli os ruídos sensuais que ela deixava escapar enquanto nossas línguas se encontravam e se enredavam. Nós nos saboreamos, nos provocamos, nos acariciamos. Relembrei o sabor de Grace, a sensação da boca quente se movendo junto à minha, os barulhinhos que ela fazia. Como eu sentira falta disso, de tudo o que tinha a ver com Grace, de tudo...

Ela se afastou com um soluço.

– Isso não está certo. Eu sabia que você faria isso comigo – disse Grace, a voz entrecortada.

Fiquei em silêncio por um instante, me recuperando e sentindo a raiva encher meu peito.

– Faria isso com você? – perguntei. – Flor, acho que foi *você* que pulou em cima de *mim*.

Ela levantou a cabeça, estreitando os olhos.

– Eu... Você! Eu... – Um gemido de frustração escapou da garganta dela, que esticou a mão para a porta da caminhonete.

Segurei a mão dela.

– Desmanche o noivado – repeti mais uma vez, só que agora falei em voz baixa, no tom mais gentil possível.

Grace ficou me encarando por um tempo, então saiu do veículo de repente e voou para dentro da casa dela. Vi quando fechou a porta.

Liguei a caminhonete e fui embora.

– Merda! – gritei.

O encontro não dera nada certo.

capítulo 25

Grace

Bati a porta depois de entrar e respirei fundo, trêmula. Esse encontro não dera certo. A pior parte era que tudo corresse bem por um tempo. Eu me divertira com Carson. Rira mais do que lembrava ter feito em muito tempo. Mas a maldita tensão sexual se instalara entre nós e arruinara tudo. E como eu fora capaz de duvidar que isso aconteceria? Era de Carson Stinger que eu estava falando. Havia enganado a mim mesma porque *queria* sair para jantar com ele. Como eu era idiota! E eu o beijara. Ai, meu Deus. Isso fora traição. Eu traíra Alex. E Carson estava certo, *eu* é que tinha pulado em cima dele. Pedira a Carson que parasse e ele acatou. Então uma onda de frustração tão intensa me atingira que eu praticamente o ataquei – foi como se eu estivesse sufocando e a boca de Carson contivesse o oxigênio de que eu precisava. Solucei.

Agora estava tudo arruinado. Eu havia chegado a um ponto muito confortável no que dizia respeito a Carson. Tínhamos nos separado da primeira vez sabendo que não poderíamos ser parte da vida um do outro, mas, sob essas circunstâncias, nós havíamos nos separado nos melhores termos. E eu fora grata pelo papel que ele desempenhara na minha vida. Quando Carson vinha à minha mente, eu pensava nele com... ternura, eu acho. Mas agora... Tínhamos acabado de nos separar de novo, só que, dessa vez, não fora de forma amigável. Ele arruinara tudo. E, de repente, eu voltara a sentir coisas desagradáveis em relação a Carson Stinger.

Fui até o sofá com as pernas bambas e afundei nele, sem nem me importar em tirar o casaco.

A raiva me dominou. Por que eu tivera que esbarrar nele de novo? Por que ele tinha que morar em Vegas? Eu estava tão... feliz, *bem!* E, de repente, Carson estava de volta, abalando a minha vida, me fazendo questionar tudo, assim como na primeira vez. Fiquei furiosa. Peguei o celular na bolsa. Ligaria para ele e diria exatamente o que eu estava pensando. Quem Carson achava que era, afinal? Como uma pessoa podia ser tão arrogante? Como queria que eu desmanchasse meu noivado cinco minutos depois de estar de volta à minha vida? Sério? Fiquei olhando para o celular, mas logo o deixei cair no sofá quando me dei conta de que, de qualquer forma, não tinha o número de Carson. Respirei fundo. Talvez fosse melhor assim. Fazer uma ligação de cabeça quente poderia ser tão ruim quanto mandar uma mensagem bêbada. Fui para o quarto e me preparei para deitar. Esse dia precisava terminar.



O alarme tocou às cinco horas da manhã e me arrastei para fora da cama. Não dormira bem. Nada bem. Estava de mau humor e, sim, ainda furiosa. Não conseguia identificar o que me deixava tão zangada, além

do fato de Carson ter conseguido tirar meu mundo dos eixos... *outra vez*. Eu deveria ter voado como um morcego para fora daquele hotel no instante em que pousara os olhos nele, parado ali, com todos aqueles músculos, aquela beleza máscula. Ele *era* o demônio. Um demônio às vezes doce, às vezes engraçado, é verdade. Mas o próprio Lúcifer não era assim? Era dessa forma que ele seduzia, que fazia a pessoa desistir da própria alma só para poder experimentar o sabor daqueles lábios pecaminosos, mostrando a maldita covinha apenas para piorar a situação.

Saí do chuveiro, enrolei uma toalha no cabelo e outra no corpo, então me deixei cair na cama. Estava sendo muito dramática. Ok, ele me tirara dos eixos. E daí? Tudo o que eu precisava fazer era deixar claro para Carson que eu era feliz com a minha vida, que *não* iria desmanchar meu noivado por ele, um homem com quem passara *um único* fim de semana muito tempo atrás... um homem que eu nem conhecia de verdade, se eu parasse para pensar. Ou conhecia? Franzi o cenho.

O que eu realmente sabia sobre Alex? Conhecia a família dele. Eles moravam em São Francisco e nos encontramos várias vezes quando eles vieram visitar Alex em Las Vegas. Eram pessoas encantadoras. Eu sabia que Alex quisera ser advogado desde garoto. Ele era bondoso, apoiava causas sociais e adorava ler livros de mistério e assassinato. Era um advogado brilhante. Nunca brigávamos, e ele era sempre cheio de consideração comigo. Será que Alex era chato como Abby dissera? Ok, talvez um pouco, para ser sincera. E daí? Ele também era estável, sólido e não mantinha as minhas emoções em queda livre como *certas* pessoas. Eu não magoaria Alex. Não poderia fazer isso.

Vesti meu terninho cinza-escuro e me maquiei. Então sequei o cabelo e preendi-o em um coque. Mas logo parei, me olhei no espelho e decidi deixá-lo solto.

Vesti o paletó, peguei um bagel para comer no caminho, calcei os sapatos altos e tranquei a porta ao sair. Durante o trajeto, parei no Starbucks e pedi um café expresso grande para viagem.

Após tomar metade do café, me senti melhor, mais calma. Só precisava manter em mente alguns fatos importantes. Carson tivera um papel na minha vida muitos anos antes. Ele me ajudara a perceber coisas importantes, que haviam tornado a minha vida melhor. Mas Carson fazia parte do meu passado. Alex era o meu futuro. E meu noivo também não era um ex-ator pornô como Carson, que devia ter uma mulher diferente na cama a cada noite. Segurei o volante com força, sentindo outra onda de raiva me dominar. Estava com vontade de gritar com Carson. Olhe só o que ele provocava em mim! Eu parecia uma louca.

Tomei uma decisão súbita.

Fiz uma série de curvas e manobras e parei o carro no estacionamento do Trilogy. Precisava resolver essa história logo. Carson tinha que saber como eu me sentia em relação a ele. Eu seria gentil, mas firme, e reforçaria o fato de que estava *cem por cento* segura da minha decisão de me casar com Alex. Eu não conseguiria viver, não conseguiria me concentrar, se não resolvesse esse assunto. Só queria a minha vida de volta ao ponto onde ela estivera havia dois dias.

Estacionei o carro, subi para o hotel, atravessei o saguão e o cassino até chegar ao corredor onde ficava o escritório de Carson. A porta estava fechada. Talvez ele não chegasse ao trabalho tão cedo. Parei por um instante, mas logo respirei fundo e bati duas vezes na porta. Ouvei vozes e uma discussão. Alguns segundos depois a porta foi aberta e vi Carson, de calça social e uma camisa branca engomada. Atrás dele estava uma garota vestindo um uniforme curto e dourado de garçoneiro, ajustando a roupa. Os olhos dele se encheram de surpresa quando me viu.

– Obrigada, chefe – disse a garota parando para tirar um fio solto imaginário da camisa de Carson.

Ela piscou para ele, olhou irritada para mim e passou por nós para sair.

Carson acenou com a cabeça para ela em despedida e se virou para mim, os olhos se aquecendo.

– Oi.

Ele sorriu, acenou para que eu entrasse no escritório e fechou a porta.

– Você estava... *aqui*... com aquela garota? – quis saber.

Carson parou na beirada da mesa e cruzou os braços, os bíceps se destacando no algodão branco da camisa justa. Os olhos dele se acenderam, divertidos, e com algo que parecia satisfação em sua expressão. Ele riu.

– O que é tão engraçado? – perguntei.

– Você está com ciúme.

– Ciúme? – falei. – Claro que não. Só não sei como você pode ser capaz de me pedir para terminar meu noivado na noite passada e já estar com outra mulher essa manhã!

– Você terminou o noivado? – perguntou ele baixinho.

– O quê? Não! – respondi.

– Não?

– Não – repeti.

Ficamos nos encarando por um tempo, meus batimentos acelerados e ele com um músculo pulsando no maxilar.

Endireitei o corpo, retomei a minha determinação e pousei as mãos nos quadris.

– Só vim aqui para dizer que não podemos nos ver de novo.

– Você já tinha falado isso na noite passada – falou ele.

– É verdade, mas estou dizendo de novo. Para me certificar de que você me ouviu.

– Foi para isso que veio aqui? Para se certificar de que eu tinha ouvido? – perguntou ele, estreitando os olhos.

– Aham. Para me certificar de que você me ouviu – repeti.

– Eu estava a menos de um metro de você quando me disse isso, Grace.

Revirei os olhos.

– Ora, sei que você me ouviu. Mas queria me certificar de que tinha realmente *escutado*.

Carson ficou me encarando, os olhos semicerrados, o peito se elevando e abaixando de forma rítmica. Eu quase conseguia ver as engrenagens funcionando em sua mente.

De repente, ele se afastou da beirada da mesa e veio caminhando na minha direção. Recuei, mas ele continuou até as minhas costas baterem na parede.

Minha pulsação estava disparada e eu respirei fundo. Então o aroma delicioso dele, *uma mistura de sabonete e Carson Stinger*, me envolveu, me intoxicando.

– Sim, ouvi você, flor. E você me ouviu quando eu disse que não concordava? – perguntou ele.

Carson se inclinou na minha direção e levou um dedo ao meu queixo, para que olhássemos nos olhos um do outro. Ele me observou por alguns instantes.

– Olhe só para você, flor. Toda agitada... Esse seu cérebro está funcionando a milhões de quilômetros por minuto, não é? Está tentando resolver esse problema desde que saiu da minha caminhonete na noite passada, estou certo? Talvez desde que saiu daqui ontem. Ficou balançada. Como dormiu esta noite,

Grace? Teve vontade de desligar a mente? Entregar o controle para mim? Me deixar assumi-lo até você ficar relaxada, até a única coisa correndo pelo seu corpo ser puro prazer? Não seria um doce alívio, flor?

A voz dele era como seda, pairando sobre mim, me fazendo estremecer de desejo.

Encarei Carson e vi que os olhos dele cintilavam. Sim, eu queria isso. Queria tanto que chegava a doer. Queria Carson, precisava dele. A lembrança do que ele poderia fazer comigo estava tão vívida na minha mente que eu sentia vontade de gritar de frustração.

Carson chegou mais perto, pousou as mãos na parede, uma de cada lado da minha cabeça, e ergueu a coxa até encostar no meio das minhas pernas. Então abaixou uma das mãos e levantou minha saia, para que eu ficasse pressionada com mais intensidade contra ele. Gemi de prazer e pressionei a vagina com mais força contra a coxa dele, fechando os olhos. Minha nossa, o que eu estava fazendo? De repente, não conseguia pensar.

– Ele provoca isso em você, Grace? – sussurrou Carson em meu ouvido, inclinando-se para a frente. – Você grita o nome dele quando goza?

Eu senti as pálpebras pesadas e estava vagamente consciente de que movia o corpo sobre a perna dele, enquanto jorros de puro prazer disparavam pelas minhas veias. Meu Deus, fazia tanto tempo...

– Responda, flor, ele provoca isso em você? – grunhiu Carson, parecendo zangado agora.

Meus olhos pousaram nele, mas logo se afastaram diante da pergunta. Carson ficou imóvel e gritei de frustração.

Ele levantou meu queixo com o dedo até que eu me visse forçada a olhar dentro de seus olhos. Então examinou meu rosto por alguns segundos.

– Você não dormiu com ele – falou Carson por fim, em uma voz quase sem expressão.

Tentei desviar os olhos, mas os dedos dele ficaram firmes no meu queixo e não permitiram.

– Por quê, Grace? – sussurrou Carson, os olhos tão ardentes que tive a sensação de que seriam capazes de me queimar.

Tentei balançar a cabeça.

– Eu... eu só... – sussurrei.

Carson voltou a examinar o meu rosto, dessa vez por mais tempo, e grunhiu, como se estivesse satisfeito. Então a coxa dele voltou a se mover contra o meu sexo e eu gemi. Estava perdida. O doce alívio da entrega que ele me trazia era mais viciante do que qualquer droga que eu pudesse imaginar.

– Quer que eu pare? – perguntou Carson. – Se quiser, basta dizer uma palavra.

Fiz que não com a cabeça.

– Não, não pare. Não pare – sussurrei, o prazer doce e inebriante tomando conta do meu corpo.

Ainda movendo a coxa, Carson começou a falar:

– Não vou ficar fazendo joguinhos com você, Grace – disse ele, a voz suave e baixa. – Estou colocando um monte de merda de lado, indo contra o meu bom senso, para nos dar uma chance.

Ele desencostou as mãos da parede, levou-as ao meu tórax e abriu meu paletó.

– Por quê? – sussurrei de novo.

Carson deu uma risadinha.

– Porque, pelo que parece, sou um idiota quando o assunto é você – falou, mas percebi que ele abria um sorriso, embora meus olhos já estivessem se fechando outra vez.

As mãos de Carson agora estavam nos meus seios e seus polegares roçavam meus mamilos por cima

da blusa fina. Arquejei e senti a umidade escorrer do meu sexo. Eu deveria parar o que estava acontecendo, mas... não conseguia pensar. Não queria pensar.

– Nunca esqueci você, flor – sussurrou ele.

Eu gemi. Sentia um orgasmo iminente e o queria muito. Queria demais, estava desesperada.

– Na verdade, acho que nunca quis esquecer – continuou Carson, chegando mais perto do meu ouvido.

– Quero que você também nos dê essa chance – disse ele.

Carson se inclinou para a frente e começou a beijar o meu pescoço, os lábios suaves como borboletas contra a minha pele, a coxa se movimentando com mais rapidez contra o meu sexo, os polegares ainda em meus mamilos. Comecei a arquejar.

– Já fez sexo com alguém depois de mim? – perguntou ele.

Eu não conseguia pensar direito, nada importava a não ser o prazer intenso que estava tão próximo de mim.

– Não! Não! – admiti. – Ahhh. Ah, Deus, Carson. Não, não houve ninguém depois de você – confessei, ofegante.

– Meu Deus, gostei de saber disso – grunhiu ele no meu ouvido, então a boca subiu para o meu pescoço, lambendo e sugando delicadamente minha pele.

Os movimentos dele se aceleraram, me levando à beira do orgasmo. Intensas ondas de prazer me dominaram e me fizeram estremecer contra Carson. Quando estava prestes a gritar, ele me beijou, bebendo meu prazer e gemendo também, enquanto eu ofegava dentro da boca dele.

Quando voltei a mim, no momento em que meu cérebro anuviado clareou e a realidade me atingiu, olhei para Carson, atordoada.

Ele me observava com intensidade, os olhos escuros famintos mas ternos. Eu estava pasma.

Carson abriu a boca para falar, mas ouvimos uma batida alta na porta. Isso me trouxe de volta à realidade. Arquejei e comecei a me afastar dele, abaixando a saia sobre os quadris. Carson abaixou a perna e também se afastou de mim.

– Fique aí – disse ele, baixinho, para mim. – Quem é? – perguntou para quem estava na porta.

– Sou eu, cara – disse alguém do outro lado da porta.

Carson praguejou baixinho e se virou para olhar para mim, os olhos percorrendo meu corpo, para ver se eu estava decente, presumi. Então abriu a porta.

– Oi, Leland. O que foi?

– Eles estão quase chegando – disse o outro.

Carson fez uma pausa e bufou.

– Ok, já vou – disse.

Ouvi o homem do outro lado da porta dar uma risadinha.

– Você está com uma mulher aí ou o quê?

A realidade do que acabara de acontecer me atingiu de repente. Alisei a saia, passei por Carson e fui até a porta.

– Ahn, se eu tiver mais alguma pergunta, eu ligo – falei, passando por um homem grande, mais ou menos da nossa idade, com cabelos escuros, quase negros, usando um terno azul-escuro.

Percebi a expressão de surpresa no rosto dele quando eu já estava dando as costas. Caminhei depressa pelo corredor, na direção do cassino.

– Grace... – chamou Carson.

Mas eu o ignorei e acelerei o passo, as pernas fracas enquanto eu praticamente corria até o carro.

Quando saí do estacionamento, tive que esperar para entrar na rua enquanto um cortejo de limusines pretas e utilitários com bandeiras de vários países passavam na minha frente e paravam diante do Trilogy. Estiquei o pescoço para ver Carson saindo pela entrada do hotel e trocando um aperto de mãos com um homem que saltara da primeira limusine. Pensei que dignitários estrangeiros deviam se hospedar em Las Vegas o tempo todo. Desviei os olhos e me virei na outra direção, afastando-me com o carro o mais rápido possível.



Carson

Eu estava sozinho no cômodo pequeno. Andei até o canto e coloquei de pé o copinho de papel. Ele caíra no meu último arremesso. Voltei para a cadeira, me sentei e mirei de novo.

– Ele lança! E ele marca! – falei baixinho, enquanto a minha moeda caía dentro do copinho.

Peguei a moeda de novo e arremessei-a mais algumas vezes, acertando cada lançamento com facilidade. Estava entediado. Levantei e fiquei olhando para a porta fechada por alguns segundos. Por fim, fui até lá e girei a maçaneta.

Era comum que alguém ficasse ali comigo, mas nesse dia não tinha ninguém. Não havia ninguém “sobrando” para tomar conta de mim. Revirei os olhos. Eu não era um bebê. Tinha 8 anos. Era o homem da casa.

Eu sabia o que a minha mãe estava fazendo e isso me deixava enjoado. Meu estômago se revirava pelo fato de ela estar embaixo das cobertas com um homem, nua, enquanto eles gravavam um filme. Minha mãe dizia que era atriz, mas eu já ouvira outras pessoas sussurrando às minhas costas, chamando-a de puta. Eu sabia o que era uma puta, é claro. Sabia que significava que a minha mãe fazia sexo com as pessoas por dinheiro. E sabia que era verdade. Toda vez que eu pedia que parasse de trabalhar com isso, ela gritava comigo e me perguntava de que outra forma eu imaginava que conseguiria comer.

Eu achava que isso também significaria que ela teria que parar de tomar comprimidos e de dormir pela maior parte do dia.

Dobrei um corredor e ouvi música vindo da sala de estar. Também ouvi grunhidos e outros ruídos estranhos. Eu sabia que eram barulhos de sexo e que eu deveria voltar para o cômodo onde haviam me mandado ficar. Mas, por algum motivo, minhas pernas continuaram me conduzindo para a frente.

Enfieei a cabeça por uma fresta e arregalei os olhos. Tive que tapar a boca com a mão para não gritar. Minha mãe estava no meio da cama e havia três homens ao redor dela, todos nus. Um estava atrás, batendo com as partes íntimas nela, e minha mãe tinha o

pênis de outro homem na boca. O terceiro, à direita dela, mexia no próprio pênis e o vi grunhir enquanto um jato de xixi branco caía por cima do cabelo e do rosto da minha mãe.

Tive vontade de correr até ela e afastar os três homens. Queria chutar a cara deles e pisar neles. Uma enorme vontade de proteger a minha mãe me dominou e eu deixei escapar um som abafado, enquanto lágrimas rolavam pelo meu rosto.

Corri até ela e, de repente, mamãe estava deitada de costas na cama e eu me encontrava em cima dela, dizendo, ainda com a voz abafada:

– Mamãe! Mamãe!

Ela estava machucada, quase morta, sangue escorrendo de todos os orifícios. Ela olhou para mim por entre as pálpebras ressecadas, inchadas, e... sorriu. O sorriso mais doce que eu já vira. O sorriso fez com que seu rosto se transformasse, as feições ficaram mais jovens e belas.

– Ara – sussurrei.

Sentei na cama de repente, arfando. Meu telefone estava tocando.

– Alô? – atendi, a voz grogue até para os meus próprios ouvidos.

Era Leland.

– Oi, Carson. A fiança de Josh foi estabelecida: 2 milhões.

Fechei os olhos por um instante.

– Temos como pagar?

– Nós? Não. O Trilogy? Sim. Estou a caminho do banco agora. Só queria avisá-lo.

– Ok, me mantenha informado.

– Pode deixar.

Desliguei e desabei sobre o travesseiro, olhando depressa para o relógio. Havia trabalhado até tarde na noite anterior, então passara a madrugada rolando de um lado para outro até conseguir dormir. Olhei para o teto. *Esse maldito sonho.* Eu já o tivera antes, mas fazia alguns meses que não se repetia. Me perguntei se seria porque Grace estava de volta à minha vida... *Mais ou menos de volta.* Merda, eu fizera besteira em relação a ela. Estava sendo difícil me sentir mal a respeito, porque fora incrível demais vê-la quase tendo um orgasmo, mas eu acabara por assustá-la. Beijá-la dentro da minha caminhonete na noite anterior me deixara louco, possessivo e cheio de tesão, para ser bem sincero. Por isso, quando Grace entrou no meu escritório, falando sobre *ele* outra vez, eu a dominara de um modo que eu sabia que a excitaria... e fora o que acontecera. E Grace me pedira para não parar. Mas ela provavelmente já tinha se arrependido. E isso fazia com que me sentisse um idiota.

Eu descobrira que Grace nunca dormira com o noivo. A alegria que tomou conta do meu corpo ao saber disso foi indescritível. Mas por que ela não dormira com ele? Essa era a questão. Precisávamos conversar. E quanto antes, melhor.

Grace pensava *muito* e era dura consigo mesma. Eu percebera isso uma hora depois de nos conhecermos, quatro anos e meio antes. E agora ela andava por aí, convencida de que era uma pessoa horrível, de que fizera algo imoral com o noivo... o que não era inteiramente mentira. Mas isso não me ajudaria em nada. Grace se sentiria culpada agora, e a culpa não era um bom pretexto para que ela

mandasse o tal noivo pastar, como eu pedira. Eu precisava consertar as coisas. Queria Grace. Era simples assim. Eu dissera a ela que estava deixando muita merda de lado para nos dar uma chance. Isso era verdade, mas não era... Eu *não poderia* deixar de lado grande parte da merda que estava acontecendo, e teria que pedir a *Grace* para fingir que não via esse meu lado ou, no mínimo, para aceitar. *Cacete, era muito complicado*. Se ela ao menos me dissesse que queria o mesmo que eu, poderíamos tentar resolver as coisas juntos. Mas, antes disso, eu não poderia arriscar. Não seria possível. Sim, precisávamos conversar.

Arrastei-me para fora da cama e fui em direção ao chuveiro.

capítulo 26

Grace

Puxei as pernas para baixo do corpo e ajeitei a manta ao redor dos meus ombros enquanto me recostava no sofá. Acabara de chegar em casa do escritório, depois de doze horas de trabalho. Vestira o pijama, ligara a televisão e enrolara uma coberta ao redor do corpo. Eram oito da noite e eu ainda não tinha jantado. Estava faminta. Mas ficar alguns minutos no sofá me parecia uma prioridade.

É claro que a primeira pessoa que me veio à mente foi Carson. Eu até conseguira mantê-lo distante dos meus pensamentos no dia anterior, após sair correndo do escritório dele, e hoje também. Parte disso por autopreservação, mas eu sabia que a outra parte era por causa do orgasmo enlouquecedor que eu tivera em cima da perna dele, contra a parede. Gemi de constrangimento com a lembrança e levei as mãos ao rosto, voltando a sentir o calor que me envolvera. Meu Deus, eu dissera a Carson que não poderia mais vê-lo, então trepara com a perna dele como uma cadela no cio. Mensagem conflitante? Era mais do que humilhante.

Eu era uma profissional. Ia ao trabalho todo dia usando terninhos clássicos e sapatos discretos. No tribunal, era eficiente e confiante. Na vida pessoal, pagava as contas em dia, ligava para o meu pai pelo menos uma vez por semana, era uma boa amiga e uma pessoa honesta. Mas bastava Carson Stinger aparecer na minha frente e de repente eu virava uma louca, ficava fora de mim. Uma doida mentirosa e dissimulada que o deixava me agarrar contra a parede do escritório dele. E Carson nem precisara se esforçar muito para isso. Eu praticamente implorara. Estava constrangida e com vergonha de mim mesma.

Mas a emoção mais avassaladora era a tristeza. Eu traíra Alex. Eu era uma pessoa horrível. E, pior, contara a Carson que não havia dormido com meu noivo. Não deveria ter admitido isso. Além de não ser da conta dele, também acabaria dando a ele a ideia errada. Não era que eu não me sentisse atraída por Alex... Mas é que tudo acontecera muito rápido entre nós... Tínhamos começado a sair quase no mesmo dia em que eu me mudara para Las Vegas, ficado noivos depois de uns dois meses e já estávamos falando de casamento para breve, talvez no próximo outono. Fizemos outras coisas, é claro, mas eu queria esperar o casamento para transar de fato. Não contara nem a Abby que estávamos esperando, porque sabia que ela me criticaria. Ok, talvez fosse um pouco antiquado, mas por que não fazer isso? Eu achava romântico. E Alex, sendo o cavalheiro que era, aceitava sem problemas. Eu achava que a expectativa acrescentava algum tempero à relação. Achava...

Fui arrancada dos meus pensamentos por uma batida alta na porta. Franzi o cenho. Quem diabos batia desse jeito?

Eu me levantei, deixei a manta sobre o sofá e fui até a porta de calça de pijama e regata branca.

A porta não tinha olho mágico, por isso perguntei:

– Quem é?

– Sou eu, Grace – disse uma voz grossa.

Droga! Era Carson.

Fiquei parada do lado de dentro, mordendo o polegar por um minuto, pensando no que deveria fazer.

– Grace, abra a porta – disse Carson, por fim, do outro lado. – Por favor – acrescentou após alguns segundos.

Suspirei e abri. O ar frio da noite de dezembro me atingiu.

Carson se encontrava parado ali, em toda a sua perfeição masculina, usando uma calça jeans escura e uma jaqueta de couro. Estava tão lindo... Eu odiava isso. De verdade. Dispensá-lo se tornava uma tarefa ainda mais difícil. A vida era cruel...

Os olhos de Carson desceram pelo meu corpo e pararam nos meus seios. Percebi que eu não estava usando sutiã e, com certeza, o frio deixara meus mamilos rígidos. Cruzei os braços por cima deles.

– O que você quer, Carson? – perguntei. Estava cansada.

– Posso entrar? Só quero conversar com você um minuto. Depois vou embora.

Ele me encarou com uma expressão suplicante. Fiquei parada onde estava por um segundo, mas logo me afastei para deixá-lo entrar. Imaginei que precisávamos passar nossa situação a limpo, já que eu não fizera um trabalho muito bom em relação a isso no dia anterior.

Carson passou por mim e ficou parado, esperando, enquanto eu fechava a porta. Mas não a tranquei. Ele logo iria embora.

Passei por ele, voltei a me acomodar no sofá e enrolei a manta ao meu redor. Carson me seguiu e sentou no lado oposto do sofá. Ele se inclinou para a frente e apoiou os cotovelos nas coxas.

– Josh Garner saiu sob fiança essa manhã – disse ele. – Imagino que você saiba disso.

– Sim – confirmei. – Um agente de fiança depositou o dinheiro.

Franzi o cenho. O valor era alto demais para um agente de fiança. Achava que outra pessoa devia ter feito o depósito. Não sabia quem. Mas não conversaria sobre isso com Carson nesse momento. *Se é* que ele sabia de alguma coisa.

Carson assentiu e ficou me olhando sem dizer uma palavra. Ele parecia estar se debatendo com a ideia de dizer algo. Por fim, balançou de leve a cabeça e olhou em outra direção. Quando voltou a me fitar, disse:

– Deveríamos conversar sobre ontem de manhã. Eu lhe devo um pedido de desculpas.

Deixei o ar escapar.

– Carson...

Voltei a me encostar no sofá e levei as mãos ao rosto. Passei-as pelo cabelo e olhei para ele. Carson me encarava com intensidade. Dei uma risadinha e fiz que não com a cabeça.

– O que foi? – perguntou ele.

– Você não me deve desculpas. Deixei que fizesse o que... fez. Eu *queria* que fizesse o que fez. – Afastei os olhos. – Acho que isso ficou óbvio. – Senti meu rosto quente. – Mas não foi certo – prossegui.

– Da *minha* parte. Não da sua. Não foi você que traiu a confiança de alguém.

Ao dizer isso, a tristeza me dominou. Eu era uma pessoa horrível. Carson ficou em silêncio por um instante, o cenho franzido, parecendo estar resolvendo um quebra-cabeça.

– O que eu estava tentando dizer com o meu pedido de desculpas – falou ele, baixinho – era que

lamento por ter sido tão incisivo.

Carson parou por um tempo e franziu o cenho de novo, como se não estivesse muito certo se de fato se arrependia por isso. Após alguns segundos, ele continuou:

– Mas reafirmo cada palavra que eu disse. Não haverá joguinhos da minha parte.

Balancei a cabeça devagar.

– Carson, você estava agarrando uma garçonete no seu escritório antes de eu entrar! – gritei.

Ele se sobressaltou e me observou por um momento, antes de cair na gargalhada.

– Eu não estava fazendo nada com Kira. Sim, ela dá em cima de mim todos os dias da semana, mas nunca toquei nela.

Carson ficou me encarando por um instante.

– Você não percebeu isso depois do que fizemos? – perguntou ele, pressionando os lábios.

– Como eu perceberia? – devolvi. – Mal conheço você.

– Você me conhece melhor do que ninguém, flor – rebateu ele, os olhos ardentes. Então continuou com mais gentileza: – E eu a conheço melhor do que ninguém. Mesmo depois de todo esse tempo.

Abri a boca, espantada.

– Nossa, que prepotência. Acho que meu noivo é que me conhece melhor do que ninguém.

Carson me encarou, um pequeno músculo pulsando no maxilar.

– É mesmo, Grace? – indagou, e ergueu a sobrancelha.

Semicerrei os olhos. Sabia a que ele estava se referindo.

– Nunca deveria ter lhe contado isso. Não é problema seu e me recuso a falar a respeito de novo. Olhe só para nós! Não conseguimos passar nem três minutos juntos sem brigarmos ou nos beijarmos!

Ele riu.

– Isso é tão ruim assim? – perguntou.

– É, sim! Preciso me concentrar... Preciso... parar de trair o meu noivo! – disse em um rompante.

O rosto de Carson ficou sério.

– Você não está apaixonada por ele, Grace. Também não quero que traia seu noivo. Desmanche o noivado. – Ele olhou bem dentro dos meus olhos. – Por favor.

Fiquei encarando-o, muitas emoções me percorrendo rápido demais para que eu conseguisse analisá-las nesse momento.

Ouvi uma leve batida na porta. Eu me sobressaltei e Carson olhou para o chão.

– Está esperando alguém? – perguntou.

– Ai, meu Deus, Alex disse que traria o jantar. Achei que já estava muito tarde e ele não viria mais. Mas deve ser ele – sussurrei.

Carson se levantou e dei um pulo do sofá.

– Termine com ele, Grace – falou, indo na direção da porta.

– Espere! – disse, ainda sussurrando. – Você não pode abrir a porta.

Carson se virou, voltou até onde eu estava, apenas uns dois passos de distância, e tomou meu rosto entre as mãos. A expressão no rosto dele estava tensa.

– Eu também não tive mais ninguém – falou Carson, os olhos examinando meu rosto. – Não depois de você.

Arregalei os olhos e fiquei boquiaberta.

– O quê? – perguntei, e dei uma risadinha nervosa.

Fiquei perplexa, chocada. Como era possível que isso fosse verdade? Em quase cinco anos, Carson Stinger, o homem que exalava tesão por todos os poros, o promíscuo, o deus do sexo, não dormira com mais ninguém? Abri a boca para falar, mas voltei a fechá-la. Carson observava o meu rosto e eu fazia o mesmo com o dele.

– Por quê? – sussurrei, por fim.

Ele já ia responder, mas ouvimos uma segunda batida na porta, dessa vez mais alto.

– Não vai pegar bem ele encontrar você aqui. Por favor, preciso que saia pela porta dos fundos, Carson – cochichei. – Consegue fazer isso sem barulho?

Ele continuou a me olhar por alguns instantes, antes que seu rosto se abrisse em um sorriso lento, tornando o efeito da covinha mágica ainda mais devastador. Minha nossa, ele era... de tirar o fôlego. Meu coração acelerou diante da beleza absoluta de Carson.

– Talvez eu tenha certa experiência em saídas furtivas, flor – falou.

Então soltou meu rosto e foi na direção das portas de vidro que levavam ao pequeno pátio nos fundos da minha casa.

Eu ainda estava boquiaberta, as palavras presas na garganta. E Carson se fora.



Carson

Enquanto dava a volta pela lateral da casa de Grace, ouvi a porta da frente sendo aberta e uma voz masculina dizendo:

– Entrega do jantar! Por que demorou tanto para atender?

Ele parecia ser um idiota renomado. Balancei a cabeça de leve. Isso não era justo. Se Grace gostava do cara, ele devia ser um homem decente. E isso era o que mais me enlouquecia. Eu queria muito odiá-lo.

– Ah, eu estava saindo do chuveiro! – mentiu Grace.

Cerrei o maxilar e caminhei até onde havia deixado a minha caminhonete, em frente à casa do vizinho. Odiava ter que ir embora dessa forma sorrateira, como se fosse um ladrão. Mas deixara claro para ela o que eu queria. Agora só precisava torcer para que Grace descobrisse que queria a mesma coisa.

Cerrei ainda mais o maxilar. Talvez Grace e Alex não *trepassem*, mas eu podia apostar que ele estava lá abraçando-a e beijando-a. Sim, eu queria muito odiá-lo.

Entrei na caminhonete e fiquei sentado ali dentro por um instante. Eu havia contado a Grace que também não estivera com outra pessoa. Ela rira, como se isso fosse a coisa mais inacreditável do mundo. Acho que teria pensado a mesma coisa se o último “eu” que tivesse conhecido fosse o de cinco anos antes. Queria explicar a ela o motivo. Queria contar tudo pelo que eu passara. Ansiava por me abrir com Grace. Não me abria com ninguém desde o nosso fim de semana... não de verdade. Eu a queria de todas as maneiras possíveis. Ela estava irritada, mas o que mais eu podia esperar? Tínhamos nos esbarrado

três dias antes e eu vinha lhe pedindo para mudar toda a sua vida por mim. Mas também me dispusera a fazer concessões por ela. Grace apenas não percebera ainda a dimensão disso.

Liguei a caminhonete e dirigi os cinco minutos até em casa. Eu pensara nela durante todos esses anos, e, como não sabia onde ela estava, me perguntava o que estava acontecendo em sua vida. Agora sabia que ela morava a cinco minutos de distância. E isso doía mais do que se eu soubesse que ela estava em outro continente.

capítulo 27

Grace

O Natal seria dali a uma semana. Eu me joguei nas compras de última hora e nos casos do trabalho, incluindo o de Josh Garner. O julgamento estava marcado para janeiro, portanto eu tinha tempo para preparar o caso. Não que houvessem aparecido muitas evidências novas. Tínhamos recebido o resultado da autópsia e, além da causa óbvia da morte – uma bala de arma de fogo na cabeça –, não havia nenhum trauma físico, nenhum problema de saúde nem traços de drogas em seu organismo. E o mais interessante: pelo que os legistas disseram, a moça era virgem. Isso descartava toda a teoria da prostituição que dera errado. Ainda assim, a evidência do DNA era irrefutável. O sangue do acusado estava na cena do crime, na pedra, e o da vítima fora encontrado em roupas no apartamento do Sr. Garner. Sem mencionar que a bala retirada do corpo era da arma de Josh. Com evidências como essas, eu achava que não precisaríamos oferecer um motivo.

Não havia testemunhas para preparar além do legista e do especialista em DNA, por isso eu me senti em dia com o caso. O que era bom, porque no Natal iria tirar uma semana de férias em Ohio. Alex iria comigo e eu mal podia esperar para passar um tempo com a minha família, aproveitando o conforto de casa e a tradição da data. Precisava muito da tranquilidade mental que isso me traria.

Não falara com Carson desde que ele saíra da minha casa pelos fundos, passando pela porta de correr de vidro, dois dias antes. Eu precisava de espaço. Tudo com Carson acontecera rápido demais, de forma inesperada. *Assim como na primeira vez*. Imaginei que a questão éramos *nós*. Não que *houvesse* de fato um *nós*. Mas ainda assim.. eu estava abalada. E ainda me sentia culpada e sensível em relação ao que fizera com Alex, algo que eu não tinha a menor intenção de contar a ele. Ainda não estávamos casados. Sim, eu sabia que, tecnicamente, o traíra. Mas será que teria algum problema se ele nunca soubesse que a noiva beijara outro homem uma única vez? Ah, *e também* que ela tivera um orgasmo violento contra a coxa musculosa de outro homem enquanto ele a pressionava contra a parede? Gemi alto de vergonha e bati na testa, sentada diante da mesa do meu escritório. Meu Deus, como eu me odiava...

Pelo que parecia, Carson respeitava o fato de eu precisar de espaço, já que não entrara em contato. Isso era bom. Embora eu estivesse muito curiosa sobre o motivo para ele não ter dormido com ninguém desde a última vez em que estivemos juntos, quase cinco anos antes. Queria perguntar a ele. E precisava admitir para mim mesma que um arrepio subia pela minha espinha toda vez que eu pensava a respeito. Seria apenas porque ele passara a maior parte desse tempo fora do país, em serviço? Devia ter sido por isso. Mesmo assim, não havia mulheres disponíveis nos portos ao redor do mundo? E por que ele não aceitara ir adiante com os avanços de *Kira*? Quais eram as razões de Carson? Eu não deveria me

importar tanto em saber. Afinal, tinha a minha própria vida agora... e meu próprio homem para pensar. Não deveria pensar tanto em Carson. Mas não conseguia evitar. Que Deus me ajudasse.

Também não parava de me perguntar se Carson tivera algo a ver com o caso contra Josh Garner. Os dois eram amigos, com uma história nas Forças Armadas, e ambos haviam se mudado para Las Vegas ao mesmo tempo, quase pela mesma razão. Isso não significava que Carson soubesse mais do que dissera à detetive Powers quando ela o interrogara. Mas eu tinha a sensação de que havia mais coisa ali. E deve-se acrescentar a isso o fato de que outro colega era dono do hotel em que ambos trabalhavam, além da enorme quantia que fora depositada para pagar a fiança. As perguntas não saíam da minha mente. Alguma coisa me incomodava nesse caso. Havia uma ligação, eu só não conseguia compreender qual poderia ser.

Suspirei alto e me recostei na cadeira. Seria bom ficar fora por uma semana. Eu conversaria com as minhas irmãs... isso me daria uma perspectiva melhor sobre essa situação caótica. Sim, seria bom para mim. Era o que eu precisava.

Trabalhei até as nove da noite. Alex saíra de férias um dia mais cedo. Ele deixara as compras de Natal para o último minuto e passara o dia no shopping. Tipicamente masculino. Eu me perguntei onde Carson passaria o Natal. Sabia sobre a mãe dele, e, se a relação entre os dois ainda estivesse na mesma de quando o conheci, então com certeza ele não voltaria para Los Angeles. Franzi o cenho e balancei a cabeça, tentando afastar Carson da mente. O que ele iria ou não fazer no Natal não era problema meu.

Ao chegar em casa, me dediquei a lavar as roupas e arrumar as malas. Quando terminei, estava exausta. Alex passaria para me pegar às cinco da manhã seguinte para podermos chegar ao aeroporto a tempo do voo. Vesti o pijama e fui para a cama.



Carson

Estava sentado diante de Josh no sofá do apartamento que conseguira secretamente para ele. E falava ao telefone com Leland. Respondi à pergunta que ele acabara de me fazer:

– Sim, conseguimos. Ninguém nos seguiu. Ligo para você quando estiver voltando.

– Parece bom. Obrigado, Carson – disse Leland, e desligou.

Então voltei a olhar para Josh.

– Como você está? – perguntei.

Ele suspirou.

– Estou ótimo, Carson. As últimas duas semanas têm sido como um sonho...

Estreitei os olhos.

– O que houve, Josh? Não devemos nos dividir. Regra número um.

– Não me diga... Eu que inventei essa merda dessa regra – comentou ele com amargura.

Eu o examinei. O cara iria a julgamento por homicídio em primeiro grau. Precisava dar um desconto para ele.

– O que aconteceu? – repeti.

Josh suspirou e passou as mãos pelo rosto.

– Vocês estavam saindo com a mercadoria. Eu estava checando o último cômodo do depósito quando ouvi uma garota chorando. Achei que tínhamos deixado uma para trás. Voltei para investigar e apaguei, cara. Quando dei por mim, estava em uma casa abandonada, com um galo enorme na cabeça. Voltei para casa e, uma hora depois, a polícia bateu na minha porta. É tudo o que sei.

Respirei fundo.

– Exatamente como pensamos. Uma emboscada. Merda. Você sabe que voltamos para procurá-lo, não sabe? Percebemos que você tinha sumido e fomos lá de novo para tentar achar você. Você desapareceu como um fantasma, Josh.

– Eu sei que vocês nunca deixariam um homem para trás. Não duvidei disso nem por um segundo.

Assenti.

– Ele sabia que estávamos chegando – falei.

Josh suspirou e assentiu com a cabeça.

– Sim, sabia. E ele deu um tiro na cabeça de uma garota, Carson.

– É um doente desgraçado. Já sabíamos disso.

Josh franziu o cenho, respirou fundo, entrelaçou os dedos atrás da cabeça e se recostou no sofá.

– É verdade.

Observei Josh por um tempo.

– Muito bem. Preciso ir embora. A gente *vai* resolver esse problema. Dylan está trabalhando nisso, estamos todos tentando resolver essa história. A gente vai conseguir, ok? Estamos com você.

Josh fechou os olhos por um instante.

– Também nunca duvidei disso nem por um instante. – Ele olhou para mim. – Obrigado, Carson.

Acenei com a cabeça e me levantei.

– Fique quieto aqui. Providenciaremos qualquer coisa de que precisar. A polícia sabe onde você está, mais ninguém, e você não pode se aproximar do Trilogy. Nada de sair para pegar mulher. Nada de ir até a porta ao lado para conhecer a vizinha bonita. Fique quieto aqui dentro.

– Que divertido... – disse ele. – Natal de merda. – Mas quando eu franzi o cenho, ele acrescentou: – Ok, ok, vou ficar quieto. Entendi.

– Ei, é melhor do que comer ração militar em uma caverna, concorda?

Ele riu baixinho.

– Por pouco. Mas é, sim.

Sorri, me despedi com um aceno de cabeça e fui até a porta. Vinte minutos mais tarde estava estacionando na garagem do Trilogy.



Fui até o escritório de Leland mais tarde, na mesma noite.

– Vai sair da cidade? – perguntou ele.

Sentei na cadeira em frente a Leland.

– Não sei se devo. Se acontecer alguma coisa...

– Não vai acontecer nada. Se ficar na cidade durante as festas de fim de ano, vai terminar andando de um lado para outro na sua sala. É melhor não mostrarmos muito a nossa cara. Dylan vai ficar aqui para

trabalhar na parte de informática, mas não há nada que nenhum de nós possa fazer para ajudar com isso. Além do mais, se alguma coisa acontecer, você só estará a seis horas de distância. É melhor que saia da cidade.

– Ok. As garotas estão protegidas?

– Sim. Eu preferia que tivéssemos tirado todas daqui antes das festas de fim de ano. Não gosto de ser obrigado a manter os seguranças durante o Natal. Mas não tem outro jeito. Não conseguimos os documentos a tempo. Dylan fez o que pôde.

– Eu sei. É uma merda, mas daqui a uma semana tudo estará resolvido.

– Está bem. Um feliz Natal para você, cara.

Ele se levantou e deu a volta na mesa para apertar a minha mão e me dar um tapinha nas costas, o típico abraço entre amigos. Sorri.

– Para você também, Leland.

– Espero que seja. Dirija com cuidado.

Assenti e saí da sala, fechando a porta atrás de mim.

Peguei a bolsa de viagem no meu escritório e fui até a caminhonete. Quinze minutos mais tarde, estava saindo da cidade.

Eu me perguntei aonde Grace passaria o Natal. Ela não entrara em contato comigo desde que eu fugira da casa dela. Não iria persegui-la. Eu já deixara bem claro o que queria. Agora era a vez dela. Ainda assim, essa merda doía. Vários problemas estavam acontecendo na minha vida e, mesmo assim, não conseguia parar de pensar em Grace. Precisava mesmo sair da cidade.

Pisei fundo no acelerador, deixando Vegas para trás o mais rápido que podia.

capítulo 28

Grace

—Posso jurar que esqueci alguma coisa – disse para Alex pela quinta vez.

– Meu bem, você já repassou a lista toda. Não se esqueceu de nada. E se tiver esquecido, pode comprar quando chegar lá. Relaxa.

Ele deu um tapinha carinhoso no meu joelho. Olhei para ele distraída enquanto as portas do avião se abriam e a fila de pessoas começava a andar.

– Ok... – falei enquanto nos levantávamos.

Alex pegou nossas bagagens de mão no compartimento acima das nossas cabeças e passei à frente dele, puxando a alça da minha mala atrás de mim.

Eu acordara me sentindo inquieta e dispersa. Talvez estivesse para ficar gripada ou algo parecido. Não sabia. Estava voltando para casa pela primeira vez depois de um tempo. Deveria estar me sentindo relaxada e animada. Em vez disso, não conseguia afastar a sensação de que deixara alguma coisa para trás, de que havia algo errado.

Não ajudou o fato de eu ter rolado de um lado para outro na cama a noite toda, incapaz de desligar a mente. Agora, eu estava exausta.

Além do mais, acho que estava um pouquinho nervosa com a viagem. Alex só encontrara a minha família uma vez, quando meu pai e minhas irmãs vieram para Las Vegas, logo depois da minha mudança. Na época, eu e Alex tínhamos acabado de começar a namorar e saímos todos para jantar. Portanto, essa viagem de agora era uma oportunidade para Alex conhecer melhor meu pai e minhas irmãs. O que era *bom...* certo? Mordi o lábio.

Atravessamos o terminal do aeroporto. Teríamos que esperar uma hora antes de pegar a conexão para Dayton e, por isso, decidimos comer em um dos restaurantes próximos ao nosso portão de embarque.

Descemos pela escada rolante e, quando olhei para as pessoas que estavam subindo, uma senhora idosa chamou a minha atenção. Ela sorriu para mim e piscou. Eu me espantei, percebendo algo familiar nela... Olhei para trás, virando o pescoço enquanto a senhora seguia o caminho dela, afastando-se de mim, mas ela não olhou para trás.

Enquanto atravessávamos o aeroporto enorme, passamos por uma garotinha desenhando. Bem quando passávamos por ela, a menina sorriu e mostrou o desenho para a mãe, que estava bem à sua frente. Olhei para ver o que era, e o tempo pareceu passar mais devagar enquanto eu reparava na florzinha amarela, delicada, que ela desenhara. Virei a cabeça para a frente bem rápido, o tempo voltando ao ritmo normal, e continuei caminhando. Uma sensação cálida percorria meu corpo.

Quando chegamos ao terminal onde nosso avião estaria, sentamos a uma mesa de um pequeno

restaurante que servia sopa e sanduíches. Alex foi até o balcão pedir o almoço.

Enquanto eu ficava sentada ali, esperando por ele, olhei ao redor. Um homem sentado a uma mesa, perto da entrada do restaurante, de costas para mim, chamou a minha atenção. O cabelo dele era louro, cor de areia, e os ombros eram largos e musculosos. Meu coração acelerou e prendi a respiração. *Carson?* Não podia ser. Como? Comecei a me levantar no instante em que o homem fez o mesmo, e o ar ficou preso em meu peito. Quando o homem se virou, um profundo desapontamento me dominou e quase comecei a chorar. *Não era ele.* Afundei de volta na cadeira, a mão segurando com força a beirada da mesa. Fiquei olhando para o nada por vários minutos, enquanto a verdade do que eu sentia invadiu a minha alma. *Ah, meu Deus...* Meus verdadeiros sentimentos me atingiram enquanto eu estava sentada ali, no meio de um restaurante no aeroporto de Atlanta. Era Carson que estava faltando. Era Carson que eu estava *querendo*. Carson. O único homem que me fizera perder o controle de várias formas... O único que era tudo, menos *seguro*.

A verdade me atingiu como aquela primeira luz do sol despontando no horizonte. Ele fora atrás de mim em Washington. Voltara para me ver depois de ter mudado a própria vida. Quase gritei quando a realidade me atingiu. Eu não me permitira pensar muito nisso, mas como as coisas poderiam ter sido diferentes? De repente eu soube que as coisas teriam sido diferentes porque eu teria pulado nos braços de Carson sem qualquer hesitação. Fosse qual fosse a razão, aquela não fora a nossa hora. Mas esta é. Minha alma vibrou quando compreendi isso.

Nesse exato instante, ficou claríssimo para mim: eu escolhera Alex porque ele era quase o oposto de Carson. E tivera medo de, se não escolhesse alguém diferente de todas as formas, comparar para sempre o homem que escolhera com o que de fato queria.

E eu queria Carson. Sabia disso com uma certeza que se agarrava ao meu coração como visco.

Sempre quisera.

Alex se sentou com a bandeja de comida e começou a separar os nossos pratos.

– Não posso me casar com você, Alex – sussurrei.

Ele ergueu a cabeça com um sorriso confuso no rosto bonito.

– Como? – perguntou.

Fechei os olhos por alguns instantes.

– Desculpe, Alex. Não posso me casar com você – repeti, olhando dentro dos olhos suplicantes dele.

– Sinto muito.

As mãos dele haviam travado ao ouvir as minhas palavras, mas agora voltaram a dividir a comida entre nós.

– Grace, você está nervosa com a perspectiva de eu passar mais tempo com a sua família. É normal. É um grande passo. Quase tão grande quanto ficarmos noivos.

Fiz que não com a cabeça.

– Não, Alex, por favor – estendi a mão na mesa e peguei as dele. – Me escute.

Ele olhou para as nossas mãos, voltou a me encarar e assentiu com a cabeça.

– Está bem, Grace, estou ouvindo – falou baixinho.

Umedeci os lábios, meu coração batendo muito forte.

– Eu amo você, Alex, mas...

– Você não está *apaixonada* por mim – completou ele com uma voz sem emoção.

Meus ombros se curvaram.

– Sim. – Olhei dentro dos olhos dele. – Se procurar atentamente em seu coração, acho que vai perceber que, na verdade, nunca fomos mais do que amigos.

Alex inclinou a cabeça para o lado, observando meu rosto, mas não falou nada.

– Eu não queria magoá-lo, jamais – sussurrei.

Ele suspirou, a expressão agora triste.

– Acho que não estou tão surpreso com isso – falou. – E talvez você esteja certa. Não sei. Não esperava ter esse tipo de conversa agora. – Ele fez uma pausa, ainda me observando. – Há outra pessoa?

Fechei os olhos por um instante.

– Sim. Mas ele não é a razão pela qual não devemos nos casar.

Uma lágrima escorreu pelo meu rosto e eu a sequei.

– Quem é ele? – perguntou Alex.

Fechei os olhos outra vez e me recompus antes de voltar a encará-lo.

– Alguém do meu passado... Não importa. Ele não é a razão pela qual não devemos ficar juntos, Alex. Esse homem apenas me ajudou a enxergar o que, no fundo, eu já sabia.

Alex assentiu, me observando.

– Você terminaria comigo se ele não existisse?

– Acho que sim. Talvez não hoje, mas acabaria acontecendo. Sinto muito – repeti.

Ele deu um suspiro profundo.

– Minha nossa, Grace. – Então fez uma pausa, os olhos fixos atrás de mim. Depois de um instante, voltou a falar: – Pode ser que você esteja certa. Talvez eu também soubesse. O que não torna a situação mais fácil. Ainda mais no meio de um aeroporto.

Fiz uma careta e balancei a cabeça.

– Eu sei... Mas é que... não conseguiria fingir que está tudo bem durante essa semana... Não poderia mais magoá-lo – falei, sentindo um aperto na garganta enquanto as palavras morriam.

Mais lágrimas rolaram pelo meu rosto enquanto nos encarávamos, um de cada lado da mesa.

– O trabalho... – disse ele, por fim.

– Posso procurar outro emprego se você quiser. Eu nunca dificultaria as coisas para você. Eu...

– É claro que não quero que deixe seu emprego. Na verdade... Bem, eu pretendia conversar com você a respeito disso quando voltássemos de Ohio, mas... – Ele olhou para o lado, franzindo o cenho. – Recebi uma oferta para ser assistente da promotoria em São Francisco, perto da minha família. Não sabia o que você acharia da possibilidade de se mudar...

Ele balançou a cabeça quando franzi o cenho.

– Quer dizer que está pensando em aceitar? – perguntei em voz baixa.

Ele deu uma risadinha sem humor.

– Ora, como eu disse, ia conversar com você, mas... sim, estava esperando que você concordasse em se mudar.

– Ah.

Ele pigarreou.

– De qualquer forma, talvez seja a coisa certa a fazer para nós dois...

– Alex, é sério, se quiser ficar em Las Vegas e achar que vai ser constrangedor trabalhar comigo...

Ele fez que não com a cabeça mais uma vez.

– Não, acho que somos maduros o bastante para trabalharmos juntos. Não é isso. Eu só... Bem, tenho muito em que pensar.

– Está bem, mas se mudar de ideia sobre me querer fora do escritório, me fale, ok? Gosto muito de você.

– Sei que gosta – disse Alex em um tom triste. Ele olhou para baixo por um segundo, então voltou a me fitar. – Vou pegar um voo para São Francisco e me juntar à minha família. Você vai ficar bem indo sozinha até Dayton?

Assenti, enquanto mais lágrimas escorriam pelo meu rosto. Ele se levantou, pegou o sanduíche ainda embrulhado com uma das mãos, a alça da mala com a outra e deu a volta ao redor da mesa. Alex beijou o topo da minha cabeça com delicadeza e disse:

– Seja feliz, Grace.

Eu o observei se afastar enquanto secava mais lágrimas. Por mais triste que estivesse me sentindo, sabia que fizera a coisa certa. Eu havia me enganado pensando que era certo me casar com alguém por quem eu sentia apenas ternura. E isso fora injusto com Alex também. Ele era um bom homem, merecia encontrar uma mulher que trouxesse à tona o que havia de melhor nele, não alguém que o visse como um prêmio de consolação. Fiz uma careta, me dando conta do erro que cometera até mesmo quando havia continuado a sair com Alex. Deveríamos ter sido apenas amigos o tempo todo.

Fiquei sentada por mais alguns minutos quando de repente percebi a música que estava tocando nos alto-falantes do aeroporto. “My Heart Will Go on”, de Celine Dion, tocava baixinho acima do barulho das bandejas batendo e das cadeiras sendo arrastadas pelo piso. Dei uma risadinha. Conforme a música seguia, senti a determinação tomar conta de mim.

Eu me levantei e recolhi as minhas coisas, deixando a comida sobre a mesa. Não iria mais para Dayton. Precisava trocar o voo.



Tive que pagar uma taxa extra cara, mas consegui marcar um voo de volta para Las Vegas que partiria dali a duas horas. Meu corpo vibrava de nervosismo, mas eu estava empolgada, a certeza de ter tomado a melhor decisão fazendo meu sangue cantar nas veias. Correria atrás de Carson.

Fiquei me perguntando se deveria ligar para o Trilogy e avisar a ele, antes de aparecer por lá. Mas, de alguma forma, sabia que seria melhor falar com Carson pessoalmente para explicar meus sentimentos. Carson fora corajoso, como sempre, e deixara bem claro que queria que tentássemos de novo, dessa vez para valer. E eu o afastara não apenas uma vez, nem duas, mas todas as três vezes em que ele revelara seus sentimentos. E eu tivera uma boa razão para isso: os sentimentos de outra pessoa para levar em consideração. Ainda assim, com certeza não fora fácil para Carson colocar seu orgulho à prova e ser rejeitado. Queria olhar nos olhos dele quando lhe dissesse que também o queria. *Que sempre o quisera.* Se tivesse sido sincera comigo mesma, teria me dado conta, assim que pousara os olhos nele, de que nunca deixara de querê-lo. O destino nos reunira de novo e eu iria agarrar a oportunidade com todas as minhas forças e agradecer aos céus por termos tido uma segunda chance.

Enquanto esperava o voo, peguei o celular na bolsa e digitei o número de Julia. Sabia que ela havia

tirado a semana de folga e que estaria em casa.

– Oi, irmã – atendeu Julia. – Achei que você ainda estaria voando a essa hora.

Pigarreei.

– Na verdade, estou prestes a embarcar, Jules... ahn, de volta para Vegas.

Houve uma breve pausa do outro lado.

– Por quê? Está tudo bem? – perguntou ela, preocupada.

– Bem, sim e não. Eu terminei com Alex.

Ela deu um assovio baixo.

– Ah, Gracie, estou tão... Quero dizer, você está bem?

– Sim, estou bem, Julia. Nós... não éramos certos um para o outro. Levei um tempo para me dar conta disso e fico triste, mas um pouco aliviada também, eu acho. – Respirei fundo. – De qualquer forma, estou indo para casa... E, Julia, fico um pouco nervosa de contar isso a você, mas... estou indo para Vegas porque Carson Stinger está de volta à minha vida.... Sabe, o homem com quem passei um fim de semana, quase cinco anos atrás. E ele não é mais ator pornô. É um SEAL, ou melhor, um ex-SEAL que agora trabalha com segurança e, bem, ele me quer... Ou melhor, espero que ainda me queira.

Fiz uma pausa, mas continuei:

– Meu comportamento em relação a Carson não foi dos melhores e... de qualquer forma eu também o quero e estou voltando para Vegas para dizer isso a ele. E espero que vocês me perdoem por arruinar o Natal, mas tenho que fazer isso porque ele me ensinou a seguir meu coração. E estou fazendo isso... Ele é o meu coração.

Nesse ponto, comecei a chorar, mas não conseguia parar de falar.

– Ele foi meu coração durante todo esse tempo, Jules, e isso me apavora porque achei que nunca mais poderia tê-lo. Mas...

– Grace! – chamou Julia, e sabia que havia um enorme sorriso em sua voz.

Só que ouvi também um solucinho ao fundo.

– Estou no viva-voz? – perguntei em um sussurro.

Julia e Audrey começaram a rir, chorar e falar ao mesmo tempo.

– Meninas! Não consigo entender o que estão dizendo. Audrey, não sabia que você estava aí – sussurrei de novo.

Então saí do canto em que me enfiara para que ninguém me ouvisse e dei uma olhada ao redor. Por sorte não havia mesmo ninguém por perto para me ouvir balbuciante e chorosa.

Foi a vez de Audrey falar comigo:

– Vá atrás dele, Gracie! – Ela riu. – Alex não era o cara certo para você. Soubemos disso no instante em que o conhecemos, em Vegas.

– Por que não disseram nada? – perguntei em voz alta.

– Porque não sabíamos que você ficaria noiva dele! Então nos sentimos péssimas. Íamos tentar conversar com você essa semana. Mas seria difícil, porque ele também estaria aqui... Nós... Ah, está tudo resolvido! Vá atrás do seu homem, Grace. Pode deixar que vamos falar com o papai e amansar a fera.

Eu ri, mas logo deixei escapar um gemido.

– Ah, meu Deus, o papai. Digam a ele que sinto muito e que explico melhor depois. Digam que eu ligo assim que puder, ok?

– Espere um pouco para ligar para ele. Deixe com a gente e dê um tempo ao papai. Vai ficar tudo bem, mas você o conhece. Ele explode primeiro e faz perguntas depois.

– Sim, eu sei. Muito obrigada a vocês duas. Amo muito vocês!

– A gente também ama você – disseram as duas ao mesmo tempo, e pude ouvir o choro na voz delas.

Desliguei e fui ao banheiro para lavar o rosto e ficar apresentável. Uma hora mais tarde estava embarcando no meu voo de volta para Las Vegas. *De volta para Carson.*



Pousei em Vegas às sete da noite. Ficara viajando o dia todo e agora me encontrava de volta ao ponto exato onde começara, mas minha vida mudara de forma drástica nesse período. Eu fora no carro de Alex para o aeroporto, por isso peguei um táxi de volta para casa a fim de buscar o meu próprio.

Eu não sabia onde Carson morava. Se soubesse, poderia passar lá primeiro para checar se ele estava em casa. Mas, se não estivesse no Trilogy hoje, com sorte ligariam para ele e assim poderíamos nos falar.

Entrei em casa correndo para tomar um banho e lavar do corpo o dia de viagem. Eu me sequei, vesti uma calça jeans limpa, um suéter de caxemira preto e minhas botas pretas. Refiz a maquiagem, peguei o casaco e corri para a porta outra vez.

Quando já saía do bairro em direção ao Trilogy, o nervosismo me atingiu. E se Carson tivesse mudado de ideia e resolvido que não me queria mais? Não, isso não aconteceria, certo? Com certeza ele não mudaria de ideia em menos de uma semana. Carson dissera que não havia me superado... que, durante todos esses anos, ele nunca me esquecera. Um arrepio de prazer desceu pela minha espinha. Eu também não tinha conseguido superar Carson, e mal conseguiria sobreviver por mais um minuto sem que ele soubesse disso.

Carson não estivera com mais ninguém durante esse tempo. Senti um aperto na garganta e não sabia se chorava ou se ria quando pensei que nenhum dos dois fizera sexo com mais ninguém desde que havíamos ficado juntos. Eu tinha toda a intenção – e a ação dos hormônios para ajudar – de tirar o atraso logo depois que dissesse a ele que o queria.

E se ele tivesse cedido a uma das investidas de Kira nos dois últimos dias desde que saíra da minha casa? Eu não o teria culpado, na verdade. Mas me parecia que ela já vinha deixando claro que estava disponível antes de eu entrar no escritório de Carson, e ele não fizera nada a respeito na época. Não, eu não podia me permitir pensar nisso agora. Mas minha mente estava clara, e desapareceram a confusão e a culpa que haviam nublado as coisas desde que eu pousara os olhos em Carson. Ele era meu. E eu queria ser dele. Era só nisso que eu precisava me concentrar agora.

A não ser... Havia alguma coisa acontecendo entre Carson e o caso de Josh Garner. Eu não conseguia saber o que era e tinha certeza de que, para acertar as coisas entre nós, precisaríamos conversar a respeito. Mas, por algum motivo, isso não parecia uma prioridade. De repente, eu soube com cada fibra do meu ser que, independentemente do que houvesse, não me afastaria de Carson. Eu confiava nele. Confiava no homem que ele era. Apesar do tempo e da distância, eu sabia que ele era bom e decente. Portanto, fosse o que fosse, não haveria problema.

Entrei na garagem do Trilogy e encontrei uma vaga. Subi correndo até o saguão, então atravessei o

cassino em direção ao escritório de Carson. A cada passo, meu coração batia mais rápido e a empolgação aumentava.

Virei uma esquina e entrei no corredor onde ficava o escritório dele. O corredor estava deserto e a porta, fechada. Parei em frente, respirei fundo e esperei um instante para acalmar os nervos. Então bati de leve e esperei. Ninguém respondeu. Bati de novo, mas logo percebi que ele não estava ali. Mordi o lábio e me virei, hesitante. Pensei em ir até a recepção para descobrir se Carson se encontrava – talvez em algum outro lugar no hotel ou no cassino.

Quando já começava a me afastar da porta, um homem alto, jovem e louro, de óculos, dobrou o corredor, vindo em minha direção. Os olhos dele percorreram meu corpo e ele abriu um sorriso caloroso. Sorri também e, quando percebi que o homem ia na direção da porta de Carson, perguntei:

– Ah, você trabalha com Carson?

– Sim, posso ajudá-la? – perguntou ele, parando de andar.

– Ahn, bem, não sei... Estou procurando por ele, mas não o encontrei no escritório...

– Não, ele vai passar uns dias fora. Vai voltar na semana que vem. Quer que eu deixe recado? Eu estava mesmo indo na sala dele para deixar uns documentos – explicou o homem, acenando na direção da porta do escritório.

Meu coração afundou no peito e inclinei os ombros para a frente, a decepção me dominando.

– Ahn... – sussurrei.

O homem me observava com atenção.

– Espere, você é Grace? – ele quis saber.

Levantei os olhos rapidamente para ele.

– Sim – respondi. – Como você...

– Sou Dylan – apresentou-se ele. – Trabalho com Carson agora, mas também morei com ele em Los Angeles antes de ele se alistar na Marinha.

– Ah! – reagi, surpresa.

Ainda não compreendia como o homem sabia o meu nome, mas achei interessante que outro amigo de Carson trabalhasse no Trilogy.

– Ora, prazer em conhecê-lo, Dylan. – Sorri. – Você sabe para onde Carson foi ou como posso entrar em contato? Eu só queria... dizer uma coisa meio importante a ele.

Dylan pensou por um instante.

– Sim, sei aonde Carson foi, mas você não vai conseguir falar com ele ao celular. Tentei algumas vezes hoje e é bem provável que ele esteja sem sinal.

– Ahn... – grunhi, me apoiando contra a parede atrás de mim e mordendo o lábio. – Ok, bem, posso deixar meu número com você para que passe para Carson caso consiga falar com ele?

Dylan ficou em silêncio de novo, parecendo considerar uma possibilidade. Por fim, ele perguntou:

– Essa *coisa* que você precisa falar com ele vai deixá-lo feliz?

Dei uma risadinha, tentando controlar as lágrimas que ameaçavam escorrer.

– Acho que sim – sussurrei. – Espero que sim.

Ele voltou a me observar por alguns segundos antes de dizer:

– Bem, Grace, se estiver disposta a dirigir por umas seis horas, posso lhe contar onde ele está. Acho que Carson não irá se importar. – Dylan sorriu.

Endireitei o corpo.

– É mesmo? – falei, meu coração voltando a acelerar.

– Sim, se eu conheço o meu amigo... Qual é o seu carro?

Franzi o cenho, estranhando a pergunta.

– Ahn... um Honda Accord.

Ele balançou a cabeça.

– Deixe o seu comigo e leve o meu utilitário. Mas tome conta dele.

Ele começou a caminhar de volta em direção ao cassino e acenou para que eu o seguisse.

Corri para acompanhar o passo de Dylan e perguntei:

– Onde exatamente ele está, Dylan?

Ele olhou para mim enquanto seguíamos em direção aos elevadores para descer para a garagem.

– Ele alugou um chalé em Snowbird, em Utah. Espere só até ver Carson praticando snowboard.

Dylan sorriu e segurou a porta para que eu passasse.

– Ele alugou um chalé para fazer snowboard sozinho? – Franzi o cenho.

Ele assentiu.

– O Carson é assim, para sua informação. Todos nós estamos trabalhando, por isso ninguém podê ir com ele. Carson não esteve na neve desde que foi dispensado da Marinha. Ele estava ansioso.

– Nós? – perguntei, me referindo ao comentário “Todos nós estamos trabalhando”.

Dylan assentiu e paramos perto de um utilitário preto grande. Mas ele ignorou a minha pergunta e apenas me estendeu as chaves do carro. Peguei-as e procurei as minhas na bolsa.

Apontei para a fileira de carros e apertei o botão no chaveiro eletrônico, fazendo as luzes do meu piscarem. Dylan olhou para mim, assentiu e pegou as chaves.

– Me dê o seu celular – pediu.

Peguei o telefone na bolsa e entreguei-o a ele. Dylan demorou alguns instantes digitando alguma coisa e olhando do celular dele para o meu.

– Coloquei o endereço do chalé em que Carson está. Você pode conectá-lo ao meu GPS quando pegar a estrada. Também inseri o número do meu celular, para o caso de você precisar falar comigo.

Eu o encarei espantada enquanto pegava meu celular de volta. Senti-me mais do que grata por toda a ajuda de Dylan, mas também estava confusa. Esta era a primeira vez que eu encontrava esse homem. E, se ele sabia meu nome, com certeza também sabia que eu era a promotora do caso do amigo de Carson, que também devia ser amigo dele.

– Por que está fazendo isso, Dylan? – perguntei.

Ele pareceu pensativo por um instante, antes de responder:

– Não sei muito bem, Grace. Mas me parece a coisa certa a fazer.

Com isso, ele sorriu e se afastou, dizendo ainda:

– Dirija com cuidado.



Coloquei outra tora de lenha no fogo, fazendo as chamas saltarem e estalarem. Então voltei a me sentar no sofá de couro, entrelacei os dedos atrás da cabeça e me recostei. Era de manhã cedo, ainda estava escuro, e a temperatura estava quase congelante.

Eu sempre acordava cedo, mas, depois da vida militar, esse hábito se tornara ainda mais arraigado.

Praticara snowboard o dia inteiro na véspera e meus músculos ainda estavam um pouco doloridos. Como senti falta disso! E, pelo que parecia, era quase como andar de bicicleta, porque depois de algumas horas percebi que já tinha recuperado minhas habilidades.

Estava me sentindo meio culpado por me divertir tanto enquanto Josh estava passando por tudo aquilo. Mas Leland tinha razão, não havia nada que pudéssemos fazer no momento, a não ser andar de um lado para outro. Pelo menos eu estava fazendo algo para diminuir o estresse. E, no fim das contas, seria melhor para Josh se todos ficássemos no melhor estado mental possível.

Olhei pela janela e a primeira luz do dia surgia no horizonte. Fiquei observando por alguns minutos, enquanto o brilho aumentava e iluminava o céu ao redor.

Minha mente voltou a Grace pela décima vez desde que eu saíra da cama. Eu sabia que agora era a vez dela de tomar a iniciativa, mas isso não me impedia de pensar nela o tempo todo. Não sabia o que faria se Grace não entrasse em contato comigo quando eu voltasse. O que eu *poderia* fazer a não ser me tornar um assediador inconveniente?

Fiquei alerta quando ouvi o barulho baixo de algo arranhando a porta da frente. Levantei rápido e peguei a arma que deixara na gaveta da mesinha ao lado do sofá. Não esperava problemas, mas era sempre bom estar preparado, ainda mais com tudo o que vinha acontecendo em Las Vegas.

Comecei a andar em silêncio em direção à porta da frente quando ouvi uma batida e uma voz feminina me chamando em tom cauteloso:

– Carson?

Fiquei paralisado. Era... *Grace*? De repente meu corpo ficou em alerta máximo. Não era possível. Eu estava pensando nela naquele exato momento... Minha mente devia tê-la evocado de alguma forma. Senti o coração bater três vezes mais rápido e a adrenalina disparar pelas minhas veias. Enfiei o revólver no cós da calça jeans e continuei andando em silêncio na direção da porta.

– Carson? – falou a voz de novo, mais alto dessa vez.

Com certeza absoluta era Grace.

Abri a porta em um rompante, e a luz do sol me atingiu, quase me cegando. Lá estava ela, parada na minha frente, o rosto corado, o cabelo longo e louro molhado, e coberta de neve. Grace tremia muito e estava com apenas uma bota calçada.

O que...? Peguei-a nos braços, muito preocupado agora.

– Grace, o que...? Como...?

Eu nem sabia o que perguntar primeiro. Minha mente estava acelerada e várias perguntas disputavam espaço na minha cabeça.

Ela segurou meu rosto nas mãos geladas e me encarou com intensidade.

– Não desista, Carson.

– O quê, Grace? – perguntei, confuso e ainda mais preocupado.

Ela balançou a cabeça e tentou outra vez.

– Não desista, gato – repetiu. – Eu nunca desisti. Nunca.

As lágrimas começaram a escorrer pelo rosto dela, que ria e chorava ao mesmo tempo, enquanto batia os dentes. Aos poucos fui compreendendo e meu coração pareceu acender. Senti um nó na garganta e o peito cheio de esperança.

– Eu nunca desisti – repetiu Grace.

Peguei-a nos braços e carreguei-a para dentro, fechando a porta com um chute.

capítulo 29

Grace

Carson me sentou diante do fogo e tirou o meu casaco molhado. Ele pegou um cobertor no sofá e o colocou ao redor dos meus ombros. Meus dentes batiam tão alto que eu mal conseguia ouvir meus próprios pensamentos.

– Grace, meu bem o que aconteceu? – perguntou Carson, baixinho –, Como chegou até aqui?

– Eu desmanchei – disse ela.

Os olhos de Carson encontraram os meus, e as mãos dele pararam sobre as minhas meias molhadas, enquanto esperava que eu continuasse.

– Estava indo pegar o voo para casa, para passar o Natal com a minha família, quando me dei conta – falei. Balancei a cabeça. – Eu sabia o tempo todo, mas... só... me dei conta no meio do aeroporto e falei com Alex. Então voei de volta para Vegas e fui até o Trilogy procurar você, para lhe contar. – Eu estava chorando de novo.

Carson esfregava meus pés gelados entre as mãos agora, me observando com uma expressão terna no rosto enquanto eu falava.

– Seu amigo, Dylan, me disse aonde você estava e me emprestou o carro dele.

Uma expressão de surpresa passou pelo rosto de Carson, então ele sorriu e balançou a cabeça de leve, mas continuou em silêncio.

Ele se levantou de novo, saiu da sala e voltou alguns segundos depois com uma toalha nas mãos. Então foi até onde eu estava e começou a secar meu cabelo de forma carinhosa.

– E então? – perguntou ele, em tom gentil.

Meus tremores haviam quase cessado agora, e minhas extremidades começavam a se aquecer, o calor do fogo penetrando na minha pele fria. Suspirei e me enrolei mais no cobertor.

– Quando comecei a me aproximar daqui, me distraí e... fiquei sem combustível – completei, mordendo o lábio, envergonhada. – Logo abaixo da colina aqui perto. Consegui parar o carro de Dylan no acostamento e vim andando pelo resto do caminho.

Carson franziu o cenho.

– Você poderia ter se machucado – falou.

Estendi a mão e pousei-a no rosto dele, sentindo a barba áspera roçar contra a minha pele. Carson fechou os olhos por alguns segundos, apoiando-se na minha mão.

– Não me machuquei. Só fiquei com frio. E perdi a minha bota a uns 200 metros da sua porta, mas não me importei. Continuei assim mesmo, porque o sol estava nascendo e – deixei escapar um soluço e

aproximei mais o rosto do dele – eu lhe disse que o nascer do sol sempre me faria lembrar de você. E foi o que aconteceu, durante todo esse tempo, durante todos esses anos.

Carson fechou os olhos de novo por um instante e beijou meus lábios com delicadeza. Então beijou cada uma das minhas pálpebras e o meu nariz.

– Eu também. Durante todos esses anos eu também me lembrava de você quando via o nascer do sol.

Deixei escapar outro soluço e minha boca encontrou os lábios de Carson, roçando neles, sem provar, só sentindo, me deixando envolver pelo calor e pela presença dele.

– Não desisti, mas ainda assim me tornei um picolé humano – falei baixinho.

Carson ficou me encarando por um instante e caiu na gargalhada. Ele sorriu para mim, os olhos cintilando.

– Vendo pelo lado positivo, acho que estou curado. Não preciso mais de terapia cinematográfica – disse ele.

Nós dois sorrimos juntos, os olhos fixos um nos do outro. O olhar de Carson era cálido. Então ele ficou sério.

– Temos muito o que conversar – falou, baixinho.

Assenti, dando um sorrisinho para ele. Tínhamos tempo. Carson prosseguiu:

– Mas, primeiro, vou lhe preparar um banho quente e então levá-la para a minha cama – falou, a voz parecendo um pouco tensa.

– Sim – sussurrei, o desejo correndo pelas minhas veias, subitamente muito quentes.

Ele me pegou no colo, me carregou por um pequeno corredor e me colocou no chão diante de uma porta na parte de trás do chalé. Então pegou duas toalhas grandes em uma prateleira às suas costas.

– Tire a roupa e enrole isso no corpo. Vou levar você lá para fora. Vai sentir frio por poucos segundos, mas vai valer a pena, prometo.

Carson começou a despir as próprias roupas e, quando tirou a camisa de manga comprida por cima da cabeça, engoli em seco. Ele já era lindo antes, mas agora... Eu nem sabia que homens na vida real também tinham essa aparência. Era esguio, os músculos firmes, sem uma gordurinha extra, a pele sedosa e dourada. Carson era muito *grande*, parado diante de mim, como um deus.

– Carson, você está... tão... – comecei, encarando o peito nu dele sem nenhuma vergonha e logo baixando os olhos para a cueca esticada na frente. – Podemos pular o banho quente – sugeri.

Ele riu.

– Não, você precisa do banho quente, não apenas por causa do calor, mas para relaxar. Pelo menos por alguns minutos. Você dirigiu a noite toda – falou com carinho.

Percebi uma pequena cicatriz à esquerda de onde ficava o coração dele, perto do ombro. A bala que o atingira deve ter saído por ali. Fechei os olhos por um instante, me dando conta de repente de que, se as coisas tivessem sido um pouco diferentes, talvez eu não estivesse ali com Carson agora. Eu me inclinei para a frente e beijei a cicatriz. Quando endireitei o corpo, notei a expressão terna e doce nos olhos de Carson, mas ele não disse nada.

Carson estendeu a mão para o meu suéter e começou a tirá-lo. Fechei os olhos quando passou pela minha cabeça e desabotoei a calça jeans. Meus olhos encontraram os dele, que estavam ardentes, o castanho mais profundo, as pupilas dilatadas.

Umedeci os lábios e comecei a tirar a calça. Ela estava úmida, por isso demorei um pouco para

conseguir.

Fiquei de pé apenas de sutiã e calcinha pretos, encarando Carson, o desejo tomando conta do meu corpo enquanto eu apreciava a perfeição da nudez dele, tão lindamente masculina de todas as formas.

Abri o fecho do meu sutiã, na frente do corpo. Os olhos de Carson desceram até os meus seios. Um gemido baixo escapou da garganta dele. Carson afastou as alças dos meus ombros e deixou o sutiã cair no chão. Meus mamilos ficaram rígidos sob o olhar dele.

Carson continuou a fitar meu corpo e sussurrou:

– Você me deixa sem fôlego.

O sangue latejava com tanta força na minha parte mais íntima que achei que fosse gozar só com a intensidade do fluxo. Nunca me sentira tão excitada, nem quase cinco anos antes, com esse mesmo homem. Talvez fosse porque já se passara muito tempo, mas achei que a explicação mais plausível era de que agora ele era meu. Não havíamos conversado sobre isso, mas eu sabia que era. Ele era meu e eu era dele. Saber disso era um afrodisíaco poderoso.

Nós dois abaixamos a mão ao mesmo tempo para tirar a roupa de baixo que nos restava – a minha calcinha e a cueca dele –, sempre nos fitando. O pênis de Carson ficou livre e, ao vê-lo, senti a umidade quente entre as minhas pernas.

Fiquei parada, embevecida com o corpo poderoso dele. Estremeci, não de frio, mas de desejo. No entanto, Carson pegou uma toalha, envolveu o quadril estreito e me enrolou na outra. Ele me levantou no colo, e destrancou e abriu a porta dos fundos com apenas uma das mãos.

O frio intenso do ar e da neve nos atingiu. Passei os braços ao redor de Carson e enfiei o rosto na dobra do pescoço dele, gemendo ao sentir o aroma da pele contra o nariz, o cheiro único que eu reconheceria até o dia da minha morte. Se eu fosse colocada em um quarto escuro, com uma centena de outros homens, conseguiria localizar Carson pelo cheiro. Esse aroma era só dele.

Não consegui me controlar e provei a pele dele com a língua. Carson tinha um sabor um pouco salgado. Eu queria provar cada pedaço do corpo dele.

Ouvi um grunhido saindo da garganta dele e um leve tremor percorreu seu corpo enquanto ele caminhava até a banheira de hidromassagem, a alguns metros de distância.

Carson me colocou no chão perto da banheira e, enquanto eu entrava na água bem quente, ele colocou nossas toalhas sob um banco ao lado e apertou um botão para ligar os jatos d'água.

Afundi na banheira com um suspiro. Carson entrou também e se acomodou ao meu lado.

Fechei os olhos e gemi com a sensação deliciosa da água quente girando ao meu redor, me aquecendo por completo. Deixei todos os músculos do meu corpo relaxarem, todo o estresse e a tensão emocional irem embora. Depois de alguns minutos, eu me sentia tão quente que minha testa estava suada. O desejo que pulsara pelo meu corpo alguns minutos atrás ainda estava ali, mas recuara por um tempo.

Olhei para Carson, que sorria para mim.

– Senti falta disso – sussurrou ele.

– Do quê? – murmurei de volta.

– Da expressão de prazer em seu rosto – respondeu, com um sorriso suave.

Sorri também e fitei o rosto de Carson com atenção pela primeira vez desde que ele voltara para a minha vida. Os cílios longos e escuros sobre os olhos castanhos profundos, sempre observando, percebendo tudo ao redor, o nariz reto e os lábios carnudos que eu queria colados a algum lugar do meu

corpo o tempo todo. Estendi o dedo e tracei a linha forte do maxilar, a barba de um ou dois dias áspera sob o meu toque. Então, com o polegar, tracei a linha dos lábios, pouco antes de me inclinar e beijá-lo com carinho. Carson passou a mão pela minha nuca, me puxou mais para perto e aprofundou o beijo.

A neve caía devagar, o sol agora quase todo no céu, dando um brilho cálido à manhã tranquila.

Ficamos nos beijando lentamente por um longo tempo, nossas línguas se encontrando e duelando de forma gentil. Mas logo Carson deixou escapar um gemido profundo dentro da minha boca e enfiou a língua mais fundo, fazendo com que um calor voltasse a se instaurar no meio das minhas pernas. Ah, meu Deus, o sabor dele. Como eu vivera sem isso durante todos esses anos?

Pressionei os seios contra o peito dele e girei o corpo, de modo a ficar montada em cima de Carson, a ereção poderosa pressionando a minha barriga sob a água. Deslizei o corpo molhado contra o dele, me deliciando ao sentir minha pele escorregadia deslizando contra a dele.

Nossos beijos ficaram mais intensos e ousados até estarmos os dois ofegantes, ainda com as bocas coladas. Meu corpo estava relaxado, mas elétrico ao mesmo tempo, e eu me sentia desesperada de desejo outra vez.

Carson se afastou de repente, a respiração entrecortada, parecendo tenso.

– Grace, meu bem, precisamos ir mais devagar. Não vai demorar muito para eu...

– Vamos entrar – sussurrei, me afastando também.

Ele apenas assentiu, ficou de pé bem rápido, pegou as toalhas sob o banco e me entregou uma, enquanto eu também me levantava. Carson estendeu a mão para a lateral da banheira e desligou os jatos da hidromassagem. Eu não conseguia desviar os olhos do corpo dele, os músculos se flexionando sob a pele enquanto ele se movia. Carson era espetacular.

Passei a toalha pelo meu corpo, agora agradecendo os poucos segundos exposta ao ar frio. E logo segui Carson de volta ao chalé.

Quando entramos, ele trancou a porta dos fundos e me levou pelo corredor até um quarto pequeno.

Olhei ao redor do cômodo aconchegante, mobiliado com móveis pretos que pareciam antigos. A cama de baldaquim era grande, com quatro colunas e jogo de cama branco. Estava desarrumada, como se Carson tivesse se levantado pouco tempo antes.

Quando me virei para encará-lo, a felicidade e o desejo que encheram o meu corpo foram tão intensos que quase me senti drogada.

Carson se aproximou mais de mim e, enquanto eu fitava seu rosto, tirou a toalha em que eu me enrolara e esfregou-a de forma delicada em meus cabelos de novo, deixando-os apenas um pouco úmidos. Eu estava adorando a expressão no rosto dele, a intensidade tornando as feições duras, mas os olhos cheios de ternura. Tudo isso por mim. Sorri para ele.

– Nunca desista, gato – repeti o que dissera mais cedo.

Ele riu e, de repente, eu já estava andando de costas até chegar à cama, e ele estava em cima de mim.

– Nunca – disse Carson, e sua boca encontrou a minha.



Puxei o edredom para nos cobrir e pressionei o corpo contra a maciez de Grace enquanto nos beijávamos intensamente por longos minutos, sorvendo um ao outro. Eu estava perdido em Grace, perdido nos sons que ela deixava escapar enquanto eu a beijava com tudo o que havia dentro de mim. Minha Grace estava nua embaixo de mim. Era como se eu não tivesse acordado essa manhã, como se ainda estivesse sonhando.

Afastei meus lábios dos dela e fitei seu rosto, o olhar cheio de desejo, só para me convencer de que era mesmo ela, que ela realmente viera até mim, atravessando quilômetros de estrada e uma tempestade de neve, atravessando todos os anos e todos os motivos pelos quais qualquer um apostaria contra nós se soubesse da nossa história. Senti o coração apertado de emoção. Ela era tão linda... O cabelo longo, louro e sedoso espalhado sobre o meu travesseiro, o rosto ruborizado, os lábios inchados dos meus beijos, corados por roçarem no meu rosto não barbeado. Um senso de proteção intenso encheu meu peito e, enquanto me deleitava com a sensação, também aceitava a vulnerabilidade que ela trazia. Era assim que deveria ser... sempre. Voltei a me aproximar e beijei o pescoço de Grace enquanto ela arqueava a cabeça para trás no travesseiro e dizia meu nome em um suspiro. Minha nossa, como eu gostava de ouvir isso. Era o melhor som do planeta.

Eu estava duro como pedra, meu pau latejava contra o estômago de Grace, o fluido pré-ejaculatório quase transbordando dele. Fazia tantos anos... Eu não conseguiria me conter por muito tempo depois que a penetrasse. Esperava que Grace compreendesse – estava disposto a recompensá-la na segunda vez... e na terceira... e na quarta. Gemi contra a pele dela.

Capturei um dos mamilos de Grace com a boca e lambi e chupei até ela começar a girar os quadris contra mim. Grace estendeu a mão entre os nossos corpos, tentando me colocar dentro dela.

– Espere, Grace – sussurrei. – Eu também quero, mas...

Ela fez que não com a cabeça.

– Por favor, eu não me importo. Só quero você dentro de mim. Preciso disso. Por favor.

Assenti e voltei a beijá-la enquanto segurava meu pau e encostava a cabeça na entrada da vagina dela. Grace passou uma das pernas pelas minhas costas e eu mergulhei dentro do calor úmido e apertado.

Gemi alto com a sensação preciosa da carne dela ao meu redor, me segurando com força por dentro.

– Você é tão... Ah... Meu Deus...

Grace deu uma risadinha, os músculos internos me apertando com mais força com o movimento, e sorri contra a sua boca. Voltei a beijá-la, mordiscando seus lábios, querendo me conectar a ela de todas as formas possíveis de uma só vez.

Comecei a arremeter, meu corpo exigindo assumir o controle.

– Não consigo ir devagar – falei em uma voz engasgada.

Ela balançou a cabeça, movendo-a de um lado para outro no travesseiro.

– Não quero devagar.

Ao ouvir isso, voltei a me mover, me deleitando com a sensação, não apenas do prazer físico, mas da realidade de estar ligado a Grace da forma mais íntima possível.

Entrei e saí de dentro dela, que me abraçou com as pernas e inclinou a pélvis para cima, para que eu a penetrasse mais fundo. Meu corpo se movia por vontade própria, arremetendo, recuando, aproveitando o prazer que lhe fora negado por tanto tempo.

– Grace... – arquejei.

Eu me sentia embriagado e, ao mesmo tempo, mais vivo do que nunca, cada terminação nervosa do meu corpo cantando de prazer.

– Carson, Carson – sussurrou Grace, levando meu desejo às alturas.

Senti o formigamento começar na base da minha espinha, o orgasmo passando pelo meu abdômen, e me movi mais rápido para recebê-lo, a pele toda arrepiada com a intensidade do que sentia.

No momento em que atingir o clímax e meus movimentos se tornaram mais frenéticos dentro de Grace, ela gritou e eu senti sua vagina latejando enquanto eu gozava, derramando minha semente dentro dela, ainda bombeando. Enterrei o rosto no pescoço de Grace, gemendo ao mesmo tempo que inalava o aroma dela.

Fiquei imóvel por vários segundos, sentindo o tremor dos corpos se acalmar até enfim parar.

Fingi roncar contra o pescoço dela e Grace riu. Meu pau, ainda meio duro, deslizou um pouco para fora dela com o movimento.

Levantei a cabeça e olhei dentro dos olhos de Grace, que dançavam com o riso. Sorri para o rosto lindo, me inclinei para a frente e a beijei. Quando meus lábios encontraram os dela, algo me ocorreu e me afastei rapidamente.

Fechei os olhos por um instante, então voltei a abri-los e fiz uma careta.

– Não usei camisinha. Me desculpe. Nem tenho nenhuma aqui, de qualquer forma, mas, merda, eu nem...

Grace franziu o cenho, mas logo deu de ombros.

– Está tudo bem. Não é um momento perigoso do mês de qualquer forma. Minha menstruação acabou há uns dois dias. Acho que não corremos risco.

– Ok – falei, rolando para o lado e puxando-a para mim.

Fiquei em silêncio por um instante. Em todos os anos em que eu fizera sexo, menos nos filmes, usara preservativo. Pensando nisso, nesse momento, não consegui me importar por não termos usado agora. Eu sabia que deveria me importar, mas não consegui.

Após alguns minutos, senti a respiração de Grace mais lenta. Puxei o edredom até os nossos pescoços e sorri para o teto. Grace adormecera. Ela viajara quilômetros e quilômetros, de madrugada, passando por uma tempestade de neve durante o Natal para me encontrar. Eu não estava cabendo em mim de felicidade e gratidão. E de uma paz profunda, como eu não sentia havia muito tempo. Isso me acalmou, me relaxou e eu cedi, me permitindo cair em um sono tranquilo, com a minha flor nos braços.

capítulo 30

Grace

Acordei abrindo os olhos aos poucos e me aconcheguei ao calor que me cercava. Estava enterrada sob uma pilha de cobertas com o cheiro de Carson por toda parte. Suspirei de felicidade e prazer.

Não sabia por quanto tempo eu dormira, já que as persianas estavam fechadas e o quarto, escuro. Mas Carson não se encontrava ali.

Eu me sentei e vi uma bolsa de viagem perto do armário. Saí da cama, fui até ela e espiei lá dentro. O chalé estava frio, mas não gelado, e senti o cheiro de madeira queimando bem ao longe.

Havia uma camisa térmica de mangas compridas por cima da bolsa de Carson. Peguei-a e vesti-a. Procurei um pouco mais e encontrei uma cueca boxer. Sorri, vesti-a também e enrolei a cintura da cueca para que não caísse.

Fui até o banheiro, fiz xixi e escovei os dentes. Então saí e dei uma espiada no corredor. Não encontrei Carson em lugar nenhum.

Voltei ao cômodo principal, onde ficava a lareira, e o examinei com atenção dessa vez. A cozinha ficava logo atrás – aberta para a sala, mas separada por uma bancada que não me permitia vê-la por inteiro. A lareira estava acesa, e a mobília era confortável e rústica, com várias mantas jogadas nos braços do sofá e das poltronas laterais. Era uma sala em que dava vontade de se aconchegar por um tempo.

Todas as paredes tinham grandes janelas com vista para os pinheiros cobertos de neve que cercavam o chalé. A neve ainda caía de forma suave do lado de fora.

– Dormiu bem, flor? – indagou Carson, enquanto passava os braços ao meu redor, por trás.

Ele beijou a lateral do meu pescoço e inclinei a cabeça para facilitar o acesso.

– Hummm – suspirei. – Por que me chama assim? – perguntei.

Então sorri e inclinei ainda mais a cabeça, aproveitando a sensação dos lábios dele sobre a minha pele.

Houve uma breve pausa atrás de mim, os lábios de Carson imóveis agora. Eu me virei para encará-lo. Meu olhar era de curiosidade e o dele era carinhoso, me fitando pensativo.

– Quando eu era pequeno, gostava de brincar no quintal da minha avó colhendo botões-de-ouro. São umas florezinhas amarelas, sabe? Minha avó segurava uma flor embaixo do meu queixo e eu segurava uma embaixo do dela. Quando o amarelo das pétalas se refletia no nosso queixo, ela dizia que era porque gostávamos muito daquelas flores.

Ele deixou escapar o ar com um sorrisinho nos lábios. Minha respiração ficou presa na garganta e meu coração latejava em meus ouvidos, enquanto eu bebia cada palavra. Carson prosseguiu:

– Quando perguntei a ela como uma flor podia fazer a gente brilhar, minha avó explicou que, sempre que você gosta de alguma coisa ou entrega seu coração, o brilho desse sentimento se torna parte de você e o faz brilhar também. Na primeira vez em que a vi, Grace, você brilhou para mim. A princípio achei que não tinha gostado de você – ele riu baixinho, a expressão terna –, mas não consegui negar que você brilhava. Para mim, cintilava. E isso ainda acontece. Tantos anos se passaram, flor, e você ainda brilha.

Ri e soluzei ao mesmo tempo, os olhos marejados, enquanto o puxava para perto e beijava seus lábios. Ficamos parados ali por longos minutos, aconchegados, nos abraçando com força. Carson secou as lágrimas que escorreram pelo meu rosto.

– Obrigada – falei baixinho.

O que Carson me dera não viera embrulhado em papel cintilante, com um belo laço. Mas era um presente de qualquer forma... Carson me dera o próprio coração, me dera a verdade.

Depois de alguns minutos, quando eu já tinha me recomposto, me afastei e perguntei ainda em voz baixa:

– Que horas são, a propósito?

– Meio-dia ainda. Você conseguiu dormir por umas cinco horas mais ou menos.

Eu me virei em seus braços e olhei para fora, pelas janelas grandes, de novo.

– É tão lindo aqui... – sussurrei.

Carson assentiu.

– Eu sei. Amo este lugar. Um dia vou comprar alguma coisa por aqui. – Ele apoiou o queixo no meu ombro. – Vai deixar que eu a leve para fazer snowboard? Amanhã, talvez?

Eu podia sentir o sorriso dele contra o meu pescoço. Ri baixinho, me afastei, sentei no sofá e puxei uma manta sobre as pernas.

– Claro. Só espero não humilhar você... Ouvi dizer que você é razoável, mas...

– Ora, agora fiquei nervoso. Talvez eu proteja o meu orgulho e a mantenha na cama pelos próximos dias.

Ele se sentou ao meu lado e me puxou de modo que minha cabeça repousasse em seu peito.

– Hummm... você é bom nisso. Na verdade, não é má ideia.

Carson deu uma gargalhada e ficamos em silêncio por um instante, ele brincando de forma delicada com o meu cabelo enquanto eu observava a neve cair.

– Está com fome? Fiz café.

– Café me parece uma ótima ideia. E estou faminta.

– Ok. Ah, trouxe o carro de Dylan para cá enquanto você estava dormindo. Havia uma lata de gasolina na garagem. E trouxe sua mala para dentro.

Ele gesticulou com a cabeça na direção da minha mala, perto da porta, a mesma que eu ia levar para a casa do meu pai e que pegara rapidamente em casa antes de seguir para a estrada.

– Obrigada. Foi muita burrice da minha parte ficar sem gasolina. Eu costumo ser mais eficiente. – Fiz uma careta.

– Nada disso, sua mente estava concentrada em outras coisas – defendeu Carson.

Olhei para ele.

– É muito preocupada – abri um sorriso.

Carson me beijou com carinho e eu me afastei para ele se levantar. Observei o traseiro musculoso se

mexendo sob a calça jeans enquanto ele andava até a cozinha. A lembrança da sensação do traseiro dele sob as minhas mãos, os músculos se retesando com o movimento que ele fazia para entrar e sair de mim, me fez estremecer. Sim, talvez ficar na cama pelo resto da semana não fosse uma ideia tão ruim assim.

Carson voltou à sala dez minutos depois, com uma xícara de café e um prato com ovos mexidos e torrada.

– Eu me lembrei de como você gosta do café – disse ele –, mas não sei como gosta dos ovos. Espero que assim esteja bom.

– É assim que eu gosto – falei, com um sorriso. – Obrigada.

Então mergulhei na comida. Não comia desde a manhã anterior, quando pegara uma banana em casa antes de sair para o aeroporto com Alex. Meu Deus, parecia que uma vida inteira se passara. Era como se esta fosse outra completamente diferente.

Olhei para Carson sentado na outra extremidade do sofá, tomando café também.

Abaixei o prato e estendi a mão para ele. Carson pousou a xícara, se inclinou na minha direção e me puxou para junto do seu corpo, me aconchegando ao seu lado.

Enfiei o nariz no pescoço dele.

Senti uma alegria profunda me dominar, e a certeza de que tomara a decisão certa vibrava na minha alma.

– Em que está pensando? – sussurrou Carson, enfiando o nariz no meu cabelo.

– Hummm, em você, em mim, em nós. – Sorri.

– Gosto desse assunto – falou. – O que especificamente sobre nós?

– Estava só pensando em como isso parece certo. E em como lamento que eu tenha demorado tanto para perceber.

Carson deu uma risadinha.

– Você levou uma semana, Grace.

Sorri e beijei a curva do pescoço dele.

– Muito tempo.

Carson suspirou.

– Você tinha coisas a resolver. Era normal que ficasse assustada comigo. Eu meio que peguei pesado.

– Eu gosto quando você pega pesado – sussurrei.

– Sei disso, flor – disse ele, fazendo um gracejo.

Levantei a cabeça para encará-lo, uma sensação cálida me invadindo agora que sabia o significado do apelido.

– Só não se empolgue – avisei de brincadeira.

Carson riu.

– Imagine. Você é a verdadeira chefe aqui. Acha que não sei disso? – Ele me encarou com ternura. – Eu faria qualquer coisa por você, Grace. Até mataria um dragão – disse ele, baixinho.

Eu o encarei, encantada com a sinceridade nos olhos dele, a beleza de seu rosto, a ternura em sua expressão. Levantei o corpo e beijei os lábios macios, sugando o lábio inferior para dentro da minha boca e mordiscando-o.

Sorri e ele me puxou para o seu lado mais uma vez.

Depois de um instante, me recostei no sofá e me virei para ele, mordendo o lábio. Precisava lhe

perguntar uma coisa. Carson dissera o nome de uma mulher durante o sono essa manhã. Eu tinha acordado, mas logo voltara a dormir quando ele ficara em silêncio de novo. Não fiquei aborrecida, afinal, ele me confessara que não houvera ninguém depois de mim. Mas fiquei curiosa.

– O que foi? – perguntou ele, tranquilo.

– Carson – fiz uma pausa –, quem é Ara?



Carson

Fiquei paralisado e meu coração acelerou.

– Onde ouviu esse nome? – perguntei em um sussurro.

Grace se recostou um pouco mais no sofá e olhou para mim, o cenho franzido, os olhos azuis examinando meu rosto.

– Você disse. Falou esse nome dormindo hoje de manhã – explicou ela.

Fechei os olhos por um instante.

– Desculpe. Não é... Não é o que você talvez tenha pensado – falei, preocupado que Grace pudesse ter achado que eu estava sonhando com alguma mulher com quem tivesse me envolvido.

– Está tudo bem. Ficamos separados por muito tempo e...

– Não. Eu falei a verdade quando disse que não fiquei com mais ninguém. De forma nenhuma.

Ela me fitou e voltou a assentir. Então endireitou o corpo, mas ainda bem perto de mim, nossos corpos se tocando. Grace puxou a coberta para cima do meu colo também e dobrou as pernas sob o corpo.

Eu me recostei no sofá e passei a mão pelo meu cabelo curto.

Continuei em silêncio por um minuto, organizando os pensamentos enquanto ela esperava. Estava pronto para contar a Grace sobre isso. Se ficaríamos juntos dessa vez, então ela precisava saber. Isso fazia parte da minha vida.

– Ara era uma menina de 14 anos que foi estuprada e espancada pelo que chamamos no jargão militar de um alvo altamente valioso. Isso aconteceu no Afeganistão. Nossa missão era matar esse alvo. Nós a encontramos à beira da morte por causa dos ferimentos e ficamos com ela até o fim.

Grace levou a mão à boca, com uma expressão triste e chocada nos olhos. Ela afastou a mão e sussurrou:

– Nós?

Assenti.

– Sim, eu e o meu pelotão. Partimos para a missão e tivemos sucesso quase imediato. Mas, quando entramos no depósito onde o alvo estava se escondendo, encontramos coisas inesperadas, incluindo um cômodo cheio de meninas e mulheres nas condições mais deploráveis que você possa imaginar.

Fiquei em silêncio por um tempo, me lembrando da porta aberta, do fedor que nos atingiu quase imediatamente. Tínhamos recuado, horrorizados, e apontado a lanterna para dentro do cômodo... Olhos

arregalados e apavorados nos encararam de volta. Não havia água nem sequer um banheiro para elas. Eram mantidas ali como gado... pior do que gado. Imagino que o inferno seja como aquele quarto.

– Elas estavam sendo traficadas. Havia meninas de 6 anos naquele quartinho, fadadas a se tornarem brinquedos sexuais de algum desgraçado.

Os olhos de Grace estavam arregalados, e as lágrimas escorriam enquanto ela me encarava em silêncio.

– Uma das meninas, Ara, vira uma chance de escapar quando jogaram comida para elas. Os guardas a pegaram e a estupraram... de todas as formas que puderam. Eles a machucaram e a degradaram sem piedade.

Minha voz falhou e tentei engolir o bolo que parecia se formar na minha garganta sempre que eu pensava em Ara.

– Eles se revezavam com ela e a espancaram tão brutalmente que Ara mal estava consciente. É claro que só soubemos de tudo isso mais tarde, quando nosso intérprete conversou com algumas das outras mulheres presas.

As lágrimas continuavam a escorrer pelo rosto de Grace. Ela pegou a minha mão e segurou-a contra o coração enquanto eu continuava a falar:

– Depois que os matamos e encontramos Ara, nós a carregamos para o lado de fora e limpamos os ferimentos dela da melhor forma que conseguimos. Mas os danos internos eram muito graves... Ela precisava de um hospital, e não tínhamos como levá-la. Demos morfina a Ara e passamos a noite ao lado dela, nos revezando para segurar sua mão e contando histórias para ela... qualquer história de que conseguíssemos nos lembrar. Quando o sol começou a nascer, foi a minha vez de segurar a mão dela e contei a Ara sobre você, sobre como eu pensava em você todas as manhãs quando o sol se erguia no céu. E juro que ela sorriu para mim, Grace. Olhou bem dentro dos meus olhos e sorriu. Então Ara se foi.

Grace sufocou um soluço.

– Ah, meu Deus – sussurrou.

Fechei os olhos por um minuto, lembrando aquela manhã, como meu coração se partira quando olhei nos olhos de Ara, a garota que eu nem sequer conhecia, enquanto ela ia embora deste mundo.

– Como você lida com essa lembrança, Carson? Como conseguiu superar isso? – perguntou Grace, dando outro soluço.

Pensei a respeito. Pensei sobre como ninguém diz ao soldado, quando ele parte para lutar pelo seu país, que as coisas que vai ver podem se encravar em sua alma e mudar para sempre sua personalidade. Não dizem a ele que em um momento qualquer, a milhões de quilômetros de distância, tudo o que foi vivido de repente voltará a memória: onde estava, o que sentiu, o que viu... a mesma cena se repetindo várias vezes.

– Nunca vou conseguir esquecer. Nunca vou conseguir superar. E aceito isso. Ara viveu tudo isso. O mínimo que posso fazer é lembrar.

Grace me observou por um instante, então deu um sorriso triste e algo profundo e intenso cintilou em seus olhos. Ela pegou meu rosto entre as mãos e colou os lábios aos meus com delicadeza. Ficamos sentados juntos por um tempo, enquanto ela beijava minhas bochechas, minha testa, meu nariz, meus lábios mais uma vez, sempre de forma delicada. Então Grace pegou as minhas mãos e examinou as cicatrizes nas palmas. Beijou-as também e fechou os olhos com força.

Observei-a, meu coração batendo três vezes mais rápido, a emoção me invadindo, me preenchendo, me entristecendo e me dando paz.

Quando ela se afastou, perguntou:

– O que aconteceu com as outras garotas?

Suspirei.

– Elas eram de vilarejos pequenos e pobres em áreas próximas de lá. Os moradores nos ajudaram a localizar as respectivas famílias e devolvemos todas ao lugar a que pertenciam. A maior parte tinha sido atraída pelos bandidos com propostas de trabalho como domésticas ou coisa parecida em outra cidade. Esse costuma ser o *modus operandi* do tráfico de mulheres. Em alguns casos, as famílias chegam a vender as filhas para que as meninas passem a viver sob circunstâncias que acreditam que sejam melhores do que as que podem oferecer.

Grace assentiu e mordeu o lábio.

– E a família de Ara? – perguntou ela baixinho.

– Tivemos que partir antes que a família dela fosse localizada, mas os moradores achavam que sabiam onde eles estavam e prometeram levar o corpo até lá.

Grace encostou a cabeça no meu peito, passou os braços ao redor da minha cintura e me apertou com gentileza. Era muito bom conversar sobre isso com ela, e deixei que o conforto que Grace oferecia acalmasse meu coração. Os rapazes e eu tínhamos conversado a respeito depois, mas não foi a mesma coisa. Não foi o mesmo que ser envolvido pelos braços de Grace enquanto ela dividia a minha dor, compartilhando-a comigo. Não queria que ela sofresse, mas dividir minhas cicatrizes com outro ser humano era um alívio que nem eu mesmo soubera que precisava até que Grace me oferecesse.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, apenas nos abraçando. Por fim, falei baixinho:

– Grace, há mais para contar, e essa parte lhe diz respeito.

Ela levantou a cabeça, o cenho franzido.

– Ok – falou.

Fiz uma pausa.

– Quando ouvir o que estou prestes a falar, vou entender se você precisar de um tempo para pensar. Só peço a Deus que você não entre no carro de Dylan e volte para Vegas, mas, se quiser fazer isso, também vou entender.

– Carson, você está me assustando – sussurrou ela.

Respirei fundo.

– O plano inicial era entrar, matar o alvo, e sair de lá, mas, por causa daquela situação inesperada, acabamos nos atrasando para partir para o nosso ponto de encontro. Isso deu tempo para que os homens do tal alvo altamente valioso armassem uma emboscada para nós. Você já sabe que eu fui ferido, mas não sabe sob que circunstâncias. Leland foi ferido na mesma emboscada.

Grace assentiu, os olhos eram dois grandes poços de preocupação. Peguei a mão dela e apertei.

– Enfim, depois disso, fomos mandados de volta para nos recuperarmos. Leland foi dispensado, e deram a mim a opção de ficar ou sair. Quando Leland me ofereceu um emprego, decidi sair.

– Sim, você me contou tudo isso.

– Eu sei. Mas não contei qual é o meu verdadeiro trabalho.

Grace franziu as sobrancelhas.

– Você não é o chefe da segurança do Trilogy?

– Bem... sim e não. Esse é o meu emprego no horário comercial. No resto do tempo, eu planejo e executo operações com os meus amigos para resgatar mulheres que estão sendo traficadas para fins sexuais. Usamos o 45º andar do Trilogy para abrigá-las enquanto localizamos as famílias delas e conseguimos todos os documentos necessários para mandá-las de volta para casa.

– O quê? – arquejou ela, o rosto muito pálido.

Eu me virei mais na direção dela.

– Depois do que aconteceu com Ara, do que vimos naquele depósito, ficamos todos muito abalados. Conversamos a respeito e decidimos que precisávamos tomar uma atitude que fizesse a diferença, usando as habilidades que tínhamos. Leland tinha os meios e o local para oferecer empregos a todos nós que servissem como disfarce para a operação que tínhamos concordado em colocar em prática. Por causa do nosso treinamento militar, fomos capazes de recolher informações confidenciais e invadir lugares onde mulheres estavam sendo mantidas em cativeiro. Em Las Vegas, a maior parte delas vem de países da América Latina. Todos concordamos, entramos em ação e resgatamos seis grupos de mulheres nesses dois meses que estamos em Vegas. O último resgate foi na noite anterior à prisão de Josh.

Grace balançou a cabeça devagar.

– Ai, meu Deus, não sei nem... não sei nem o que dizer. Espere... isso tem algo a ver com a prisão de Josh?

Os olhos dela se arregalaram ainda mais.

– Sim, Josh caiu em uma armadilha, Grace. Há um homem em Vegas ganhando dinheiro com a venda de pessoas. No caso dele, mulheres e meninas. As mulheres que resgatamos são a mercadoria dele. O que aconteceu com Josh foi o modo que esse homem encontrou para avisar que não gostou do que tiramos dele.

Grace deixou o corpo cair para trás no sofá e levou a mão à testa.

– Ai, meu Deus.

capítulo 31

Grace

Acreditei em Carson sem pestanejar no instante em que ele falou. Meu coração estava se partindo e minha mente revirava todas as informações que ele tinha acabado de me dar. Meu mundo tinha virado de cabeça para baixo, mais uma vez, num espaço de meia hora. Como isso podia ter acontecido de novo? Fiquei sentada no sofá com a mão na testa, tentando me recompor o bastante para fazer mais perguntas. Mas consegui pensar em apenas uma:

– O que nós vamos fazer?

Olhei para Carson e ele ficou imóvel por alguns instantes antes de abrir um dos maiores sorrisos que eu já vira. Fiquei um pouco chocada.

– Por que está sorrindo? – perguntei, sinceramente confusa.

– Você disse “nós” – falou ele, ainda sorrindo.

Eu o encarei, ainda confusa.

– Sim, eu disse “nós” – confirmei.

– Simples assim? – questionou ele, o sorriso se apagando e uma expressão de vulnerabilidade dominando seu rosto.

Apertei os lábios e fitei-o por um instante.

– Entendo por que não me contou isso antes... antes de eu dizer que queria ficar com você. Mas... achou que eu não acreditaria quando me contasse? – Inclinei a cabeça, esperando a resposta.

Carson franziu o cenho.

– Não. Não achei que duvidaria da história, só não sabia se você iria querer fazer parte dela.

Suspirei e deixei escapar uma risadinha sem humor.

– Não sei bem se quero. – Fiz uma pausa. – Mas a questão é que... essa situação vem com você. É o que você faz. E, Carson, não sei se alguém mencionou isso ultimamente, mas você é um herói.

– Não, flor. Não sou um herói – falou, e deu uma risada.

– *Sim*, Carson, você é. Trabalhei em casos, muitos casos, na verdade, envolvendo mulheres que haviam sofrido vários tipos de violência sexual. Vi a expressão nos olhos delas. Vi a devastação. *Sim*, você é um herói. Então, mais uma vez, o que nós vamos fazer?

Ele me encarou, os olhos cálidos e cheios de ternura.

– Dylan está trabalhando nisso. Ele está tentando localizar o responsável pela armadilha para Joshua. O nome do homem é Gabriel Bakos. O problema é que ele está cada hora em um lugar, é difícil rastreá-lo. Se conseguirmos encontrá-lo, poderemos ir atrás dele e *obrigá-lo a falar*.

Carson bufou, frustrado.

– Isso parece perigoso.

– É da vida de um homem que estamos falando. A vida do meu amigo. Um homem que não apenas não matou aquela mulher, como salvou centenas de outras.

Suspirei e fechei os olhos por um instante.

– Eu sei. Ok, o que mais? Me conte tudo.

– Temos Dylan trabalhando nisso, então. Nesse momento, só precisamos esperar. É uma espera frustrante...

Fiquei encarando-o por um tempo, pensando.

– Posso adiar o andamento do processo para lhe dar mais tempo – sugeri.

Os olhos dele encontraram rapidamente os meus.

– Ajudaria – falou Carson. – Eu nunca pediria isso se não tivesse certeza...

– Eu sei. Ninguém me questionaria. Isso acontece o tempo todo na promotoria.

– Não prejudicaria a sua carreira? A sua reputação? – perguntou Carson.

– Não. Não se eu tiver um motivo.

Ele assentiu.

Respirei fundo e voltei a me sentar, tentando resolver o quebra-cabeça usando todas as evidências que eu achava que tinha contra *um homem inocente*. Merda! Merda! Merda!

– Vocês não podem procurar a polícia? – perguntei. – Quer dizer, com certeza eles poderiam recolher provas... em algum lugar. Ou interrogar esse Bakos... Fazer *alguma coisa*! – Franzi o cenho, pensando nas minhas próprias palavras.

– Não. Antes de mais nada, se contarmos nossa história à polícia e dissermos a eles o que estamos fazendo, todos poderemos ser presos e, então, Josh estaria mesmo ferrado. Além do mais, a polícia tem restrições em relação a mandados de busca e outras burocracias. Nós temos uma tecnologia de ponta que a polícia *não tem* e, mesmo assim, estamos com dificuldade para rastrear Bakos. Mesmo se conseguirmos achá-lo e passarmos sua localização para a polícia, quando eles chegarem lá, o cara já vai ter desaparecido, assim como todas as evidências. Precisamos encontrá-lo primeiro. Não podemos trabalhar sob as restrições da lei se quisermos ter sucesso.

Mordi o lábio por um instante, pensando nas palavras de Carson. Eu sabia melhor do que a maioria das pessoas como funcionava o sistema legal e, infelizmente, ele tinha razão. Grupos paramilitares, mesmo os que faziam um bom trabalho, não podiam ser encorajados pela polícia.

– Já tentei pensar em uma solução milhares de vezes – comentou Carson – mas não consegui. Vamos ter que esperar.

Suspirei, nada surpresa por ele ter lido a minha mente.

– Mas como vamos conseguir fazer isso? Como você não está andando de um lado para outro nesse momento? – gemi.

– Se eu fizer isso, vou enlouquecer. Preciso ter fé e acreditar que, com todos nós trabalhando juntos, vamos resolver a situação. Não posso nem considerar a alternativa. Até haver razão para eu ser pessimista, estou escolhendo o otimismo.

Bufei e curvei os ombros, ainda em dúvida se eu conseguiria fazer o mesmo.

– Vá tomar um banho, flor. Depois, vamos dar um pulo no mercado. Comprei só o básico ontem.

Suspirei, mas levantei, com a intenção de fazer o que ele sugerira. Já estava no meio da sala quando

me virei e voltei até onde Carson se encontrava. Eu me sentei na frente dele e, quando ele se virou para me encarar, sussurrei:

– Durante todos esses anos, eu sabia, *sabia*, quem você era. Obrigada por provar que eu estava certa. Então me levantei e fui para o chuveiro.



Carson

Sentei no sofá e ouvi a água começar a correr. Não consegui evitar abrir um sorriso. A minha flor era muito incrível... Eu tinha mesmo duvidado disso? Não. Por esse motivo que eu quisera tanto tê-la de volta, tanto que chegava a doer.

Grace parecera chocada com a minha história, mas já se juntara ao nosso grupo antes mesmo que eu terminasse de contar. E ela sentia orgulho de mim. Vi esse orgulho brilhando em seus olhos e isso me desarmou. Eu mudara a minha vida por *mim*, mas ela que tinha sido o catalisador, e eu jamais negaria isso. Portanto, o fato de ela ter orgulho significava muito.

Levei os pratos para a cozinha, botei-os no lava-louça, coloquei um pouco mais de lenha na lareira e me sentei de novo no sofá. Quando Grace voltou do banheiro, vestida para sair, o cabelo solto, estava me sentindo relaxado e feliz de mais. Agora não havia mais segredos entre nós. Éramos um time. Ela estava comigo, e eu, apesar da situação em que me encontrava, sentia uma serenidade profunda dentro de mim. Uma sensação que eu não conseguia identificar direito me invadiu, como se, de alguma forma, a última peça de um quebra-cabeça tivesse se encaixado.

Ela foi até mim, se sentou no meu colo e passou os braços ao meu redor. Ficamos apenas abraçados assim por um longo tempo, enquanto eu inspirava seu aroma de banho recém-tomado.

Grace se afastou um pouco e me olhou com o cenho franzido.

– Grace – falei –, você precisa tentar tirar tudo isso da cabeça por uns dias enquanto estivermos aqui. Sei que acabei de despejar um monte de informações em cima de você. Mas, estou dizendo, vai acabar enlouquecendo se ficar revirando essa história na cabeça sem poder fazer nada. Acredite em mim, já analisamos a situação por todos os ângulos e temos mais informações do que você sobre os participantes desse jogo.

Ela olhou para além do meu ombro e mordeu o lábio. Por fim, respirou fundo e sussurrou:

– Vou tentar.

Eu a fitei.

– Ok. Ah, saí enquanto você estava dormindo e consegui algo para você.

– O quê? – perguntou Grace, franzindo o cenho.

Levantei e peguei uma bolsa de compras perto da porta.

– Procurei a sua bota perdida essa manhã, mas não a encontrei em lugar nenhum. Nevou tanto que estava tudo completamente coberto. Por isso, comprei botas novas e um casaco impermeável, além de luvas e um gorro. Tenho certeza de que o meu senso estético não é dos melhores, mas vai servir para manter você agasalhada.

Então estendi a bolsa para ela.

Grace pegou, investigou o conteúdo por um tempo e tirou tudo da sacola.

– Nada mau, na verdade – falou, sorrindo.

– Ótimo. Vista tudo e vamos sair. Chequei o número da sua bota, por isso acho que deve servir.

Ela calçou as botas de neve pretas com uma espécie de penugem aparecendo no topo, vestiu o casaco cinza e preto e sorriu para mim.

– Perfeito – disse Grace.

– Experimente as luvas e o gorro também. Quero ver o visual completo de coelhinha da neve.

Grace ergueu a sobrancelha para mim, mas fez o que eu pedi. Meu Deus, como ela estava fofa... Não consegui evitar um sorriso.

Ela revirou os olhos, mas me deu a mão e saímos.

Antes que eu conseguisse trancar o chalé, a expressão preocupada estava de volta ao rosto de Grace e ela mordia o lábio. Enquanto caminhava um pouco à minha frente, em direção à caminhonete, falou:

– Carson, e quanto à pedra com que a garota foi...

Fiz uma bola de neve e acertei-a bem na nuca de Grace. Ela ficou imóvel, interrompendo-se, e se virou na minha direção com uma expressão incrédula no rosto.

– Você jogou uma bola de neve na minha *cabeça*? – perguntou.

– Sim, joguei – respondi, fingindo uma expressão entediada.

– Entendo... – falou ela, abaixando-se, pegando um pouco de neve e começando a formar uma bola.

Eu ri.

– Ah, flor, você está pior do que eu pensava se acha que vai conseguir...

Nesse exato momento, a bola de neve de Grace acertou o meu rosto. Ela dobrou o corpo, às gargalhadas.

Fechei os olhos, limpei a neve do rosto e comecei a caminhar na direção dela.

– Agora já era. O jogo começou – falei.

Grace deu um gritinho e correu o mais rápido que as botas de neve grandes e desajeitadas permitiram, o que, na verdade, não era nada rápido. Ri e fiquei só olhando, dando-lhe um pouco de vantagem. Era o mínimo que eu poderia fazer.

Grace se escondeu atrás das árvores, eu dei a volta e fui para trás dela. Observei-a por alguns minutos enquanto ela espiava e logo voltava a trabalhar em seu “estoque”. Logo havia umas vinte bolas de neve perto dos joelhos dela.

Tirei o casaco com muito cuidado para não fazer barulho, coloquei-o no chão e enchi-o com o máximo de neve que consegui. Então levantei-o, segui pela parte de trás das árvores e fui chegando cada vez mais perto. Grace não ouviu nada.

Cheguei perto o bastante dela, enquanto ela fazia outra bola, o som das luvas trabalhando na neve se sobrepondo a qualquer barulho que eu fizesse. Então, levantei o meu casaco cheio e virei a pilha de neve sobre sua cabeça.

Grace gritou e se virou, sacudindo a neve. Derrubei-a com delicadeza e rolei-a enquanto ela ria e dava gritinhos.

– Quem é o Mestre da Batalha na Neve? – perguntei, pressionando o corpo com força por cima dela.

Grace riu ainda mais, tentando se desvencilhar de mim.

– Quem, Grace? Diga: “Você é o Mestre da Batalha na Neve, Carson. O Campeão Peso-Pesado da Tundra Congelada! Imbatível agora e para sempre.”

– Ok! Ok! Você é, Carson, o Campeão de Batalha na... que seja! O que você disse! Você é o Mestre.

– Eu sei – falei.

Grace riu. Sorri também, beijei os lábios dela, me levantei de um pulo e ajudei-a a ficar de pé.

Segurei-a nos braços, meu sorriso desaparecendo enquanto eu examinava o rosto de Grace.

– Sei que é impossível parar de pensar no que está acontecendo com Josh, e isso é bom, porque uma ideia aparentemente irrelevante pode ser a solução do nosso problema. Mas, nesse momento, vamos curtir o fato de estarmos juntos, ok? Tudo o que pode ser feito está sendo feito, então vamos tentar não enlouquecer. Quero que relaxe e confie no que estou dizendo, está bem?

Ela me fitou e, depois de alguns segundos, assentiu:

– Está bem – disse ela.

– Está bem – repeti.

Sacudi o casaco e tornei a vesti-lo, apenas a parte externa estava um pouco úmida. Limpei a neve do casaco de Grace e fomos em direção à minha caminhonete. Alguns minutos mais tarde, seguíamos para a cidade.

Peguei o celular no caminho e mandei uma mensagem para os rapazes. Escrevi que avisaria sempre que tivesse sinal, assim eles saberiam que conseguiriam me ligar caso precisassem.

Fomos até o supermercado e, quando saímos do carro e começamos a caminhar, olhei feliz para Grace. Lembrei-me do dia anterior, quando eu passara rapidamente nesse supermercado para comprar uns poucos itens que me sustentassem por alguns dias. Que diferença fazia um dia... Eu ainda achava surreal Grace estar ali comigo.

– O que foi? – perguntou ela.

– Nada, é só você – falei, pegando a mão dela. – Você me faz feliz.

Ela soltou a minha mão, passou o braço pela minha cintura e me apertou.

Meia hora mais tarde, nosso carrinho de compras estava cheio com tudo de que precisaríamos pelos próximos dias. O Natal seria dali a dois dias, por isso Grace insistira para que comprássemos um pernil e vários acompanhamentos, além de ingredientes para uma sobremesa que era tradicional na família dela.

Enquanto Grace lia o rótulo de uma lata qualquer, falei:

– Grace, sua família...

Eu me interrompi, sem saber muito bem como perguntar se não haviam ficado aborrecidos por ela não passar o Natal com eles para ficar comigo, alguém que eles nem conheciam, e de quem talvez nunca tenham ouvido falar.

Ela se virou para mim, a sobrancelha um pouco erguida.

– Minhas irmãs estão eufóricas, Carson. Elas perceberam que Alex não era o homem certo para mim desde a primeira vez que o encontraram. Meu pai... Bem, com ele é outra história. Mas minhas irmãs têm cartas na manga para lidar com ele. Vai ficar tudo bem.

Grace parecia confiante e, já que para ela não havia problema, para mim também não haveria.

Fomos até o balcão dos frios e pedimos várias coisas. Fiquei esperando ser servido enquanto Grace se afastava alguns passos para olhar outro produto em uma prateleira próxima.

Olhei para duas moças que pareciam ter uns 20 anos e davam risinhos e sorriam para mim. Dei um

sorriso educado para elas e voltei a olhar para a frente, enquanto ouvia uma delas sussurrar para a amiga:

– Como ele é gostoso!

Grace se aproximou de mim e vi quando ela olhou rapidamente para as garotas – com certeza ouvira o que elas disseram –, antes de passar os braços pelo meu pescoço e me dar um beijo na boca.

Abracei Grace achando graça.

– O que foi? – perguntou Grace.

– Gosto quando você marca território assim, meu bem – sussurrei, brincando. – Mas, só para você saber, você já tinha feito isso há muito tempo.

Ela me deu um sorriso trêmulo.

– Não era isso que eu estava... – Ela inclinou a cabeça para o lado, como se estivesse reconsiderando, e sorriu. – Ok, era, sim!

Eu ri, peguei-a no colo e beijei-a com vontade.

Colocamos nossas compras no carrinho alguns minutos depois e seguimos até a pequena farmácia nos fundos do supermercado.

Fomos até a prateleira de preservativos, e Grace olhou ao redor antes de pegar um pacote de camisinhas e colocá-lo no carrinho, embaixo de outros itens.

Não consegui conter uma gargalhada. Ela se virou para mim com um olhar severo e começou a empurrar o carrinho.

– Vamos embora logo – sussurrou.

– Grace – falei baixinho –, não estamos roubando nada. Só estamos comprando camisinha, como adultos responsáveis.

Ela parou, balançou um pouco a cabeça e veio até mim, com uma expressão marota.

– Sou uma tonta mesmo, não é? – perguntou. – Consigo falar na frente de um tribunal cheio de gente, mas a ideia de comprar camisinha me deixa nervosa como uma menina de 16 anos. – Ela riu.

Baixei o olhar para fitá-la, sentindo um calor aquecer meu peito.

– Não, você não é tonta. É linda e incrível. Vamos voltar.

– Ok – falou Grace, baixinho.

Então pagamos as compras e voltamos para o chalé. A neve ainda caía devagar, deixando tudo em estado de quietude, como se estivéssemos em um mundo só nosso.

capítulo 32

Grace

Levamos as compras para dentro do chalé e começamos a arrumar tudo. Separei os ingredientes para fazer queijo-quente e uma sopa de tomate. Seria um almoço tardio depois que tudo estivesse no lugar.

Quando estava dobrando o último saco de papel, Carson veio por trás de mim, passou os braços ao meu redor e sussurrou no meu ouvido:

– Adoro a forma como você cantarola quando arruma as compras.

Eu ri.

– Eu faço isso? Nunca percebi – falei, me virando para ele.

– Aham. Mal posso esperar para descobrir cada pequeno detalhe sobre você – disse Carson, fitando meus olhos.

– Mesmo as coisas ruins? – sussurrei, encarando-o.

Ele assentiu.

– Sim, mesmo as coisas que você *acha* que são ruins – respondeu ele, muito sério.

Carson levou os lábios aos meus em um beijo carinhoso que logo ficou ardente, enquanto ele roçava a língua contra a minha. Deixei escapar um gemido. Adorava o sabor de Carson, adorava a forma como ele beijava, como se movia. Carson acendia cada um dos meus sentidos, e fazer sexo com ele era delicioso. Eu achava que jamais me saciaria.

Quando me lembrava de tudo o que ele contara naquela tarde, meu coração se apertava. Eu ainda nem tivera tempo para organizar meus pensamentos e sentimentos. Estava preocupada com o caso, mas confiava no que ele dissera, que tudo que poderia ser feito no momento de fato estava sendo feito. Teria que confiar nisso se não quisesse morrer de preocupação.

Mal conseguia imaginar o horror por que Josh Garner estava passando. Meu Deus, o caso dele parecia ter uma solução tão óbvia.... E a armadilha em que caíra fora montada por alguém muito mau que não apenas vendia seres humanos, como também não se abalava em matar uma jovem inocente para arruinar a vida de um homem. Eu sentia medo e asco só de pensar no “negócio” desse cara.

Mas Carson, meu bravo Carson... Meu coração se encheu de orgulho quando pensei no homem que ele se tornara, em como arriscara a própria segurança por outras pessoas.

Pressionei o corpo contra o dele, e um gemido de satisfação masculino vibrou dentro da minha boca.

As mãos dele soltaram a faixa do suéter que me apertava na cintura e eu ri, ainda beijando-o, quando as mesmas mãos começaram a passear sob a minha roupa.

– O que foi? – murmurou Carson contra a minha boca, sorrindo e mordiscando meus lábios.

– Nada. Você é muito talentoso.

Ele fez que não com a cabeça e roçou os lábios nos meus.

– Não, apenas determinado.

Ri baixinho, mas o riso logo desapareceu quando as mãos dele chegaram aos meus seios e seus dedos começaram a roçar meus mamilos por cima do sutiã de algodão.

– Ahhh... – gemi, me afastando dos lábios dele e jogando a cabeça para trás.

Carson pressionou a boca na curva do meu pescoço, enquanto seus polegares acariciavam meus mamilos rígidos lenta e preguiçosamente. Arquejei, sentindo uma descarga elétrica atingir o meio das minhas pernas e o sangue pulsar com força na região.

Levei a mão à frente da calça jeans dele e acariciei o volume rígido. Ele gemeu e pressionou o corpo contra a minha mão. Levantei a cabeça e fitei os olhos ardentes de Carson, seus lábios entreabertos. Fiquei ainda mais excitada ao ver a expressão voraz naquele rosto bonito.

Ele se aproximou da minha orelha enquanto girava os quadris contra a minha mão.

– Quero tanto você, flor – disse, a voz grossa e um pouco tensa. – Nunca deixei de desejar você.

Gemi. Gostava disso. Gostava muito.

– Nem eu – foi tudo o que consegui dizer.

– Diga que é minha – sussurrou ele.

– Sou sua. Sempre fui sua – murmurei de volta.

Carson afastou uma das mãos do meu peito e levou-a ao botão da minha calça jeans, afastando-se um pouco. Ele abriu o zíper e abaixou minha calcinha pelo quadril, enquanto eu o observava se ajoelhar à minha frente.

Prendi a respiração quando ele colou o rosto à renda branca da minha calcinha e inspirou fundo. Deixei escapar um gemido. O tecido já estava úmido.

Ele enfiou os polegares na lateral da calcinha e abaixou-a devagar pelo quadril, deixando-a cair no chão e levantando os olhos para mim. Saí de dentro do jeans e da calcinha de renda.

Por um minuto, Carson ficou imóvel, o rosto apoiado contra a minha barriga, as mãos segurando a parte de trás das minhas coxas. Corri os dedos pelos cabelos curtos e macios e abaixei os olhos para ele. Carson estava de olhos fechados e senti vontade de lhe perguntar em que estava pensando, mas, antes que eu pudesse falar, vi nosso reflexo no espelho acima da lareira, na sala aberta. Quando me concentrei nessa imagem, eu de pé, sem calcinha, e Carson ajoelhado diante de mim, a cabeça dele se movendo devagar agora para o meio das minhas pernas, perdi completamente a concentração e só gemi.

Carson abriu as minhas pernas e dei um gritinho quando senti a língua dele dentro de mim.

– Ah, meu Deus – sussurrou ele –, o seu sabor... é como uma droga.

Então ele lambeu meu clitóris e gritei outra vez de puro prazer. Pressionei com delicadeza a cabeça dele contra mim, estimulando-o a continuar. Se Carson parasse agora, eu tinha certeza de que morreria.

A língua dele começou a fazer movimentos lentos e circulares no pequeno ponto de nervos já inchado de desejo. Eu me apoiei na bancada atrás de mim e pressionei o corpo com mais firmeza contra o rosto dele, procurando prazer de forma desavergonhada.

– Ah, Carson... – sussurrei, quando ele segurou minhas coxas com mais força e me puxou ainda mais contra o próprio rosto.

O prazer era cada vez maior enquanto eu acompanhava a cena pelo espelho diante de mim com as pálpebras semicerradas. A combinação dos vários sentidos era tão avassaladora que, quando cheguei ao

orgasmo, foi rápido e intenso. E gritei o nome de Carson enquanto pressionava mais o sexo contra a boca dele.

Carson se levantou, despiu rapidamente o jeans e, antes que eu conseguisse formar um pensamento coerente, me apoiou sobre a bancada da cozinha, deixando meu corpo bem na beirada. Ele pegou uma camisinha no balcão, abriu-a e desenrolou-a. Então me penetrou, me preenchendo por inteiro.

Apoiei as mãos na bancada atrás de mim enquanto Carson começava a arremeter sem piedade. Ele segurou meu rosto entre as mãos e me beijou, enfiando a língua na minha boca no ritmo das estocadas.

Quando Carson se afastou e afundou o rosto no meu pescoço, olhei mais uma vez para o espelho atrás de nós, prestando atenção agora na bela visão do traseiro musculoso de Carson se contraindo, enquanto ele entrava e saía de dentro de mim. Foi uma cena carnal linda, e não consegui parar de olhar.

A respiração de Carson agora estava entrecortada, e ele começou a arquejar no meu pescoço, gemendo quando atingiu o orgasmo.

Carson girou o quadril devagar, aproveitando o próprio prazer e, quando levantou a cabeça, havia um sorriso preguiçoso em seu rosto. *Tão lindo...*

Ele me beijou de novo, um beijo profundo e terno, então saiu de dentro de mim e me colocou no chão. Carson pegou a minha mão e me levou para o banheiro. Lá, amarrou a ponta da camisinha e jogou-a no lixo. Então, molhou uma toalha na pia e passou-a entre as minhas pernas, me limpando com gentileza e me beijando mais uma vez.

Quinze minutos mais tarde, estávamos vestidos, tomando sopa e comendo sanduíches na cozinha.

Conversamos por um longo tempo depois da refeição, sentados ali, de mãos dadas. Não falamos mais sobre a operação em andamento nem sobre o caso de Josh. Era como se houvesse um acordo entre nós de que esses assuntos poderiam esperar por enquanto, pois também era importante que voltássemos a nos conhecer. Só por essa noite, precisávamos nos concentrar em nós mesmos, *apenas em nós*. Então rimos e conversamos sobre o que acontecera nas nossas vidas no período em que havíamos ficado separados.

Esse “reconhecimento” parecia necessário para o que aconteceria depois. Eu não sabia exatamente por quê, mas tinha certeza disso.

Depois de um tempo, passamos para o sofá da sala, nos aconchegamos sob uma manta e assistimos a *Zoolander* em um dos canais de filmes, nos divertindo e nos abraçando.



Carson

Preparamos o jantar juntos, conversando e aproveitando a companhia um do outro. Eu não me sentia feliz assim desde... Na verdade, *nunca* me sentira feliz assim. Sabia que havia muito estresse esperando por nós em Las Vegas. Se tivesse qualquer coisa, por menor que fosse, que eu pudesse fazer agora por Josh, eu faria. Mas não havia nada, então, por enquanto, estava me embecendo de Grace. Adorei botar o papo em dia com ela e permiti que a sensação de que éramos *certos* juntos se assentasse na minha alma. Eu não estivera errado quando achara que ter Grace comigo me tornaria mais forte, tanto para Josh quanto para

todo o resto. Tê-la comigo era como ter a energia vital voltando a correr nas minhas veias, me dando ânimo e propósito.

Abri uma garrafa de vinho e bebemos enquanto cozinávamos, achando graça de tudo e nos acariciando. Não conseguia manter as mãos afastadas dela e parecia que Grace se sentia da mesma forma. Talvez estivéssemos compensando o tempo perdido, ou talvez eu só precisasse continuar lembrando a mim mesmo que ela estava ali comigo. Tocá-la me dava conforto, me ancorava ao presente.

Depois do jantar, Grace pegou uma frigideira e pediu que eu me sentasse na sala enquanto ela preparava uma sobremesa rápida. Bebi o vinho enquanto ela reunia alguns ingredientes e cortava algumas bananas. Poucos minutos depois, quando Grace trouxe a sobremesa pronta e vi o que era, sorri.

– Bananas Foster – falei. – Minha avó costumava preparar para mim.

– Eu sei – assentiu, um sorriso carinhoso no rosto.

Franzi o cenho, reparando na expressão doce dela, me lembrando de quando eu lhe contara sobre isso no elevador tantos anos antes.

– Você se lembrou disso durante todo esse tempo? – perguntei.

Grace assentiu de novo.

– Eu me lembro de cada momento daquele fim de semana – falou baixinho, me olhando por entre os cílios longos.

Senti o coração apertado no peito, me debrucei na direção dela, tomei seu rosto entre as mãos e beijei-a.

– Obrigado – disse.

Depois da sobremesa fomos para a banheira de hidromassagem, e Grace subiu de novo em cima de mim. A combinação de vinho com Grace nua me deixou embriagado de várias formas.

Caímos na cama em uma confusão molhada de membros. Grace subiu em mim mais uma vez e me perdi nela, que me cavalgou, a cabeça jogada para trás, os seios no meu rosto, enquanto eu os chupava e lambia. Os gemidos dela me deixavam fora de mim. Penetrei no calor apertado dela e gozei com uma intensidade assustadora.

Depois de me livrar da camisinha, que de algum modo eu me lembrara de colocar, puxei o corpo de Grace contra o meu e senti o sorriso dela contra o meu peito, o nariz colado à minha pele. Percebi que a respiração de Grace tinha ficado mais lenta e também me deixei resvalar para o mundo dos sonhos.



– Carson, acorde, meu bem, você está sonhando – ouvi sussurrarem.

Sentei rapidamente na cama.

– O que houve? – perguntei arfando, olhando ao redor enquanto tentava me orientar.

– Você estava sonhando – repetiu Grace, fazendo com que eu voltasse a deitar.

Afundei na cama e passei a mão pelo cabelo úmido. Fora aquele sonho mais uma vez.

– O que aconteceu no sonho? – sussurrou Grace, aconchegando-se ao meu lado e pousando o rosto sobre o meu peito.

Suspirei.

– Minha mãe... e depois Ara. Tenho sonhado bastante com isso ultimamente. Não sei bem por quê.

– Me conte – pediu ela, pressionando os lábios contra o meu peito e depois apoiando o queixo nas mãos.

Mal conseguia vê-la no breu, os olhos que eu sabia serem azul-claros sob a luz do sol eram profundezas insondáveis no quarto escuro.

Mas senti o calor do corpo dela e seu aroma único, percebi a preocupação em sua voz, e isso me confortou, me fez querer compartilhar a dor que se abatia sobre mim na escuridão da noite.

Contei a Grace sobre o sonho, sobre me esgueirar para fora do quarto nos fundos e observar a “performance” da minha mãe. E como de repente ela se transformava em Ara.

Grace beijou meu peito de novo, respirou fundo contra a minha pele e se aconchegou outra vez, apertando meu corpo.

– Foram duas situações traumáticas para você, amor – falou baixinho.

– Eu sei – respondi.

E de fato sabia que ela estava certa. Sabia que essa era a razão pela qual eu combinava as duas cenas na minha mente.

Ficamos em silêncio por um instante. Apenas o fato de contar a Grace sobre o meu sonho e tê-la me confortando me deu a sensação de que um peso fora tirado do meu coração. Deixei que o sentimento me envolvesse, me trazendo paz e satisfação.

– Essa é parte da razão pela qual eu não fiquei com ninguém desde que estivemos juntos – falei baixinho.

Ela levantou a cabeça.

– Como assim? – perguntou.

Fiz uma pausa antes de explicar.

– Depois daquele fim de semana, voltei para casa e passei a enxergar tudo de uma forma diferente. Nunca tinha visto o sexo como algo que não fosse apenas físico, mas também emocional. Essa percepção mudou tudo para mim.

Grace me abraçou com carinho. Percebi que estava esperando que eu continuasse. Então prossegui:

– Eu sentia um forte instinto protetor em relação à minha mãe, mas não podia fazer nada. Nunca consegui entender por que ela se colocava naquelas situações. Mas quando minha mãe chegava em casa, estava... *arrasada*. Toda maldita vez. Ela fazia o que fazia às custas da própria alma. Não estou dizendo que isso acontece com todo mundo. Mas com ela acontecia. Eu percebia e não podia fazer nada. E *doía*. Como eu era bem novo, não compreendia. Mais tarde, talvez eu tenha passado a trabalhar no mesmo ramo como um modo de ter controle sobre algo que me deixava impotente no passado. Na época, disse a mim mesmo que não tinha problema, que fazia aquilo porque era uma forma fácil de ganhar dinheiro. Mas, no fundo, acho que eu sabia que estava me enganando. Não sei. Pensei muito no assunto, e não sou psicólogo, mas sentia que era algo que merecia ser analisado.

Suspirei e organizei melhor os pensamentos antes de continuar:

– De qualquer forma, depois de você, não consegui mais mentir para mim mesmo a esse respeito. E percebi que não queria mais voltar a ser como eu era. Os casos com mulheres de quem eu não sabia nem o nome, as transas de uma noite. Não foi uma escolha, só não foi mais possível.

Fiquei em silêncio por um instante, me lembrando da primeira vez que tivera certeza disso. Na noite em que tinha ido atrás de Grace em Washington e a visto com aquele cara que achei ser o namorado dela,

fui para um bar e uma mulher começou a me paquerar. Teria sido muito fácil sair dali com ela. Mas eu não estava interessado. Mesmo no estado emocional fatídico em que eu me encontrava, simplesmente não me interessei... não como sexo casual. – Deixei a sensação horrível daquela noite ir embora. Grace estava nos meus braços agora.

– E, bom, depois embarquei em uma missão e passei uns dois anos em grutas no deserto... – Dei uma risadinha.

Grace sorriu contra a minha pele e esfregou o nariz em mim. Ela me beijou de novo, mostrando apoio sem precisar dizer uma palavra.

– Então, o que aconteceu com Ara... de certa forma, trouxe esses sentimentos de volta. É tão difícil explicar...

– Você está se saindo muito bem – sussurrou Grace. – Estou entendendo.

Será que existiam duas palavras mais lindas e mais reconfortantes do que aquelas? Nesse momento, eu sabia que não.

– Você tem falado com a sua mãe? – perguntou ela, tranquila.

– Não, acho que ela nem sabe que servi à Marinha. Não que fosse se importar. Dylan continuou morando no apartamento que dividia comigo em Los Angeles até se mudar para Vegas, há dois meses, e minha mãe nunca entrou em contato com ele lá, procurando por mim...

Grace bufou.

– Ela não sabe o que está perdendo.

Ficou em silêncio por um tempo.

– Você sabe o que aconteceu com a sua mãe... Quero dizer, por que ela fez o que fez por tanto tempo?

Fiz que não com a cabeça.

– Não sei bem. Ela mencionou um tio uma vez quando estava drogada. Deu a impressão de que esse tio tinha feito alguma coisa a ela, mas minha mãe não disse mais nada. Talvez *não tivesse* motivo. Talvez as drogas fossem o motivo. Não sei.

Grace ficou em silêncio por mais um instante, então beijou meu peito com carinho, roçando os lábios de forma muito delicada sobre a minha pele.

Eu não conseguia ver seu rosto, mas sabia que as engrenagens em seu cérebro estavam funcionando.

– No que está pensando? – perguntei baixinho.

Ela voltou a ficar quieta por um segundo antes de apoiar o rosto nas mãos, os olhos cintilando no quarto escuro.

– Estou pensando, Carson, que você também brilha. Para mim, você também é resplandecente.

Uma sensação cálida preencheu meu peito. Deixei escapar um suspiro trêmulo e sorri para ela, mas não falei nada. Apenas puxei-a mais para perto e fiz uma prece silenciosa agradecendo por tê-la em meus braços.

Ficamos aconchegados, sussurrando, até eu sentir que Grace ficara muito quieta. Poucos minutos depois, também voltei a dormir. E, dessa vez, tive um sono tranquilo e sem sonhos.

capítulo 33

Grace

— **A**corde, minha flor adormecida – ouvi sussurrarem perto do meu ouvido.
Grunhi, virei a cabeça na direção oposta à do barulho irritante e me aconcheguei de volta no travesseiro.

Ouvi uma risada baixa e sexy, e em resposta meu sangue já começou a correr um pouco mais rápido nas veias, mas não o bastante para que eu quisesse acordar. A cama estava tão quentinha e tinha um cheiro tão bom... Virei o rosto no travesseiro e respirei fundo. *Carson*. Mas isso era uma loucura. Eu não via Carson havia anos. Sentia saudades dele. Sentia falta do aroma dele, do seu toque. Por isso, ficaria só um pouco mais nesse sonho. Ele estava aqui e eu não queria que partisse.

Alguma coisa balançou a cama de forma violenta. Dei um gritinho e me sentei, piscando confusa para o quarto.

– Continua odiando acordar cedo, não é mesmo, flor?

Carson sorriu para mim, de pé sobre a cama.

– Você estava pulando em cima do colchão? – perguntei, grogue.

– Sim. Tentando acordar os mortos – disse ele, descendo da cama.

Bufei e caí de novo sobre os travesseiros.

– Que horas são? – grunhi.

– Cinco da manhã. Vamos! Quero estar nas pistas quando o sol nascer, e ainda não alugamos seu material esportivo.

Grunhi de novo, mas enfim me levantei e segui Carson até o banheiro, enquanto ele abria o chuveiro para mim.

Escovei os dentes e, quando terminei, expulsei-o do banheiro para poder fazer xixi e tomar banho.

– Vou fazer café – disse ele, já saindo.

Algumas pessoas conseguiam ficar animadas pela manhã de uma forma irritante. Era difícil gostar de pessoas assim.

Entrei sob o jato quente do chuveiro e passei xampu no cabelo. E repito, era difícil gostar de pessoas matinais. Mesmo se tivessem ombros largos e músculos abdominais poderosos. Ou sorrisos que fizessem o coração bater mais rápido e provocassem descargas elétricas no corpo. Ou uma covinha bem embaixo do lábio inferior – a última pincelada de Deus na obra de arte que era Carson Stinger.

Ou os que assumiam como missão de vida resgatar mulheres indefesas.

Fiquei imóvel por um instante, o cabelo ainda com xampu, assimilando a realidade. *Carson resgatava mulheres*. Mulheres condenadas a existir em bordéis, garotinhas que terminavam como

brinquedo de turistas nojentos em algum quarto pequeno e escuro. Eu não era a pessoa mais informada do mundo no que se referia a tráfico humano, mas sabia o bastante para que o simples fato de pensar a respeito fizesse o meu estômago se revirar. Minha nossa, eu ainda ficava estupefata quando pensava no que Carson e os amigos estavam fazendo.

Enxaguei o cabelo, passei condicionador e sorri. Ok, na verdade, eu gostava muito, muito mesmo da minha pessoa matinal. Ele era incrível, na verdade. *Um herói.*

Saí do banho, enrolei uma toalha no corpo e peguei o secador de cabelo na case que levava para o banheiro. Com meu cabelo já seco, voltei para o quarto e vesti a calça jeans e um suéter branco, grosso.

Estava calçando as meias quando Carson entrou com uma xícara de café fumegante nas mãos e sorriu para mim.

– Mais desperta? – perguntou.

– Hum... – murmurei.

Estava mais acordada e já capaz de pensar, mas ainda não conseguia conversar muito. Precisaria de um pouco de cafeína para isso.

Terminei o café na bancada da cozinha enquanto Carson arrumava as nossas coisas. Então, ele se aproximou e calçou as botas em mim. Sorri para ele.

– Esta é uma das coisas ruins a meu respeito. Sou mal-humorada pela manhã.

Ele riu.

– Eu já sabia disso. – Carson piscou. – E, ainda assim, voltei querendo mais.

Ri baixinho. Ele se levantou, passou os braços ao redor da minha cintura e me tirou do banquinho onde eu estava sentada.

Envolvi o pescoço dele com os braços e olhei em seus olhos, torcendo para que ele visse nos meus todas as emoções que eu estava sentindo.

– Vamos ver outro nascer do sol juntos, flor – sussurrou ele, uma expressão intensa no rosto, os olhos examinando os meus.

– Sim – foi tudo o que eu disse.



Passei os braços ao redor da cintura de Carson enquanto esperávamos que o sol nascesse no topo da pista de esqui. Ele envolveu meus ombros, inclinou-se e me deu um beijo carinhoso.

Olhei para ele. Se eu soubesse que um cara usando gorro de esquiador e óculos de neve no alto da cabeça poderia ser tão incrivelmente sexy, teria começado a passear por estações de esqui há muito tempo.

– O que foi? – perguntou Carson, sorrindo para mim.

– Nada. Gosto do seu visual. Não, na verdade, adoro. Ainda mais dos óculos.

Ele ergueu a sobrancelha.

– Ah, é? Porque eu poderia continuar usando os óculos mais tarde, na cama. Nu, com os óculos.

Dei uma gargalhada.

– Na verdade, isso parece meio assustador.

– Hummm, você é que pensa – grunhiu ele, me puxando para junto do corpo.

Ri de novo, mas a luz atingiu meus olhos e falei:

– Psiu, o sol está nascendo.

Carson chegou mais perto do meu ouvido.

– Estou certo de que ele vai continuar a subir no céu mesmo se a gente sussurrar, flor.

Dei um tapinha maroto nele.

– Ha, ha. Só estou dizendo para tratarmos o momento com o respeito que ele merece.

Ele me deu um beijo rápido e me puxou mais para perto.

– Bom argumento – sussurrou.

Observamos o sol subir no horizonte, e as colinas nevadas que nos cercavam cintilarem, banhadas por uma luz amarela. Então Carson pegou a minha mão e assim começou a minha primeira aula de snowboard.

Eu era ruim. Não, era péssima. Eu só consegui reunir habilidade suficiente para descer a montanha sem cair porque a dor que sentia nos braços por ter que me levantar toda hora já estava intolerável. Por isso, me mantive de pé graças a mais pura força de vontade.

Mas acho que eu nunca tinha rido tanto de mim mesma antes, e Carson era paciente, engraçado e não ficava se exibindo... muito. Embora, para ser sincera, eu não me importasse. Era lindo vê-lo descendo as pistas. Parecia muito confortável com o pé ancorado na prancha, deslizando pela neve, como se estivesse caminhando por um estacionamento. Um dia, ele me levou a uma montanha mais alta e subiu e desceu algumas vezes, enquanto eu treinava para ficar equilibrada na prancha. Então se juntava a mim de novo e continuava a aula.

Por fim, quando meu corpo não aguentava mais, Carson pegou a minha mão, sorriu e disse:

– Você é uma guerreira. Até que se saiu muito bem hoje.

– Bem? – gemi. – Fui horrível. Passei mais tempo caída do que de pé.

– Todo mundo começa assim. Vamos tentar de novo.

Fiz que não com a cabeça.

– Acho que não. Você é incrível em cima da prancha e eu adoraria vir aqui de novo. Mas melhor você praticar snowboard e eu ficar na banheira de hidromassagem do chalé.

Ele riu.

– Veremos.

– Hummm. Sim, veremos. Ei, antes de devolver o equipamento, quero ver você dar um salto.

Ele ergueu a sobrancelha.

– Tem certeza? Você vai ter que descer outra montanha.

Meus braços se agitavam em protesto.

– Posso fazer esse sacrifício – falei.

– Ok – concordou ele, com um sorriso. – Vamos, então.

Pegamos o teleférico para uma pista ainda mais alta, e Carson me disse para descer até o meio da montanha e assistir ao salto que aconteceria à minha esquerda.

Desci e parei ao lado da pista de esqui para observar o salto. Passava do meio-dia e eu estava faminta, já que tomara apenas café da manhã. Mas não deixaria as pistas sem ver Carson dar alguns dos saltos que ele descrevera para mim mais cedo, quando eu lhe perguntara qual era a sua parte favorita do snowboard. Ele chamava de “capturar o ar”.

Era véspera de Natal, e as pistas estavam quase desertas, por isso era fácil ficar de olho nele.

Depois de um instante, vi Carson descendo a pista, rápido e confiante, preparando-se para o salto à frente. Meu coração disparou. *Meu Deus, ele era magnífico.*

Prendi a respiração quando ele ganhou altura, dobrou os joelhos e fez uma rotação completa no ar. Dei um gritinho e senti lágrimas inundarem meus olhos. Este era um daqueles momentos em que um ser humano faz algo tão incrível, tão inacreditavelmente impressionante, que fazia o coração se alargar no peito e deixava um nó na garganta diante da beleza pura da cena. Em um momento como este dava para acreditar que éramos mesmo feitos à imagem e semelhança de Deus.

Carson aterrissou, dobrando os joelhos e absorvendo perfeitamente o impacto, firme e seguro. Eu mal conseguia ver o rosto dele quando se virou na base da colina, mas sabia que estava sorrindo.

Levei a mão enluvada ao coração, por cima da minha jaqueta de esqui.

– Não tenho mais salvação – sussurrei para mim mesma, sabendo que eu estava perdida.

Mas, de alguma forma, achava isso ótimo.



Carson

Passei xampu no cabelo de Grace e esfreguei seu couro cabeludo com as pontas dos dedos, espalhando a espuma.

– Hummm – gemeu ela, à minha frente no chuveiro, fazendo meu pau latejar.

Ignorei a sensação por enquanto. Minha flor sentia tanta dor nos braços que nem conseguia passar xampu no próprio cabelo. É claro, eu não me importava de me colocar à disposição, ainda mais se isso significasse ter Grace nua sob a água. Mas me sentia mal por ela ter se esforçado tanto a ponto de mal conseguir se mexer.

Virei-a e segurei-a com cuidado por trás, para que ela conseguisse inclinar a cabeça e eu pudesse enxaguar seu cabelo. Grace abriu um sorriso preguiçoso para mim.

– Melhorou? – perguntei, querendo saber se o combo de remédio e água quente estava ajudando a relaxar os músculos doloridos.

Grace assentiu, fechou os olhos e deixou a água escorrer pela cabeça, descendo pelo corpo.

Depois que saímos das pistas, fomos a um restaurante na pousada, onde ficava a loja de aluguel de equipamentos, e saboreamos uma sopa e sanduíches.

Então, Grace insistira para que encontrássemos uma árvore pequena. No dia seguinte seria Natal e ela disse brincando que, embora fôssemos o presente um do outro e já tivéssemos nos desembrulhado, ainda assim precisávamos de uma árvore de Natal. Eu não dava tanta importância a esses simbolismos, mas faria qualquer coisa para deixá-la feliz, por isso saímos em busca de uma.

No restaurante onde almoçamos fomos informados de que havia um depósito de árvores de Natal nos arredores da cidade. Dirigimos até lá e escolhemos entre as poucas que restaram. Mas, quando os olhos de Grace se acenderam diante de uma coisa mirradinha perto do portão, que parecia a árvore de Natal do desenho do Charlie Brown, eu ri e disse ao atendente que a levaríamos.

Fizemos uma parada na loja de ferramentas da cidade e compramos alguns pisca-piscas. Eram do tipo próprio para áreas externas, os únicos disponíveis. Mas teriam que servir como decoração. Grace parecia feliz, e isso era tudo o que importava para mim.

A essa altura, a rigidez muscular estava se instalando, e Grace se movia cada vez mais devagar, por isso levei-a para casa, dei-lhe um remédio e aconselhei que tomasse mais um banho quente.

Levei a árvore e as luzinhas para dentro do chalé e pousei a árvore sobre um suporte. Foi então que ouvi Grace gemer de dor. Quando fui checar o que estava acontecendo, vi que ela quase chorava com o esforço de levantar os braços acima da cabeça para lavar o cabelo. Estava claro que meus serviços seriam necessários.

Após enxaguar o cabelo de Grace, virei-a outra vez de costas para mim e massageei seus ombros e braços. Ela gemeu.

– Ah, meu Deus, estou no paraíso. – E girou a cabeça para um lado e para outro.

Ouvindo os gemidos e choramingos dela, meu pau ficou inteiramente alerta. Ela abaixou a cabeça e roçou o traseiro devagar contra mim. Prendi a respiração.

– Grace... – avisei.

Ela virou o rosto para mim, abaixou a mão e me acariciou. Prendi o ar outra vez.

– Grace, você está dolorida, eu não estava tentando...

– Sei que não estava. Mas não estou assim tão mal a ponto de não poder aproveitar você... Quero dizer, a não ser que você suba na minha cabeça. Então teremos problemas – falou, sorrindo.

Ri, mas gemi quando as mãos dela começaram a se mover mais rápido, a água lubrificando meu pau, facilitando o movimento.

Grace ficou de joelhos na minha frente e meu pau saltou. Minha nossa, ela ia colocá-lo na boca. Minha respiração saiu entrecortada.

Ela olhou para cima, para mim, parecendo um pouco insegura, e eu sabia exatamente no que estava pensando.

– Meu bem, qualquer coisa que você fizer será perfeita. Eu prometo.

Ela deu um sorrisinho, subiu a mão pela base da minha ereção, enfiou a ponta do meu pau na boca e girou a língua.

– Ai, meu Deus, que gostoso, Grace – gemi baixinho, deixando claro quão incrível era o que ela estava fazendo.

Grace deslizou a boca pelo meu pau e começou a me chupar por toda a extensão, os olhos fechados agora, enquanto eu a observava. Minha nossa, como isso era bom..

Quando ela gemeu, senti a vibração, meu pênis se agitou na boca de Grace e notei que havia expelido um pequeno jato de fluido pré-ejaculatório.

Levei as mãos aos cabelos dela e passei os dedos por eles com carinho. Eu respirava com dificuldade agora, a sensação da boca quente me chupando provocava um prazer tão intenso que achei que não aguentaria por muito tempo.

Fui ficando mais ofegante conforme ela me chupava mais rápido e com mais intensidade. O barulho da água correndo, minha respiração pesada e os sons úmidos da boca de Grace chupando meu pau me levaram à beira do clímax, e falei em um arquejo:

– Grace, Grace, ah, Deus, isso é bom demais. Vou gozar.

Meus quadris arremeteram para a frente, como se tivessem vontade própria, e Grace inclinou a cabeça devagar, para deixar claro que eu deveria gozar em sua boca. Isso fez meu orgasmo explodir, quente e intenso. Gemi enquanto me derramava e observei os movimentos da boca de Grace se tornarem mais lentos, enquanto ela engolia o que eu lhe dava.

Quando Grace se levantou e me beijou na boca, cambaleei um pouco.

– O que foi isso? Eu não sabia que você era profissional! – provoquei, com um sorrisinho presunçoso.

Ela franziu as sobrancelhas por um instante, antes que seus olhos brilhassem e ela caísse na gargalhada.

– Muito engraçadinho – falou, me dando uma palmada no traseiro.

– Ai! – reagi em voz alta, mas logo sorri de novo para ela.

Terminamos de dar banho um no outro e saímos do chuveiro para decorar nossa árvorezinha. No entanto, para dizer a verdade, quando nos sentamos no sofá, aconchegados, o fogo queimando na lareira, olhei para a árvore inclinada, seminua, decorada com luzes próprias para área externa, e pensei que nunca vira uma árvore de Natal mais linda na vida.

Puxei Grace mais para perto de mim e soube, sem sombra de dúvida, que a amava. Estava apaixonado pela mulher que tinha nos braços. Nesse momento, isso era tão claro quanto a neve que caía devagar do lado de fora. Talvez eu já a amasse havia muito tempo. Seria possível? E será que importava mesmo quando acontecera ou por quê? Talvez o amor fosse complicado, mas ainda assim era a coisa mais simples do mundo.

Ela se aconchegou em mim e as palavras fizeram cócegas na minha garganta. Após um instante, Grace se virou e me encarou com uma expressão sonhadora.

– Feliz véspera de Natal, Carson – sussurrou.

Sorri para ela.

– Feliz véspera de Natal, flor.

capítulo 34

Grace

Acordei com o som dos pássaros do lado de fora e com os raios de sol se esgueirando pelas venezianas fechadas. Era Natal! Rolei preguiçosamente na cama e me espreguicei, então me aconcheguei nas costas de Carson. Ele se inclinou para trás devagar e beijei a pele macia dos seus ombros, meus lábios se demorando na pequena cicatriz, enquanto eu inspirava o cheiro dele.

– Bom dia – disse ele, ainda grogue.

– Oi – sussurrei, meus lábios ainda nas costas dele. – Então quer dizer que você nem sempre acorda ao raiar do dia, hein? – impliquei.

Ele riu.

– Não, nem sempre. Ainda mais quando tenho uma flor quentinha e macia aconchegada em mim.

Carson se virou na minha direção e ficamos abraçados por mais um tempo, nossas mãos vagando pelo corpo um do outro. Meus mamilos logo ficaram rígidos, e senti a umidade se acumulando no meio das minhas coxas.

– Como está se sentindo? – sussurrou ele.

– Bem melhor – sussurrei de volta.

Ainda sentia alguma dor, mas agora era mais como se eu tivesse feito muito exercício e não como se tivesse me jogado embaixo de um trem, como parecia na véspera.

Carson se colocou em cima de mim e fez amor comigo de forma lenta e delicada, movendo os quadris devagar, até eu começar a gemer de frustração. Então, ele deu um sorrisinho contra o meu ombro e acelerou o ritmo.

Gritei, e Carson gemeu com o rosto afundado no meu pescoço quando nossos orgasmos chegaram ao mesmo tempo. A pele dele ficou toda arrepiada.

– Adoro ouvir você gritar – disse Carson, o hálito quente perto da minha orelha, a voz tão abafada que mal consegui compreender as palavras.

Ele saiu de dentro de mim e rolou um pouco para o lado.

– Vou tentar me controlar. – Sorri.

Ele levantou o corpo.

– De jeito nenhum. Mas é melhor comprarmos uma casa no meio do nada, para não perturbarmos os vizinhos. – Ele achou graça.

– Uma casa? – sussurrei, ficando séria.

Ele me fitou.

– Algum dia, sim, uma casa. Quero voltar para casa para você, Grace. Quero ter uma Princesinha e

um Júnior com você.

Carson fez uma pausa, os olhos ainda mais cálidos.

– Eu amo você – completou, baixinho.

Meu corpo ficou completamente imóvel nos braços dele, pisquei perplexa e o encarei com os lábios entreabertos. Na noite anterior eu me dera conta de que o amava, quando estávamos sentados em frente ao fogo, olhando para a nossa árvore de Natal tão linda e patética. Agora, vendo a expressão vulnerável de Carson, confirmei meu sentimento um milhão de vezes.

– Também amo você – sussurrei.

O rosto dele se abriu em um sorriso surpreso e instantâneo.

– Sério? – perguntou.

Assenti, os olhos marejados.

– Sim – falei. – Sério. E você se lembrou da Princesinha e do Júnior – voltei a sussurrar.

Ele sorriu.

– Eu jamais me esqueceria das nossas crianças, flor.

Ri e funguei.

– Feliz Natal, Carson.

– Feliz Natal, Grace. Vamos, levante-se. Tenho um presente para você.

Ele se levantou e foi em direção ao banheiro para jogar a camisinha fora. Eu me sentei.

– Oi? Você tem um presente para mim? Como assim? – Fiquei confusa.

– Não se preocupe! – gritou ele, do corredor. – Apenas levante-se e vista alguma coisa.

Eu me levantei e vesti um dos meus moletons.

Parei no banheiro e depois fui para a cozinha, onde Carson preparava o café. Separei os ingredientes para fazer panquecas e bacon e comecei a cozinhar.

Ele veio por trás de mim, me abraçou pela cintura e sussurrou no meu ouvido:

– Amo você, amo você, amo você. – Ele sorriu contra o meu pescoço. – Adoro dizer isso.

Sorri e virei a cabeça para poder beijá-lo.

– Hummm... Adoro ouvir isso. Amo *você*.

Ficamos parados dessa forma por alguns minutos, então falei em um sussurro triste:

– Gostaria que houvesse uma solução mágica para tudo que está acontecendo em Las Vegas e que pudéssemos ficar aqui para sempre.

Ele suspirou.

– Entendo. Infelizmente não é assim que funciona, flor. Mas vai ficar tudo bem. De alguma forma, vai ficar. E vamos voltar aqui no Natal do ano que vem. Vamos trazer nossos amigos e nossa família e comemorar tudo o que deixamos para trás.

Eu me virei para encará-lo.

– Promete? – sussurrei, olhando nos olhos dele.

– Sim, prometo – falou, me dando um beijo suave nos lábios. – Agora, faça café para mim, mulher.

Afastei-o e dei uma palmadinha em seu traseiro.

– Afaste-se, Carson Stinger. Você está prestes a experimentar as melhores panquecas que já comeu.

– Sim, senhora – disse ele, rindo e voltando a fazer café.

Nós nos sentamos na bancada da cozinha para comer, e Carson gemeu ao dar a primeira mordida nas

minhas panquecas.

– Meu Deus, mulher, você sabe como bater uma massa.

Eu ri.

– Sei mesmo. Sou a panquequeira oficial da manhã de Natal na casa do meu pai – falei, pegando um pedaço de bacon e mergulhando na calda.

Carson olhou para mim.

– Não está chateada por não estar com eles hoje? – perguntou.

– Estou com saudade deles e preciso ligar para casa daqui a pouco. Mas não há nenhum outro lugar onde eu gostaria de estar além de aqui com você.

Ele sorriu também, mas não disse nada. Terminamos o café da manhã e cada um levou uma segunda xícara para a sala de estar. Havia um pequeno pacote de presente sob a árvore. Ergui a sobrancelha e olhei para Carson.

– Sério, como conseguiu isso? – perguntei, indicando o presente com a cabeça.

Ele sorriu.

– Encontrei uma coisinha na cidade quando fui comprar suas botas e seu casaco.

Coloquei as mãos no quadril.

– Hummm, que ardiloso. – Franzi o cenho. – Mas eu não comprei nada para você. E você comprou para mim. E é o nosso primeiro Natal juntos – falei, olhando para ele, ainda com o cenho franzido.

Carson veio até mim e me puxou para junto dele.

– Grace, acho que você não me entendeu muito bem. Você rompeu o seu noivado, mudou seus planos de Natal com a sua família, correu por um aeroporto, trocou de voo, pegou um carro emprestado, dirigiu por seis horas, caminhou pela neve e quase ficou congelada para poder estar comigo. E quando contei que estava envolvido em atividades que não são muito favoráveis sob o ponto de vista legal, você não viu o menor problema. E perguntou o que *nós* iríamos fazer quando eu falei sobre Josh. Você aceitou toda a situação sem questionar.

Os olhos dele cintilavam agora e fiquei boquiaberta.

– Ora, então – sussurrei – acho que a melhor pergunta é... foi só isso que você comprou para mim? – Inclinei a cabeça na direção do presente.

Ele caiu na risada.

– Foi, sim. Vou tentar fazer melhor no ano que vem.

Ele se afastou de mim para acender a lareira enquanto fiquei sentada no sofá bebericando o café. Carson me trouxe o presente e sorri para ele enquanto desembulhava.

Era uma caixinha de joia. Olhei para Carson, que retribuiu o sorriso com carinho para mim.

Abri a tampa da caixa e dentro havia uma linda pulseira de prata com um pingente. Levantei-a para examinar melhor.

– É linda – sussurrei.

– Você já tem uma? – perguntou ele.

– Não, não tenho uma pulseira como essa – comentei. – Pode colocá-la em mim? – Estendi o pulso, toda alegre.

– Espere, você não reparou no pingente – falou ele, virando a pulseira.

Olhei para a pequena moeda de prata do outro lado. Examinei-a por um instante, até finalmente

entender do que se tratava. Meus olhos estavam marejados quando o encarei.

– Um arremesso por um segredo – falei.

Carson assentiu.

– Foi como tudo começou.

Ele sorriu para mim e joguei os braços ao seu redor, enquanto distribuía beijos por todo o seu rosto, seus lábios, bochechas, olhos, testa.

– Adorei. É o melhor presente que já ganhei. – Ri por entre as lágrimas.

Carson também riu e me beijou.

– Que bom. Fico feliz que tenha gostado. Mal posso esperar para acrescentar novos pingentes – falou.

Assenti, ainda fungando, enquanto ele colocava a pulseira no meu braço.

Beijei-o mais uma vez e disse:

– Preciso ligar para a minha família.

– Ok. Vamos até a cidade de carro para o celular pegar o sinal. Vista roupas mais quentes e faremos a ligação da caminhonete.

Assenti de novo, ainda emocionada. Voltei para o quarto, vesti a calça jeans e encontrei Carson na porta, onde colocamos nossas botas e nossos casacos.

Alguns minutos depois, seguíamos para a cidade. Peguei o celular na bolsa e liguei-o, para ver se já tinha sinal. Eu o checara algumas vezes quando tínhamos ido à cidade e mandara mensagens para as minhas irmãs, para que soubessem que eu tinha chegado a Utah. A única mensagem que havia agora era uma resposta de Julia e uma mensagem de voz, também do número dela.

Carson parou em uma vaga na rua e se virou para mim.

– Quer que eu desça para caminhar um pouco enquanto você liga? – perguntou.

Fiz que não com a cabeça, deixando claro que não precisava. Liguei primeiro para o meu pai e respirei fundo, mordendo o lábio, enquanto esperava que ele atendesse.

– Feliz Natal, papai – falei, com uma voz feliz, quando ouvi a voz grave do outro lado.

– Grace? – A voz dele se suavizou.

– Oi, papai! – Eu me animei. – Está tendo uma boa manhã? – Mordi o lábio.

– Ora, sim, meu bem, estou, só sinto falta da minha mais velha. Parece que ela fugiu com um homem qualquer e deixou o velho pai e as irmãs a ver navios.

Ri baixinho.

– Não, você sabe que eu nunca faria isso. Foi só uma situação de emergência e eu precisava agir rápido. Você sempre me ensinou a agir primeiro e fazer perguntas depois, certo? Bem, foi mais ou menos o que fiz.

Houve um instante de silêncio do outro lado. Até que ele voltou a falar:

– Bem, acho que não posso argumentar contra isso. Você o ama, eu imagino.

Deixei escapar o ar.

– Sim, papai, eu amo.

Achei graça, olhando para Carson. Ele não estava virado para mim, distraído com o próprio celular, de onde enviava mensagens de texto, mas reparei que seus ombros ficaram imóveis quando falei que o amava.

– E acho que o senhor também vai amá-lo – continuei.

– Ora, se esse homem conseguiu conquistar seu amor, Gracie, acho que deve ser uma boa pessoa. O

que aconteceu com o rapaz com quem fomos jantar em Vegas? Esqueci o nome dele agora.

Ri, sabendo muito bem que ele não esquecera o nome de Alex.

– Funcionamos melhor como amigos.

– Ainda bem que você percebeu isso antes do casamento. Bom trabalho! – Ele fez uma pausa. – Amo você, Gracie.

Deixei escapar um suspiro de alívio.

– Também te amo. Recebeu o presente que mandei?

– Sim. Já o estava quase abrindo. Você terá que pegar seus presentes na Páscoa.

– Ok.

– Feliz Natal, Gracie!

– Feliz Natal, papai.

Desliguei, fungando e sorrindo ao mesmo tempo. Então mandei uma mensagem de grupo para Julia e Audrey: **Feliz Natal! Saudade! Amo vocês! Ligação no viva-voz o mais rápido possível na próxima semana! Bjs.**

Desliguei o celular, chegando mais perto e me aconchegando ao lado de Carson. Ele me abraçou.

– Está tudo bem? – perguntou.

Sorri para ele.

– Sim, está tudo bem.

Carson retribuiu o sorriso e, quando já estava se inclinando para me beijar, seu celular tocou.

Ele franziu o cenho e atendeu, enquanto eu me sentava e voltava para o meu lado do carro.

– Alô?

Carson ficou em silêncio por alguns segundos.

– Ok – disse, a voz subitamente tensa. – Estamos partindo agora.

Então se virou para mim, a expressão preocupada.

– Precisamos voltar para o chalé, tomar um banho rápido e arrumar nossas coisas. Aconteceu um problema no hotel. Temos que voltar para Vegas.



Carson me explicou brevemente o que estava acontecendo enquanto tomávamos um banho rápido e arrumávamos o chalé.

Ao que parecia, Dylan achava que estava perto de localizar o cara que montara a armadilha para Josh, e era preciso que todos os homens envolvidos na operação estivessem por perto, só para garantir.

Também havia um problema com uma das mulheres no 45º andar. Ela estava grávida e, embora não soubesse muito bem de quanto tempo, o médico que a examinara achava que devia estar com cerca de oito meses e meio. Eles pensaram que conseguiriam mandá-la de volta para casa antes de o bebê nascer, mas ela entrara em trabalho de parto naquela manhã. Era provável que estivesse com a gravidez mais adiantada do que haviam suposto.

O grupo de Carson tinha dois médicos contratados que trabalhavam para eles por debaixo dos panos,

mas eles estavam fora da cidade por causa do Natal. A mulher seria levada ao hospital se fosse necessário, mas isso poderia levantar suspeitas. Eles achavam que a melhor alternativa seria levar Josh até o hotel, já que ele fizera parte da força médica militar e era bastante qualificado para fazer um parto.

Tivemos que voltar para Las Vegas separados, já que estávamos com dois veículos. Isso foi péssimo, porque eu gostaria de ter aproveitado o tempo da viagem para conversar mais detalhadamente com Carson sobre a situação de Josh. Como isso não foi possível, acabei pensando melhor nos detalhes do meu próprio caso em relação a Josh, analisando se não havia nenhuma ponta solta que pudesse ser usada para inocentá-lo. Repassei cada informação, mas não consegui chegar a nada. Infelizmente, as evidências contra ele eram irrefutáveis e incluíam muito DNA. Júris adoram DNA – eles voltam com uma sentença de culpado em dez minutos. Quanto mais eu pensava, mais deprimida ficava. Minha única saída era fazer um trabalho tão ruim que Josh acabasse inocentado por uma questão técnica. É claro que isso seria um suicídio profissional, mas eu não podia deixar um homem inocente passar a vida na prisão. Gemi alto. A situação parecia impossível de resolver.

Então, minha mente se voltou para Carson e senti o coração apertado quando me dei conta de como o trabalho que ele assumira era perigoso. Como eu me sentiria, sentada em casa, sabendo dos riscos que ele corria cada vez que saía pela porta para uma de suas “operações”?

Pensei a respeito por um instante, até que de repente me ocorreu que eu já estava acostumada a esse cenário. Era filha de um policial. Sabia o risco que meu pai corria toda vez que colocava o distintivo, e sentia um enorme orgulho dele, assim como de Carson. Eu lidaria com a situação da mesma forma que sempre fizera com o meu pai. Mas, dessa vez, sabendo que o homem que eu amava estava fazendo um trabalho que o realizava e o transformava em um herói para os que de fato precisavam dele. Senti uma enorme onda de orgulho me invadir pela décima vez nos últimos dois dias.

Carson me ligou quando estávamos a cerca de duas horas de Vegas e me pediu para segui-lo para fora da estrada. Queria que encontrássemos um lugar para almoçar.

Quando parei o carro de Dylan atrás da caminhonete de Carson, no estacionamento de um restaurante chamado Denny's, e desci, Carson veio na minha direção, todo alegre. Sorri para ele, corri pelos poucos metros que nos separavam e dei um pulo, passando as pernas ao redor da cintura dele.

– Senti sua falta – falei.

Carson achou graça.

– Também senti sua falta.

Demos um beijo demorado, em uma demonstração pública de afeto tão sem-vergonha que tive certeza de que estávamos recebendo olhares do tipo “Vão procurar um quarto”. Não me importei nem um pouco.

Desci do colo dele, beijei-o mais uma vez e disse:

– Temos tempo para almoçar?

– Sim, mas precisamos ser rápidos.

Almoçamos depressa e voltamos para a estrada meia hora depois.

Quando entramos no estacionamento do Trilogy, segui Carson até os fundos, onde ele provavelmente usou um controle remoto na caminhonete para abrir uma porta do que, à primeira vista, parecia um depósito.

Carson entrou com a caminhonete e eu o segui com o utilitário. A porta se fechou atrás de mim. Uma

luz se acendeu. Saí do carro e olhei ao redor para a área grande, na maior parte vazia, guardando apenas mais dois utilitários pretos, e agora a caminhonete de Carson e o utilitário de Dylan.

Carson desceu da caminhonete e fui até ele.

– O que é isso? – perguntei.

– Apenas um espaço mais reservado para estacionarmos, de modo que ninguém possa entrar e checar as placas dos carros. Dylan não costuma parar aqui. A ficha dele não pareceria interessante para ninguém. Mas com o resto de nós é diferente, e precisamos manter alguns carros extras aqui.

Assenti. E o fato de Carson estar envolvido em uma operação realmente secreta de repente me pareceu muito real.

Passamos pela porta e subimos por uma escada nos fundos que dava para um corredor. Carson pegou na minha mão quando dobramos uma esquina e esperamos por um elevador.

Quando entramos no elevador, Carson me puxou para ele e me deu um beijo úmido e intenso. Ele se afastou e sorriu para mim. Cambaleei.

– Adoro elevadores – disse ele, e deu uma piscada.

Dei uma risadinha. As portas se abriram.

Segui Carson por corredores luxuosos até o que parecia a porta de um escritório. Ele bateu e abriu a porta antes de receber uma resposta. Então, pegou a minha mão e entramos juntos.

Três homens viraram a cabeça na nossa direção. Eu não conhecia o primeiro, alto e musculoso, com cabelos negros, o cenho muito franzido.

Reconheci Dylan, embora ele parecesse um pouco mais desarrumado do que dois dias antes. Era como se tivesse bagunçando os cabelos louros e desalinhados.

Também reconheci Josh Garner da ficha policial. Eu tinha achado ele bonito quando o vira, mas a foto não lhe fizera justiça. Ele era... Ora, não era Carson Stinger, mas era um colírio para os olhos, com certeza. Tinha os cabelos castanho-escuros, meio espetados, o maxilar forte e, opa, covinhas. Percebi isso porque ele veio caminhando em nossa direção, sorrindo.

Josh deu um esbarrão de brincadeira em Carson, que chegou para o lado com o impacto. Então Josh se adiantou e estendeu a mão para mim.

– Oi, sou Josh – falou, com um sorriso que eu tinha certeza de que era ótimo em deixar calcinhas úmidas.

Não consegui evitar um gracejo. Carson voltou para o meu lado e me puxou para junto do corpo antes que eu pudesse estender a mão para Josh.

– Ei, palhaço, esta é Grace Hamilton, a promotora do seu caso. Ela estava disposta a ajudá-lo, mas você acaba de me lembrar por que talvez seja melhor deixá-la fazer o próprio trabalho da melhor maneira possível.

Josh riu e abaixou a mão.

– Calma, garoto. Estava só me apresentando à dama. – Ele piscou para mim. – Além do mais, acho que é melhor para mim mesmo fazer o possível para tê-la do meu lado.

– Ela está do *meu* lado, e isso é o melhor que você pode conseguir – falou Carson, lançando um olhar ameaçador para o amigo e seguindo comigo até os outros caras.

Porém, sorri para Josh quando passamos.

– Grace, você já conheceu Dylan – falou Carson, gesticulando com a cabeça para onde o amigo

estava parado, então voltando-se para o homem mais alto –, e este é Leland McManus. Ele é o dono do Trilogy.

– Oi, Leland. Prazer em conhecê-lo – falei.

Ele acenou e disse:

– Igualmente.

Leland tinha os olhos azuis mais penetrantes que eu já vira. De repente me dei conta que *já* o vira antes. Era o homem por quem eu passara correndo naquele dia, no escritório de Carson. Isso acontecera menos de duas semanas antes, mas parecia muito mais tempo.

Eu me virei para Dylan.

– Oi, Dylan. Obrigada por me deixar usar o seu carro. – Sorri.

Ele olhou de Carson para mim e seu rosto também se abriu em um grande sorriso.

– Sem problema. Estou vendo que deu tudo certo.

– Sim. Pode-se dizer que sim – falei, olhando feliz para Carson.

Ele sorriu, uma expressão suave nos olhos.

– Muito bem, pombinhos, a gente já entendeu. Pelo jeito não ficaram andando muito de esqui em Snowbird. Agora vamos voltar aos negócios – disse Josh, juntando-se a nós e revirando os olhos enquanto olhava ao redor.

Dylan tossiu e Leland abafou uma risada. Carson franziu a sobrancelha para Josh, mas um dos cantos de sua boca se ergueu.

Um celular tocou e Leland pegou o aparelho no bolso.

– Alô? – Ele olhou para Josh e assentiu. – Ok, ele já está indo.

Leland desligou e olhou para Josh.

– Seus serviços estão sendo requisitados, doutor – falou.

Josh assentiu.

– Ok. Alguém poderia me ajudar?

Leland ergueu as mãos, esquivando-se da tarefa.

– Tenho um hotel para gerir.

– Tenho programas de computador rodando que precisam ser monitorados... – emendou Dylan.

Josh revirou os olhos de novo.

– Grace?

– Não me incomode de ajudar – falei, olhando para Carson.

– Sem chance de você ir até lá com ele sozinha – disse Carson, estreitando os olhos para Josh.

– Vou trazer um bebê ao mundo, Carson. Estarei meio ocupado.

– Você nunca está tão ocupado a ponto de perder uma chance de ser abusado – retrucou Carson.

Josh fingiu pensar a respeito.

– É verdade – concordou, sorrindo e parecendo orgulhoso.

– Ei, rapazes, pensei que a situação lá embaixo estava séria – interrompeu Leland.

Sáimos apressados do escritório de Leland, e Carson pegou a minha mão enquanto nós três corríamos para o elevador. Josh enfiou a chave no elevador, apertou o 45º e descemos dois andares.

Havia um segurança do lado de fora do elevador. O homem acenou para nós quando viu Josh e Carson.

– A situação parece bem complicada lá dentro – adiantou o segurança.
– Situações complicadas são a nossa especialidade – falou Josh, erguendo as sobrancelhas.
O segurança riu.
Descemos por um corredor e ouvi gritos logo além da porta à nossa direita.
Josh pegou uma chave, abriu a porta, e então vislumbramos a cena à nossa frente.



Carson

Eu já estivera nesse quarto uma centena de vezes nos últimos dois meses, mas tentei imaginar o que Grace estaria pensando agora. Maria estava deitada de lado na cama, agarrando um travesseiro como se a sua vida dependesse disso, e gemia alto. Yoselin colocava uma toalha molhada sobre a testa dela e Gisella estava sentada na beirada da cama, esfregando a região lombar de Maria.

As únicas outras garotas no quarto eram Deisy e Vanessa, ambas de 12 anos. Elas estavam sentadas muito juntas no sofá, assistindo a um programa na TV, os olhos indo da tela para Maria toda hora. Olhei para Grace e indiquei-as com a cabeça. As duas estavam obviamente assustadas.

Todas as mulheres ali eram venezuelanas. Não tinham conseguido voltar para casa antes do Natal por causa de alguns problemas com a documentação delas. Mas agora tudo já estava em ordem para que pegassem o avião no dia 27. E, ao que parecia, haveria mais um passageiro.

Josh pousou sobre a cama o kit de primeiros socorros que levava e foi direto para o banheiro, onde presumi que estivesse lavando as mãos. Perguntei a Yoselin como Maria estava. Yoselin era a única que falava inglês, por isso serviria de intérprete para nós.

– Já vi bebês nascerem, Sr. Carson. Acho que falta bem pouco.

Assenti.

– Ok. Josh vai examiná-la em um instante.

Olhei para Maria, que fechava os olhos com força, gemendo de dor.

– Maria, estamos aqui para ajudá-la a ter seu bebê. Vai dar tudo certo – falei.

Fiquei me sentindo um idiota ao falar isso. Como diabos eu sabia se iria mesmo dar tudo certo? Não entendia nada sobre partos.

Eu me virei para Grace, mas ela já estava sentada no sofá com Deisy e Vanessa. As duas meninas sorriam para ela, que pegara chicletes na bolsa. Ao que parecia, não havia barreira idiomática no que dizia respeito a crianças e chicletes.

Josh saiu do banheiro e começou a trabalhar, examinando Maria. Cheguei para o lado, pronto para ajudá-lo, se necessário, mas sem querer ficar no seu caminho.

– Ela está com 10 centímetros de dilatação – disse Josh depois de um instante. – O bebê está com a cabeça encaixada. Parece que vai dar tudo certo. Vamos lá! Está comigo, Maria? – perguntou ele.

Maria assentiu com a cabeça, o rosto ainda contraído.

Yoselin e Gisella seguraram as pernas de Maria, uma de cada lado. Maria começou a fazer força. Fui ao banheiro e peguei outro pano úmido e uma pilha de toalhas.

Voltei para o quarto, e agora Maria gritava cada vez que fazia força, enquanto as mulheres contavam em espanhol. Eu me virei para Grace, que estava sentada no sofá com uma menina em cada braço, os rostos das duas pressionados contra o peito dela. Sorri para ela, que me deu um sorrisinho suave de volta.

Vinte minutos mais tarde, depois de um último grito, o choro do bebê preencheu o quarto. Maria caiu para trás no travesseiro.

– É um menino! – anunciou Josh.

Ele amarrou o cordão umbilical com um fio e cortou-o com uma tesourinha. O bebê deu mais alguns berros, então ficou quieto e abriu os olhos, olhando ao redor.

– Seja bem-vindo a esse mundo louco, rapazinho – falou Josh, baixinho.

Olhei para Grace, que observava Josh com o cenho franzido, como se estivesse montando um quebra-cabeça. Ela devia estar tentando compreendê-lo. Josh era mesmo atrevido e mulherengo na maior parte do tempo, mas também tinha um outro lado. O lado que o fazia se colocar em risco pelas mulheres que resgatávamos e o lado que acabara de fazer o parto do bebê de Maria com talento e sensibilidade. Meu amigo provavelmente deixaria alguma mulher muito confusa um dia.

Encontrei o olhar de Grace, que sorriu de forma carinhosa para mim. Ela puxou as duas meninas mais para perto e sussurrou alguma coisa no ouvido delas, uma de cada vez. As duas sorriram para ela.

Gisella e eu começamos a limpar o sangue e a arrumar tudo, enquanto Josh terminava de atender Maria. Yoselin segurou o bebê no colo e o enrolou em uma manta. O menino parecia tranquilo agora.

Grace, Deisy e Vanessa se levantaram para olhar o bebê, todas felizes. Yoselin ofereceu o menino a Grace, que o tomou nos braços e ficou olhando para ele com uma expressão sonhadora no rosto. Ela passou os dedos pela cabecinha coberta por cabelos escuros.

– Ele é lindo, Maria – sussurrou.

Todos olhamos para Maria, que estava com o rosto voltado para a janela, o cenho franzido.

– Quer segurar seu filho? – perguntou Grace.

Maria fez que não com a cabeça, ainda sem olhar na direção do menino.

Grace, Josh e eu nos encaramos.

– Yoselin, poderia perguntar a ela qual é o problema? – pedi com calma.

Yoselin sentou-se ao lado da cabeça de Maria, conversou com ela por um instante e se voltou para nós, parecendo triste.

– Ela diz que o menino é cria do demônio e que não quer tocá-lo – explicou.

Grace arregalou os olhos e aconchegou mais o bebê ao peito.

– Cria do demônio... – falou em voz baixa. – Por que ela diria isso?

Yoselin olhou para Grace.

– Maria tem só 17 anos. A família a vendeu para um homem que apareceu na cidade dela, dizendo que Maria trabalharia como doméstica na casa de famílias ricas e que poderia mandar dinheiro para eles. Em vez disso, esse homem a estuprou e a usou como bem entendesse. Então ele a trouxe para Vegas para vendê-la a outros homens. Foi quando Maria foi resgatada com o resto de nós – explicou ela, acenando ao redor para indicar as outras meninas.

Os olhos de Grace estavam arregalados e cheios de tristeza. Ela piscou para as lágrimas caírem. Eu já ouvira tudo isso e coisas piores, mas meu estômago sempre se revirava com a nojeira e a depravação

daqueles homens. Nunca conseguira ser insensível ao horror das histórias dessas mulheres. E eu achava que isso era bom.

Maria começou a falar e Yoselin ouviu, seus olhos ficando mais tristes.

– Maria falou que a mãe dela sempre lhe disse que, nós, mulheres, somos as guardiãs das portas de entrada no mundo. Só nós podemos decidir quais genes serão passados adiante, e que homens se tornarão pais. E que precisamos escolher com sabedoria. Ela diz que esse menino é cria de um homem mau.

Olhei para Grace e vi uma expressão determinada se acender em seu rosto. Ela foi até o lado da cama e sentou-se perto de Maria. Então, olhou para Yoselin.

– Pode traduzir o que eu vou falar? – perguntou com gentileza.

Yoselin assentiu.

– Maria – começou Grace.

Maria se sobressaltou, mas continuou a olhar pela janela.

– Concordo com a sua mãe. Mas também acho que, nesse nosso mundo tão deteriorado, às vezes acontecem coisas que não controlamos ou que talvez não tenhamos planejado. Concordo que nós, mulheres, devemos ser as guardiãs dos portões de entrada do mundo, mas também acredito que esse mundo precisa de homens bons e fortes, de homens que sejam criados por mães que já tenham visto do que os homens fracos são capazes. Sua vitória será tornar seu filho tudo o que o pai dele não é.

Yoselin foi traduzindo em voz baixa. Os olhos de Maria se desviaram rapidamente para Grace e então para o bebê que estava nos braços dela. E voltaram a se afastar.

Senti meu peito se apertar, e não apenas porque amava a mulher que falava com tanta ternura e convicção com outra que nem conhecia, mas também porque a minha história era muito parecida com a do menino indesejado nos braços de Grace. E eu sabia que minha amada pensara a mesma coisa pelo modo como os seus olhos pousaram em mim várias vezes enquanto falava, a voz suave e cheia de amor.

Algumas vezes são necessários anos e anos de terapia mas, em outras, pode acontecer em um instante milagroso – uma vida inteira de dúvida e ódio por si mesmo curada por um momento de absoluto amor.

Maria falou, mas parecia um pouco insegura agora.

– Ele é metade *dele* – traduziu Yoselin.

– Ele é metade *seu* – argumentou Grace, e Yoselin repetiu.

Maria se virou completamente para Grace e a observou.

– Ele é tão precioso, tão lindo... – continuou Grace baixinho, os olhos voltando a pousar em mim. – A beleza nascida da dor, um presente. Quer segurá-lo? – perguntou.

Quando Yoselin repetiu, Maria balançou a cabeça, ainda recusando, e falou baixinho.

– Mas ela disse que quer vê-lo – falou Yoselin.

Grace ergueu o bebê adormecido na direção de Maria, para que ela pudesse olhar o rostinho dele. Maria observou o filho por um instante e seu rosto se suavizou quando ela falou.

– Ela disse que o menino se parece com o pai dela – traduziu Yoselin, sorrindo.

Grace sorriu e estendeu o bebê para a mãe. Após um instante, Maria o pegou. Ela olhou para o filho por um longo momento enquanto a fitávamos, então o aconchegou no peito enquanto uma lágrima escorria por seu rosto.

Yoselin e Gisella se sentaram perto de Maria, aprumando-se ao seu lado, e as garotinhas também

subiram na cama e se sentaram aos pés de Maria, que agora observava as meninas e o bebê. Depois de um instante, Yoselin começou a mostrar a Maria como amamentá-lo.

Josh foi em direção à porta e eu olhei para Grace, que sorriu, se levantou e pegou a minha mão.

– Passem uma toalha nele por enquanto – falou Josh. – Alguém logo virá trazer fraldas, roupas e outros itens necessários.

As mulheres desviaram os olhos do bebê, sorriram, assentiram e voltaram a dar atenção ao menino outra vez.

Quando estávamos os três no elevador, voltando para o escritório de Leland, Grace olhou de mim para Josh e perguntou em um tom triste:

– Como vocês fazem isso?

Olhei para Josh e respondi:

– Como podemos não fazer?

Josh assentiu, mas não disse nada, e foi o primeiro a sair do elevador quando as portas se abriram.

Dylan saiu correndo da sala de computadores, com uma expressão de pura empolgação no rosto.

– Preparem-se, rapazes – disse. – Acabei de encontrá-lo.

capítulo 35

Grace

Meu coração parecia prestes a sair do peito quando Carson correu para o escritório de Leland com Josh e Dylan. Fiquei para trás, não queria atrapalhar. Sabia que todos ansiavam por esse momento.

Leland olhou para mim, Carson reparou e assentiu com a cabeça, indicando que não havia problema falar na minha frente. Então, meu coração se apertou de tanto amor por ele. Carson confiava plenamente em mim.

– Vocês precisam se apressar – Dylan foi o primeiro a falar. – Ele está em um depósito em Henderson, mas vocês conhecem esse cara, ele não fica muito tempo em lugar nenhum. O cara se descuidou... talvez tenha achado que, como é Natal, estaríamos de folga.

– Você também conseguiu a localização da família? – perguntou Leland.

– Sim, foi assim que o encontrei. O filho da puta saiu pelos portões de casa em um caminhão de entrega. Só que essa empresa em particular não faz entregas no Natal. Descuidado. Eu sabia que ele devia estar lá dentro, por isso rastreei o caminhão até Henderson. E vejam só, ele está com apenas dois seguranças... Deve ter dado folga aos outros três por causa do feriado. É um cara muito generoso.

Todos os homens bufaram.

– O que mais? – perguntou Josh.

– Fiz o download da planta do depósito para os óculos de vocês.

– Ok, espere um pouco – disse Carson. – Precisamos de pelo menos três homens para ir atrás de Bakos. É o mínimo para dar uma geral no lugar de forma adequada. Menos do que isso pode ser muito arriscado. Você vai filmar a família, Dylan.

– Quem vai dirigir, então?

Dylan franziu o cenho. Todos os três olharam para mim e arregalei os olhos.

– De jeito nenhum! – disse Carson. – Nós mesmos vamos dirigir dessa vez.

– Vamos precisar de um vigia, Carson – falou Leland.

Carson fez que não com a cabeça.

– Dessa vez vamos deixar o vigia para lá. Não vou arriscar a segurança de Grace. Não vai ser bom para a operação se eu ficar o tempo todo pensando que ela está sentada do lado de fora, esperando a gente – falou ele, o músculo do maxilar saltando.

Os outros assentiram.

– Ok, sem vigia dessa vez, então – concordou Leland. – Primeiro capturamos Bakos, então Josh pode ficar no carro enquanto o interrogamos e conseguimos o que queremos.

– Ah, não, de jeito nenhum – reclamou Josh. – Se alguém vai ter o prazer de falar com Bakos, esse

alguém sou eu.

Leland fez uma pausa.

– É justo. Vamos nos vestir. Já está escuro. Precisamos nos mexer.

Todos assentiram e seguiram em direção à porta. Pelo que parecia, eles já tinham algum tipo de plano mais elaborado e estavam apenas acertando os detalhes. Pelo menos eu torcia para que esse fosse o caso.

Quando estávamos saindo do escritório, notei que Leland mancava um pouco e me lembrei da história que Carson contara sobre a emboscada que o pelotão dele sofrera. Era um lembrete para mim de que ambos tinham sorte de estar vivos, e senti percorrer pelo meu corpo o medo pelo que estavam prestes a fazer.

Carson pegou a minha mão, e acompanhei os homens pelo corredor até a outra sala. Leland abriu a porta, e ele e Josh entraram. Vi os armários e chuveiros e percebi que devia ser ali que eles se “preparavam”, fosse lá o que isso significasse.

Carson me encarou e me puxou para os braços dele.

– Estou assustada – falei contra o peito dele.

– Não fique, flor. Não cometeremos o mesmo erro duas vezes. O caso de Josh foi um incidente à parte, e vamos descobrir o que aconteceu. Mas, enquanto isso, você precisa confiar que somos bons no que fazemos e que trabalhamos bem juntos. Sabemos o que estamos fazendo.

Assenti e o abracei com mais força.

– Tenha cuidado, ok?

Ele levantou meu queixo com o dedo e olhou bem dentro dos meus olhos.

– Não há a menor possibilidade de eu ter encontrado você de novo depois de tantos anos e não poder aproveitar isso.

Dei um sorriso temeroso.

– Eu amo você, Grace – acrescentou ele em tom solene, quase reverente.

Fechei os olhos por um breve instante.

– Eu também – sussurrei.

Carson continuou a me encarar por um instante, então sorriu e disse:

– Agora vou levar você até um quarto, onde poderá esperar por mim, talvez tirar um cochilo...

– De jeito nenhum. Não vou ficar sozinha em um quarto de hotel, enlouquecendo.

– Amor, você não pode sair do hotel. Não posso ficar preocupado com você quando preciso me concentrar no que devo fazer.

– Vou esperar com as meninas. De qualquer forma, o bebê precisa de fraldas e de algumas roupas.

Ele me fitou por um segundo.

– Ok. Vou com você até a loja de presentes do hotel. Ela está fechada, mas Leland tem a chave-mestra. Então você volta para o 45º andar. Eu não saí de lá.

– Não saio de lá – repeti.

– Ok. Vamos.

Dez minutos mais tarde, eu carregava uma bolsa com todos os produtos de bebê que havia na loja de presentes – fraldas, lenços umedecidos, cinco macacõezinhos com a estampa “Eu  Vegas”, uma chupeta e alguns babadores. Teria que servir até o dia seguinte.

Carson me deixou no quarto onde as meninas ficavam, me deu um último beijo e partiu.

Afundi no sofá, uma lágrima escorrendo pelo rosto. Yoselin gesticulou para que eu me juntasse às outras, ainda na cama. O bebê e Maria dormiam profundamente. Ainda bem que a cama era king size.

E foi ali que esperei Carson, cercada pelas meninas que haviam sobrevivido a coisas muito piores do que qualquer situação pela qual eu já tivesse passado. Ainda assim, elas eram capazes de oferecer conforto quando viam que outra pessoa precisava. Se esse não era um gesto lindo, eu não sabia o que era.



Carson

Saímos todos juntos da garagem, mas Dylan seguiu na direção oposta, indo para a propriedade da família Bakos. Torcia para que ele ficasse bem. Dylan não era treinado para essa parte das operações. Ele não precisaria ficar muito perto, mas, ainda assim, sempre havia risco. Não podíamos ser complacentes... ainda mais depois do que acontecera na nossa última missão.

Precisávamos de mais homens, mas, por enquanto, tínhamos que nos virar com o que tínhamos. Eli Williams, o Padre, se juntaria a nós no ano seguinte. Ele concordara em se mudar para Vegas com a família a fim de trabalhar conosco. Noah também viria assim que o tempo de serviço dele terminasse. Isso tornaria toda a operação muito mais segura. Entretanto, por ora, precisaríamos trabalhar com o que tínhamos... não havia muita escolha.

Seguimos o GPS até a localização que Dylan nos dera e estacionamos a alguns quarteirões de distância.

Caminhamos até o depósito, nos escondendo nas sombras dos outros prédios. A área era basicamente industrial e estava deserta por causa do feriado.

Como Dylan dissera, não havia guardas do lado de fora. Seguimos com muito cuidado e em absoluto silêncio até o prédio, nos escondendo atrás de qualquer coisa que aparecesse para disfarçar nossa aproximação.

Josh e eu ficamos olhando para trás enquanto Leland cuidava da tranca da porta dos fundos. Ele conseguiu abri-la em trinta segundos. Colocamos nossos óculos de visão noturna e ativamos a planta do prédio que Dylan havia baixado. A planta aparecia na parte de cima dos nossos óculos. Para a nossa sorte, nosso orçamento era tão alto que tínhamos acesso aos equipamentos mais modernos existentes.

Já havíamos checado vários cômodos sem ouvir nenhum barulho, quando Leland estacou à nossa frente. Ficamos parados, ouvindo com atenção. Isso era música?

Ao sinal de Leland, seguimos em frente. Ora, ora, *era* música. Música de Natal. Havíamos chegado na hora de uma festinha.

Olhei para Josh, atrás de mim, que levantou os polegares, sorrindo.

Chegamos mais perto e gesticulei para que Leland se posicionasse à direita da porta. Josh ficou à esquerda. A porta era velha, de madeira, com uma fechadura barata. Se estava trancada ou não, eu não estava preocupado.

Levantei os dedos, contando, e, quando cheguei ao três, Leland e Josh olharam para outro lado e usei

toda a minha força para abrir a porta com um chute. Farpas de madeira voaram por toda parte, e entramos antes que a porta voltasse na nossa direção.

O segurança mais próximo se virou para nós com um revólver em punho, mas Leland chegou até ele e envolveu seu pescoço em um mata-leão, fazendo a arma do homem cair e deslizar pelo chão antes mesmo que os outros dois seguranças tivessem acabado de se virar. Talvez Leland McManus não fosse mais capaz de correr tão rápido quanto antes, mas ainda era muito bom em dar golpes.

Josh pegou a arma, enfiou no cós da própria calça e, com um único movimento rápido, levantou o joelho e acertou o outro segurança, que mal começava a ficar de pé. O homem caiu no chão, inconsciente.

Fui até o terceiro homem, que reconheci imediatamente pelas fotos que vira. Bakos. Ele recuava pelo quarto, a mão se dirigindo a alguma coisa no cós da calça. Corri até ele e girei seu corpo, peguei o revólver ali e segurei-o também em um mata-leão, enquanto apontava a minha própria arma para a lateral do tronco dele. Bakos grunhiu quando pressionei suas costelas.

– Jesus. Foi quase fácil de mais – falou Josh, sem sequer ofegar.

– Acho que você não deve dizer o nome de Jesus em vão no dia do aniversário dele – sugeri Leland.

Josh parou a caminho do segurança inconsciente no chão.

– Eu não disse o nome de Jesus em vão. Estava agradecendo a Ele. Vou reformular a frase: obrigado, Jesus, por tornar isso tão fácil! – falou, levantando os braços para o céu.

Revirei os olhos.

– Ei, rapazes, podemos nos concentrar aqui? – perguntei. – Precisamos separá-los – falei, gesticulando em direção aos dois seguranças e a Bakos.

– Vou amarrar esses dois palhaços na sala ao lado e me certificar de que não consigam se mover.

Assenti e me levantei. Bakos já estava todo amarrado agora. Revistei mais uma vez as pernas dele em busca de armas e me sentei na beirada de uma mesa da sala.

– Podemos desligar essa merda? – perguntou Josh, indicando a música.

Bing Crosby estava louvando um Natal branco por meio de um iPod em uma prateleira no canto.

Fui até lá e desliguei o aparelho, enquanto Leland arrastava o segundo segurança para fora do quarto, mancando de forma um pouco mais exagerada sob o peso do homem.

Gesticulei para a garrafa de bebida meio vazia próxima a nós, com três copos ao redor.

– Esta é uma das razões pela qual foi tão fácil derrubá-los – comentei com Josh, balançando a cabeça.

Josh se virou para Bakos e falou:

– Estou decepcionado, meu velho. Esperava mais.

Bakos estreitou os olhos, encarando-o com desprezo.

Josh agora estava sentado na beirada da mesa, onde eu estivera até um minuto antes, observando o homem gordo com bigode grisalho amarrado na cadeira à sua frente.

– Então, Bakos, parece que esse não vai ser um Natal muito feliz para você. Na verdade, deve ser uma bosta – falou Josh, com uma expressão entediada no rosto.

Bakos permaneceu em silêncio, passando os olhos por cada um de nós. Josh prosseguiu:

– Vou dizer como vão ser as coisas, palhaço: vou apertar o REC naquele gravadorzinho ali, e você vai contar a história sobre como armou para me culpar em um assassinato que não cometi.

Bakos riu.

– Por que eu faria isso? – perguntou. – Não vou falar nada. Prefiro morrer sabendo que você vai passar o resto da vida na prisão por tentar arruinar o meu negócio.

– Seu *negócio*? – perguntou Josh, estreitando os olhos.

– Sim, meu negócio. Onde há dinheiro, há negócio.

– Você é um lixo, sabia...

– Josh – alertei –, não gaste seu fôlego com ele. Vamos só pegar o que precisamos.

Josh voltou a olhar para Bakos, examinando-o.

– Não achamos que você falaria para salvar essa sua pele repulsiva, mas talvez isso o convença – disse Josh, pegando o celular no bolso.

Vamos lá, Dylan, pensei. Se ele tivesse sido bem-sucedido, haveria um vídeo no celular de Josh naquele momento.

Josh posicionou o aparelho na frente de Bakos. O rosto do homem ficou muito pálido.

Eu sabia que havíamos acertado. Mesmo um doente nojento como Bakos, que vendia seres humanos para viver, tentaria proteger a própria família. Estávamos blefando, mas, pela expressão no rosto dele, havia funcionado. Nesse momento, eu soube que tínhamos vencido.

Josh continuou:

– Você a reconhece? Uma gracinha, não é? Está vendo o pontinho vermelho seguindo os movimentos dela? É o nosso atirador. Comece a falar ou ele vai atirar nela agora mesmo. O segurança que você deixou na sala ao lado não vai ter tempo nem de piscar antes de pegarmos *todos* eles.

Bakos estreitou os olhos, com uma expressão de ódio no rosto. Josh apertou o REC no gravador e, depois de uma longa pausa, Bakos começou a falar:

– Eu estava naquele velho depósito na noite em que vocês apareceram. Meus homens e eu estávamos dando sequência ao plano de enviar a mercadoria naquela manhã. Enquanto vocês deixavam meus seguranças fora de ação, consegui chegar a um cômodo escondido, com um alçapão que eu tinha instalado. Levei uma das garotas comigo, de refém. A vadia gritou e ouvi você vindo na direção do quartinho. Fiquei observando pelo olho mágico até você se virar de costas. Então, abri a porta e o acertei na cabeça com uma pedra que tinha encontrado no chão. Simples assim. Arrastei você para dentro do quarto, amordacei a garota e esperei até que seus homens fossem embora. Então, executei a vadia com a sua arma, espalhei um pouco do sangue dela nas suas roupas e deixei a pedra na mão dela. Levei você até uma casa abandonada. Foi fácil. Não derramei uma gota de suor.

Bakos ficou em silêncio, nos encarando.

Josh desligou o gravador, os olhos fixos em Bakos o tempo todo. Ele mandou o arquivo da gravação para Dylan. Pouco depois, o celular fez um barulho, indicando que Dylan recebera o arquivo e que a gravação estava boa.

Nenhum de nós se moveu enquanto Josh fitava Bakos, o desprezo passando por seus olhos. Olhei para a mão dele e vi o punho cerrado, mas não o detive. Josh se moveu como um raio e deu um soco em Bakos. A cabeça do homem foi jogada para trás e o sangue jorrou de seu nariz. Então, a cabeça dele pendeu para a frente... Bakos tinha apagado.

Josh se virou, o maxilar cerrado, e sacudiu a mão.

– Merda. Cômodos escondidos com alçapões instalados? Ele me pegou com um esquema nível Scooby-Doo.

Ele passou a mão pelo cabelo e deu uma risadinha sem humor.

Balancei a cabeça. Eu tinha certeza de que Josh estava abalado por ter ouvido que a garota que devíamos ter resgatado terminara levando um tiro na cabeça. Eu também estava. Dei um tapinha de leve no ombro dele.

– Vamos lá, Salsicha. Acho que temos uma entrega a fazer para a promotora responsável pelo nosso caso. Ligue para a polícia e passe para eles o endereço para encontrarem esse desperdício de espaço – falei, referindo-me a Bakos, agora imóvel. – Vamos lá – falei baixinho.

Dez minutos mais tarde, estávamos dobrando uma esquina quando ouvimos o som de sirenes indo na direção do depósito.

capítulo 36

DUAS SEMANAS DEPOIS

Grace

Puxei o vestido pelos quadris e sorri para o espelho. As duas últimas semanas haviam passado como um furacão. Um furacão feliz, mas intenso.

Após mostrar a gravação como evidência para Larry, nós a levamos para o juiz e a acusação contra Josh foi retirada dois dias depois. Bakos foi preso. Embora ele tentasse desmentir a gravação, alegando que fora feita sob coação e que ele havia mentido para salvar a vida da família, as provas encontradas no depósito e nos computadores dele eram muito comprometedoras. O assassinato que Bakos tinha cometido para atribuir a culpa a Josh era apenas uma das acusações contra ele.

Larry, meu chefe, o procurador do estado, foi atrás de mim no dia seguinte e me perguntou se eu confiaria nele para apresentar uma ideia a seus contatos e bons amigos, com cargos de confiança no departamento de polícia.

Então, em um domingo frio e chuvoso, no começo de janeiro, Carson, Josh, Leland e Dylan se trancaram em uma sala por três horas, enquanto eu roía as unhas e dava um pulo cada vez que meu celular tocava.

Por fim, quando já estava tão nervosa que achei que não conseguiria aguentar esperar nem mais um segundo, ouvi uma batida na porta. Então, me levantei correndo para abrir e lá estava Carson, sorrindo para mim.

Dei um gritinho e me joguei nos braços dele, beijando seu rosto sem parar.

– Eles concordaram? – perguntei.

– Sim. Você está olhando não apenas para um membro, mas também para o líder da Força-Tarefa de Combate ao Tráfico Sexual de Las Vegas. A primeira na região.

Arquejei e meus olhos logo ficaram marejados. Larry prestara atenção quando eu contei sobre como conseguira a gravação de Bakos e, embora eu não tivesse dito que sabia os nomes dos membros do grupo, exceto o de Josh, ele não perguntou. Dois dias depois, Larry me procurou e me perguntou se eu achava que poderia contatar os rapazes para lhes fazer uma proposta. Algumas pessoas em quem Larry confiava queriam conversar com eles.

A questão era que o departamento de polícia não tinha orçamento para montar a própria força-tarefa, mas estavam muito interessados em apoiar uma que se responsabilizasse pelo próprio treinamento e

tivesse os próprios recursos. Eles queriam fazer mais para combater o tráfico, mas estavam com as mãos atadas. Por isso, Carson e os rapazes agora tinham todo o apoio das forças da lei, sem estarem obrigados a limitar o trabalho deles à cartilha do departamento de polícia. Essa última parte não fora dita abertamente, mas estava implícita.

Carson e os outros ainda se concentrariam em resgatar as vítimas e as abrigariam no hotel enquanto organizassem o transporte de volta delas para casa. Mas agora eles também poderiam concentrar mais energia e esforço em rastrear as pessoas responsáveis pelo crime e entregá-las à polícia sem levantar suspeitas. Continuava sendo um trabalho perigoso, mas eu ficaria mais tranquila sabendo que era uma operação legítima e que uma sentença de prisão não estava entre os riscos possíveis.

O número de casos de tráfico de pessoas em Las Vegas já estava menor por causa do grupo deles. A notícia de que a cidade não era o melhor lugar para fazer negócios quando a mercadoria envolvida eram seres humanos se espalhou. Mas, infelizmente, isso nunca acabaria por completo. Era uma triste verdade que, onde houvesse possibilidade de ganhar dinheiro, sempre haveria alguém para vender a alma ao diabo.

Mas meu coração pertencia a um dos mocinhos, e o coração dele me pertencia.

O trabalho também aumentara para mim. Recebi a incumbência de assumir a promotoria do caso de Bakos, meu primeiro caso de homicídio, ou ao menos o primeiro que de fato chegaria ao tribunal. Depois que as acusações de tráfico vieram à tona, o caso de repente ganhou destaque, tanto em nível local quanto nacional. Eu não adorava estar envolvida em algo tão em evidência, mas ficava feliz por ver que o tráfico de seres humanos fora colocado em discussão. As pessoas precisavam conhecer essa realidade para se sentirem inspiradas a ajudar a causa.

Alex decidira aceitar o trabalho em São Francisco, no fim das contas. Nós nos sentamos e conversamos, e ele me assegurou que não estava indo apenas por causa do nosso rompimento, e sim porque achava que acabaria sendo bom para nós dois. Eu só desejava felicidade para ele. Alex era um bom homem, apenas não era o cara certo para mim.

Respirei fundo e terminei de arrumar o cabelo e de me maquiar. Estava colocando a pulseira que Carson me dera, quando ouvi uma batida na porta.

Abri-a e lá estava ele, parado à minha frente em toda a sua beleza máscula. Inclinei a cabeça para o lado e pousei-a contra a porta aberta. Suspirei enquanto o fitava: calça social cinza, sapatos elegantes e uma camisa azul-clara.

Ele sorriu.

– Você está linda, flor.

Sorri de volta.

– Obrigada, agente Stinger.

Pisquei e abri mais a porta para que ele passasse.

Fechei-a e Carson me pegou nos braços e me beijou, enquanto eu passava as mãos pelo cabelo dele, mais comprido agora, mais parecido com a primeira vez em que eu o vira. Senti a textura macia dos fios sob os dedos e me lembrei da primeira vez em que ele me beijara, no elevador, um milhão de anos antes.

Afastei meus lábios dos dele e encarei os olhos castanhos, pensando em quem Carson tinha sido e em quem se tornara, e sentindo um enorme orgulho encher meu coração.

– O que foi? – perguntou ele, observando meu rosto.

– Você – respondi, séria. – Você é espetacular. Por fora, sim, mas ainda mais por dentro. O mundo é um lugar melhor com você nele, Carson Stinger – sussurrei.

Os olhos dele cintilaram, fixos nos meus.

– Eu amo você, Grace Hamilton.

Sorri para ele.

– Também amo você.

– Pronta para comemorar?

Peguei a minha bolsa sobre a bancada.

– Sim.

Vinte minutos mais tarde, entramos no bar do Bellagio, o mesmo onde eu me afastara de Carson Stinger, ator heterossexual, muitos anos antes.

Josh estava lá, ocupado, dando em cima de duas louras no bar, e Leland e Dylan estavam sentados à mesa, conversando.

Carson me levou até lá e, quando nos aproximamos, os homens se viraram e sorriram, nos chamando e dizendo:

– Oi, promotora!

Quando a primeira rodada de drinques chegou, Leland foi o primeiro a levantar o copo e olhou para os companheiros.

– A Ara – disse. – Sempre.

– A Ara – repetiram todos.

Erguemos nossos copos e brindamos à memória da garota cujas vida e morte inspiraram um grupo de bons homens a chegarem a extremos para salvar outras como ela. Esse era o legado de Ara, sua última dádiva para o mundo. E isso significava que ela não morreria em vão.

Nós rimos, conversamos e celebramos naquela noite. Comemoramos tudo o que eles haviam conquistado, tudo o que tinham superado e tudo o que sempre trabalhariam para defender.

Quando Dylan estava no meio de uma história, encontrei o olhar de Carson e olhei feliz para ele. Quando ele sorriu de volta, os olhos cálidos e alegres, me lembrei da nossa primeira discussão, bem ali naquele bar, e de como eu achara que o havia detestado. Olhei para o mesmo homem, à minha frente agora, o homem sem o qual eu sabia que nunca viveria. *A vida é louca*, pensei.



Carson

Desliguei o telefone e fiquei sentado diante da minha mesa, pensando na ligação que acabara de receber. Eu falara com o chefe de polícia de Houston, que queria que organizássemos na cidade dele uma força-tarefa semelhante à que tínhamos em Vegas, já que o tráfico de pessoas era um crime que vinha crescendo por lá, e eles não tinham recursos para combatê-lo.

Eu precisava conversar com Leland, mas achava que havia uma boa possibilidade de conseguirmos

organizar algum esquema, talvez não apenas em Houston, mas também em outras cidades. Leland tinha vários contatos – de pessoas com recursos – que teriam meios para montar uma operação como a nossa.

Leland não estava no hotel hoje, por isso liguei o computador e comecei a escrever um e-mail para que ele lesse na manhã seguinte, descrevendo todas as minhas ideias a respeito da proposta e me certificando de anotar tudo enquanto ainda estava fresco na memória.

Vinte minutos mais tarde, ouvi uma batida na porta e gritei:

– Pode entrar!

Grace espiou pela porta e sorriu. Retribuí.

– Oi, amor, que surpresa boa.

– Trouxe o almoço. – Ela continuou sorridente e ergueu duas embalagens de comida para viagem. – Cachorro-quente.

Achei graça.

– Meu Deus, que maravilha. Como você sabia que eu gostava de cachorro-quente? – perguntei brincando, enquanto ela pousava as embalagens, dava a volta na escrivaninha e se sentava no meu colo.

– Ah, sei tudo sobre você – falou, com um brilho no olhar.

– Você acha isso, não é? – perguntei, beijando o pescoço dela.

Grace riu quando fiz cócegas na sua orelha com a língua.

– Aham – respondeu. – Mas – continuou ela – você não sabe tudo sobre mim.

Eu me afastei da orelha dela, a sobrancelha erguida.

– Ah, é mesmo? – perguntei.

Ela confirmou com a cabeça.

– É. Tenho um segredo.

– Um segredo? Ah, então agora vamos começar um joguinho? Um acerto por um segredo?

Grace sorriu e inclinou a cabeça para o lado.

– Tudo bem – falei.

Ela se inclinou para a frente, tirou as canetas da xícara que eu usava como porta-lápis e colocou-a em um extremo da mesa. Então, foi até a bolsa ao lado das embalagens com os cachorros-quentes e pegou uma moeda.

Ela ergueu a moeda na minha direção e eu a peguei.

– Na última vez em que acertei o arremesso e você me contou seu segredo, minha vida mudou completamente – falei.

Grace me encarou, muito séria por um instante. Mas logo sorriu e indicou a xícara com a cabeça.

Ergui a sobrancelha outra vez. O que ela estava pretendendo? Mas mirei e arremessei a moeda. Direto no alvo! Sim, eu ainda era bom nisso. Sorri para ela.

– Desista, flor – falei.

Ela assentiu e umedeceu os lábios, parecendo séria de novo.

– Pois bem, pelo que parece, os seus meninos também são bons nadadores – falou baixinho, os olhos fixos nos meus.

– Meus meninos? – perguntei, confuso.

Ela continuou a me encarar.

Então, de repente compreendi. Meu corpo ficou imóvel.

– Você está grávida? – perguntei em um arquejo.

Grace assentiu, ainda fitando meus olhos com cautela.

– Você está grávida – repeti, assimilando a ideia. – Vamos ter um bebê.

– Sim – falou Grace.

Não consegui controlar o sorriso que se espalhou pelo meu rosto. Ela pareceu confusa.

– Está feliz? – sussurrou.

– Sim, flor, estou feliz! – Sorri. – Muito feliz!

Ela riu, mas ouvi um soluço baixo sob a risada.

– Achou que eu não ficaria? – perguntei.

Grace fez que não com a cabeça.

– Achei que você ficaria feliz, mas não tinha certeza se... o momento... Sei que há muitas coisas acontecendo na sua vida, e nós...

– Grace – falei, fitando os olhos dela –, estou feliz! – repeti, deixando-a ver no meu rosto que era verdade.

Quando ela assentiu, com lágrimas rolando pelo rosto, falei:

– Case comigo, Grace. Case comigo hoje. Vamos a uma dessas capelas na Strip. Já estamos quase morando juntos. Vamos oficializar a nossa situação.

Ela riu por entre as lágrimas.

– Não quero que se case comigo porque estou grávida – falou.

Franzi o cenho.

– Me casar com você porque... Grace, estou esperando há cinco anos para me casar com você. Talvez eu não tivesse consciência disso, mas é verdade.

Ela ficou apenas sorrindo para mim por um tempo antes de retrucar:

– Ok, eu me caso com você. Mas não em uma capela na Strip. Quero que nossos amigos e nossa família estejam presentes.

Sorri para ela.

– Ok, flor, como você quiser – falei, abraçando-a.

Depois de um instante, afastei-a e franzi o cenho quando algo me ocorreu.

– O que foi? – perguntou Grace.

Pousei a mão sobre a barriga dela.

– Acho que precisa ser um menino. Não sei se conseguiria lidar com o fato de ser pai de uma menina.

Ela me obsevou com um sorriso carinhoso, compreendendo as razões para eu dizer isso.

– Se eu me lembro bem das minhas aulas de biologia, o homem é o responsável por definir o gênero do bebê.

Soltei o ar.

– Ok, então está resolvido – falei. Eu me abaixei e sussurrei para a barriga dela. – Oi, Júnior.

Grace achou graça e me beijou. Pela segunda vez, ela estava me contando um segredo e mudando a minha vida.

Epílogo

UM ANO DEPOIS

Grace

—Essa é a árvore mais triste que eu já vi – resmungou Audrey, inclinando a cabeça para observá-la. Ri e recuei, admirando a árvore inclinada no meio do nosso chalé, meio nua, vergada sob o peso das luzes para área externa.

– Eu adoro essa árvore – falei em um suspiro. – De qualquer forma, é nossa primeira tradição. Não faça piada.

A árvore ficaria ainda melhor mais tarde, depois que pendurássemos os enfeites daquele ano em homenagem a Andrew.

Audrey continuou olhando com expressão de reprovação. Dei um tapinha no traseiro dela de brincadeira.

Audrey deu um gritinho e se afastou de um pulo, rindo.

– Ok, ok. Talvez eu também aprenda a amar a árvore.

Ela olhou para a árvore outra vez e voltou a entortar o pescoço para observá-la melhor. Sorri e balancei a cabeça. Comecei a me virar na direção da cozinha, já que estava responsável pela supervisão do peru de Natal de 10 quilos que tínhamos no forno, quando a porta da frente se abriu de repente e todos os homens entraram no chalé de uma vez, fazendo um barulhão.

– Estamos de volta, moças – gritou Josh. – Quem está disposta a tomar um banho nua na hidromassagem?

Eu ri, e Audrey revirou os olhos. Vi que ela observava ao redor, o olhar pousando em Dylan. Ele também a viu, estacou e ajustou os óculos. Eu teria que conversar sobre isso com Audrey mais tarde. Eu percebera vários olhares ardentes entre os dois essa semana.

Como Carson havia me prometido no ano anterior, voltamos para passar o Natal em Snowbird. Só que, desta vez, nossa família e nossos amigos estavam presentes. E, em vez de várias preocupações, tínhamos muito para comemorar.

Infelizmente, a única pessoa que não conseguira se juntar a nós fora Abby. Mas minha amiga tinha uma ótima desculpa: estava com oito meses de gravidez e não poderia andar de avião. O primeiro filho dela, Kyle, e o novo bebê teriam apenas treze meses de diferença, mas, como Abby dizia, era isso que

acontecia quando você tomava três margaritas em sua primeira noitada depois do parto. Um aviso para todas nós... Mas, na verdade, ela e Brian estavam eufóricos com a nova gravidez.

Tínhamos alugado um chalé grande, com dez quartos, e passado a semana esquiando, praticando snowboard e brincando na neve – no meu caso, me restringindo à última opção. Meus músculos ainda se lembravam da sessão de snowboard do ano passado e eu não estava interessada em uma nova rodada. Todos tinham pelo menos um dom. Praticar snowboard não era o meu.

– Carson perdeu uma tarde épica nas pistas – disse Leland, pendurando o casaco.

– Eu estava ocupado fazendo coisa melhor – retrucou Carson, saindo do quarto com a nossa filha aninhada no peito. – Aconchegado na frente do fogo com as minhas garotas e decorando a nossa árvore. – Sorriu.

Todos os homens olharam para a árvore a que Carson se referia e inclinaram a cabeça para ela ao mesmo tempo. Bufei, e Carson veio até mim, passou um braço ao redor dos meus ombros e me deu um beijo na cabeça.

– Ai, meu Deus, ele está preferindo ficar aconchegado e decorar árvores a praticar esportes – murmurou Josh. – Hora de entregar sua carteirinha de macho, Carson – provocou, balançando a cabeça com uma expressão fingida de tristeza.

Carson ergueu as sobrancelhas.

– Pode esperar que seu dia está chegando, meu rapaz. Escreva o que eu digo. E, quando chegar, aguarde a vingança, babaca.

– Ei, olhe essa boca, todas as minhas meninas estão nesta sala – disse o meu pai, saindo do quarto dele, onde tinha ido tirar uma soneca.

Carson pareceu arrependido e falou:

– Perdão, senhor...

Mas o canto de seu lábio logo se ergueu em um sorriso quando meu pai se aproximou e deu um soquinho no ombro dele.

A verdade era que meu pai e Carson não poderiam ser mais próximos. Papai adorava os dois genros, mas ele e Carson tinham um vínculo especial. Talvez fosse porque Carson nunca convivera com o próprio pai e meu pai visse nele o “homem de verdade” que sempre quisera em um filho. Mas, fosse o que fosse, eles se amavam e se respeitavam. Sempre que eu via os dois juntos, meu coração se aquecia e eu precisava me esforçar para não chorar.

Convidamos a minha mãe para passar o feriado conosco, mas ela recusou, mesmo quando minhas irmãs e eu havíamos sugerido alugar dois chalés. Eu desejava que fôssemos mais próximas, ainda mais agora que eu tinha a minha própria filha, mas não poderia ser a única a querer esse relacionamento. Talvez um dia minha mãe perceba que reagiu à perda criando mais perda e tente consertar a situação. Eu esperava que isso acontecesse, mas achava que o mais provável era que muito tempo se passasse antes disso. Essa era uma das minhas maiores tristezas, mas eu jurava para mim mesma todos os dias que isso me inspiraria a manter as pessoas mais próximas, a não afastá-las.

Carson escreveu uma carta para a mãe dele e mandara uma foto da nossa filha, Ella, quando nascera – uma tentativa de fazer as pazes com a mulher que lhe dera à vida, mas que não fora capaz de lhe dar muito mais quando ele era criança.

Ela escreveu de volta, e os dois se correspondiam através de cartas e fotos. Carson ainda parecia

cauteloso, mas era um começo.

Sorri para o meu marido, olhei para a nossa filha e beijei a cabecinha de cabelo louro.

– Ei, mocinha – falei –, por que não está dormindo?

– Estamos trabalhando nisso – disse Carson. Então se inclinou e sussurrou: – Estava contando a ela uma história muito boa sobre uma garota por quem me apaixonei certa vez, entre o 21º e o 22º andar.

– Ah... – falei, olhando para a nossa filha. – Não é de espantar que você tenha preferido ficar acordada para ouvir essa. É mesmo uma ótima história.

Toquei o narizinho dela de forma delicada com a ponta do dedo, e Ella abriu um sorrisinho sem dentes, os olhos castanhos se acendendo, atentos, e aquela covinha que eu amava tanto aparecendo sob o lábio inferior.

– Sim – concordou Carson, com um sorriso carinhoso –, é mesmo.

– Espero que tenha contado a versão para crianças – disse, piscando para ele.

Carson riu baixinho, os olhos cálidos.

– Ei, irmã, vai ajudar aqui ou não? – chamou Julia, da cozinha.

Ela e Evan estavam amassando as batatas, e eu ouvira batidas e xingamentos baixinhos vindos da cozinha. Ergui a sobrancelha.

– Parece que a situação está ficando séria. É melhor eu ir até lá. Durma bem, bebezinha – falei, beijando Ella mais uma vez e sorrindo para Carson.

Ele se virou para levá-la de volta ao quarto extra onde tínhamos montado o berço.

Quando já seguia na direção da cozinha, eu me virei para olhá-los se afastando. Meu marido e nossa filha. Havia muitas coisas nesse mundo que alegravam a alma, mas poucas tão profundas quanto observar o belo homem que você ama segurando no colo o bebê que vocês geraram juntos. Poucas, muito poucas.



Carson

Segurei minha filhinha nos braços, ninando-a na poltrona de balanço grande e macia que havia no quarto de hóspedes. O amor que sentia por ela era tão intenso que parecia tangível. Encostei o nariz na cabeça dela e inspirei o aroma doce. Faria qualquer coisa para protegê-la, para mantê-la a salvo, para me certificar de que ela sempre se sentisse amada.

O trabalho da minha vida era resgatar mulheres do sofrimento, e, na maioria das vezes, eu me sentia confiante e competente na parte que me cabia nesse desafio. Mas no que se referia ao trabalho de uma vida inteira de proteger essa única garotinha em meus braços, meu coração se apertava de medo. Acho que era assim mesmo que tinha que ser.

Quando minha filha se aconchegou em mim e seus olhos começaram a se fechar, deixei a minha mente divagar.

Um dia, alguém segurara Ara nos braços desse jeito. Um dia, alguém segurara cada garotinha desse jeito. E, se isso não aconteceu, deveria ter acontecido. Fechei os olhos, embalando, embalando...

enquanto minha garotinha exalava o hálito doce de bebê, a mãozinha minúscula e gorducha agarrada à minha camiseta.

Queria que ela sentisse orgulho de mim. Queria que soubesse quanto eu a amava e quanto idolatrava a mãe dela, e queria exatamente o mesmo para ela um dia. Ser amada de corpo, de alma e de coração.

Um dia, teria que ter uma conversa muito difícil com Ella sobre as escolhas que eu fizera antes de saber o que era melhor para mim. Eu me encolhi ao pensar nisso, mas a verdade era que a internet era para sempre, e seria melhor que ela soubesse por mim.

Lembrei-me de quem eu era quando conheci Grace, do que me definia naquela época. Às vezes, não percebemos que algo é errado até alguém aparecer e nos transformar, nos fazer querer mais. No meu caso, foi uma linda garota, com um plano que estilhaçou o mundo que eu pensei conhecer. E, quando consegui juntar os cacos, eles se reorganizaram de uma forma completamente diferente... assim como eu. Até essa garota aparecer, eu nem considerava as possibilidades.

Na vida, há pessoas que nos salvam, de formas grandes e pequenas. Às vezes, isso significa ser libertado de um quarto escuro e sem janelas ou ser salvo de um prédio em chamas. Na maioria das vezes, significa ser salvo de si mesmo, e se permitir acreditar, por fim, que deixar alguém amar você não é apenas uma mentira que você não está disposto a contar.

Grace me salvou ao expor meu blefe, então escutou os segredos que eu acreditava que me faziam não ser merecedor de amor, me aceitando com o olhar. O presente que Grace me deu foi o brilho dela – que cintilou em mim com tanta intensidade que a minha própria escuridão desapareceu.

Dei mais um beijo em nossa filha, que agora dormia tranquilamente sobre o meu peito, perdida nos próprios sonhos, segura e amada em meus braços.

Agradecimentos

Um agradecimento muito, muito especial, do fundo do meu coração, mais uma vez, ao meu Comitê Executivo de Revisão: Angela Smith e Larissa Kahle. Dessa vez, também tive a sorte de contar com um grupo incrível de leitores beta que foram não apenas rígidos, mas também atenciosos, e se envolveram com a história de Grace e Carson. Eles deram conselhos e fizeram comentários inestimáveis. A Elena Eckmeyer, Karleigh Lewis-Brewster, Kim Parr, Nikki Larazo e Stacey Price, meu amor infinito! Minha gratidão também, como sempre, à minha família, por me apoiar ao longo desse processo, e ao meu marido, pela paciência infinita em preencher as lacunas que deixei em nossa casa. Sou muito sortuda por ter você.

Esta é uma história de ficção, mas o tráfico humano (também conhecido como escravidão dos dias modernos) é muito real. Saiba como ajudar:

- **Disque 100** – Para denunciar violações de Direitos Humanos;
- **Disque 180** – Para falar com a Central de Atendimento à Mulher;
- Para mais informações, visite o site do Ministério da Justiça: www.mj.gov.br

Sobre a autora

© Jenny Gaskins/ Jenny G Photography



Mia Sheridan começou a escrever na tentativa de superar a dor da perda da filha. Publicou seu primeiro livro on-line e, em cerca de uma semana, ele chegou à lista de mais vendidos. Desde então, ela não parou mais e se tornou uma autora apaixonada por tecer histórias de amor sobre pessoas destinadas a ficarem juntas.

Seu jeito vívido de escrever conquistou o público e a levou ao topo das listas dos prestigiosos *USA Today*, *The Wall Street Journal* e *The New York Times*.

Dela, a Editora Arqueiro já publicou *O coração do leão*, *O leão ferido* e *A voz do arqueiro*, que será adaptado para o cinema por Lauren Levine, produtora de *Ponte para Terabítia*.

Mia mora em Cincinnati, Ohio, com o marido e os quatro filhos.

www.miasheridan.com

www.facebook.com/miasheridanauthor

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)



Estrada dos livros

Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho